A speedboat is shown from a low angle, moving across the water towards the viewer. The sky is filled with large, white, fluffy clouds. The overall color palette is dominated by blues and whites, with a touch of yellow from the boat's hull and the text.

**DO  
OWINSLOW**  
**INVERNO**  
**DE**  
**FRANKIE**  
**MACHINE**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**DON WINSLOW**

**O inverno de  
Frankie Machine**

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE RAPOSO



Copyright © 2006 by Don Winslow

TÍTULO ORIGINAL

The winter of Frankie Machine

PREPARAÇÃO

Julia Sobral Campos

REVISÃO

Carolina Rodrigues

CAPA

John Gall

FOTO DE CAPA

© Marvy!/Corbis

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB

Camila Dias da Cruz

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-549-1

Edição digital: 2014

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



# Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

Epílogo

Sobre o autor

Conheça outros livros do autor

Títulos relacionados

*Para Bill McEaney*  
*Professor, amigo, virtuoso na arte da vida*

Dá muito trabalho ser eu.

É o que pensa Frank Machianno quando o despertador toca às três e quarenta e cinco da manhã. Ele rola para fora da cama e sente o frio chão de madeira sob os pés.

Ele está certo.

Dá *mesmo* muito trabalho ser ele.

Frank caminha pesadamente sobre o chão de madeira, que ele mesmo lixou e envernizou, e entra no chuveiro. Leva apenas um minuto para tomar banho, uma das razões para manter curto seu cabelo grisalho.

— É mais rápido de lavar — é o que diz para Donna quando ela se queixa.

Ele se enxuga em trinta segundos; então, enrola a toalha na cintura — que ultimamente anda um pouco maior do que ele gostaria —, faz a barba e escova os dentes. A caminho da cozinha, passa pela sala de estar, onde pega um controle remoto, aperta um botão, e as caixas de som começam a tocar *La Bohème* bem alto. Uma das coisas bacanas a respeito de morar sozinho — talvez a única coisa boa a respeito de morar sozinho, pensa Frank — é que você pode ouvir ópera às quatro da manhã e não incomodar ninguém. E a casa é sólida, com paredes grossas, como as de antigamente, de modo que as árias de Frank cedo pela manhã também não perturbam os vizinhos.

Frank tem dois ingressos de temporada para a Ópera de San Diego, e Donna é gentil o bastante para fingir que realmente gosta de acompanhá-lo. Ela até fingiu não perceber quando ele chorou ao final de *La Bohème*, na morte de Mimi.

Agora, ao entrar na cozinha, ele canta com Victoria de los Angeles:

*"...ma quando vien lo sgelo,  
il primo sole è mio  
il primo bacio dell'aprile è mio!  
il primo sole è mio!..."*

Frank adora a sua cozinha.

Ele mesmo aplicou os clássicos azulejos preto e branco do piso e instalou os balcões e armários com a ajuda de um amigo carpinteiro. Encontrou a velha bancada de açougueiro em um antiquário em Little Italy. Estava em péssimo estado quando a comprou — ressecada e começando a rachar — e Frank passou meses esfregando óleo para que a peça voltasse à condição original. Mas ele a adora por suas imperfeições, suas bordas lascadas e marcas — “distintivos de honra” como ele as chama, por anos e anos de serviço fiel.

— Veja, outras pessoas *usaram* isso aqui — disse para Donna quando ela perguntou por que ele simplesmente não adquirira uma nova, que ele podia ter comprado facilmente. — Você chega perto e pode até sentir o cheiro do canto que usavam para cortar o alho.

— Italianos e suas mães — disse Donna.

— Minha mãe cozinhava bem — respondeu Frank. — Mas era meu pai quem cozinhava *de verdade*. Ele me ensinou.

E ensinou bem, pensou Donna na ocasião. Seja lá o que você ache de Frank Machianno — tipo, que ele pode ser um verdadeiro pé no saco —, o cara sabe cozinhar. Também sabe como tratar uma mulher. E talvez os dois atributos não estejam dissociados. Na verdade, foi Frank quem apresentou tal ideia a ela.

— Fazer amor é como fazer um bom molho — disse-lhe certa noite, na cama, durante o “rescaldo”.

— Frank, pare de falar enquanto seu time está ganhando — disse ela.

Ele não parou.

— Você precisa ser paciente, usar a *quantidade* certa dos temperos certos, saborear cada um deles, então aumentar o fogo *lentamente* até começar a borbulhar.

O charme peculiar de Frank Machianno, pensou ela, deitada ao seu lado, é que ele compara o seu corpo a um molho à bolonhesa e você não o chuta da cama. Talvez porque ele realmente se importe com aquilo. Ela já ficou sentada no carro enquanto ele dirigia de um lado para outro da cidade, indo a cinco lojas diferentes em busca de cinco ingredientes diferentes para fazer um único prato. (“As *salsiccie* do Cristafaro’s são *melhores*, Donna.”) Ele dedica a mesma atenção aos detalhes na cama e realmente faz, digamos assim, o molho ferver.

Esta manhã, como em todas as outras, ele pega grãos crus de café havaiano Kona de um pote fechado a vácuo e acrescenta algumas colheres no pequeno torrador que comprou de um desses catálogos de chefe que recebe sempre pelo correio.

Donna vive reclamando desse negócio de grãos de café.

— Compre uma cafeteira automática com um timer — dizia ela. — Assim, o café já estaria pronto quando você saísse do banho. Talvez

até pudesse dormir mais alguns minutos.

— Mas não seria tão bom.

— Dá muito trabalho ser você — disse Donna.

O que posso dizer?, pensou Frank. Dá *mesmo*.

— Já ouviu a expressão “qualidade de vida”? — perguntou ele.

— Sim — disse Donna. — Geralmente se referindo aos doentes terminais, especulando se devemos ou não desligar os aparelhos.

— Isso é uma questão de qualidade de vida — respondeu Frank.

E é mesmo, pensa ele esta manhã enquanto desfruta do aroma dos grãos de café torrando e põe a água para ferver. Qualidade de vida diz respeito às *pequenas* coisas — fazê-las bem, fazê-las *direito*. Ele pega uma pequena frigideira na prateleira acima da bancada de açougueiro e a põe sobre o fogão. Acrescenta uma fina lâmina de manteiga e, quando ela começa a borbulhar, quebra um ovo na frigideira e, enquanto frita, corta pela metade um bagel de cebola. Então, cuidadosamente solta o ovo do fundo com uma espátula de plástico (*apenas* de plástico. O metal arranharia a superfície antiaderente, que é algo de que Donna parece não se lembrar, motivo pelo qual não tem permissão de cozinhar na *cucina* de Frank), pousa-o sobre uma das fatias do bagel, põe a outra por cima e embrulha o sanduíche de ovo em um guardanapo de linho para mantê-lo aquecido.

Donna, é claro, implica com Frank.

— É um *ovo* — diz ele —, não uma granada de mão.

— Você tem sessenta e dois anos, Frank — afirma ela. — Precisa ficar de olho no seu colesterol.

— Não. Descobriram que isso não é verdade, sobre os ovos — disse ele. — Era uma falsa acusação.

Sua filha, Jill, também o aborrece com isso. Ela fez algumas matérias de medicina e então, é claro, ela sabe tudo. Ele a contradiz.

— Você ainda não é médica — diz ele. — Quando for uma *médica* poderá fazer sermão a respeito dos ovos.

Estados Unidos da América, pensa Frank. Somos o único país que tem medo da própria comida.

Quando o letal sanduíche de ovo fica pronto, os grãos de café estão torrados. Ele os tritura no moedor por exatos dez segundos, põe o café moído na cafeteira francesa, derrama a água fervente e deixa tudo repousar durante os quatro minutos sugeridos.

Esses minutos não são desperdiçados.

Frank os emprega para se vestir.

— Como um ser humano civilizado pode se vestir em quatro minutos foge à minha compreensão — observou Donna certa vez.

É fácil, pensa Frank, especialmente quando você separa as suas roupas na noite anterior e está indo a uma loja de iscas. Por isso, esta manhã, ele veste uma cueca limpa, grossas meias de lã, uma camisa de flanela e um velho par de jeans, então senta na cama e calça as botas de trabalho.

Quando volta à cozinha, o café está pronto. Ele o derrama em uma caneca de metal para viagem e toma o primeiro gole.

Frank adora esse primeiro gosto de café. Especialmente quando é torrado, moído e passado na hora.

Qualidade de vida.

As pequenas coisas são importantes, pensa ele.

Ele tampa a caneca para viagem e a deixa sobre o balcão para pegar e vestir o velho pulôver com capuz pendurado em um gancho

na parede. Então, enfia na cabeça um boné de lã preta e busca as chaves do carro e a carteira em seus respectivos lugares.

Daí, pega o *Union-Tribune* da véspera, do qual reservou as palavras cruzadas. Ele as faz no fim da manhã, quando o negócio de iscas está calmo.

Frank pega o café, o sanduíche de ovo, desliga o aparelho de som e está pronto para partir.

\* \* \*

É inverno em San Diego e faz frio lá fora.

Tudo bem, está *relativamente* frio.

Não é como em Wisconsin ou Dakota do Norte — não é o tipo de frio doloroso no qual seu motor não pega e seu rosto parece que vai rachar e cair, mas qualquer lugar no hemisfério norte está ao menos friozinho às quatro e dez da manhã em janeiro. Especialmente, pensa Frank ao entrar em sua picape Toyota, quando você está no lado errado dos sessenta anos e demora um pouco até seu sangue esquentar pela manhã.

Mas Frank adora a madrugada. São as suas horas favoritas.

É seu momento de tranquilidade, a única parte de seu dia atribulado que é verdadeiramente calma, e ele adora observar o sol nascer sobre as colinas a leste da cidade e ver o céu sobre o mar ficar cor-de-rosa enquanto as águas mudam de preto para cinza.

Mas isso vai demorar um pouco.

Ainda está escuro lá fora.

Ele sintoniza uma rádio AM local para ouvir a previsão do tempo.

Chuva e mais chuva.

Uma grande frente vinda do Pacífico Norte.

Ele mal presta atenção quando o locutor narra as notícias locais. São as de sempre: mais quatro casas em Oceanside desabaram devido aos deslizamentos de terra, os auditores municipais não conseguem decidir se a cidade está ou não à beira da falência, e os valores imobiliários voltaram a subir.

Então, há o escândalo na câmara municipal — a operação G-Sting do FBI que resultou no indiciamento de quatro vereadores por terem aceitado suborno de donos de clubes de striptease para vetarem o decreto que proíbe o “toque” nos clubes. Alguns tiras da delegacia de costumes foram pagos para fazer vista grossa.

Sim, é notícia, mas não é novidade, pensa Frank. Por San Diego ser uma cidade portuária da Marinha, o mercado de sexo sempre representou parte considerável da economia. Subornar um vereador para que um marinheiro possa tirar um sarro com uma dançarina é praticamente um dever civil.

Mas, se o FBI quer perder tempo com strippers, Frank não tem nada a ver com isso.

Ele não vai a um clube de striptease há... o quê? uns vinte anos?

Frank volta à estação de música clássica, abre o guardanapo de linho sobre o colo e come o sanduíche de ovo enquanto dirige até Ocean Beach. Ele gosta daquele gostinho de cebola do bagel contrastando com o gosto do ovo e o amargo do café.

Foi Herbie Goldstein — que descanse em paz — que o fez começar a gostar de bagels de cebola, nos tempos em que Vegas ainda era Vegas e não uma Disney World com mesas de jogos. Na época em que Herbie, com seus cento e setenta quilos, era um jogador improvável e um sedutor mais improvável ainda. Haviam passado a noite inteira acordados, fazendo a ronda dos shows e dos clubes com um par de belas garotas, e Herbie de alguma forma

entrou em sua vida. Decidiram sair para tomar café da manhã, quando Herbie convenceu um Frank relutante a experimentar um bagel de cebola.

— Vamos lá, seu carcamano — dissera Herbie na ocasião. — Amplie os seus horizontes.

Foi algo bom que Herbie fizera para ele, porque Frank adora seus bagels de cebola, mas apenas quando os encontra frescos — feitos naquela pequena delicatessen kosher em Hillcrest. Enfim, o sanduíche de ovo com bagel de cebola é um destaque de sua rotina matinal.

— Gente normal se *senta* para tomar café da manhã — diz Donna.

— *Estou* sentado — responde Frank. — Sentado e dirigindo.

Como é mesmo que Jill chama isso? Os jovens de hoje acham que inventaram esse negócio de fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo (deveriam ter tentado criar filhos antigamente, antes das fraldas descartáveis, das máquinas de lavar e de secar e do micro-ondas), de modo que inventaram um nome chique para isso. É, “multitarefa”. Sou como os jovens, pensa Frank. Sou multitarefa.

O Ocean Beach Pier é o maior quebra-mar da Califórnia.

Um enorme *T* maiúsculo de concreto e aço que se projeta no Oceano Pacífico, a haste central estendendo-se por meio quilômetro antes de se ramificar para o norte e para o sul por quase a mesma distância. Se você decidir percorrer todo o quebra-mar, estará contemplando um passeio de uns dois quilômetros e meio.

A loja de iscas de Frank, a O.B. Bait and Tackle, fica a dois terços da ramificação norte, longe o bastante do Ocean Beach Pier Café para que o cheiro da loja não incomode os clientes e os turistas não incomodem os pescadores que frequentam a loja de Frank.

Em verdade, muitos de seus clientes vão ao OBP Café regularmente para comer ovos *machaca* e omelete de lagosta. Frank também, já que uma boa omelete de lagosta (tudo bem, *qualquer* omelete de lagosta) é difícil de encontrar. Então, se há uma na loja ao lado, você tende a tirar vantagem disso.

Mas não às quatro e quinze da manhã, embora o OBP Café fique aberto vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Frank apenas termina o sanduíche, estaciona a van e caminha até sua loja. Ele poderia entrar de carro, já que tem um passe, mas, a não ser que esteja transportando algum equipamento ou algo que precise carregar para dentro, ele gosta de andar. O mar a essa hora do dia é espetacular, especialmente no inverno. A água é de um cinza frio de ardósia, carregada esta manhã pelas agourentas ondulações de uma tempestade que se aproxima. O mar nessa

época do ano é como uma mulher grávida, pensa Frank. Cheio, temperamental, impaciente. As ondas já estão arrebatando contra os pilares de concreto, erguendo no ar pequenas explosões de espuma branca logo abaixo do quebra-mar.

Frank gosta de pensar no longo trajeto que as ondas percorrem, começando perto do Japão e, então, rolando ao longo de milhares de quilômetros através do Pacífico Norte apenas para se chocarem contra o quebra-mar.

Os surfistas aparecerão em peso. Não os pregos, os metidos ou os doidões. Esses ficarão onde devem ficar, em terra e observando. Mas os verdadeiros surfistas, os veteranos, enfrentarão essas ondas. Ondas enormes, reboantes, que arrebatarão ao longo de todos os velhos pontos de surfe, enumerados como uma litania em uma missa de surfistas: Boil, Rockslide, Lescums, Out Ta Sites, Bird Shit, Osprey, Pesky's. Em ambos os lados do OB Pier — sul e norte — e então costa acima: Gage, Avalanche e Stubs.

Frank fica animado só de recitar os nomes em sua mente.

Ele conhece todos. São lugares sagrados em sua vida. E esses são apenas os pontos de pegar onda ao redor do OB. Suba o litoral de San Diego e a litania continua, de norte a sul: Big Rock, Windansea, Rockpile, Hospital Point, Boomer Beach, Black's Beach, Seaside Reef, Suckouts, Swami's, D Street, Tamarack e Carlsbad.

Esses nomes são mágicos para um surfista local. São mais do que apenas nomes. Cada lugar tem as suas memórias. Frank cresceu nesses lugares, nos dourados anos sessenta, quando o litoral de San Diego era o paraíso, sem multidões, subdesenvolvido, época em que não havia muitos surfistas e você conhecia praticamente todo mundo que saía para pegar onda.

Aqueles *foram* os verões intermináveis.

Cada dia parecia durar para sempre, pensa Frank enquanto observa uma onda se chocar contra o quebra-mar. Você acordava antes do amanhecer, exatamente como agora, e trabalhava duro o dia inteiro no barco de pesca de atum de seu velho. Mas voltava no meio da tarde; e então saía para encontrar os amigos na praia. Vocês surfavam até escurecer, rindo e jogando conversa fora enquanto esperavam pelas ondas, debochando uns dos outros, se exibindo para os brotinhos que os observavam da areia. Era a época dos pranchões, com tempo e espaço de sobra. Dias de "hang ten" e "ho-dadd", de grandes solos de guitarra de Dick Dale e canções dos Beach Boys, e eles cantavam sobre *você*, cantavam sobre a *sua vida*, seus doces dias de verão na praia.

Vocês sempre paravam para assistirem juntos ao pôr do sol. Você, seus amigos e as garotas tinham esse ritual, um reconhecimento comum de... o quê?... *admiração*? Alguns momentos tranquilos e respeitosos observando o sol afundar no horizonte, a água brilhando em tons de laranja, rosa e vermelho. Então, você pensava na *sorte* que tinha. Mesmo sendo uma criança, você sabia que tinha uma tremenda sorte por estar naquele lugar, naquele momento, e você era esperto o bastante para saber que era melhor desfrutar daquilo.

Então, os últimos raios de sol afundavam no horizonte, e vocês juntavam lenha e faziam uma fogueira onde assavam peixes, cachorros-quentes, hambúrgueres ou seja lá o que conseguissem arranjar, e sentavam e comiam ao redor do fogo, e alguém pegava um violão e cantava "Sloop John B" ou "Barbara Ann" ou alguma antiga música folk e, depois, se tivesse sorte, você se afastaria do fogo com um cobertor e uma das garotas, e a garota cheirava a água salgada e creme de bronzear, e talvez ela o deixasse pôr a

mão por baixo da parte de cima do biquíni, e não havia nada igual àquela sensação. E você podia ficar deitado com ela naquele cobertor a noite toda e acordar e correr até as docas bem a tempo de pegar o barco, começar a trabalhar e fazer tudo de novo.

Mas você podia fazer isso naquela época: dormir apenas algumas horas, trabalhar o dia inteiro, surfar a tarde inteira, namorar a noite inteira e não cansar. Hoje não dá mais. Agora, se você dorme pouco, fica *doído* na manhã seguinte.

Mas esses foram os anos dourados, pensa Frank, subitamente entristecido. Nostalgia, não é assim que chamam?, pensa ele ao despertar de seu devaneio e andar em direção à loja de iscas, lembrando-se do verão em um dia frio e ventoso de inverno.

Achávamos que aqueles verões nunca acabariam.

Nunca pensamos que sentiríamos o frio nos ossos.

\* \* \*

Dois minutos depois de Frank abrir a loja, os pescadores começam a chegar.

Frank conhece a maioria deles — são fregueses regulares do OBP — especialmente em dias de semana, quando os pescadores de fim de semana têm de trabalhar. Então, em uma manhã de terça-feira, ele recebe os seus clientes aposentados, homens de mais de sessenta e cinco anos que não têm nada melhor a fazer com seu tempo além de ficar nas docas, no frio e na chuva, tentando capturar um peixe. E daí, em um ritmo crescente ao longo dos anos, há também os asiáticos — vietnamitas em sua maioria, com alguns chineses e malaios —, sujeitos de meia-idade para quem isso é trabalho. É como colocam comida em seus pratos, e ainda parecem surpresos por poderem fazer isso quase de graça, apenas

comprando uma licença de pesca, um pouco de isca, lançando uma linha e alimentando as famílias com a generosidade do mar.

Mas, caramba, pensa Frank, não é isso que os imigrantes sempre fizeram por aqui? Ele lera matérias que falavam sobre chineses que, na década de 1850, tinham uma frota de juncos de pesca, até as leis de imigração os proibirem. Então, meu próprio avô e o resto dos imigrantes italianos deram início à frota pesqueira de atum, e ao mergulho em busca de haliotes. E, agora, os asiáticos estão fazendo isso de novo, alimentando as famílias com o que pegam no mar.

Portanto, há os aposentados, os asiáticos e também os jovens trabalhadores brancos, a maioria operários de fábrica deixando os turnos da noite, que consideram o quebra-mar seu território ancestral e se ressentem dos “recém-chegados” asiáticos que ocuparam os “seus pontos de pesca”. Quase metade desses caras não pesca com vara, mas com balestra.

Não são pescadores, pensa Frank; são caçadores que esperam ver um lampejo na água e disparam as suas flechas, que são atadas a longos fios para que possam puxar o peixe até eles. De vez em quando, atiram um pouco perto demais de um surfista que se aproxima do quebra-mar, e já houve algumas brigas por causa disso, de modo que há certa tensão entre os surfistas e os lançadores de balestra.

Frank não gosta de tensões em seu quebra-mar.

Pesca, surfe e água têm a ver com diversão, não tensão. O mar é grande, rapazes, e há bastante para todos.

Esta é a filosofia de Frank, e ele a compartilha graciosamente.

Todo mundo adora Frank, o Cara das Iscas.

Os fregueses regulares o adoram porque ele sempre sabe que tipo de peixe está dando e o que eles estão mordendo, e ele jamais lhes venderia uma isca sabendo que não funcionaria. Os pescadores casuais o adoram pelo mesmo motivo, e porque, se você levar o filho no sábado, pode ter certeza de que Frank o equipará do jeito certo e encontrará para ele um lugar onde muito provavelmente pescará algo, mesmo que tenha de afastar algum freguês regular durante algum tempo. Os turistas adoram Frank porque ele sempre tem um sorriso, uma frase espirituosa e um cumprimento para as mulheres, que é um pequeno flerte, mas nunca uma cantada.

Esse é Frank, o Cara das Iscas, que decora o seu barracão todo Natal como se fosse o Rockefeller Center, que se fantasia no Dia das Bruxas e distribui doces para qualquer um que apareça, que promove um Campeonato de Pesca Infantil anual e dá prêmios para todas as crianças inscritas.

Os locais o adoram porque ele patrocina um time da Little League, paga os uniformes da equipe de futebol infantil local, embora odeie futebol e nunca vá aos jogos, paga um anúncio no programa de toda produção teatral da escola secundária e financiou as cestas de basquete do parque local.

Esta manhã, ele fornece as iscas para os clientes da madrugada e, então, há a calma habitual, de modo que ele pode relaxar e observar os surfistas que já saíram na Patrulha da Madrugada. São os jovens, os feras do pedaço, pegando uma onda antes de irem para o trabalho. Há alguns anos, eu estaria entre eles, pensa com uma ponta de inveja. Então, ri de si mesmo. *Alguns anos?* Caia na real. Esses garotos com suas pranchas curtas e seus *cutbacks*. Meu Deus, mesmo que você conseguisse fazer aquilo, provavelmente daria um jeito nas costas e ficaria de cama por uma semana. Você

está vinte anos além da possibilidade de competir com esses garotos — você só atrapalharia e sabe disso.

Então ele se senta e faz palavras cruzadas, outro presente de Herbie, que o apresentara àquele tipo de quebra-cabeça. Herbie Goldstein tem estado muito em sua mente nos últimos dias, especialmente esta manhã.

Talvez seja a tempestade, pensa. Tempestades trazem lembranças do mesmo modo como trazem madeira para a praia. Coisas que você pensa que estão perdidas para sempre e, então, subitamente, lá estão: vagas, gastas, mas de volta.

Então ele trabalha nas palavras cruzadas, pensa em Herbie, e espera pela Hora dos Cavalheiros.

A Hora dos Cavalheiros é uma instituição em todo ponto de surfe da Califórnia. Começa por volta das oito e meia ou nove horas da manhã, quando os jovens feras do pedaço já foram para o trabalho, liberando a água para um pessoal com horário mais flexível. Então o alinhamento é composto pelos médicos, advogados, corretores de imóveis, funcionários públicos prematuramente aposentados, alguns ex-professores — em resumo, cavalheiros.

Obviamente, é uma turma mais velha, a maioria usando pranchões e com um estilo de pegar ondas mais direto, mais tranquilo, menos competitivo, muito mais educado. Ninguém está com pressa, ninguém rouba a onda de ninguém e ninguém se aborrece se não conseguir descer uma onda. Todos sabem que elas ainda estarão ali amanhã, e no dia seguinte, e no seguinte. Verdade seja dita, a maior parte da sessão consiste em ficar sentado à espera das ondas, ou mesmo na praia, contando mentiras sobre ondas gigantescas e ressacas ferozes, histórias

sobre os bons e velhos tempos, que ficam melhores a cada narrativa.

Deixe que os jovens a chamem de "Hora Geriátrica". Eles não sabem de nada.

A vida é como uma laranja gorda, pensa Frank. Quando você é jovem, aperta a fruta com força e rapidez, tentando tirar todo o suco rapidamente. Quando envelhece, aperta devagar, saboreando cada gota. Porque: um, você não sabe quantas gotas ainda lhe restam, e, dois, as últimas gotas são as mais doces.

Ele está pensando nisso quando um tumulto irrompe no quebramar.

Ah, isso vai dar uma bela história para a Hora dos Cavalheiros, pensa Frank ao sair para ver do que se trata. Essa é boa: um lançador de balestra e um vietnamita pegaram o mesmo peixe e estão a ponto de saírem no braço disputando quem o pegou primeiro, se foi o balestreiro que disparou quando o peixe já estava fisgado pelo vietnamita, ou se o vietnamita o fisgou quando ele já estava traspassado pela flecha.

O pobre peixe está pendurado no ar no ápice desse triângulo improvável enquanto eles fazem um cabo de guerra com suas linhas, e basta uma única olhada para Frank entender que o vietnamita é quem está com a razão, porque seu anzol está na boca do peixe. Frank duvida que o peixe tenha sido traspassado por uma flecha e *então* tenha decidido que estava com vontade de morder uma isca.

Mas o balestreiro dá um puxão com força e fica com o peixe.

O vietnamita começa a gritar com ele, uma multidão se aglomera, e o balestreiro parece prestes a espancar o vietnamita, o que ele poderia fazer facilmente porque é grande, maior do que Frank.

Frank atravessa a multidão e se coloca entre os dois homens que discutem.

— O peixe é dele — diz Frank para o balestreiro.

— Quem diabo é *você*?

É uma pergunta de uma ignorância suprema. Ele é Frank, o Cara das Iscas, e qualquer um que frequente o OBP sabe disso. E qualquer freguês regular também saberia que Frank, o Cara das Iscas, é um dos xerifes do quebra-mar.

É que cada ponto do litoral — praia, quebra-mar ou ponto de surfe — tem alguns “xerifes”, sujeitos que, em virtude da experiência e do respeito, mantêm a ordem e resolvem disputas. Na praia, geralmente é um salva-vidas, um sujeito mais velho que se tornou uma lenda do salvamento. No ponto de surfe, são um ou dois sujeitos que frequentam o lugar há muito tempo.

No Ocean Beach Pier, é Frank.

Você não discute com um xerife. Você pode expor o seu caso, pode expressar a sua contrariedade, mas não questiona suas decisões. E certamente não pergunta quem ele é, porque você deveria saber. Não saber quem é o xerife automaticamente o rotula como um sujeito de fora, e sua ignorância talvez o incrimine de saída.

E tudo no balestreiro indica que ele é de East County, o colete acolchoado, o boné escrito KEEP ON TRUCKIN’ e o mullet debaixo dele. Frank adivinha que ele deve ser de El Cajon. Ele sempre achou graça em como gente que mora a sessenta e cinco quilômetros do litoral pode ser tão territorial a respeito do mar.

Então, Frank nem se incomoda em responder.

— É óbvio que ele o fisgou primeiro e você disparou enquanto ele o tirava da água — diz Frank.

O que é exatamente o que o vietnamita está dizendo em voz alta, rapidamente, continuamente, e na sua língua natal, de modo que Frank se volta para ele e pede que se acalme. Ele tem de respeitar o sujeito por não ter recuado, embora seja muito mais baixo e menos corpulento que o outro. É claro que ele não vai recuar, pensa Frank. Ele está tentando alimentar a família.

Então, Frank se volta para o balestreiro.

— Dê o peixe para ele. Há muitos mais no mar.

O balestreiro não quer aceitar. Ele olha feio para Frank, e basta uma encarada para Frank perceber que o sujeito é viciado em metanfetamina. Ótimo, pensa Frank, uma cabeça cheia de cristal vai facilitar *muito* as coisas.

— Esses chinês de merda estão pegando *todos* os peixes — diz o balestreiro, recarregando a arma.

Bem, o vietnamita podia não falar muito inglês, mas, pela expressão de seus olhos, ele conhece a palavra *china*. Provavelmente ouviu-a muitas vezes, pensa Frank, constrangido.

— Ei, East County — repreende Frank. — Não falamos assim por aqui.

O balestreiro começa a argumentar, mas então para.

Simplesmente para.

Ele pode ser um idiota, mas não é cego, e vê algo nos olhos de Frank que o faz calar a boca.

Frank olha diretamente nos olhos injetados de metanfetamina do balestreiro e diz:

— Não quero mais ver você no meu quebra-mar. Encontre outro lugar para pescar.

O balestreiro não está mais disposto a discutir. Ele pega o peixe e começa a longa caminhada de volta ao longo do quebra-mar.

Frank retorna à loja de iscas para vestir seu traje impermeável.

— Ora, se não é o justiceiro!

Dave Hansen sorri para Frank de sua prancha no alinhamento. Frank rema para ficar ao lado dele.

— Já ouviu sobre o que aconteceu?

— Ocean Beach é uma cidade pequena — diz Dave. Ele olha incisivamente para o pranchão de Frank, uma velha Baltierra de quase três metros. — Isso é uma prancha de surfe ou um transatlântico? Você tem comissários de bordo nesse negócio? Gostaria de reservar um lugar na segunda fila, por favor.

— Ondas grandes, prancha grande — fala Frank.

— Estarão ainda maiores amanhã, quando falarmos sobre elas — diz Dave.

— As ondas são como as barrigas — compara Frank. — Crescem com o tempo.

Só que a de Dave não cresceu. Ele e Dave são amigos há uns vinte anos, e a barriga daquele policial alto ainda é o que chamam de tanquinho. Quando Dave não está surfando, está correndo e, fora um pãozinho de canela após a Hora dos Cavalheiros, ele não come nada que leve açúcar refinado.

— Está frio o bastante para você? — pergunta Dave.

— Ah, está sim.

Sim, está, embora Frank esteja usando um traje de inverno O'Neill com gorro e sapatilhas. A água está muito gelada e, para falar a verdade, Frank chegara a cogitar não comparecer à Hora dos

Cavalheiros nesta manhã por esse motivo. Só que isso seria o início do fim, pensa, uma admissão de envelhecimento. Sair ao mar toda manhã é o que mantém você jovem. Portanto, assim que o jovem Abe chegou, Frank se obrigou a vestir o traje impermeável, o gorro e as sapatilhas antes de ter a chance de se acovardar.

Mas está frio *mesmo*.

Quando ele estava remando para além da arrebentação e teve de furar uma onda, foi como meter a cara em um barril de gelo.

— Estou surpreso de vê-lo aqui esta manhã — diz Frank.

— Por quê?

— Operação G-Sting — explica Frank. — Nome engraçado, Dave.

— E as pessoas dizem que não temos senso de humor.

Só que a G-Sting não é uma piada, pensa Dave Hansen. Tem a ver com os últimos vestígios do crime organizado de San Diego subornando policiais e vereadores — havia até um deputado metido na história. A G-Sting não diz respeito a strippers; trata de corrupção, e a corrupção é um câncer. Começa pequena, com uma dança sensual no clube de striptease, mas então cresce. Transforma-se em licitações de construção, negócios imobiliários, até mesmo contratos de defesa.

Uma vez que um político é fisgado, não tem como sair.

Os caras da máfia sabem disso. Sabem que só se suborna um político uma vez. Depois disso, você o chantageia.

— Ondas! — grita Frank.

Uma bela série se aproxima.

Dave se lança. É um sujeito forte, com uma remada fácil e atlética, e Frank o observa pegar a onda, se erguer na prancha, deslizar pela direita ao longo de todo o trajeto, então saltar da prancha com a água já à altura dos tornozelos.

Frank vai em direção à onda seguinte.

Ele se deita na prancha e rema com força, sente a onda erguê-lo, então se agacha. Ele fica de pé no momento que a onda fecha, apontando a prancha para a praia. É um estilo de pegar onda tipo pranchão clássico, antigo, acadêmico, sempre em frente, mas, apesar das milhares de vezes que Frank já fez aquilo, ainda é a melhor sensação que existe.

Sem ofensas a Donna, Patty ou a qualquer mulher com quem ele já tenha feito amor na vida, mas não há nada como aquilo. Nunca houve, nunca haverá. Como é mesmo aquela velha canção? “Catch a wave and you’re sitting on top of the world”, pegue uma onda e você estará sentado no topo do mundo. É isso, sentar — bem, ficar de pé — no topo do mundo. E o mundo passa a mil quilômetros por hora, frio, nítido e belo.

Ele desce a onda e então pula da prancha.

Ele e Dave voltam remando lado a lado.

— Estamos muito bem para dois velhos — diz Frank.

— Estamos — concorda Dave. E, quando voltam para depois da arrebentação, acrescenta: — Ei, já lhe contei que decidi jogar a toalha?

Frank não sabe se ouviu direito. Dave Hansen estaria se aposentando? Ele tem a *minha* idade, pelo amor de Deus! Não, não tem. Ele é alguns anos *mais jovem*.

— O departamento está oferecendo aposentadoria precoce — comenta Dave. Um tanto cuidadoso, porque vê a expressão no rosto de Frank. — Com todos esses jovens aparecendo... toda essa droga de terrorismo. Conversei com Barbara e decidimos aceitar.

— Meu Deus, Dave. O que você vai *fazer*?

— Isso — diz Dave, apontando para a água. — E viajar. Passar mais tempo com os netos.

Netos. Frank esquecera que a filha de Dave, Melissa, tivera um bebê havia uns dois anos e esperava outro. Onde ela morava? Seattle? Portland? Algum lugar chuvoso.

— Uau.

— Ei, ainda estarei aqui para a Hora dos Cavalheiros — afirma Dave. — Na maioria das vezes. E não terei de ir embora tão rápido.

— Não, olha, parabéns — diz Frank. — *Cent'anni*. Toda a felicidade. Hum, quando...

— Daqui a nove meses — fala Dave. — Setembro.

Setembro, pensa Frank. O melhor mês na praia. O tempo está ótimo e os turistas já voltaram para casa.

Outra série se aproxima.

Ambos pegam a sua onda e consideram a sessão encerrada. Duas boas ondas em um dia como aquele são o bastante. E uma xícara de café quente e um pãozinho de canela caíram muito bem agora. Então, saem da água, se banham no chuveiro ao ar livre, voltam à loja de iscas, se vestem e ocupam uma mesa no OBP Café.

Eles ficam ali sentados, bebendo café, consumindo gordura e açúcar e observando a tempestade de inverno que agora se prepara na borda do mar.

Céu cinza-escuro, nuvens pesadas, um vento soprando do oeste. Será uma das boas.

Após a Hora dos Cavalheiros, Frank começa o seu dia atribulado.

*Todos* os dias de Frank são atribulados, com quatro negócios, uma ex-mulher e uma namorada para administrar. O segredo para conseguir isso é se apegar a uma rotina, ou ao menos tentar.

Ele tentou, sem muito sucesso, explicar esta simples técnica administrativa para o jovem Abe.

— Se você tem uma rotina — afirmou —, sempre pode se desviar dela caso surja algum imprevisto. Mas, se você *não* tiver uma rotina, então *tudo* se torna imprevisto. Entendeu?

— Entendi.

Mas ele não entende, Frank sabe, porque simplesmente não *faz* isso. Frank faz, religiosamente. Na verdade, mais do que religiosamente, como Patty o lembrou na última vez em que ele esteve na casa dela, para consertar um vazamento sob a pia da cozinha.

— Você nunca vai à igreja — disse ela.

— Por que eu deveria ir à igreja? — perguntou Frank. — Para ouvir algum padre que gosta de *schtup* menininhos me fazer sermão sobre moralidade?

Ele aprendeu a palavra com Herbie Goldstein e a prefere às palavras alternativas. Frank não aprova linguagem chula, e dizer aquilo em iídiche de algum modo soava menos vulgar.

— Você é terrível — disse Patty.

É, eu sou terrível, pensa Frank, mas das últimas vezes em que verificou o talão de cheques dela, percebeu que ela não estava dando tanto dinheiro à igreja quanto costumava dar. Os padres deveriam saber algo que os maridos italianos sempre souberam: as esposas italianas sempre encontram um meio de punir você, e geralmente é através da carteira. Você a aborrece e ela ainda faz o

serviço na cama, mas então sai e compra um novo jogo de toalhas de mesa. E não fala uma palavra a respeito. E, se você é minimamente esperto, também não diz nada.

E se os padres forem minimamente espertos, não subirão ao púlpito para reclamar das magras contribuições no cesto de coleta, porque começarão a ver moedas de cinco e dez centavos ali dentro.

Enfim, a igreja não faz parte da rotina de Frank.

O negócio de roupas de mesa, sim.

As duas primeiras horas de seu dia após sair da loja de iscas são gastas dirigindo até os diversos restaurantes que ele abastece, para fazer o que ele chama de “visitas cordiais” — ou seja, conversar com proprietários e gerentes e se certificar de que estão felizes com o serviço, que seus pedidos chegaram em ordem, que as toalhas de mesa, guardanapos, aventais e panos de prato estão impecáveis. Se o restaurante também for um cliente de pescado, ele vai até a cozinha para dizer olá ao chefe e se certificar de que ele está satisfeito com a qualidade do que está recebendo. Geralmente entram no frigorífico, onde Frank inspeciona pessoalmente os produtos, e, se o chefe tem alguma queixa, Frank a registra em seu pequeno bloco de notas e cuida do assunto imediatamente.

Deus abençoe os celulares, pensa Frank, porque agora ele pode ligar para Louis do carro e mandá-lo levar atum fresco para o Ocean Grill nos próximos vinte minutos, e que seja *bom* dessa vez.

— Por que você anota essas coisas se liga na mesma hora? — pergunta o jovem Abe.

— Porque o cliente *vê* você anotando — responde Frank — e sabe que você leva o negócio dele a sério.

Por volta de uma da tarde, Frank já visitou cerca de uma dúzia dos melhores restaurantes de San Diego. Hoje, vai do sul para o

norte de modo a terminar em Encinitas para encontrar Jill para o almoço.

Ela é vegetariana, então se encontram no Lemongrass Café na Pacific Coast Highway, a PCH, embora o restaurante não seja um dos clientes de Frank e ele não coma de graça ali.

Ela já está sentada quando ele chega.

Ele se detém no saguão por um segundo, olhando para ela.

Durante muito tempo, ele e Patty acharam que não podiam ter um bebê. Já haviam se resignado com o fato quando: bum.

Jill.

Minha linda filha.

Uma moça, agora.

Alta, bonita, cabelo castanho à altura dos ombros. Olhos castanhos e nariz aquilino. Vestida casualmente, embora com elegância, jeans e um suéter preto. Ela está lendo a *The New Yorker* e bebe em uma xícara o que ele sabe ser um chá de ervas. Ela ergue a cabeça e sorri, e aquele sorriso para ele é a coisa mais valiosa do mundo.

Ficaram sem se falar por um longo tempo depois que ele e Patty se separaram, e ele não a culpa por ter ficado amarga. Foram tempos difíceis, pensa Frank. Fiz ela e a mãe passarem por maus bocados. Durante a maior parte do tempo que ela esteve na faculdade, ela mal falou com ele, embora ele pagasse todas as mensalidades, o quarto e a alimentação. Então, no fim do primeiro ano, algo simplesmente mudou. Ela ligou e convidou-o para almoçar, e foi estranho, constrangedor e absolutamente ótimo. Dali em diante, aos poucos reconstruíram o relacionamento.

Não que ele já seja o *Papai que Sabe das Coisas*. Ela ainda guarda algum ressentimento e pode ser um tanto rude de vez em

quando, mas eles se encontram para almoçar toda terça-feira, e ele não faltaria àquilo por nada, não importando quão atribulado esteja o seu dia.

— Papai.

Ela baixa a revista e se levanta para abraçá-lo e beijá-lo na bochecha.

— Querida.

Ele se senta diante dela. O lugar é o típico restaurante vegetariano-hippie-budista do Sul da Califórnia, com fibras naturais em toda parte, das mesas às paredes, e onde os garçons falam em sussurros, como se estivessem em um templo, não em um restaurante.

Ele olha para o cardápio.

— Experimente o hambúrguer de tofu — diz ela.

— Sem ofensas, querida, mas prefiro comer terra.

Ele vê algo que parece ser um sanduíche de berinjela com pão de sete grãos e decide pedir aquilo.

Ela pede sopa com tofu e capim-limão.

— Como vai o negócio de iscas?

— Firme — responde ele.

— Tem visto a mamãe ultimamente?

— Claro. — Todos os dias, pensa Frank. Se não é por causa do talão de cheques, é por causa do carro que precisa de conserto. E há sempre um problema na casa. Além disso, ele paga a pensão todas as semanas, em dinheiro. — E você?

— Fizemos aquele esquema de jantar e compras ontem à noite — diz Jill. — Parte de meus esforços contínuos, embora fúteis, de convencê-la a comprar uma peça de vestuário que não seja preta.

Ele sorri e não menciona o suéter que a filha está usando.

— Ela se veste como uma freira desde que você a deixou — diz Jill.

Bem, ao menos hoje tivemos a menção obrigatória *disso* logo no início, pensa Frank. E, só para você saber, querida, eu não a deixei: ela me mandou embora. Não que ela não tivesse motivos, ou que eu não merecesse.

Só para você saber.

Mas ele não diz nada disso.

Jill pega algo na cadeira ao seu lado, então lhe entrega um envelope por cima da mesa. Ele olha para a filha com curiosidade.

— Abra — diz ela, radiante.

Ele pega os óculos de leitura e os coloca. Envelhecer é uma má ideia, pensa. Devo parar com isso imediatamente. O envelope tem o timbre da UCLA. Ele tira a carta de dentro do envelope e começa a ler. Mas não consegue terminar porque seus olhos começam a ficar marejados.

— Isso é...?

— Fui aceita — afirma ela. — Faculdade de Medicina da UCLA.

— Querida, isso é fantástico. Estou tão orgulhoso... tão feliz...

— Eu também — diz ela.

E ele se lembra que, em seus melhores momentos, ela fica sem nenhuma malícia.

— Uau! — exclama Frank. — Minha menininha vai ser médica.

— Oncologista — diz ela.

Claro, pensa ele. Jill nunca faz nada pela metade. Quando ela pula, é sempre na parte funda da piscina. Então, Jill não vai apenas ser médica; ela vai curar o câncer. Bem, ótimo para ela, e eu não ficaria nem um pouco surpreso se ela conseguisse.

Faculdade de Medicina da UCLA.

— Só começa no outono. Então quero arranjar alguns empregos nesse verão, e depois um trabalho de meio expediente durante o ano letivo. Acho que consigo dar conta.

Frank balança a cabeça.

— Trabalhe no verão — diz ele. — Mas você não pode estudar medicina e trabalhar ao mesmo tempo, querida.

— Papai, eu...

Ele ergue a mão, a palma para a frente.

— Eu cuido das despesas.

— Você trabalha tanto, e...

— Eu cuido das despesas.

— Tem *certeza*?

Desta vez, ela só recebe o gesto com a mão, sem palavras.

Mas serão umas contas pesadas, pensa Frank. Muita isca, tecido e pescado. E um bocado de imóveis alugados — Frank passa as tardes cuidando de negócio de administração de imóveis.

Terei de aumentar a produtividade de todos os lados, pensa ele. Tudo bem. Posso aumentar a produtividade. Já causei muita merda na vida dela; posso arranjar um meio de lhe dar isso. E ter uma filha que atenda por Dra. Machianno... O que o meu velho pai acharia disso?

— Que coisa boa — diz ele antes de se levantar, se debruçar sobre a mesa e beijar o topo da cabeça da filha. — Parabéns.

Ela aperta a mão dele.

— Obrigada, papai.

A comida chega e Frank come o seu sanduíche com um entusiasmo fingido. Mas, pensa, gostaria que me deixassem entrar na cozinha para lhes mostrar como preparar uma berinjela.

Conversam sobre trivialidades durante o resto do almoço. Ele lhe pergunta sobre os namorados.

— Ninguém especial — responde Jill. — Além do mais, não terei tempo para a uma vida amorosa durante a faculdade de medicina.

Típico de Jill, pensa ele. A menina sempre teve a cabeça no lugar.

— Sobremesa? — pergunta ele quando terminam o prato principal.

— Não quero nada — diz ela, olhando fixamente para a barriga do pai. — E nem você devia querer.

— É a idade.

— É a sua dieta — afirma ela. — Todo aquele cannoli.

— Estou no ramo dos restaurantes.

— Em qual ramo você *não* está?

— No de tofu — diz ele, pedindo a conta com um gesto.

E você devia ficar feliz por eu estar em todos esses negócios. Foram todos esses negócios que pagaram o seu curso superior e vão dar um jeito de pagar a sua faculdade de medicina.

Só preciso descobrir como.

Ele a acompanha até o pequeno Toyota Camry. Ele lhe deu o carro quando Jill ingressou no curso superior — confiável, boa quilometragem, seguro razoável. Ainda está em perfeito estado porque ela cuida dele. A futura oncologista sabe como verificar o óleo, mudar velas de ignição... e Deus ajude o mecânico que tentar enganar Jill Machianno.

Agora, ela está olhando para ele muito seriamente. Aqueles argutos olhos castanhos podem ser incrivelmente calorosos às vezes. Não sempre, mas quando o são...

— O que foi? — pergunta Frank.

Ela hesita, então diz:

— Você tem sido um bom pai. E peço desculpas se...

— Desculpas pertencem ao passado — diz Frank. — Tudo o que Deus nos dá é o hoje, querida. E você é uma filha maravilhosa e eu não poderia estar mais orgulhoso.

Eles se abraçam com força por um minuto.

Então, ela entra no carro e vai embora.

Com toda a vida pela frente, pensa Frank. O que essa menina não será capaz de fazer...

\* \* \*

Ele mal está de volta à van quando toca o celular. Ele olha para a tela.

— Olá, Patty.

— O triturador — diz ela.

— O que tem ele?

— Não está triturando — afirma ela. — E a pia está cheia de...  
porcaria.

— Você ligou para um encanador?

— Liguei para *você*.

— Passo aí à tarde.

— A que horas?

— Não sei, Patty. Tenho coisas para fazer. Chegarei quando puder.

— Você tem a chave — diz ela.

Eu já sei disso, pensa ele. Por que ela precisa me lembrar disso todas as vezes?

— Tenho a chave — diz ele. — Acabei de almoçar com Jill.

— É terça-feira — comenta ela.

— Ela lhe contou?

— Sobre a faculdade de medicina? — pergunta Patty. — Ela me mostrou a carta. Não é maravilhoso?

— Absolutamente maravilhoso.

— Mas como vamos pagar, Frank?

— Darei um jeito.

— Mas eu não sei...

— Darei um jeito — diz Frank. — Patty, a ligação vai cair já, já...

E fecha o telefone.

Ótimo, pensa ele, agora tenho um triturador entupido para acrescentar ao meu dia. Posso apostar que Patty estava descascando batata na pia e tentou passar as cascas pelo triturador. E embora eu tenha ao menos quatro encanadores que poderia mandar até lá, tem de ser eu, ou Patty não vai acreditar que está consertado. A não ser que me veja debaixo da pia ferindo os nós dos dedos com uma chave inglesa, ela não fica feliz.

Ele para em um centro comercial em Solana Beach, vai até o Starbucks e compra um único cappuccino com leite desnatado e uma cereja, mas sem chantili, põe uma tampa no copo, volta à van e dirige até a pequena boutique de Donna.

Ela está atrás do balcão.

— Leite *desnatado*? — pergunta ela.

— Ah é, porque em todos os outros dias eu lhe trago leite *desnatado* — diz Frank —, mas hoje resolvi trazer leite *integral*.

— Você é um amor. — Ela sorri para ele, toma um gole e diz: — Obrigada. Hoje não tive tempo de almoçar.

Tempo de quê?, pensa Frank, porque almoço para Donna é uma fatia de cenoura crua, uma folha de alface e talvez um pouco de beterraba ou algo assim. Mas, bom, é por isso que ela está perto dos cinquenta anos e parece mais estar com trinta e cinco. É por

isso que ela ainda tem aquele corpo de dançarina de Vegas. Pernas longas e magras, sem cintura e seios como uma sacada que, embora grande, não corre o risco de desabar. Combine tudo isso com seu cabelo vermelho-fogo, olhos verdes, um rosto lindo de morrer e uma personalidade à altura, e não é de se estranhar que ele lhe traga um cappuccino toda vez que passe por ali.

E flores uma vez por semana.

E algo brilhante nos natais e aniversários.

Donna é uma mulher que dá trabalho, e ela é a primeira a admiti-lo.

Frank compreende. Alta qualidade e muito trabalho andam juntos. Donna cuida bem de Donna e ela espera que Frank faça o mesmo. Não que Donna seja uma mulher financeiramente dependente. Longe disso. Ela guardou a maior parte do dinheiro que ganhou nos tempos de bailarina, mudou-se para San Diego e abriu uma boutique cara. Não tem um estoque muito grande, mas tudo que tem é de alta qualidade e muito estiloso, e atrai uma clientes fiéis, a maior parte formada por Mulheres de San Diego que Almoçam.

— Você devia mudar a loja para La Jolla — diz ele.

— Sabe o preço dos aluguéis em La Jolla? — responde Donna.

— Mas a maioria de suas clientes mora em La Jolla.

— Elas podem dirigir dez minutos.

Ela está certa, pensa Frank. E elas dirigem mesmo até a sua loja. Nesse exato instante, há duas senhoras inspecionando as prateleiras e há outra no provador. E ajuda muito o fato de Donna vestir a própria mercadoria e ser deslumbrante.

Se a loja estivesse vazia, pensa Frank, eu gostaria de levá-la para um desses provadores e...

Ela lê o brilho nos olhos dele.

— Você está muito ocupado. E eu também — diz ela.

— Eu sei.

— Mas o que vai fazer mais tarde?

Ele sente uma pontada entre as pernas. Donna sempre faz isso com ele, e eles estão juntos há, o quê?, oito anos?

— Almoçou com Jill? — pergunta ela.

Ele conta a ela a novidade de Jill.

— Que máximo — diz Donna. — Fico muito feliz por ela.

E está sendo sincera, pensa Frank, embora ela e Jill nunca tenham se conhecido. Frank já tentou falar sobre Donna com a filha, mas ela o interrompeu todas as vezes e mudou de assunto. Ela é leal à mãe, pensa Frank, e é preciso respeitar a lealdade. Donna também respeita.

— Ei — disse ela quando falaram no assunto —, se ela fosse minha filha e meu ex quisesse que ela conhecesse o seu novo caso, gostaria que ela agisse da mesma forma.

Talvez, pensou Frank, embora Donna seja mais sofisticada do que Patty no que diz respeito a assuntos românticos. Mas era gentil de sua parte dizer isso.

— Ela é uma boa menina — diz Donna. — Vai se sair muito bem.

Sim, vai, pensa Frank.

— Preciso ir — comenta ele.

— Eu também — diz Donna, olhando para uma cliente que acaba de sair do provador com uma roupa que ficaria um desastre no seu corpo. Frank acena com a cabeça, despedindo-se e, enquanto caminha em direção à porta a ouve dizer:

— Querida, com os *seus olhos*, deixe eu lhe mostrar...

*Locação de imóveis*, pensa Frank, é um modo educado de dizer *hemorroidas*.

Porque ambas são uma chateação. A única diferença é que alugar imóveis dá dinheiro e as hemorroidas não, a não ser que você seja um proctologista, nesse caso elas dão, sim.

Ele pensa nisso enquanto dirige por Ocean Beach verificando meia dúzia de condomínios, casas e pequenos prédios pelos quais é responsável como sócio oculto da OB Property Management, uma sociedade limitada, basicamente limitada a Frank e Ozzie Ransom, cujo nome aparece em toda a papelada e é quem cuida do dinheiro. É claro que, depois que Ozzie conta o dinheiro, Frank conta tudo de novo para se certificar de que Ozzie não o está roubando como um barman. Não é que ele não confie em Ozzie; ele só não quer que o "sócio" tenha nenhuma tentação.

Frank também cuida do bem-estar moral de seus "sócios" nos negócios de tecidos e pescado. Ele verifica os seus livros-caixa regularmente e também "irregularmente", como costuma dizer. Eles nunca sabem quando Frank pode aparecer para verificar as contas, recibos, inventários ou pedidos de compra. E a cada trimestre, Frank faz com que seu contador e advogado, Sherm "Níquel" Simon ("Um níquel aqui, outro ali..."), verifique todos os livros-caixa tanto para cuidar dos impostos quanto para se certificar de que, embora o governo o esteja roubando descaradamente, seus sócios não estão fazendo o mesmo.

Frank é obcecado com o pagamento de impostos.

Chama isso de "fator Capone".

— Al Capone — disse Frank certa vez para Herbie Goldstein — administrava a maior operação de contrabando de bebidas da história, subornava policiais, juízes e políticos, sequestrava, torturava e matava gente à luz do dia nas ruas de Chicago, e foi preso por quê? Sonegação de impostos.

Isso também se aplica atualmente, pensa Frank. Você pode fazer quase *qualquer coisa* neste país desde que pague os seus impostos. O Tio Sam quer a parte dele, e, desde que a receba, você pode fazer tudo o que quiser, é só não esfregar no nariz dele.

Frank é meticuloso com as duas coisas.

Paga os seus impostos e não faz nada que atraia atenção para si. Se Níquel sugere uma dedução ligeiramente duvidosa, Frank não autoriza. A última coisa que ele quer no mundo é uma auditoria. E Frank nem chega perto de negócios que atraiam a atenção dos agentes federais: lixo, construção, bares, pornografia. Não, ele é apenas Frank, o Cara das Iscas, e suas atividades paralelas são totalmente legais. Ele trabalha com seus tecidos, seus peixes, seus imóveis alugados.

Inquilinos são um pé no saco, especialmente em uma comunidade balneária onde as pessoas tendem a ser um tanto transitórias. As pessoas vêm para o litoral achando que é o paraíso e que vão passar o dia inteiro vagando pelas praias e a noite inteira fazendo festa, e se esquecem de que, em algum momento aí no meio, ainda precisam ganhar a vida.

Sempre acham que vão conseguir pagar o aluguel, e então descobrem que não conseguem, e o que fazem é arranjar um ou cinco colegas de quarto, muito frequentemente gente que conheceram no bar, pessoas que podem ou não ter o dinheiro do aluguel no primeiro dia do mês.

Não que Frank não os aconselhe. Ele aconselha. Quando estão preenchendo os formulários, fala dos depósitos para cobrir possíveis danos no primeiro e no último mês. Obtém uma verificação de crédito, um extrato bancário e referências, e em mais da metade das vezes explica que eles não têm condições de morar junto à praia.

Mas os jovens não vêm à Califórnia para *não* morar junto à praia, então arranjam alguns colegas de quarto e se comprometem com uma obrigação que não podem cumprir. O resultado é que Frank tem um bocado de desistências, e desistências são a maldição da administração de imóveis alugados. Significam custos de limpeza, consertos, anúncios, entrevistas, verificações de crédito, de referências e de emprego. Por outro lado, você fica com o aluguel do último mês e com o depósito para cobrir danos, porque os jovens sempre danificam o lugar, em geral como resultado de alguma festa.

Esta tarde, Frank tem no seu prato a enchilada completa. Ele precisa mostrar um apartamento e entrevistar duas jovens que serão ou garçonetes ou strippers, ou então garçonetes que logo descobrirão que ser stripper dá mais dinheiro. Depois, há a reforma de uma cozinha na qual quer dar uma olhada. Em seguida, tem de verificar a limpeza de um apartamento que vai mudar de inquilino e se certificar de que os limpadores de tapete tenham limpado *a vapor* as manchas de vômito deixadas no tapete pelos inquilinos/animais de festa.

Ele mostra o apartamento às duas jovens. São strippers de fato, e um belo casal lésbico semicasado, de modo que Frank não precisa se preocupar com a capacidade de pagar o aluguel ou com que homens vulgares dos clubes de striptease morem ali. Elas querem

ficar com o imóvel e ele aceita o depósito na hora. A verificação de crédito será uma formalidade e ele ligará para o clube para confirmar se de fato estão empregadas.

A seguir, ele corre até o condomínio para verificar a reforma da cozinha, que ficou ótima com a nova geladeira da marca Sub-Zero e o fogão de mesa. Depois disso, dá uma volta pelo lado de fora para se certificar de que os paisagistas e jardineiros estão cuidando do lugar e percebe que as barrilheiras precisam ser podadas.

Então ele faz uma “caça de oportunidades” pela vizinhança em busca de imóveis para alugar que sejam bem localizados, mas que pareçam em mau estado ou degradados. Talvez precisem de uma demão de tinta, ou o jardim tenha sido negligenciado, ou uma cortina em uma janela esteja rasgada e não tenha sido consertada. Ele anota os endereços e vai descobrir quem são os donos, porque talvez precisem de um administrador ou de uma mudança de administrador. Ou talvez estejam fartos do trabalho que dá ser proprietário e desejem vender o imóvel a um bom preço.

Encontra três ou quatro possibilidades.

Então, vai até a Ajax Linen Supply, acomoda-se sobre a velha cadeira de madeira com rodinhas atrás da escrivaninha Steelcase e repassa os pedidos da semana. O pedido de panos de prato da Marine House diminuiu vinte por cento, e ele faz uma anotação para se lembrar de verificar se Ozzie começou a vender alguns dos próprios panos em meio aos da empresa. Mas os pedidos do resto dos clientes estão iguais ou mais altos, de modo que provavelmente é algo específico da Marine House, e ele faz uma anotação para se lembrar de passar por lá e descobrir o que está acontecendo. Ele verifica rapidamente os recibos do dia, então vai até os escritórios da Sciorelli Fish Company, nas docas, onde verifica

e compara o preço do atum de barbatana amarela com o de seus concorrentes, e então decide que podem reduzir dois centavos por quilo para seus clientes preferenciais.

— Eles estão comprando por esse preço — argumenta Sciorelli. — Estão contentes.

— Quero que *continuem* contentes — diz Frank. — Não os quero por aí, procurando uma oferta melhor. *Daremos* para eles a melhor oferta, evitando que procurem satisfação em outro lugar.

Também diz para Sciorelli comprar o máximo de camarão mexicano que puder — a tempestade vai impedir que os barcos saiam ao mar por uma semana, de modo que os *camarones* vão aumentar de preço.

As coisas mudam e não mudam, pensa ao entrar na van e voltar ao OB Pier. Minha filha vai ser médica, mas ainda estamos vendendo atum. E há outras coisas que não mudam, pensa ele enquanto dirige até Little Italy, subindo a colina a partir do aeroporto. Ainda estou consertando coisas na casa velha.

## 6

A casa velha é precisamente isso: uma casa velha, algo que está ficando cada vez mais raro no centro de San Diego, mesmo ali em Little Italy, que costumava ser uma vizinhança de casas velhas e bem cuidadas de uma família só, mas que agora está dando lugar a condomínios, prédios comerciais, hotéis pequenos e descolados e estacionamentos para servir ao aeroporto.

A casa velha de Frank é uma bela construção vitoriana de dois andares, branca com frisos amarelos. Ele estaciona na garagem estreita, salta da van e encontra a chave certa no enorme chaveiro. Está com ela na fechadura quando Patty abre a porta, como se tivesse ouvido a van estacionar, e talvez tenha mesmo.

— Demorou muito — diz ela ao deixá-lo entrar.

Ela ainda mexe comigo, pensa Frank ao sentir uma pontada de aborrecimento. E algo mais, também. Patty ainda é uma mulher atraente. Talvez tenha ficado um tanto matronal na cintura, mas ela se mantém em boa forma, e aqueles olhos castanhos e amendoados ainda conseguem, bem, mexer com ele.

— Estou aqui agora — diz ele, beijando-a na bochecha.

Ele passa por ela e entra na cozinha, onde metade da profunda pia dupla parece uma maré cheia em um porto qualquer do Terceiro Mundo.

— Não está funcionando — ressalta Patty, aproximando-se por trás.

— Dá para notar — diz Frank. Ele fareja o ar. — Estava preparando nhoque?

— Ahã.

— E você descascou todas as batatas e tentou passar as cascas pelo triturador? — pergunta Frank enquanto arregança as mangas da camisa, enfia a mão na água suja e tateia ao redor do ralo.

— Casca de batata é resto. Tentei triturar os restos. Não é isso que fazem os trituradores?

— É um “triturador de restos” — diz Frank. — Não um “triturador de *qualquer* coisa”. Por exemplo, você não joga latinhas de alumínio aqui, não é mesmo? Ou *joga*?

— Quer um café? — pergunta ela. — Eu preparo um agora mesmo.

— Quero sim, obrigado.

Ele vai até um armário no corredor para pegar a sua caixa de ferramentas. Todas as vezes, a mesma rotina. Ela prepara um café fraco na cafeteira Krups que ele comprou para ela e que ela se recusa a aprender como operar adequadamente. Ele toma um gole educado enquanto trabalha e deixa o resto na xícara. Frank descobriu que rituais assim são ainda mais importantes para uma relação pacífica quando você é divorciado do que quando se está casado.

Mas, quando ele volta pelo corredor, ouve o barulho de um moedor de café e, ao chegar à cozinha, há uma prensa francesa sobre o fogão ao lado de uma chaleira de água fervente. Ele ergue as sobrancelhas.

— É assim que você gosta agora, não é mesmo? — diz Patty. — Jill me falou que é assim que você gosta.

— É assim que preparo meu café, sim.

Ele não diz uma palavra quando ela despeja a água fervente e aperta o êmbolo imediatamente em vez de esperar os quatro minutos necessários. Mantém a boca fechada e engatinha para dentro do armário sob a pia, se deita de costas e começa a trabalhar com a chave inglesa no compartimento de dejetos, onde certamente estão presas as cascas de batata. Ele a ouve baixar a xícara de café no chão junto ao seu joelho.

— Obrigado.

— Você podia parar um minuto para tomar uma xícara de café — diz ela.

Na verdade, não posso, pensa Frank. Ele ainda precisa voltar à loja de iscas para atender os clientes do fim de tarde, então ir para casa, tomar banho, se barbear, se vestir e buscar Donna. Mas ele também não diz isso. O assunto Donna pode fazer Patty derramar o café sobre a perna dele acidentalmente ou tentar dar descarga em um rolo de papel higiênico inteiro na privada do banheiro do andar de cima. Ou talvez apenas me dar um chute no saco enquanto estou vulnerável, pensa Frank.

— Preciso ir para a loja de iscas — diz ele.

Então, sai debaixo da pia, se senta e toma um gole de café. Não está nada mal, na verdade, o que o surpreende. Ele não se casou com Patty por seu talento culinário. Ele se casou porque ela parecia com aquela estrela de cinema, Ida Lupino, e ainda parece, e ele era louco por ela, e, sendo ela uma boa menina italiana, não o deixaria passar das preliminares antes que ele colocasse um anel no seu dedo. Então, Frank cozinhava quando eram casados, e já eram divorciados quando o termo *maníaco por controle* entrou na moda. Agora, ele diz:

— Está bom.

— Surpresa — diz ela, sentando no chão ao seu lado. — Incrível, essa notícia da Jill, não é mesmo?

— Vou dar um jeito de pagar.

— Não estou falando isso por causa do dinheiro — diz ela, parecendo um pouco magoada. — Só achei que seria legal parar um instante e compartilhar um pouco de orgulho parental.

— Você fez um bom trabalho com aquela menina, Patty — diz Frank.

— Nós dois fizemos.

Os olhos dela começam a se encher de lágrimas e Frank também sente os seus olhos ficarem úmidos. Ele sabe no que ambos estão pensando: naquela manhã na maternidade, após o longo e complicado trabalho de parto, quando Jill finalmente nasceu. Fora uma manhã difícil, com muitos bebês, de modo que os médicos e enfermeiras terminaram com eles e os deixaram a sós, e Frank estava tão cansado que se deitou na maca com a mulher e a recém-nascida e os três adormeceram juntos. Ela se levanta subitamente e diz:

— Conserte essa porcaria. Você tem de ir para a loja de iscas e eu vou me atrasar para a ioga.

— Ioga? — diz ele, voltando para debaixo da pia.

— Na nossa idade — diz ela —, é “use ou atrofie”.

— Não, olha, acho que é uma boa coisa.

— Quase só tem mulheres — diz ela, tão rapidamente que Frank compreende na hora que quase só tem mulheres, mas há ao menos um homem.

Ele sente uma pontada de ciúme. O que é irracional e injusto, diz a si mesmo. Você tem Donna; Patty devia ter alguém na vida dela. Ainda assim, não gosta da ideia. Ele abre o compartimento, então retira dali um chumaço de cascas de batata encharcadas. Ergue aquilo para ela e diz:

— Patty, por favor. Comida *cozida*, não crua, e nunca três quilos ao mesmo tempo, está bem?

— Está bem — diz ela, mas não consegue evitar acrescentar: — Mas deviam fazer essas coisas melhor.

Então ele sabe que ela fará aquilo outra vez, ou algo parecido, e pensa: na próxima, o namorado dela que conserte. Com toda essa ioga, ele pode se enfiar embaixo da pia sem problemas, certo?

Ele volta a fechar o compartimento, aperta os parafusos e se arrasta para fora outra vez.

— Quer experimentar o nhoque? — pergunta ela.

— Achei que você tinha ioga.

— Posso matar uma aula.

Ele reflete durante um segundo e então diz:

— Não, é melhor você levar isso em frente. “Use ou atrofie”, como dizem.

Seu babaca, pensa ele ao notar os olhos dela ficando frios e penetrantes. Que coisa idiota de se dizer. E Patty, sendo Patty, não vai deixar passar.

— Você bem que podia fazer um pouco de ioga também — diz ela, olhando para a barriga de Frank.

— É, talvez eu entre para a sua turma.

— Era só o que me faltava.

Frank lava as mãos e, em seguida, volta a beijá-la rapidamente na bochecha enquanto ela tenta se esquivar.

— Vejo você na sexta-feira — afirma ele.

— Se eu não estiver em casa — diz ela —, deixe o envelope na gaveta.

— Obrigado pelo café. Estava muito bom.

Ele volta à loja de iscas a tempo de pegar o movimento da tardinha. O jovem Abe consegue cuidar do negócio lento do meio da tarde, mas entra em pânico quando os pescadores noturnos começam a fazer fila exigindo as iscas. Além disso, Frank quer estar lá para fechar o caixa. Ele ajuda o jovem Abe durante o pico, tranca a loja e vai para casa tomar um banho rápido para tirar o cheiro de peixe do corpo.

Ele se banha, faz a barba, veste um terno com uma camisa social, mas com colarinho aberto, e tira a Mercedes, não a van, da garagem. Ele tem tempo de passar por três novos restaurantes antes de buscar Donna. Sua rotina é a mesma em cada um desses lugares: toma uma água tônica no bar e pede para falar com o gerente ou com o dono. Então apresenta o seu cartão e diz:

— Se está feliz com o seu fornecedor de tecidos, desculpe a intromissão. Caso contrário, ligue e eu lhe direi o que posso fazer por você.

Nove em cada dez vezes, ele recebe a ligação.

Ele pega Donna em seu condomínio, que é um amplo complexo de frente para o mar. Estaciona em uma vaga para visitantes e toca a campainha, embora tenha uma chave da casa dela para o caso de alguma emergência, ou se ela estiver viajando e as plantas precisarem ser regadas, ou se ele chegar tarde da noite e não quiser tirá-la da cama.

Ela está linda.

Sempre está, e não apenas para uma mulher na faixa dos quarenta anos, mas para uma mulher de qualquer idade. Usa um vestido preto básico, curto o bastante para exibir as pernas e com um decote sutil.

Antigamente, pensa Frank enquanto abre a porta do carro para ela, nós a chamaríamos de uma “mulher de classe”. Claro, ninguém mais fala assim, mas é o que Donna é. Sempre foi. Uma dançarina de Vegas que não se viciou ou prostituiu, não sucumbiu à bebida ou à droga, apenas fez o seu trabalho, economizou dinheiro e soube a hora de parar. Pegou as economias, mudou-se para Solana Beach e abriu sua boutique.

Construiu uma bela vida para si mesma.

Sobem o litoral até o Freddie's by the Sea.

É um antigo restaurante de San Diego na praia de Cardiff, e, às vezes, como hoje à noite, as ondas chegam a se chocar contra as paredes externas do restaurante. A recepcionista conhece Frank e os leva a uma mesa junto à janela. Com a tempestade que se aproxima, as ondas já estão chegando perto do vidro.

Donna observa o tempo lá fora.

— Bem, acho que vou conseguir atualizar o inventário.

— Você podia tirar alguns dias de folga.

— Só se você tirar primeiro.

É uma brincadeira constante entre eles, e um aborrecimento constante: duas pessoas com a mente voltada para os negócios tentando tirar alguns dias de folga. Ela não se sente à vontade com outra pessoa cuidando da boutique, e Frank, bem, ele é Frank. Passaram cinco dias em Kauai três anos antes, mas, desde então, conseguiram apenas um pernoite em Laguna e um fim de semana no Big Sur.

— Precisamos aproveitar um pouco a vida — comenta Frank.

— Você podia começar tendo apenas dois trabalhos em vez de cinco — diz ela.

Ainda assim, ela tem a impressão de que talvez uma das razões de seu relacionamento dar tão certo é o fato de *não* terem muito tempo para dedicar um ao outro.

O garçom retorna, eles pedem uma garrafa de vinho tinto e, para economizar tempo, também já pedem as entradas e o prato principal. Ele escolhe uma sopa de frutos do mar e camarões ao alho; Donna pede uma salada verde, sem molho, e peixe ao forno com tomates.

— O camarão é tentador — diz ela. — Mas a manteiga aparece no meu corpo no dia seguinte.

Ela pede licença para ir ao banheiro, e Frank aproveita a oportunidade para ir até a cozinha para conversar com o chefe o assunto de sempre: Como tem estado o peixe? Alguma queixa? O atum de barbatana amarela não estava ótimo na semana passada? Ah, só para você saber, terei um bom estoque de camarão na semana que vem, com ou sem tempestade.

Quando ele chega à cozinha, John Heaney não está lá.

Frank o conhece há anos. Costumavam surfar juntos, quando John tinha um restaurante em Ocean Beach. Mas John perdeu o estabelecimento em uma aposta no *Monday Night Football*.

Frank estava lá naquela manhã de terça-feira, na Hora dos Cavalheiros, quando John se aproximou remando em sua prancha, de ressaca e parecendo um cadáver.

— O que você tem? — perguntou Frank.

— Preciso cobrir os vinte mil que apostei nos Vikes — respondeu John. — Eles conseguiram um ponto extra. Um maldito ponto extra.

— Você tem a grana?

— Não.

Então, adeus restaurante.

John começou a trabalhar no cassino Viejas, o que era mais ou menos como um alcoólatra trabalhando na destilaria Jack Daniel's. A cada duas semanas, ele recebia um contracheque no vermelho e, afinal, o cassino o demitiu. John pulou de um emprego a outro até Frank lhe conseguir aquele trabalho no Freddie's.

O que se pode fazer?, pensa Frank. Um amigo é um amigo.

John ganha um bom dinheiro no Freddie's, mas bom dinheiro nunca é o bastante para um jogador inveterado. Da última vez que

teve notícias dele, Frank soube que John estava trabalhando também como gerente do Hunnybear's no turno da noite.

— Onde está Johnny? — pergunta ao *sous chef*, que inclina a cabeça em direção à porta dos fundos.

Frank compreende: o chefe está lá fora, junto à caçamba de lixo, fumando e, talvez, tomando um drinque. Vá até a caçamba de lixo nos fundos de qualquer restaurante e você encontrará uma monte de guimbas de cigarro e talvez algumas dessas garrafinhas de bebida de empresas aéreas que a equipe tem preguiça de jogar no lixo.

John traga um cigarro e olha para o chão como se ele tivesse a resposta para alguma coisa, seu corpo alto e magro curvado como uma dessas esculturas baratas feitas com arame de cabide.

— Como vai, Johnny? — pergunta Frank.

John ergue a cabeça, assustado, como se surpreso em ver Frank bem ali.

— Caramba, Frank, você me assustou.

Johnny deve estar, o quê?, na segunda metade dos cinquenta anos, talvez no finzinho? Parece mais velho.

— O que houve? — pergunta Frank.

John balança a cabeça.

— Muita merda nesse momento, Frank.

— Esse negócio do G-Sting? — questiona Frank. — O Hunnybear's está envolvido nisso?

John mantém a mão sob o queixo com a palma voltada para baixo.

— E se eles fecharem o lugar? Preciso da porra do dinheiro, Frank.

— Vão deixar isso para lá — diz Frank. — Essas coisas sempre são deixadas de lado.

John balança a cabeça.

— Não sei.

— Você sempre terá trabalho, John — diz Frank. — Quer que eu fale de você em algum lugar?

Seria fácil arranjar um segundo emprego para John em um bom restaurante. Ele é bom cozinheiro e, além disso, é um popular. Todos gostam dele.

— Obrigado, Frank. Não no momento.

— É só me avisar.

— Obrigado.

Frank volta à mesa pouco antes de Donna e abençoa o fato de sempre haver uma fila no banheiro das mulheres e elas demorarem muito mais para tirar e voltar a vestir todo aquele equipamento complexo.

— Como vai o chefe? — pergunta Donna quando ele se levanta e afasta a cadeira para ela se sentar.

Frank volta a se sentar e dá de ombros com uma expressão de inocência magoada.

— Incorrigível — diz Donna.

A chuva começa de verdade quando estão na sobremesa. Bem, Frank está comendo uma sobremesa — *cheesecake* e um *espresso* — enquanto Donna bebe uma xícara de café preto. A chuva começa com gotas gordas e lentas chocando-se contra a janela, então aumenta de intensidade, e em apenas um minuto mais ou menos o vento começa a soprar densas cortinas de água contra a vidraça.

A maioria das pessoas no restaurante para de conversar para observar e ouvir. Não chove com muita frequência em San Diego — inclusive, tem chovido menos que o habitual nos últimos anos — e raramente chove forte desse jeito. É o verdadeiro início do inverno,

a curta estação de monções neste clima mediterrâneo, e as pessoas apenas se recostam e observam a chuva.

Frank assiste às cristas das ondas aumentarem.

Amanhã vai ser ótimo.

O apartamento de Donna não tem vista para o mar. Seu prédio fica nos fundos do complexo, longe da praia, de modo que ela o comprou por sessenta por cento a menos. Isso não importa para Frank. Quando vai à casa de Donna, tudo o que ele deseja ver é Donna.

Quando fazem amor, obedecem a um ritual. Donna não é do tipo de mulher de quem se pode tirar a roupa e levar direto para a cama, embora saibam que é exatamente para lá que irão. Então, esta noite, como na maioria das noites em que ele a visita, vão para a sala de estar e ela põe Sinatra para tocar no aparelho de som. Então pega duas taças de conhaque e se sentam no sofá com carícias.

Frank acha que poderia morar na dobra do pescoço de Donna e nunca mais sair dali. Ele é longo e elegante, e o perfume que ela usa faz a sua cabeça girar. Ele passa um longo tempo beijando seu pescoço, acariciando seu cabelo ruivo, depois desce até os seus ombros e, após algum tempo ali, baixa a alça do vestido. Ela geralmente usa um sutiã preto, o que o deixa louco. Ele beija a parte de cima de seus seios enquanto sua mão percorre o longo e lento trajeto até a sua perna, então ele a beija e a ouve ronronar contra seus lábios. Então ela se levanta, toma-o pela mão, leva-o até o quarto e diz "Vou vestir algo confortável" e desaparece no banheiro, deixando-o deitado na cama, completamente vestido, esperando para ver o que ela vai usar.

Donna tem ótimas lingerie.

Ela as compra ao atacado com seus fornecedores, de modo que se dá ao luxo de usar o que há de melhor. Bem, ela *me dá* o luxo, pensa Frank enquanto se inclina para tirar os sapatos e, em seguida, afrouxar a gravata. Certa vez, apenas uma vez, ele tirou toda a roupa e ficou deitado nu na cama. Quando ela saiu do banheiro, perguntou “O que você está pensando?” e pediu que ele fosse embora.

A espera é interminável, e ele desfruta de cada segundo dela. Ele sabe que Donna está se vestindo para agradá-lo, cuidadosamente retocando a maquiagem, aplicando perfume, escovando o cabelo.

A porta se abre; ela apaga a luz do banheiro e sai.

Ela sempre consegue deixá-lo boquiaberto.

Hoje à noite, veste um penhoar verde-esmeralda sobre uma cinta-liga preta com meias e sapatos de saltos incrivelmente altos. Ela se volta lentamente, para deixá-lo desfrutar de cada ângulo de seu corpo, então ele se levanta e a toma em seus braços. Frank sabe que, agora, ela quer que ele assuma o comando.

Ele sabe que não se “faz sexo” com Donna; você faz amor com ela — lenta, cuidadosamente, descobrindo cada pequeno ponto de prazer em seu corpo incrível; e detendo-se ali. Ela é uma dançarina e quer que aquilo seja uma dança, de modo que paira sobre ele com uma graça e um erotismo de bailarina, usando os seios, as mãos, a boca e o cabelo sobre ele, despindo-o e fazendo-o enrijecer. Então, ele a deita na cama, desce ao longo de seu corpo delgado, ergue o penhoar e percebe que ela passou perfume nas coxas embora não precise de nenhum perfume naquela parte do corpo, pensa Frank.

Ele vai devagar. Não há pressa e seu próprio desejo pode esperar. Ele quer esperar, porque valerá a pena fazê-lo.

É como o mar, pensa ele depois, como uma onda avançando e recuando de novo e de novo, para então se erguer em uma grande ondulação oceânica, grossa e pesada, que aumenta de velocidade. Ele gosta de olhar para o rosto de Donna quando estão fazendo amor, gosta de ver os seus olhos verdes se iluminarem, gosta do sorriso em seus lábios elegantes e, hoje à noite, também gosta de ouvir o som da chuva açoitando a vidraça.

Depois ficam ali deitados por um logo tempo, ouvindo a chuva.

— Foi lindo — diz ele.

— Sempre é.

— Você está bem?

Frank, o diligente, sempre verificando o serviço.

— Ah, sim — diz ela. — E você?

— Não me ouviu gritar? — pergunta ele.

Ele está ali deitado, educadamente, cerimoniosamente, mas ela sabe que Frank já está inquieto. Tudo bem; ela não é muito de chamego e, de qualquer forma, a manhã começa cedo e Donna dorme melhor sozinha. Então, ela dá a deixa padrão:

— Vou me lavar.

O que significa que ele pode se vestir enquanto ela está no banheiro, e, quando ela sair de lá, podem começar o confortável ritual:

— Ah? Já de saída?

— É, acho que sim. Dia cheio amanhã.

— Pode ficar se quiser.

Então, ele finge pensar a respeito e diz em seguida:

— Não, acho melhor eu ir para casa.

Então, trocam um beijo caloroso e ele diz:

— Eu te amo.

— Também te amo.

E então ele vai para casa dormir um pouco e começar tudo de novo.

É a rotina.

Só que hoje à noite será diferente.

## 7

Hoje à noite, ele volta para casa e há um carro no beco.

Um carro que ele não reconhece.

Frank conhece os vizinhos, conhece todos os seus veículos. Nenhum deles tem um Hummer. E, mesmo através da chuva, agora torrencial, pode ver que há dois sujeitos no banco da frente.

Não são profissionais, ele sabe imediatamente.

Profissionais jamais usariam um veículo tão suspeito quanto um Hummer. E não são policiais, porque nem mesmo os agentes federais têm orçamento para um veículo daqueles. E, terceiro, profissionais saberiam que amo a vida, e porque amo a vida, nunca, em trinta anos, estacionei em casa à noite sem primeiro dar uma volta no quarteirão. Especialmente quando a entrada de minha garagem fica em um beco onde posso ser encurralado.

Então se esses caras fossem profissionais, eles não estariam esperando no beco; estariam ao menos a meio quarteirão de distância, esperando que eu entrasse no beco para então se aproximar.

Mas eles o viram passar.

Ou acham ter visto.

— Era ele — diz Travis.

— Porra nenhuma — responde J. — Como pode saber?

— Era ele, Júnior — confirmou Travis. — Aquele era o Frankie Machine, porra. Uma lenda.

Estacionar em Ocean Beach não é fácil, de modo que Frank demora dez minutos para encontrar uma vaga na rua, a três quarteirões dali. Ele estaciona, mete a mão embaixo do assento e encontra seu S&W .38, guarda-o no bolso da capa de chuva, veste o capuz e sai do carro. Afasta-se mais uma quadra de modo a chegar ao beco pelo lado leste e não pelo oeste, onde devem estar esperando por ele. Ele se aproxima do beco e o Hummer ainda está ali. Mesmo com a chuva, consegue ouvir a vibração dos graves, o que quer dizer que os idiotas estão ouvindo rap ali dentro.

O que facilitará as coisas.

Ele caminha pelo beco, pés chapinhando nas poças d'água, arruinando o brilho de seus sapatos, e toma o cuidado de ficar bem no centro da traseira do Hummer para não ser visto pelos retrovisores. Ao se aproximar, sente cheiro de maconha, então confirma que está lidando com completos idiotas — jovens, provavelmente, traficantes —, sentados no carro, ficando doidões e ouvindo música.

Ele nem sabe se eles o ouvem abrir a porta de trás, entrar, encostar a arma na nuca do motorista e engatilhar a arma.

— Eu disse que era ele — fala Travis.

— Frankie — diz J. — Não está me reconhecendo?

É, Frank talvez o reconheça, embora faça muito tempo. O garoto — agora com cerca de vinte e cinco anos — tem cabelo preto curto espetado para cima com gel, um tipo de parafuso atravessado no lábio inferior e brincos no topo das orelhas. Usa roupas de surfista

— uma camisa Billabong de manga comprida sob um casaco de fleece da Rusty e calças de ginástica.

— Mouse Júnior? — pergunta Frank.

O outro rapaz ri, mas rapidamente se cala. Mouse Júnior não gosta que o chamem de Mouse Júnior. Ele prefere “J.”, que é exatamente o que ele diz para Frank agora.

O outro também está vestido como um palhaço. Também tem gel no cabelo e uma penugem à guisa de cavanhaque e usa um desses gorros de surfista, do que Frank se ressent, porque Frank usa um gorro daqueles para manter a cabeça aquecida quando sai da água fria depois de *surf*ar de fato, não para parecer estar na moda. E ambos usam óculos escuros, motivo provável pelo qual não perceberam um homem adulto se aproximando pela retaguarda. Mas ele não diz nada disso nem abaixa a arma, embora empunhar uma arma contra o filho de um chefe seja uma grave violação do protocolo.

Tudo bem, pensa Frank. Ele não quer a frase *Mas ele respeitava o protocolo* entalhada em sua lápide.

— Quem é você? — pergunta ao outro rapaz.

— Meu nome é Travis — apresenta-se o outro. — Travis Renaldi.

A que ponto chegamos, pensa Frank. Pais italianos dando aos filhos nomes yuppies como Travis.

— É uma honra conhecê-lo, Sr. Machianno — diz Travis. — “Frankie Machine”.

— Cale a boca — ordena Frank. — Não sei do que está falando.

— É, cale a porra da sua boca — reitera Mouse Júnior. — Frankie, poderia baixar esta arma? Podemos entrar e quem sabe você possa nos oferecer uma cerveja ou uma xícara de café.

— Isto é uma visita social? — pergunta Frank. — Vocês, me esperando em um beco, no meio da noite?

— Preferimos esperar até você terminar o seu programa, Frankie — diz Mouse Júnior.

Frank não está certo do que o outro quer dizer com “programa”, mas pode imaginar pelo tom debochado na voz de Mouse Júnior. Ele não vê Júnior há uns oito anos, e, já *na época*, o menino era um adolescente inútil e mimado. Não amadureceu nem um pouco. Frank teve vontade de dar um tapa na orelha dele pela observação a respeito de seu “programa”, mas há limites ao que você pode fazer com o filho de um chefe, mesmo um chefe tão frouxo quanto Mouse Sênior.

Mouse Sênior — Peter Martini — é chefe do que sobrou da família de L.A., que também inclui o que sobrou da equipe de San Diego. Peter recebeu o apelido de “Mouse” depois que o chefe de polícia de L.A., Daryl Gates, se referiu à máfia da Costa Oeste como “a Máfia do Mickey Mouse”. E o nome pegou. Tornou-se Mouse Sênior após ter um filho e batizá-lo de Peter.

Mas regras são regras: você não pode encostar a mão no filho de um chefe.

E não pode lhe recusar hospitalidade.

Frank os acompanha para dentro de casa, no entanto, não gosta nada da ideia. Primeiro, não gosta que conheçam a área caso voltem mais tarde para tentar algo. Segundo, na hipótese de eles virarem a casaca e se sentarem no banco das testemunhas, será mais difícil negar a existência daquele encontro se eles puderem descrever detalhadamente como é o interior de sua casa.

Por outro lado, ele sabe que a casa não está grampeada.

Ele revista a ambos no segundo em que entram.

— Sem querer ofender — diz ele.

— Ei, nos tempos de hoje... — assente Mouse Júnior.

É verdade, nos tempos de hoje, pensa Frank. Este provavelmente é o assunto dessa pequena reunião: Mouse Sênior enviando Mouse Júnior para se certificar de que Frank ainda está na dele.

Porque Mouse Sênior não foi acusado no caso Goldstein, embora tenha sido o mandante, e Frank sabe disso.

Como se Mouse Sênior fosse assim tão cuidadoso, pensa Frank. Durante três anos, *três anos*, no fim dos anos oitenta, Bobby “a Besta” Zitello esteve grampeado enquanto Mouse Sênior achava ter o rei na barriga. O álbum dos “Maiores Sucessos” de Bobby ganhou disco de platina e pôs metade da família em cana durante quinze anos. Agora, Mouse Sênior saiu da cadeia; e não quer voltar para lá.

Mas o caso Goldstein poderia colocar todos na cadeia de uma vez por todas. O pobre Herbie foi morto em 1997 e alguns havaianos de baixo nível confessaram o crime. Mas não há prazo de prescrição para homicídios, e o assassinato de Goldstein voltou como um fantasma. Os agentes federais andaram mexendo nisso, como parte da Operação Abotoar, tentativa de cravar o último prego no caixão de Mouse Sênior. O que provavelmente aconteceu foi que os dois havaianos descobriram que não gostavam tanto assim da cadeia e decidiram negociar. Até onde Frank sabe, Mouse Sênior podia estar secretamente indiciado e ansioso para negociar também.

Por isso, Frank revista Mouse Júnior cuidadosamente.

Não encontra nenhum gravador ou microfone.

Ou arma.

Seria a outra possibilidade: Mouse Sênior quer ficar absolutamente *certo* de que eu não vou contar à polícia quem

ordenou o assassinato de Goldstein. Mas Mouse teria mandado um dos poucos soldados que lhe restam. Nem mesmo Mouse enviaria o próprio filho em uma missão para tentar matar Frankie Machine.

Você quer que seu filho morra *depois* de você.

— Querem café ou cerveja? — pergunta Frank, tirando a capa de chuva, ainda empunhando a pistola.

— Cerveja se tiver — diz Mouse Júnior.

— Tenho — diz Frank.

Bom, pensa ele, isso me poupa do trabalho de passar café. Ele vai até a cozinha, pega duas Dos Equis, então muda de ideia e pega duas Coronas, que são mais baratas. Ele volta à sala, entrega as cervejas e diz:

— Usem porta-copos.

Os dois rapazes se sentam no sofá como alunos rebeldes no gabinete do diretor. Frank senta-se em sua poltrona, com a pistola no colo, e tira os sapatos molhados. Só me faltava essa, pensa, um resfriado. Começam as preliminares: “Como está seu pai? Seu tio? Mande lembranças para eles. O que os traz a San Diego?”

— Foi papai quem sugeriu — diz Mouse Júnior. — Disse que eu devia vir falar com você.

— Sobre o quê?

— Estou com um problema.

Você tem mais de um problema, pensa Frank. Você é burro, preguiçoso, mal-educado e descuidado. O que esse menino fez da vida? Um ano e meio de faculdade antes de largar tudo para “ajudar papai nos negócios”?

— Nós... — começa Mouse Júnior.

— Quem é *nós*? — pergunta Frank.

— Eu e Travis — explica Mouse Júnior — temos uma bela atividade no ramo da pornografia. A Golden Productions. Lucramos com metade da distribuição que sai do Vale.

Frank duvida. Basta ler os jornais para saber que o vale de San Fernando produz bilhões em pornografia todo ano, e esses garotos não parecem bilionários. Talvez, apenas talvez, tenham um braço em algumas operações, mas isso é tudo.

Ainda assim, é lucrativo. Quantas vezes Mike Pella tentou me convencer a investir no negócio de pornografia? E quantas vezes recusei? Primeiro, porque quando ainda era ilegal era um negócio de mafiosos. Segundo, como argumentou Frank: “Eu tenho uma *filha*, Mike.”

Mas, desde que a pornografia ficou comum, a maior parte do dinheiro que rende é estritamente legal. Você abre uma loja, ou investe em uma, como faria em qualquer outro negócio. Então o quê...

— Pirataria — explica Mouse Júnior. — Investimos no estúdio de modo a obter um bom original. Distribuimos um bocado de cópias no mercado legal, mas, para cada cópia legal que vendemos, pirateamos outras três.

Então, eles vendem uma cópia dos vídeos da empresa e três da sua, pensa Frank. Basicamente, eles enganam os sócios.

— É ainda mais fácil com DVDs — explica Travis. — Você pode produzi-los como panquecas. Os asiáticos não se cansam de louras com peitos grandes fodendo e chupando.

— Veja como fala — diz Frank. — Você está na minha casa.

Travis fica vermelho. Ele se esqueceu que J. o advertira que Frankie Machine não gosta de palavras chulas.

— Desculpe.

Frank volta-se para Mouse Júnior.

— Então, qual o seu problema?

— Detroit.

— Pode ser um pouco mais específico? — pergunta Frank.

— Uns sujeitos de Detroit — diz Mouse Júnior —, amigos nossos, fizeram um pouco de pornografia por aqui e, tudo bem, talvez eles tenham nos apresentado a algumas pessoas. Agora, acham que temos uma dívida com eles.

— E têm mesmo — diz Frank.

Ele conhece as regras.

Além disso, Detroit — também conhecida como “a Combinação” — sempre teve um pedaço de San Diego, desde os anos quarenta, quando Paul Moretti e Sal Tomenelli abriram alguns bares, restaurantes e clubes de striptease no centro da cidade. Nos anos sessenta, Paul e Tony traficaram muita heroína através desses lugares, mas, depois que Tomenelli foi assassinado, se estabeleceram no negócio de agiotagem, jogo, clubes de striptease, pornografia e prostituição.

De qualquer modo, tiravam a sua parte.

Devido ao prestígio de Moretti, seu genro, Joe Migliore, conseguiu se estabelecer em San Diego sem nunca ter de pagar ou dar satisfações a L.A. Era como se Detroit tivesse a própria colônia no Gaslamp District. Ainda tem: o filho de Joe, Teddy, continua sendo dono do Callahan’s, no Lamp, e administra os seus outros negócios na sala dos fundos.

— Se Detroit conseguiu esses contatos para vocês — diz Frank para Mouse Júnior —, então vocês devem a eles, *sim*.

— Mas não sessenta por cento — reclama Mouse Júnior. — Nós fazemos todo o trabalho: fazemos os vídeos, montamos os

depósitos, fazemos a pirataria, entramos no mercado asiático. Agora esses caras querem uma parte majoritária? De jeito *nenhum*.

— Quem é o sujeito?

— Vince Vena — responde Mouse Júnior.

— Você está brigando com Vince Vena? — pergunta Frank. — Você tem um problema mesmo, garoto.

Vince Vena é um sujeito da pesada.

Dizem por aí que acabou de ser eleito para o conselho diretor da Combinação. Não admira que Mouse Júnior esteja com medo. A família de L.A. nunca foi assim tão forte — costumava se curvar para Nova York, então para Chicago, e agora há um vazio de poder porque as famílias da Costa Leste estão acabando devido à idade avançada, desgaste e aos estatutos RICO, um grupo de leis federais aprovadas pelo Congresso dos Estados Unidos em 1970 para lidar com o crime organizado. Portanto, Detroit está se preparando para encampar o que sobrou na Costa Oeste, e em um dos poucos centros lucrativos que restaram. E faz sentido começar com o filho de Mouse, porque, se conseguirem, provarão que Mouse Sênior está tão enfraquecido pelas acusações do caso Goldstein que não tem força para proteger o próprio filho.

Se Vena conseguir extorquir sessenta por cento de Mouse Júnior, a família de L.A. pode bater as botas logo de uma vez. Por mim, tudo bem, pensa Frank. Nova York, Chicago, Detroit, é tudo a mesma coisa. Vão seguir os passos dos dinossauros, de qualquer maneira. Não importa quem apaga a luz. Fica escuro do mesmo jeito.

— Por que me procuraram? — pergunta Frank, embora saiba a resposta.

— Porque você é Frankie Machine — diz Mouse Júnior.

— O que *isso* significa?

Significa, explica Mouse Júnior, que eles agendaram uma reunião com Vena para selar um acordo.

— Faça isso — ordena Frank. — Se Vena pediu sessenta por cento, vai aceitar quarenta, talvez até trinta e cinco. Você dá uma fatia do bolo para ele, então batalha para conseguir um bolo maior, só isso. Há bastante para todos.

Mouse Júnior balança a cabeça.

— Se não dermos um basta nisso agora...

— Se você der um basta agora — diz Frank —, começa uma guerra com Detroit.

E deixe que eu lhe diga algo que o seu velho já sabe, garoto. Você não tem tropas suficientes. Mas Mouse Júnior é jovem demais para saber disso. Muita testosterona no sistema.

Mouse Júnior diz:

— Não vou negociar com esse cara.

— Então não negocie — diz Frank.

Não é problema meu.

Estou aposentado.

— Cinquenta mil — oferece Mouse Júnior.

Muita grana, *de fato*, pensa Frank. Deve haver mais dinheiro nesse negócio de pornografia do que eu pensava. Isso mostra que têm recursos, mas também mostra quão fracos estão. Geralmente você não paga em dinheiro para que essas coisas sejam feitas — você entrega o caso a um de seus soldados em troca de algum negócio futuro ou, talvez, matando-o em seguida.

Mas não sobraram muitos soldados em L.A. Não bons soldados, em todo caso, que possam fazer esse tipo de serviço.

Cinquenta mil é muito dinheiro. Bem investido, pagaria um bocado de mensalidades universitárias.

— Vou ter de recusar — informa Frank.

— Papai falou que talvez você recusasse — diz Mouse Júnior.

— Seu pai é um homem sábio.

Na verdade, é um babaca, mas enfim...

— Ele me disse para dizer a você que vai considerar isso um favor pessoal, uma questão de lealdade — acrescenta Mouse Júnior.

— Ou seja?

Frank vai fazer com que ele diga.

— Com tudo o que está acontecendo em Vegas — diz Mouse Júnior, a voz ligeiramente trêmula, assustada. — O caso Goldstein... Papai gostaria de se certificar de que você está, você sabe, do nosso lado.

Então, aí está, pensa Frank. Dois coelhos de uma tacada só. Mouse Sênior resolve o seu problema com Detroit e consegue uma apólice de seguro de meu silêncio no caso Goldstein, porque não posso procurar a polícia com um presunto fresco em mãos. E se eu não resolver o caso Vena, me torno suspeito de traição. Daí, ou aceito lidar com Vena ou fico na mira. Mas, se Mouse Sênior não tem soldados para pegar Vince por conta própria, por que acha que tem recursos para *me* pegar? Ninguém no Clube do Mickey Mouse tem a habilidade ou a coragem para tanto.

Quem ele poderia enviar?

Teria de procurar fora da família. Nova York, talvez na Flórida, talvez até recorresse aos mexicanos.

Ele poderia conseguir.

Isso é um problema.

— Seguinte: vou tirar Vena do seu caminho, de um jeito ou de outro — diz Frank. — Marque um encontro com ele. Irei junto. Se eu estiver lá, ele será mais razoável. Senão...

Frank para por aí. O resto é óbvio.

Travis gosta da ideia.

— Isso vai funcionar, J. — diz ele. — Quando Vena souber que temos *o Frankie Machine* do nosso lado, vai se cagar nas calças.

— Não, não vai — diz Frank. — Mas será mais razoável na negociação. — Ele se volta para Mouse Júnior. — Você não quer uma guerra se puder evitá-la, garoto. Já vi guerras. A paz é melhor.

Algo que você vai entender quando ficar mais velho, pensa Frank, se não for morto antes disso. Os jovens sempre querem provar quão durões eles são. É o tal negócio da testosterona. Os mais velhos veem a beleza da concessão. E poupam a testosterona para coisas melhores.

Mouse Júnior reflete. A julgar pela expressão de seu rosto, aparentemente é um processo exaustivo. Então pergunta:

— E quanto aos cinquenta mil?

— Os cinquenta mil serão pela solução do seu problema — diz Frank. — De um modo ou de outro.

— Metade agora — explica Mouse Júnior. — E a outra metade quando o trabalho estiver feito.

Frank nega com a cabeça.

— Quero tudo adiantado.

— Isso é sem precedentes.

— *Isso aqui é que é sem precedentes.*

Ou seja: eles o abordarem diretamente. O protocolo dita que eles deveriam ter passado por Mike Pella, o *capo* que sobrou em San Diego, que por sua vez receberia uma taxa pela indicação.

Seria bom conversar com Mike sobre esse negócio do Vena, saber o que ele acha. Mike Pella é um mafioso das antigas, um dos últimos de uma espécie em extinção. Ele e Frank são próximos há muito tempo. Mike tem sido seu amigo, confidente, sócio e capitão. Mike poderia lhe dar um quadro geral do terreno, mantendo-o longe das minas terrestres.

Mas Mike, com seu instinto de sobrevivência, anda sumido desde que o caso Goldstein voltou à tona.

Bom para você, Mike.

Fique por aí.

— Dois terços, um terço — diz Mouse Júnior.

— Não estou *negociando* com você, garoto — afirma Frank. — Já lhe disse as condições sob as quais trabalho. Se valer a pena para você, ótimo. Se não, ótimo também.

O dinheiro está no Hummer.

Mouse Júnior manda Travis ir buscá-lo. Ele volta com uma pasta com cinquenta mil em notas usadas, não sequenciais.

— Bem que papai *disse* que você ia querer tudo adiantado — diz Mouse Júnior, sorrindo.

— Então por que estava enchendo o saco? — pergunta Frank.

Porque você é um idiota metido a esperto, pensa Frank, tentando provar quão forte e inteligente é. E você não é nenhum dos dois. Se fosse esperto, não teria se metido nessa situação. Se fosse forte, cuidaria dela pessoalmente.

— São apenas negócios — diz Mouse Júnior. — Nada pessoal.

Frank queria ganhar dez centavos toda vez que escutava aquela frase. Os mafiosos a ouviram no primeiro *O Poderoso Chefão* e gostaram. Agora todos a usam. O mesmo se aplica ao termo *chefão*. Até o filme sair, Frank nunca ouvira a palavra naquele

contexto. O chefe era apenas “chefe”. Eram bons filmes e tudo — bem, *dois* deles eram bons —, mas nada tinham a ver com a máfia, ao menos não com a máfia que Frank conhecia.

Talvez seja apenas um negócio da Costa Oeste, pensa. Nunca fomos chegados à toda aquela coisa “siciliana” pesada.

Ou talvez faça calor demais por aqui para usarmos todos aqueles chapéus e sobretudos.

— Sr. Machine? — chama Travis.

Frank olha feio para ele.

— Sr. Machianno, quero dizer — diz Travis. — Há mais uma coisa.

— O quê?

— A reunião será hoje à noite — responde Mouse Júnior.

— Hoje à noite? — pergunta Frank.

Já passa da meia-noite. Ele tem de acordar daqui a três horas e quarenta e cinco minutos.

— Hoje à noite.

Frank suspira.

Dá muito trabalho ser eu.

## 8

Mouse Júnior lhe entrega um celular.

— Está em discagem automática — diz ele, apertando o botão.

Vena só atende no quinto toque.

— Alô? — Sua voz soa como se ele tivesse sido acordado pelo telefone.

— Vince? Aqui é Frank Machianno.

Há uma longa pausa, que é o que Frank esperava. A mente de Vince deve estar a mil, pensa, imaginando por que Frankie Machine está ao telefone, como conseguiu o seu número e o que ele quer.

— Frankie! Quanto tempo!

— Tempo demais — mente Frank.

Ele ficaria muito feliz se nunca mais tivesse de falar com Vince Vena. Ele conheceu Vince nos velhos tempos, nos anos oitenta, quando Vegas era território aberto e o parque de diversões de todo mundo. Vince frequentava o Stardust, quase uma mobília da casa. Quando não estava na mesa de blackjack, estava assistindo aos shows dos comediantes e então enchia o saco de todo mundo repetindo as piadas que ouviu. Vince gostava de pensar que fazia uma ótima imitação de Dangerfield, o que não era verdade, embora, infelizmente, isso nunca o tenha impedido de tentar.

Pobre Rodney, pensa Frank agora. Aquele era um sujeito realmente engraçado.

— Ei, Vince — diz Frank. — Esse negócio com Mouse Jú... com o filho do Pete.

— J. — diz prontamente Mouse Júnior.

A voz de Vince soa irritada.

— O que foi? O Mouse Babaca Júnior andou choramingando para você?

— Ele me procurou.

Frank escolhe essas palavras deliberadamente, porque têm um significado específico: *agora estou envolvido. Você está lidando comigo.*

Vince entende.

— Não sabia que você tava no ramo de DVDs, Frank. Se soubesse, teria te procurado logo de cara. Não tive intenção de

ofender, hein?

— Não estou no ramo, Vince. É só que, bem, se o filho do chefe me procura, o que posso fazer?

— O chefe? — Vince ri, então cantarola: — “Quem é o líder do clube feito para mim e para você? M-I-C-K-E-Y M-O-U-S-E.”

— Enfim — diz Frank —, vou participar da reunião se você não se importar.

Ou mesmo que você se importe.

— Esses garotos... — continua Frank. — Eles não sabem o que é certo. — Ele olha para os dois idiotas sentados diante dele, que baixam a cabeça. — Mas você e eu, estou certo de que podemos resolver isso.

Ele está certo de que podem. O que ele vai fazer é tirar dez mil dos cinquenta como um gesto de boa vontade, então convencer Vince a baixar a sua parte no negócio a uns quinze por cento. É uma oferta justa que Vince deve aceitar. Senão, Mouse Sênior estará em posição de se queixar de Vena com Detroit, pôr ele na linha. E se nada disso funcionar...

Frank nem quer pensar nessa hipótese.

Vai funcionar.

— Topo o que for o certo, Frankie — diz Vince.

O que significa que ele será razoável, pensa Frank.

— Vejo você daqui a pouco, Vince.

— Me dê meia hora. Eu e essa mina tamos aqui fazendo umas ondas se é que você me entende.

— Não entendo, não — responde Frank. E quem fala “mina” atualmente?

— O Mouse Babaca Júnior não te disse? — pergunta Vince. — Estou em um barco. Aqui em San Diego.

— Um barco?

— Lancha de cruzeiro — diz Vince. — Eu aluguei.

— Estamos no *inverno*, Vince.

— Um amigo nosso me fez um preço legal.

Típico de um mafioso, pensa Frank. Desde que pense que está fazendo um bom negócio, ele topa. Então, temos um extorsionário barato em um barco que ele não pode usar por causa da chuva.

Típico.

Ele sabe o que vem em seguida.

Vince não o decepciona.

— Então, se o barco estiver balançando, não venha entrando.

— Terminem a cerveja — diz Frank. — E depois vamos acertar isso.

Ele vai até a cozinha, abre uma gaveta e tira dali um envelope. Então, volta à sala de estar, tira dez mil dos cinquenta, enfia no envelope e guarda-o no bolso do casaco.

— O que está fazendo? — pergunta Mouse Júnior.

— Seus pais não lhe ensinaram boas maneiras? — retruca Frank.

— Você nunca vai para a casa de alguém de mãos vazias.

Dentro do mesmo espírito, ele verifica e carrega o .38 e o mete na parte de trás da cintura da calça, debaixo do casaco. Ele olha para os garotos.

— Estão armados?

— Claro.

— Certamente.

— Deixem as armas no carro — diz Frank.

Quando começam a objetar, ele diz:

— Se algo der errado, o que não estou esperando, mas pode acontecer, a última coisa que eu quero é um de vocês estourando

os meus miolos sem querer. Se der merda, vocês se joguem no chão e fiquem ali até tudo voltar a ficar tranquilo e vocês me ouvirem mandar que se levantem. Se não me ouvirem mandando vocês levantarem, é porque estão mortos, e daí não fará qualquer diferença. E deixem que *eu* falo. *Capisce?*

— Entendido.

— Certamente.

— E pare de dizer “certamente” — diz Frank para Travis. — Me dá nos nervos.

— Certam...

— Iremos no seu carro — diz Frank para Mouse Júnior. Não vou gastar a *minha* gasolina, pensa, ao preço que anda atualmente.

\* \* \*

Mesmo na chuva, Frank adora a vista do porto de San Diego.

As luzes dos arranha-céus do centro da cidade produzem reflexos vermelhos e verdes na água e, no horizonte, as luzes da Coronado Bay Bridge brilham no céu noturno como diamantes em um colar no pescoço de uma mulher elegante.

A chuva só faz tudo brilhar ainda mais.

Ele ama esta cidade.

Sempre amou.

Eles não têm dificuldade em encontrar lugar para estacionar nem a vaga onde a lancha de cruzeiro de Vena está atracada. Descendo o cais flutuante, Frank recorda:

— Lembrem-se, deixem tudo comigo.

— Mas podemos ajudar — diz Mouse Júnior.

— Se tudo der para trás — esclarece Travis.

— Não me ajudem — fala Frank.

Onde aprendem a falar assim? No cinema, creio eu, ou na televisão. De qualquer modo, a única coisa que vai “dar para trás” é a porcentagem de Vena, que vai baixar dez pontos automaticamente apenas pelo fato de eu estar ali. Ele sabe qual vai ser a jogada de Vena: tentar pegar Frank sozinho e dizer que, se ele convencer Mouse Júnior a abrir mão de quarenta pontos, dará cinco para Frank.

E eu recusarei a oferta porque é um filho do chefe, o que Vince vai compreender; então, passaremos à verdadeira *hondeling*, à verdadeira negociação. Outra palavra que Herbie me ensinou, que descanse em paz.

Ele encontra o barco, o *Becky Lynn*. O nome conta toda a história: dois sujeitos finalmente conseguem permissão das esposas para rachar a compra de um barco e o batizam com o nome das duas mulheres para que não fiquem enciumadas. Não uma da outra, mas do barco.

O que nunca funciona, pensa Frank.

Mulheres e barcos não se misturam, como...

Mulheres e barcos.

Ele embarca pelo convés de ré. A cabina está toda fechada por causa da chuva, mas as luzes estão acesas e Frank ouve música vindo lá de dentro.

— Ó de bordo! — grita, porque não consegue resistir.

A porta se abre e a cara feia de Vince Vena aparece. Vince nunca foi um sujeito bonito. Tem um rosto magro com velhas cicatrizes de acne e seus olhos são muito juntos um do outro. Ele segura o colarinho da camisa, dá um puxão e diz *à la* Rodney:

— Minha mulher e eu fomos muito felizes durante vinte anos...

Então nos conhecemos, pensa Frank.

— Então nos conhecemos — diz Vince. E ri. — Saia da chuva, Frank. Prove que estão todos errados a respeito do que dizem sobre você.

Vince volta para dentro da cabina e deixa a porta aberta.

Frank entra, a porta se fecha, e ele sente o garrote ao redor do pescoço, começando a cortar a sua garganta, antes que possa erguer as mãos. O que é bom, porque o instinto da pessoa costuma ser o de tentar introduzi-las entre o fio e a garganta, e essa é a última coisa que você deve fazer: só vai acabar tendo os dedos cortados com a traqueia.

O sujeito é enorme. Frank pode sentir sua altura e volume e sabe que não o vencerá na base da força. Então, ele joga as mãos para trás e enfia os dedos nos olhos de seu agressor, o que não o faz soltá-lo, mas o faz conter a respiração, e Frank usa esse segundo para se agachar, segurar o pulso do sujeito, rodar e jogá-lo de costas no chão.

Seu pretenso estrangulador tomba com um estrondo sobre a pequena mesa de jantar e Frank continua a rolar, protegendo o corpo sob a mesa bem no momento em que Vince puxa uma pistola e se agacha para atirar nele.

A arma de Frank surge em um único movimento fluido. Tudo o que pode ver são as pernas de Vena, de modo que mira em um ponto mais acima e dispara duas vezes, então vê as pernas de Vince cambalearem para trás e cair contra a divisória, e ouve Vince gritar:

— Ah, merda! Ah, merda!

Frank fecha os olhos e dispara três vezes contra o fundo da mesa. Lascas de compensado atingem o seu rosto, e então tudo fica em

silêncio. Frank abre os olhos e vê sangue pingando.

Ele fica embaixo da mesa para o caso de haver um terceiro cara.

Ele ouve alguém correndo no cais, dois pares de pés dando o fora dali, e entende que são Mouse Júnior e Travis.

Certamente.

Frank se obriga a esperar trinta segundos antes de sair de debaixo da mesa.

O pretenso estrangulador está morto, dois buracos de bala e um bocado de lascas de compensado na cara. E o sujeito é imenso, uns cento e oitenta quilos, fácil. Frank verifica o que restou de seu rosto. Ele o reconhece de algum lugar, mas não se lembra de onde.

Vince ainda respira, sentado de costas contra a divisória, suas mãos tentando segurar as tripas.

Frank se agacha ao lado dele.

— Vince, quem mandou você?

Os olhos de Vince voltam-se para o vazio. Frank já viu essa expressão antes. Vince não vai sair dessa. Quer esteja olhando para a luz branca ou qualquer outra coisa, ele já pagou a conta *deste* motel, e seja lá que som esteja ouvindo agora, certamente não é a voz de Frank.

Mas Frank tenta outra vez:

— Vince, quem *mandou* você?

Nada.

Frank leva o cano da pistola até o coração de Vince e puxa o gatilho. Então ele se senta para recuperar o fôlego, surpreso e furioso por estar ofegante. Ele se obriga a inspirar profundamente algumas vezes para diminuir os batimentos cardíacos.

Leva um minuto.

Você não está ficando mais jovem, pensa. E por pouco para de ficar *mais velho* também. E não merece mesmo a chance de envelhecer, sendo tão idiota e descuidado.

Deixando um moleque imbecil como Mouse Júnior armar contra você.

E foi o que ele fez. Como os jovens dizem atualmente? Ele fez uma "jogada" com você. Mexeu com o seu ego e o enganou.

Frank levanta e lança um olhar demorado para o sujeito morto sobre a mesa.

O fio do garrote ainda está em sua mão. Esse negócio de usar garrote, pensa Frank, é coisa das antigas. Mas provavelmente não queriam arriscar o barulho de uma arma de fogo a não ser que fossem obrigados. Então, por que não usar um silenciador? A não ser que a intenção do garrote fosse tornar a execução mais lenta e dolorosa. Nesse caso, o atentado seria algo *pessoal*.

Mas quem teria esse tipo de bronca comigo?, Frank se pergunta.

Fala sério, diz para si mesmo, a lista é longa.

Frank liga o motor. Então sai da cabina e solta as amarras do barco. A sorte é que os barcos ao lado estão vazios, lacrados para o inverno. Ele volta a entrar, deixa os motores esquentarem, então afasta o barco do cais.

Ele navega através do canal e sai ao mar.

As ondas estão agitadas e o vento que vem da tempestade insiste em empurrar o barco de volta ao litoral.

Mesmo assim Frank avança uns vinte quilômetros pelo oceano. Ele pescou nessas águas centenas de vezes quando era criança. Conhece cada corrente e canal e sabe exatamente onde jogar os corpos para que, caso venham dar à costa, isso ocorra no México.

Os *federales* pensarão que foi um negócio de drogas que deu errado e passarão uns dois minutos tentando resolver o caso.

Ainda assim, está um inferno aqui hoje à noite, com o vento, a chuva e as ondas, e o maior medo de Frank é topar com um barco da Guarda Costeira que o pare para saber que tipo de idiota sai de barco em uma noite como essa.

Vou me fazer de idiota, pensa Frank.

O que não será difícil, em vista dos acontecimentos desta noite.

O pescoço dele está doendo por causa do arame. Mas a dor é uma coisa boa, pensa ele, uma vez que normalmente não deveria estar sentindo mais nada à essa altura.

Só pode ter sido Mouse Sênior, pensa, se certificando de que eu não o denunciarei como mandante da morte de Goldstein.

Não pense nisso agora, diz para si mesmo.

Cuide de uma coisa de cada vez.

Ele encontra a corrente marítima que estava procurando, joga a âncora e desliga as luzes.

Dá muito trabalho jogar dois corpos no mar. Daí a expressão *peso morto*, pensa ele ao passar os braços por baixo do corpo de Vince e arrastá-lo até o convés de ré. Por sorte, é um barco de pesca esportiva com um degrau na popa, de modo que não tem de erguê-lo sobre a amurada, apenas arrastá-lo até a popa e jogá-lo ao mar.

O outro sujeito é um problema maior, literalmente, e Frank demora uns bons dez minutos para arrastá-lo até o convés e depois se abaixa atrás dele para empurrar o corpo na água.

E agora?, pensa Frank.

Você precisa ficar fora do radar durante algum tempo, até descobrir quem o quer morto, e por que, e o que fazer a respeito disso. Você não pode apenas levar o barco encharcado de sangue de volta ao cais e ir embora, porque você não sabe quem pode estar esperando por você lá. A *melhor* opção seria procurar a polícia, e esta simplesmente não é uma opção. Ninguém vai acreditar que "Frankie Machine" matou dois mafiosos em legítima defesa.

Então...

Ele volta à cabina e olha em torno. Dá sorte ao descobrir um armário onde encontra equipamento de mergulho, tanques e, debaixo de tudo isso, uma milagrosa roupa de mergulho que deve caber nele. Ele se despe e veste a roupa de mergulho, que é muito apertada. Mas é melhor ser apertada que frouxa, pensa Frank. Então, enfia as suas roupas, uma toalha, o envelope com os dez mil dólares e a arma de Vince em um saco impermeável. Ele limpa a própria arma e, relutante, a joga ao mar. Vai sentir falta do .38, mas é a arma do assassinato, ao menos aos olhos preconceituosos da lei.

Frank traz o barco de volta para perto do litoral, levando-o a uns quinhentos metros da costa, e então desliga o motor. Ele volta a roda do leme novamente em direção ao mar aberto, trava-a nessa posição, volta a ligar o motor, amarra o saco impermeável no tornozelo e se atira na água.

A água está gelada, mesmo com a roupa de mergulho, e é um choque térmico para sua cabeça descoberta. Quinhentos metros é um longo trajeto para se nadar nessas condições, e seu plano é começar lentamente e então ir parando. Ele sabe exatamente onde está, no entanto, e se coloca em uma corrente que o levará até a ponta de Ocean Beach ao longo de Rockslide. O truque será atravessar a arrebentação sem ser jogado contra as pedras, de modo que ele nada lentamente e deixa a correnteza fazer o resto do trabalho.

Frank é um ótimo nadador que se sente mais do que à vontade no mar, mesmo à noite, na água gelada. Ele permanece na corrente, voltado para as luzes da costa e só começa a nadar mais rápido quando ouve o ruído da arrebentação.

Vai ser difícil, e ele não pode se deixar arrastar para o sul de Rockslide, porque a próxima parada fica no México. Então ele nada para fora da corrente, baixa a cabeça e começa a fazer um crawl australiano vigoroso em direção à arrebentação. Ele sente uma onda erguê-lo e empurrá-lo em direção à praia, o que é bom, mas então a onda aumenta de velocidade levando-o bem em direção às pedras, e não há nada que ele possa fazer a não ser contar com a própria sorte.

Que lhe sorri.

A onda quebra a uns bons vinte metros das pedras, de modo que ele consegue ficar de pé e caminhar o resto do percurso. Ele fica de quatro e engatinha pelas rochas escorregadias até a margem.

O ar parece mais frio do que a água por causa do vento e da chuva, e ele rapidamente despe o traje impermeável, se seca, e volta a vestir as suas roupas. Então, enfia o traje impermeável no saco e começa a andar.

Mas não para casa.

Quem quer que tenha tentado matá-lo tentará novamente, *terá* de tentar novamente, e sua única vantagem é que Mouse Júnior e seu amiguinho terão voltado dizendo, inevitavelmente: “Frankie Machine está dormindo com os peixes.”

Que bom, isso me dará algum tempo. Algumas horas, no máximo, porque quando não receberem o telefonema de Vena dizendo que “está feito”, começarão a se fazer perguntas. Se forem minimamente inteligentes — e você tem de parar de subestimá-los — pensarão no pior.

Ainda assim, isso me dá uma estreita janela de tempo para sumir do radar.

Todo matador profissional prudente tem um esconderijo, e Frank é muito prudente. O seu é um apartamento vazio na Narragansett Street, uma pequena unidade mobiliada no segundo andar de uma casa que fica a dez minutos de caminhada de onde ele está. O lugar tem uma entrada independente no topo de uma escada de fundos. Ele o comprou há vinte anos, quando os imóveis ainda eram bem baratos, preparou-o para ser alugado, mas nunca o alugou. Apenas ia até lá de tempos em tempos para verificar como estava tudo, e só ficava alguns minutos no apartamento após se certificar de que não estava sendo seguido.

Ninguém mais sabe da existência desse lugar. Nem Patty, nem Donna, nem Jill.

Nem mesmo Mike Pella.

Frank anda até lá e entra no apartamento.

A primeira coisa que faz é tomar um banho.

Ele fica sob o jato d’água por um longo tempo, trêmulo a princípio, até a água morna enfim aquecê-lo. Demora um pouco,

porque ele está gelado até os ossos. Ele sai do chuveiro com relutância, se enxuga vigorosamente, então veste um pesado robe atoalhado e volta ao quarto/sala/cozinha, onde abre a última gaveta de uma cômoda, pega uma casaco e uma calça de moletom e os veste. Então, vai até o armário e abre um pequeno cofre embutido no chão, atrás de alguns casacos e jaquetas.

Dentro do cofre encontra seu “kit paraquedas” — uma carteira de motorista do Arizona, um cartão American Express Gold e um Visa Gold, todos sob o nome de Jerry Sabellico. Todo mês ou quase, ele faz uma compra por telefone com os cartões para mantê-los válidos, e os paga com cheques de uma conta bancária em nome de Sabellico. Há também dez mil dólares em notas usadas e não sequenciais.

E um Smith & Wesson .38 novo e limpo, com munição extra.

Ele estica a mão até um alçapão que se abre para um sótão de teto baixo. Ele tateia em torno e logo encontra o que procura, um estojo que abriga uma escopeta Beretta SL-2 calibre doze com um cano serrado de trinta e cinco centímetros.

Agora você precisa mesmo dormir, pensa.

Um corpo cansado e uma mente confusa de exaustão podem matá-lo. Você precisa pensar e agir com clareza, de modo que o passo seguinte é ir para a cama e dormir. É uma questão de força de vontade, desligar a paranoia, pensar racionalmente e saber que está em segurança ali. Um amador ficaria acordado a noite inteira, atento a cada ruído, ouvindo sons que não existem.

Ele caçou gente o bastante para saber que as suas próprias mentes podem ser os seus piores inimigos. Começam a ver coisas que não estão ali e, então, pior, a não ver coisas que de fato estão. Eles se preocupam sem parar e se moem por dentro até que,

quando você os encontra, ficam quase gratos. A essa altura, já foram mortos tantas vezes em suas mentes que a verdadeira morte é um alívio.

Então ele vai para a cama, fecha os olhos e adormece em uns dez segundos.

Não é difícil. Ele está exausto.

Dorme onze horas seguidas e acorda se sentindo descansado, embora seus braços estejam doloridos por ter nadado tanto. Prepara um pouco de café — apenas café moído barato em uma cafeteira automática — e de café da manhã come um par de barras de granola que ele guardou como um mórmon.

O apartamento tem uma pequena janela, voltada para o oeste, e a chuva açoita a vidraça. Frank se senta junto a uma mesinha barata e começa a pensar no problema.

Quem me quer morto?

Mike, onde você está? Você saberia me dizer o que está acontecendo.

Mas Mike não está por perto. Talvez Mike também esteja morto, porque ele e Frank fizeram muitos trabalhos juntos. Juntos, apagaram muita gente.

Frank começa pelo começo.

Sua primeira execução foi a de um sujeito que já estava morto.

Essa era a parte estranha. Bem, a coisa toda era estranha, pensa Frank agora, olhando para a chuva que cai lá fora.

Aquele negócio com a mulher do Momo.

Marie Anselmo era uma gostosura de parar o trânsito.

Era como a definiríamos em 1963, pensa Frank. Hoje em dia, a garotada abreviou isso para apenas “gostosa”, mas a ideia é a mesma.

Marie Anselmo era gostosa e miúda. *Petite*, mas com um belo par de peitos apertados naquela blusa e um par de pernas bem torneadas que faziam os olhos de dezenove anos de Frank subirem até uma bunda que lhe causava uma ereção imediata. Não que *isso* fosse difícil, lembra Frank. Quando se tem dezenove anos, qualquer coisa deixa você duro.

— Eu ficava de pau duro indo para a escola de manhã — contou para Donna certa vez. — Só de balançar no carro. Durante dois anos, tive um caso com um Buick '57.

É, mas Marie Anselmo não era nenhum Buick. Era um puro Thunderbird, com aquele corpo, aqueles olhos escuros e aqueles lábios carnudos. E aquela voz, aquela voz rouca de vem-me-comer que fazia Frank subir pelas paredes, mesmo se ela estivesse apenas lhe dizendo aonde ir com o carro.

Que era praticamente tudo o que Marie dizia para Frank, cujo trabalho nessa época era levá-la de um lado para outro no carro de Momo, já que o sujeito estava sempre ocupado demais recolhendo o dinheiro que tinha nas ruas ou administrando a sua casa de jogos para ter tempo de levar a mulher para fazer compras, ao cabeleireiro, ao dentista ou aonde fosse.

Marie não gostava de ficar em casa.

— Não sou uma esposa-cobaia padrão — disse para Frank certo dia, quando ele já dirigia para ela havia uns dois meses —, que vai ficar em casa, parir bebês e preparar macarrão. Gosto de sair.

Frank não respondeu.

Primeiro porque ele estava com uma ereção que podia cortar uma pedra, de modo que a maior parte do sangue de seu corpo não estava concentrada na parte responsável pela fala. E segundo porque ele também queria *manter* o sangue dentro de seu corpo, o que poderia ser um problema caso ele começasse a discutir qualquer coisa de natureza pessoal com a mulher de um mafioso.

Isso era algo que não se fazia, mesmo na cultura mafiosa mais que liberal de San Diego, onde mal havia uma máfia.

Em vez disso, ele disse:

— Vamos ao Ralph's, Sra. A.?

Sabia que iam, embora Marie não estivesse vestida como a maioria das mulheres que vão ao supermercado. Naquele dia, Marie usava um vestido apertado com os três botões de cima abertos, meias pretas e um colar de pérolas ao redor do pescoço que chamava a atenção diretamente para o seu decote. Como se o decote não pudesse fazer isso sozinho, pensou Frank ao lançar um olhar e se perguntar se ela estava usando um sutiã preto sob aquele vestido. Quando ele estacionou no pátio do Ralph's e desligou o motor, a saia de Marie subiu alguns centímetros enquanto ela saía do carro e ele pôde ver de relance aquelas coxas brancas contra as meias pretas.

Ela puxou a saia para baixo e sorriu para ele.

— Fique de olho em mim — ordenou.

Com certeza vai ser uma longa luta com Patty hoje à noite no estacionamento de Ocean Beach, pensou. Ele estava saindo com Patty havia quase um ano àquela altura, e o máximo que conseguia era acariciar um de seus seios sobre a blusa se fingisse ser um toque accidental. Patty também tinha um belo par, mas seu sutiã era

como uma fortaleza, e, no que dizia respeito às partes mais lá *embaixo*, pode esquecer, não ia acontecer.

Patty era uma boa menina italiana, uma boa católica, de modo que ela só embaçava as janelas do carro beijando-o de língua porque estavam firmes havia um ano, mas isso era tudo, embora ela tenha dito que gostaria de lhe dar a punheta pela qual ele vinha implorando.

— Minhas bolas estão roxas — disse para ela. — Estão doendo.

— Quando noivarmos — respondeu ela —, eu bato uma punheta pra você.

Mas essa vai ser uma longa noite, pensou Frank enquanto observava a bunda da Sra. A. rebolando pelo estacionamento. Como um sujeito feio como Momo Anselmo conseguira *aquilo* era uma pergunta para a posteridade.

Momo era um sujeito magrelo e meio curvado com uma cara de cachorro. Então Marie certamente não tinha se apaixonado pela sua aparência. E não podia ter sido pelo dinheiro. Momo estava se saindo bem, mas não *muito* bem. Tinha uma casinha legal e tudo, o inevitável Cadillac de todo mafioso e dinheiro bastante para esbanjar por aí, mas Momo não era um Johnny Roselli ou mesmo um Jimmy Forliano. Momo era um sujeito importante em San Diego, mas todos sabiam que, na verdade, San Diego era administrada por L.A., e Momo tinha de prestar contas a Jack Drina, embora corresse o boato de que o chefe de L.A. estava morrendo de câncer.

Mas Frank gostava muito de Momo, motivo pelo qual ele se sentia um pouco mal por desejar a mulher do sujeito. Momo estava lhe dando uma chance, deixando-o entrar no círculo, mesmo que fosse como um moleque de recados, mas esse era o modo como a maioria das pessoas entrava. Por isso, Frank não se importava em

sair para comprar café e rosquinhas, ou cigarros, ou lavar o Cadillac de Momo, ou mesmo em levar a mulher dele ao supermercado. Ao menos não precisava entrar com ela para empurrar o carrinho — não se esperava isso nem mesmo de um mafioso aprendiz — de modo que ele podia ficar esperando no carro, ouvindo o rádio. Embora Momo reclamasse que isso arriava a bateria, Momo não precisava saber.

Isso era muito melhor do que trabalhar que nem um doido nos barcos de pesca de atum, que era o que ele estaria fazendo se Momo não lhe tivesse dado uma chance. Aquilo era o que fazia o pai de Frank, e o que haviam feito o *seu avô*, e o seu bisavô. Os italianos vieram para San Diego e tomaram o mercado de pesca de atum dos chineses, e isso era o que a maioria deles ainda fazia, e o que Frank fizera desde que ficou grande o bastante para escavar iscas.

Trabalhava no barco de pesca antes de o sol nascer, com frio e molhado, metido no fosso de iscas ou, pior, limpando os embornais. Quando cresceu mais um pouco, foi promovido a trabalhar na rede, e, quando seu velho percebeu que ele podia usar uma faca sem cortar a mão fora, começou a limpar peixe, e quando ele reclamou de quão nojento e imundo era aquilo, seu pai lhe disse que era por isso que ele devia terminar o curso secundário.

Foi o que Frank fez. Ele tirou o seu diploma, mas o que fazer em seguida? Suas escolhas pareciam ser os fuzileiros navais ou a frota de atum. Ele não queria continuar trabalhando nos barcos de pesca de atum ou ter a cabeça raspada em um campo de treinamento de recrutas. O que ele realmente queria era andar pela praia, surfar, dirigir para cima e para baixo pela PCH, tentar perder a virgindade e surfar mais um pouco.

E por que diabos não fazer isso? Era o que os jovens faziam em San Diego naquela época. Surfar com os amigos, dirigir pelo litoral e caçar garotas.

Apenas mais um sujeito tentando curtir uma vida boa.

O que não tinha nada a ver com os barcos de atum e os fuzileiros navais e, sim, com Momo.

O velho não gostou daquilo.

Claro que não. O velho era das antigas. Você arranja um emprego, trabalha pesado, se casa e sustenta a sua família, fim da história. E embora não houvesse muitos mafiosos em San Diego, o velho não gostava muito dos que estavam lá, incluindo Momo.

— Eles nos trazem má fama — afirmou.

E foi tudo o que disse, porque o que ele *podia* dizer? Frank sabia muito bem por que seu pai conseguia um preço justo dos compradores de peixe, por que sua pesca era descarregada ainda fresca, e por que os caminhoneiros levavam os seus peixes direto para os mercados. Se não fosse pelos Momos do mundo, os bons, honestos e trabalhadores membros da comunidade comercial foderiam com a comunidade de pescadores italianos como a uma prostituta de dois dólares em um cabaré em Tijuana. Pergunte o que aconteceu com os estivadores desta cidade quando tentaram obter um salário decente e organizar um sindicato sem ter os mafiosos a apoiá-los. Os tiras os espancaram e os balearam até o sangue correr na Twelfth Street, como um rio para o mar. Foi isso o que aconteceu. Mas o mesmo não ocorreu com os italianos, e não foi porque trabalhavam duro (o que de fato faziam) para sustentar suas famílias.

Então quando Frank começou a passar menos tempo no barco e não se alistou como fuzileiro naval, preferindo em vez disso fechar

com Momo, o velho encencou um pouco, mas acabou ficando quieto. Frank estava ganhando dinheiro, pagando casa e comida, e o velho não queria realmente saber dos detalhes.

Na verdade, os detalhes eram bastante tediosos.

Até acontecer aquilo com a mulher de Momo.

Começou bem.

Frank estava relaxando certo dia quando Momo saiu e disse para ele lavar e encerar o Cadillac porque iriam à estação de trem para buscar um visitante especial.

— Quem, o Papa? — perguntou Frank, porque ele se achava um sujeito engraçado naquela época.

— Melhor — disse Momo. — O chefe.

— DeSanto?

O velho Jack Drina finalmente morrera, e o novo chefe, Al DeSanto, tomara o seu lugar em L.A.

— Sr. DeSanto para você — respondeu Momo —, caso você venha a dizer qualquer coisa, o que não deve fazer a não ser que ele lhe pergunte algo diretamente. Mas, sim, o novo rei está vindo para cá para visitar as províncias.

Frank não sabia muito bem o que Momo queria dizer com aquilo, mas percebeu certo tom de voz e também não soube muito bem o que aquilo queria dizer.

— Caramba, vou dirigir para o chefe?

— Você vai encerar o carro para mim, para que *eu* dirija para ele — disse Momo. — Vou levá-lo ao restaurante. Então você vai buscar Marie e a levará até lá, depois.

Depois de terem tratado dos negócios, sabia Frank.

— E se vista direito — acrescentou Momo. — Não como um surfista vagabundo.

Frank se arrumou. Primeiro, poliu o carro até deixá-lo brilhando como um diamante negro; então foi para casa, tomou banho, esfregou a pele até doer, fez a barba outra vez, penteou o cabelo e vestiu seu único terno.

— Olhe só para você! — disse Marie ao abrir a porta.

Para mim? Olhe só para *você*, pensou Frank. Ela usava um vestido preto muito decotado, quase mostrando os mamilos, seus seios fartos empurrados para cima pelo que parecia ser um sutiã sem alças. Ele não pôde evitar encará-los.

— Gostou do vestido, Frank?

— É bonito.

Ela riu, então foi até a penteadeira, deu um trago no cigarro e tomou um gole do martíni que suava sobre a mesa. Algo em seus modos indicava que aquele não era o seu primeiro drinque da noite. Ela não estava bêbada, mas também não estava exatamente sóbria. Ela se voltou para Frank permitindo-lhe visão integral, então ajeitou o cabelo para que caísse perfeitamente sobre o pescoço, pegou sua bolsinha preta e disse:

— Então, acha que já terminaram de falar de negócios?

— Não sei informar, Sra. A.

— Você pode me chamar de Marie.

— Não, não posso.

Ela riu novamente.

— Você tem namorada, Frank?

— Sim, Sra. A.

— É verdade — disse ela. — A filhinha do Garafalo. Ela é bonita.

— Obrigado.

— *Você* não tem nada a ver com isso — reforçou ela. — Ela dá para você?

Frank não sabia o que dizer. Se uma garota dava, você não contava, e se ela não dava, você também não dizia. De qualquer modo, aquilo não era da conta da Sra. A. E, de qualquer modo, por que ela estava perguntando?

— É melhor irmos para o clube, Sra. A.

— Não há pressa, Frank.

Há sim, pensou Frank.

— Uma garota não pode terminar o seu drinque? — perguntou ela, fazendo um belo beicinho com aqueles lábios carnudos. Ela estendeu o braço, pegou o drinque e bebeu, sem tirar os olhos dele, e era como se ela estivesse lhe pagando um boquete, o que Frank nunca experimentara, embora já tivesse ouvido falar a respeito. Aliás, aquilo era exatamente como uma cena de um daqueles livros pornográficos que ele lera, com a diferença de que ler aqueles livros não podia matá-lo enquanto isso podia.

Ela terminou o martíni, encarou-o fixamente, então voltou a rir e disse:

— Tudo bem. Vamos.

Sua mão estava trêmula quando ele abriu a porta.

Ela percebeu e pareceu ficar um pouco mais alegre.

Não se falaram no trajeto até o clube.

\* \* \*

Era o restaurante mais caro da cidade.

Momo não levaria o chefe de L.A. a outro lugar senão ao melhor; além disso, o clube era de propriedade de um amigo dele. Um amigo *deles*. Por isso, ficaram com uma grande mesa na frente do palco, e a maioria dos mafiosos de San Diego estava ali com as

esposas, as namoradas deixadas em seus apartamentos com ordens estritas de lavarem o cabelo ou fazerem algo parecido, mas não chegarem nem *perto* do clube. Aquela era uma visita oficial, sabia Frank, para estabelecer que DeSanto era o novo chefe de Los Angeles, e, portanto, o chefe de San Diego.

Só que DeSanto não trouxera a mulher. Os homens que trouxera com ele também não. Nick Locicero, subchefe de DeSanto, estava ali, e Jackie Mizzelli e Jimmy Forliano, todos sujeitos da pesada sentados à mesa, todos sujeitos que esperavam dar uma transada naquela noite. Frank ficou feliz por não ter sido encarregado *daquilo*, mas sabia que já estava tudo acertado, que algumas garçonetes já haviam topado sair com aqueles caras depois da festa, mas que deveriam ficar longe da mesa no meio-tempo.

O mesmo se aplicava a Frank. Não que ele tivesse esperado sentar à mesa. Ele sabia estar trinta e sete degraus abaixo naquela escada e seu trabalho era o de ficar pelos cantos da sala para o caso de Momo parecer estar precisando de algo.

Momo estava sentado no meio da mesa, junto a DeSanto, é claro.

Só que DeSanto não estava falando com Momo.

Ele falava com Marie.

E dizia algo engraçado, porque Marie ria muito alto e se inclinava em direção a ele mostrando bem seus peitos.

E DeSanto olhava mesmo, sem nem se dar ao trabalho de disfarçar. E ela lhe dava várias oportunidades, inclinando-se para ele acender o seu cigarro, para que ele pudesse sentir o seu perfume, chegando bem perto, fingindo não conseguir ouvi-lo acima da música e da conversa em torno.

Frank assistia àquilo; não conseguia acreditar no que estava vendo.

Havia regras no que dizia respeito a mafiosos e suas mulheres, regras diferentes para irmãs, primas, amantes e esposas. Não se tratava a amante, a *gumar*, de um veterano do modo como DeSanto estava agindo com a *mulher* de Momo. E se a namorada de um sujeito flertasse com outro cara do modo como a Sra. A. flertava com DeSanto, aquela namorada levaria uma bela surra ao voltarem para casa.

Há regras, pensou Frank, mesmo para um chefe.

Ele tinha certos privilégios, mas este não era um deles.

Então Frank estava furioso por Momo e também teve de admitir que estava um pouco enciumado. Merda, pensou Frank, ela estava dando em cima de mim duas horas atrás. Então, sentiu-se culpado ao pensar assim a respeito da mulher de Momo.

Ele a observou rir novamente, peitos balançando, então viu DeSanto inclinar-se contra seu pescoço e murmurar algo em seu ouvido. Os olhos dela se arregalaram, ela sorriu, então deu um tapinha brincalhão no rosto dele, e ele riu de volta.

DeSanto não era um sujeito *feio*, pensou Frank. Não é nenhum Tony Curtis, mas também não é nenhum Momo. Usava óculos com armação preta e grossa e penteava o cabelo agrisalhado para trás com Brylcreem, com um pequeno pico de viúva no meio da testa com entradas, mas não era feio. E devia ser um tanto encantador, pensou Frank, porque ele certamente está encantando a Sra. A.

Momo não parecia tão encantado.

Estava furioso.

Não era burro a ponto de demonstrá-lo, mas à essa altura Frank já conhecia Momo bastante bem; dava para ver que o sujeito estava puto da vida. Frank podia sentir a tensão que emanava da mesa inteira — todos os homens bebiam muito, rindo um pouco

alto demais, e as esposas... as esposas estavam furiosas. Era difícil dizer se estavam mais bravas com DeSanto ou com a Sra. A., mas seus pescoços estavam duros de tanto tentarem olhar para outro lado enquanto seus olhos não conseguiam se desviar da cena. E elas estavam se inclinando e sussurrando umas para as outras, do modo como fazem as esposas, e não era difícil imaginar para saber do que falavam.

Quando Momo se levantou para ir ao banheiro, um dos rapazes de San Diego, Chris Panno, o acompanhou. Frank esperou que entrassem; então, atravessou o corredor e ficou do lado de fora da porta do banheiro.

— Ele é seu chefe.

— Chefe ou não, há regras! — disse Momo.

— Fale baixo.

Momo baixou um pouco a voz, mas Frank ainda pôde ouvi-lo dizer:

— L.A. está ferrando com a gente. Está ferrando com todos nós.

— Se Bap estivesse aqui.... — Frank ouviu alguém dizer.

— Bap não está aqui — disse Momo. — Bap está preso.

Frank sabia que falavam sobre Frank Baptista, que fora o subchefe de San Diego até pegar cinco anos por tentar subornar um juiz. Frank nunca conhecera Bap, mas certamente ouvira falar dele. Bap era um lendário pistoleiro da máfia desde os anos trinta. Não havia como dizer quantos sujeitos Bap havia matado.

— Jack não teria permitido uma coisa dessas — dizia Momo.

— Jack está morto e Bap na cadeia — lembrou Panno. — As coisas estão diferentes agora.

— Bap sairá logo — disse Momo.

— Mas não hoje à noite — afirmou Chris Panno.

— Isso não está certo — disse Momo.

Então, Frank viu Nick Locicero vindo pelo corredor. Merda, o que fazer?

Ele decidiu rapidamente e entrou no banheiro masculino. Os caras olharam para ele com expressões tipo “que merda é essa?”.

— Ahn... — disse Frank. Ele inclinou a cabeça em direção ao corredor. — Locicero.

Os dois olharam para ele por um segundo, então se recompuseram.

Locicero entrou.

— Qual é a nossa, pessoal? — perguntou. — Temos que ir ao banheiro das meninas ao mesmo tempo?

Todo mundo riu.

Locicero olhou para Frank.

— Ou seria o banheiro dos *meninos*?

— Estou indo — disse Frank.

— Você não veio dar uma mijada? — perguntou Momo para Frank.  
— Então mije.

Frank não conseguiu. Ele abriu o zíper, ficou em pé diante do mictório, mas não saiu nada. Mas ele fingiu que sim, balançou o pinto, guardou-o de volta. Ficou aliviado ao ver que os outros lavavam as mãos cuidadosamente, sem prestar atenção nele.

— Bela festa — disse Locicero.

— O chefe parece estar se divertindo — notou Momo.

Locicero olhou para ele, tentando ver se estava só de sacanagem ou se falava sério. Então disse:

— É, acho que está.

Frank só queria sair dali. Ele caminhou em direção à porta.

— Frankie — chamou Momo.

— Sim?

— Lave as suas mãos! — disse Momo. — Você foi criado por lobos?

Frank ficou vermelho enquanto os outros riam. Ele se aproximou, lavou as mãos e estava chegando à porta quando Momo disse:

— Garoto, ninguém mais entra aqui, está bem?

Meu Deus, pensou Frank ao ficar de guarda no corredor. O que vai acontecer ali dentro? Ele meio que esperava ouvir tiros, mas ouviu apenas vozes.

Nicky Locicero dizia:

— Momo, viemos aqui para ser gentis.

— O que está acontecendo lá fora é *gentil*?

— Vocês andam muito soltos por aqui — disse Locicero. — E faz muito tempo. É hora de voltar a serem controlados.

— Quando Jack...

— Jack já era — afirmou Locicero. — O cara novo lá fora quer que vocês compreendam que não são sua própria família aqui; são apenas outra equipe de L.A., cento e sessenta quilômetros de estrada abaixo, só isso. Ele quer o seu respeito.

Chris Panno se intrometeu.

— Se ele *quer* respeito, Nick, ele deveria *demonstrar* respeito. O que está acontecendo lá fora não é certo.

— Não discordo — falou Locicero.

Um cara veio pelo corredor para usar o banheiro.

— Você não pode entrar — disse Frank, interpondo-se no seu caminho.

O sujeito era civil. Não entendeu.

— Como assim?

— Está com defeito.

— Tudo?

— É, tudo. Eu aviso quando consertarem, está bem?

Por um segundo, o sujeito pareceu querer argumentar, mas Frank era um garoto forte, com músculos sobressaindo debaixo do casaco, de modo que o cara deu meia volta e se foi. Frank ouviu Locicero dizer:

— Olha, Momo, com todo respeito, mas a sua senhora bebeu um pouco demais. Peça que seu garoto a leve de carro para casa; assim não temos problema.

— Temos um *problema*, Nick, quando esse cara que quer respeito trata nossas esposas como putas! — disse Momo.

— O que quer que eu diga, Momo? Ele é o chefe.

— Há regras — disse Momo.

Ele saiu do banheiro, pegou Frank pelo cotovelo e disse:

— A Sra. A. vai para casa. Você dirige.

Cacete, pensou Frank.

— Diga para o manobrista ir buscar o carro — disse Momo.

Frank teve de atravessar o salão do restaurante para sair. Ele olhou para a mesa e viu DeSanto sussurrando no ouvido da Sra. A. outra vez, só que ela não estava mais rindo. E as mãos do chefe não estavam sobre a mesa. Frank não podia vê-las sob a longa toalha branca, mas adivinhou onde estariam.

Estavam lá embaixo.

\* \* \*

Cinco minutos depois, Momo arrastava a Sra. A. para fora do clube. Frank saiu e abriu a porta para ela.

— Você é um babaca — afirmou ela para Momo.

— Entre no carro, sua piranha idiota.

Ele a empurrou para dentro. Frank fechou a porta.

— Leve-a para casa e fique com ela até eu voltar — disse Momo.

Frank só queria poder ir *logo* para casa. Marie não falou uma palavra no trajeto de volta, nenhuma palavra. Ela acendeu um cigarro e ficou ali fumando, de modo que o carro se encheu de fumaça. Quando chegaram à casa de Momo, Frank saiu e abriu a porta do carro e Marie caminhou rapidamente até a própria porta e ali ficou, impaciente, enquanto ele se atrapalhava com a chave na fechadura.

Quando ele a abriu, ela disse:

— Você não precisa entrar, Frankie.

— Momo disse para eu entrar.

Ela olhou para ele de um modo engraçado.

— Então é melhor que entre.

Lá dentro, ela foi direto até o bar e começou a preparar um Manhattan.

— Quer um, Frankie?

— Sou jovem demais para beber.

Ainda faltavam dois anos para ele poder beber legalmente.

Ela sorriu.

— Aposto que não é jovem demais para *outras* coisas, não é mesmo?

— Não sei o que a senhora quer dizer, Sra. A.

Mas claro que ele sabia e estava apavorado. Estava em um beco sem saída ali: se ele se levantasse e fosse embora, que era o que desejava fazer, teria sérios problemas. Mas, se ficasse ali e a Sra. A. continuasse dando em cima dele, teria mais problemas ainda.

Ele tentava resolver isso quando ela disse:

— Momo não consegue me foder, sabia?

Frank não sabia o que dizer. Ele nunca ouvira uma mulher dizer a palavra *foder*, muito menos aquilo que a Sra. A. estava dizendo para ele agora.

— Ele pode foder todas as putas baratas de San Diego e Tijuana — continuou Marie —, mas não consegue foder a esposa. O que acha disso?

Posso ser morto só por estar *ouvindo* isso, era o que Frank achava daquilo. Se Momo descobrir que eu sei disso, ele vai me matar para que eu não possa contar a ninguém. O que é algo com que Momo realmente não tem que se preocupar porque eu nunca vou contar isso, nem para mim mesmo. Mas não importa. Se Momo souber que *eu* sei que ele não está dando conta da mulher, ele vai me matar apenas porque não conseguiria me olhar nos olhos.

— Uma mulher tem suas necessidades — dizia Marie. — Entende o que estou dizendo, Frankie?

— Acho que sim.

Patty não parecia ter tais necessidades.

— Você acha que sim. — Agora, ela soava brava.

Mas Frank achou que ela não podia estar muito brava, porque começou a baixar a alça do vestido no ombro esquerdo.

— Sra. A...

— Sra. A. — imitou ela. — Sei que esteve olhando para os meus peitos a noite inteira, Frankie. São bonitos, não acha? Devia tocá-los.

— Estou indo embora, Sra. A.

— Mas Momo disse para você ficar.

— Estou indo embora mesmo assim, Sra. A. — disse ele.

Agora, ele podia ver a parte de cima do seio dela dentro do sutiã preto. Era arredondado, branco e lindíssimo, mas o que ele tocou mesmo foi a maçaneta da porta, pensando: você transa com a esposa de um mafioso e eles cortam as suas bolas e o obrigam a comê-las. Isso *antes* de matá-lo.

Essas eram as regras.

— Qual é o problema, Frankie? — perguntou ela. — Você é viado?

— Não.

— Só pode ser — disse a Sra. A. — Acho que você é viado.

— Não sou.

— Está com medo, Frankie, é isso? — perguntou Marie. — Ele não vai voltar para casa tão cedo. Você sabe como são essas coisas. Provavelmente está com alguma puta a essa altura.

— Não estou com medo.

O rosto dela ficou mais gentil agora.

— Você é virgem, Frankie? É isso? Ah, querido, não há do que ter medo. Vou fazê-lo se sentir muito bem. Vou lhe mostrar tudo. Vou lhe mostrar como me agradar, não se preocupe.

— Não é isso. É que...

— Você não me acha bonita? — perguntou ela, a voz ligeiramente irritada. — Ou acha que sou velha demais para você?

— Você é muito bonita, Sra. A. — disse Frank. — Mas preciso ir.

Ele estava girando a maçaneta quando ela falou:

— Se você for embora, direi para ele que você topou. Vou apanhar de qualquer maneira, então contarei a ele que você me fodeu até eu gritar. Vou dizer que você me fodeu gostoso.

Quarenta anos depois, Frank ainda se lembra de ter ficado ali em pé com a mão na maçaneta e queixo contra o peito, pensando: o

que essa mulher bêbada está dizendo? Que se eu não a foder, vai dizer para o marido que eu a fodi?

Mas se eu a foder...

Estarei morto de qualquer jeito, pensou.

Frank sentiu o pânico acumular-se em seu peito ao olhar para aquela gostosura que era Marie Anselmo ali de pé, semidespida, levando a taça de Manhattan manchada de batom aos lábios carnudos, seu perfume envolvendo-o como uma nuvem sensualmente mortal.

O que o salvou foi a porta se abrindo.

Ela se voltou e ajustou o vestido no momento em que Momo entrou na sala.

Ele não estava com um aspecto muito bom.

Fora espancado brutalmente.

Nicky Locicero o empurrou para dentro da sala e disse para ele se sentar no sofá. Momo obedeceu porque Locicero tinha um .38 em mãos. Locicero olhou para Frank e disse:

— Pegue um pouco de gelo para o seu chefe.

Frank encaminhou-se até o balde de gelo sobre o bar.

— *Cubos* de gelo — disse Locicero. — Do *congelador*, seu idiota. Na cozinha.

Frank correu até a cozinha, pegou uma bandeja de gelo do congelador e soltou alguns cubos dentro da pia. Então, encontrou um pano de prato em uma gaveta e embrulhou o gelo no pano. Quando voltou à sala, Al DeSanto estava lá. Tinha um sorriso verdadeiramente debochado em seu rosto abobalhado.

Marie não sorria. Estava imóvel, como se ela também fosse um pedaço de gelo. Estava totalmente sóbria agora.

Frank sentou-se ao lado de Momo no sofá e levou a compressa de gelo ao seu olho inchado e ferido.

— Ele pode fazer isso sozinho — disse Locicero.

Frank escutou-o, mas não o ouviu. Continuou segurando a compressa contra o olho de Momo. Um fio de sangue escorria pelo pano, e Frank o dobrou para evitar que o sangue pingasse no sofá.

— Temos assuntos pendentes — afirmou DeSanto para Marie.

— Não, não temos — disse Marie.

— Discordo — disse DeSanto. — Você não brinca com um homem desse jeito e depois o deixa na mão. Não é delicado.

Ele a tomou pelo pulso.

— Onde é o quarto?

Ela não respondeu. Ele lhe deu um tapa na cara. Momo fez menção de se levantar, mas Locicero apontou a arma para seu rosto e Momo voltou a se sentar.

— Eu lhe fiz uma pergunta — disse DeSanto para Marie, a mão erguida para dar outro tapa.

Ela apontou para uma porta que levava para fora da sala.

— Agora, sim — afirmou DeSanto. Ele se voltou para Momo. — Só vou dar à sua mulher o que ela quer, *paisan*. Você não se incomoda, não é mesmo?

Maliciosamente, Locicero encostou o cano da pistola na têmpora de Momo.

Momo balançou a cabeça.

Frank viu que ele tremia.

— Vamos, querida — disse DeSanto. Ele a acompanhou até o quarto e a empurrou para dentro. Ele entrou, começou a fechar a porta, então mudou de ideia e a deixou escancarada.

Frank o viu jogar Marie de cara sobre a cama. Viu-o agarrá-la pelo pescoço com uma mão e rasgar o vestido dela com a outra. Viu-a se ajoelhando na cama com sua lingerie preta enquanto DeSanto arrancava as suas calcinhas e abria o próprio zíper. O sujeito já estava de pau duro e meteu nela com força.

Frank ouviu-a grunhir, viu o corpo dela estremecer sob o peso de DeSanto.

— Você pediu por isso, Momo — disse Locicero. — Andou falando merda por aí.

Momo não disse nada, apenas apoiou a cabeça sobre as mãos. Bolhas de catarro e sangue escorriam de seu nariz. Locicero ergueu o queixo de Momo com o cano da pistola para que ele fosse obrigado a olhar.

DeSanto deixara a porta aberta para que Momo tivesse de vê-lo puxando o cabelo de Marie e possuindo-a violentamente. Frank também viu. Viu o rosto de Marie, seu batom borrado, sua boca retorcida em uma expressão que Frank nunca vira antes. DeSanto puxava o cabelo dela com uma mão e maltratava os seios dela com a outra. Ele grunhia com o esforço e seus óculos estavam tortos em seu rosto, escorregando com o suor que escorria pelo seu nariz.

— Era o que você queria, não é mesmo, sua puta? — perguntou DeSanto. — Diga.

Ele puxou a cabeça dela para trás.

Ela murmurou:

— Sim.

— O quê?

— Sim!

— Diga, "Me fode, Al".

— Me fode, Al! — gritou Marie.

— Diga *por favor*. “Por favor, me fode, Al.”

— Por favor, me fode, Al.

— Agora, sim.

Frank o viu empurrar o rosto dela contra o colchão e erguer a bunda de Marie de modo a poder penetrá-la com mais força. Ele estava metendo nela para valer, e Frank ouviu Marie começar a emitir ruídos. Não dava para saber se eram de prazer, de dor, ou ambos, mas Marie começou a gemer e, então, a gritar, e Frank viu seus pequenos dedos agarrarem a colcha enquanto berrava.

— Caramba, Momo — disse Locicero. — Sua mulher é uma gostosura de parar o trânsito.

DeSanto terminou e saiu de dentro de Marie. Ele se limpou no vestido dela, fechou o zíper da calça e se levantou da cama. Olhou para ela, ainda deitada de bruços na cama, o tórax ofegante.

— Quando quiser mais, querida — falou ele —, basta ligar.

Ele voltou à sala e disse:

— Ouviu essa puta gozando?

Locicero disse:

— E como ouvi.

— *Você* ouviu, Momo?

Locicero cutucou Momo com a pistola.

— Ouvi — confirmou Momo. Então perguntou: — Por que simplesmente não atira em mim?

Frank achou que ia vomitar.

DeSanto olhou para Momo.

— Eu não atiro em você, Momo, porque quero que você continue lucrando. O que eu *não* quero mais é essa conversa fiada de San Diego. O que é meu é meu e o que é *seu* é meu também. *Capisce?*

— *Capisce*.

— Bom.

Frank o encarava, simplesmente. DeSanto percebeu e perguntou:

— O que foi, garoto, algum problema?

Frank balançou a cabeça.

— Achei que não, mesmo. — DeSanto voltou a olhar para o quarto. — Se não se incomodar com restos, Momo, vá em frente.

Ele e Locicero riram e depois se retiraram.

Frank ficou sentado, em choque.

Momo levantou-se, abriu uma gaveta da cômoda, tirou um revólver .25 de ar sinistro e encaminhou-se até a porta.

Frank se ouviu dizer:

— Eles vão matá-lo, Momo!

— Não ligo.

Então Marie apareceu no corredor, encostada contra o batente da porta, vestido ainda baixado, maquiagem borrada sobre o rosto como um palhaço maluco, cabelo despenteado e embaraçado.

— Você não é homem — disse ela. — Como deixou ele fazer isso comigo?

— Você gostou, sua vadia.

— Como você pôde...

— Ele fez você gozar.

Ele ergueu o revólver.

— Momo, não! — gritou Frank.

Momo disse:

— Ela *gozou* com ele.

Ele atirou em Marie.

— Meu Deus! — berrou Frank quando o corpo de Marie rodopiou e caiu no chão. Ele queria pular para cima de Momo e desarmá-lo,

mas estava com medo, então Momo deu um passo atrás, levou a arma à própria cabeça e disse:

— Eu a amava, Frankie.

Frank olhou para aqueles olhos tristes de cachorro por um segundo; então Momo puxou o gatilho.

Seu sangue se espalhou sobre o rosto sorridente de Kennedy.

Engraçado, pensa Frank agora, é disso que mais me lembro: daquele sangue sobre John Kennedy. Mais tarde, quando Kennedy foi assassinado, não fiquei muito surpreso. Era como se eu já tivesse visto aquilo.

Marie Anselmo sobreviveu. Momo a atingira no quadril. Ela rolou pelo chão gritando enquanto Frank, desesperado, ligava para a polícia. A ambulância levou Marie e os detetives levaram Frank. Ele contou a eles quase tudo o que vira, ou seja, que Momo atirara na mulher e, então, em si mesmo. Não fez qualquer menção a Al DeSanto ou Nicky Locicero e ficou aliviado ao saber posteriormente que Marie também ficou de boca calada sobre o estupro. E se os policiais de San Diego chegaram a se importar com o suicídio de Momo, esconderam muito bem, a não ser que gargalhar abertamente fosse o jeito de eles aliviarem o pesar.

Marie ficou semanas no hospital e passou a mancar quase imperceptivelmente depois disso, mas sobreviveu. Em respeito a Momo, Frank costumava entregar compras na casa dela, e, mesmo após ela se recuperar, ainda a levava de carro ao supermercado.

Depois disso, porém, Frank se desiludiu. Tudo aquilo que Momo lhe ensinara sobre “essa coisa nossa” — o código, as regras, a honra, a “família” não passava de conversa fiada. Ele vira a merda da honra naquela noite na casa de Momo.

Ele voltou a trabalhar nos barcos de atum.

E essa provavelmente teria sido a minha vida, pensa ele agora, olhando para o oceano cinza e para a crista das ondas através da janela, caso Frank Baptista não tivesse aparecido seis meses depois.

11

Bap veio até o cais certa noite quando Frank acabara de limpar o convés e estava a caminho de tomar um banho e passar uma noite inteira lutando contra a virtude de Patty. Não se veem muitos sujeitos de terno e gravata no cais, de modo que Frank imediatamente identificou Bap como algo diferente, mas não sabia quem ele era.

Só que o sujeito parecia conhecer Frank.

— Você é o Frankie Machianno? — perguntou Bap.

— Sou. — Frank ficou com medo de o sujeito ser policial e Marie ter finalmente decidido prestar queixa contra DeSanto.

O sujeito estendeu a mão.

— Somos xarás. Sou Frank Baptista.

Frank ficou chocado. Aquele cara certamente não parecia um pistoleiro famoso. Era arredondado, gorducho, corpo flácido, mandíbulas carnudas, óculos fundo de garrafa sobre olhos de coruja. Estava ficando careca e tinha um penteado oleoso. Bap fazia Momo parecer Troy Donohue.

Esse é o cara, pensou Frank, que matou Lew Brunemann, "Russian Louie" Strauss e Red Sagunda quando a máfia de Cleveland tentou tomar conta de San Diego? Esse é o cara que era

o chefe daqui desde a década de quarenta, até ir em cana por suborno?

— Posso lhe pagar uma bebida? — perguntou Bap. — Uma xícara de café?

Eu deveria ter dito não, pensa Frank agora. Deveria ter dito: não se ofenda, Sr. Baptista, mas estou fora disso agora. Já vi o bastante. Mas não disse. Sai para tomar uma cerveja com Bap.

Frank o seguiu até Pacific Beach para um dos bares perto do Crystal Pier. Ocuparam um reservado nos fundos, onde Bap pediu um café para ele e uma cerveja para Frank. Bap passou um longo tempo mexendo leite e açúcar em seu café, e então perguntou:

— Você gostava de Momo?

— Sim, gostava.

— Ouvi dizer que você ainda entrega as compras de Marie — disse Bap. — Isso pesa a seu favor. Demonstra que tem respeito.

— Momo sempre foi bom para mim.

Bap ouviu aquilo, então começou a falar de banalidades, mas era evidente para Frank que o ex-chefe não estava realmente interessado em conversa fiada, de modo que Frank terminou a sua cerveja e disse que tinha um encontro marcado. Bap agradeceu-lhe por seu tempo e disse que fora bom tê-lo conhecido. Frank achou que ficaria por isso mesmo, mas, cerca de um mês depois, Bap voltou a aparecer no cais e disse:

— Venha, vamos dar uma volta de carro.

Frank o seguiu até um Cadillac estacionado na Ocean Avenue. Bap atirou-lhe as chaves e se sentou no banco do carona. Frank sentou ao volante e ligou o motor.

— Aonde quer ir?

— Não importa. Apenas dirija.

Frank entrou na Sunset Drive e seguiu rumo ao sul, passando pelos seus pontos de surfe.

— Você dirige bem — disse Bap. — Você é meu motorista, agora.

E pronto. Frank começou a trabalhar para Bap. Ele levava o sujeito a toda parte — à mercearia, ao barbeiro, aos clubes, à antiga casa de Momo para visitar Marie e à pista quando os cavalos estavam correndo em Del Mar. Levava Bap para ver todos os agentes de apostas, agiotas e cafetões de San Diego.

DeSanto não gostou daquilo.

O chefe de L.A. sabia que Bap havia saído da prisão e ia querer de volta o seu antigo território. Ia querer uma parte do dinheiro das ruas, das apostas, de tudo o mais que acontecia em San Diego, e DeSanto não queria lhe dar nada disso. Bap era famoso, um sujeito ambicioso, e L.A. não queria ter outro cara forte em San Diego querendo seguir seu próprio caminho outra vez.

— Acabamos de prender aqueles índios na reserva — dissera DeSanto para Nicky Locicero. — A última coisa de que precisamos é de um sujeito que pensa que é o chefe da tribo andando por lá.

Então ele tentou atirar algumas migalhas da mesa para Bap, e Bap não ficou tímido na hora de expressar a sua insatisfação.

Esse sempre foi o problema de Bap: ele nunca conseguiu engolir ressentimentos. Ele sempre colocava para fora. Ao fim das contas, foi isso que o matou. Frank ainda se lembra de Bap em 1964, na pista de Del Mar, com metade dos mafiosos do Sul da Califórnia por perto, reclamando:

— O que eu sou, um cachorro? Ele me atira alguns *ossos*?

Frank fazia as apostas de Bap no guichê, e Bap não estava se saindo bem. Não admira que precise de dinheiro, pensou Frank;

tem uma queda por cavalos lentos. Bap jogou no chão um punhado de pules perdedoras e disse:

— Fiquei na cadeia três anos, sem ganhar nada. Esse cara tem de me deixar comer, pelo amor de Deus.

Disse isso na frente de três sujeitos de L.A. que estavam ali para a temporada de corridas, de modo que devia saber que aquilo seria reportado diretamente a DeSanto assim que eles pudessem encontrar um telefone. E o chefe de L.A. não ficaria satisfeito ao ouvir esse tipo de merda da parte de Bap.

Sobretudo o que Bap disse a seguir:

— Talvez eu devesse começar o meu próprio negócio por aqui.

Bap estava *implorando* para ser morto.

DeSanto não demorou a atender o pedido. Armou um encontro no qual Bap seria assassinado.

E seu motorista com ele se fosse o caso.

\* \* \*

Encontraram-se em um terreno baldio no Orange County.

Naquele tempo, Frank se lembra, o Orange County era apenas isso: laranjais com a Disneylândia por cima. A memória é uma coisa engraçada, porque ele ainda consegue sentir o cheiro das laranjas daquela noite.

De qualquer modo, ele estacionou naquele terreno baldio de terra vermelha ao longo de um laranjal em uma estrada isolada. DeSanto e Locicero já estavam lá, Locicero ao volante do Cadillac preto de DeSanto, o chefe sentado no banco de trás.

— Não se preocupe — disse Bap ao ver o olhar assustado de Frank. — Nick garantiu a minha segurança.

Bap saiu do carro e foi na direção do Cadillac. Locicero também saiu, apagou o cigarro na terra e foi até ele. Bap ergueu os braços e Locicero o revistou, então assentiu, e Bap entrou no banco de trás, ao lado de DeSanto.

Locicero apoiou-se no capô, de olho em Frank. Acenou com a cabeça para Frank e sorriu.

Neste instante, outro carro entrou no terreno, bem atrás do carro de Frank, encurralando-o. Frank começou a suar. Ele olhou pelo retrovisor e viu que havia dois sujeitos no banco da frente do Lincoln. Um deles, identificou como sendo Jimmy Forliano; o outro ele não conhecia.

Era um sujeito mais jovem, mais ou menos da sua idade. Mas esse cara tinha um olhar confiante que o fazia parecer mais velho.

Então, Frank viu algo parecido com relâmpagos na traseira do Cadillac de DeSanto e demorou um segundo até ele se dar conta de que eram clarões de tiros.

Locicero sorriu e acendeu outro cigarro.

Você estava com tanto medo, lembra Frank agora. Você tentou ligar o carro, mas suas mãos estavam trêmulas e de qualquer modo não havia para onde ir, então você começou a abrir a porta para sair correndo, mas Forliano já estava à janela.

— Calma, garoto.

— Eu não vi nada.

Forliano apenas sorriu.

Então, a porta de trás do Cadillac se abriu e...

Bap saiu. Acenou com a mão para que você se aproximasse.

Forliano abriu a porta para você e você caminhou até Bap, pernas bambas, joelhos batendo um no outro, e então Bap lhe entregou a arma.

— Momo era seu amigo, não era?

— Era...

— Também era amigo meu — disse Bap. — Esse escroto tinha de morrer.

Atirar em um *chefe*? Frank também queria se vingar de DeSanto por causa de Momo, mas matar um chefe era suicídio. Mesmo que você conseguisse pegá-lo, você teria cada família do país atrás de você. Talvez Bap tivesse sido chefe em San Diego, mas fora rebaixado a soldado raso ao ir para a cadeia.

— Você tem que colocar umas balas nele — disse Bap.

— Não precisa — disse Frank.

— Não, você tem que — afirmou Bap. — Assim, você não pode ser testemunha. Temos que estar juntos nesse barco.

Ele levou Frank até o outro lado do Cadillac e abriu a porta. O corpo de DeSanto, com dois buracos de bala na cabeça, tombou parcialmente para fora do carro. Seus óculos escorregaram pelo nariz e caíram no chão de terra.

— Coloque duas no peito dele — exigiu Bap.

Frank hesitou.

— Gosto de você, garoto — disse Bap. — Não quero ter que abandoná-lo nesse campo com ele.

Bap se afastou. Frank sabia que ele estaria esperando ouvir os tiros, esperando pelos clarões. Ele tentou erguer a arma e atirar, mas simplesmente não conseguia. Então, ouviu alguém vindo por trás dele.

— Primeira vez?

Era o jovem do carro que estacionara atrás dele. Cabelo preto escorrido, altura mediana, ombros largos em um corpo magro.

— É — confirmou Frank.

— Vou ajudá-lo — disse ele. — É mais fácil do que você pensa.  
O sujeito ajudou-o a mirar a arma no corpo de DeSanto.

— Agora, apenas puxe o gatilho.

Frank puxou. Sua mão estava trêmula, mas ele não podia errar daquela distância.

O cadáver sacudiu a cada tiro. Então, escorregou pela porta aberta até a terra, erguendo uma pequena nuvem de poeira ao cair no chão. O sujeito ao lado de Frank sacou a sua arma e deu outros dois tiros no cadáver de DeSanto.

— Agora — disse ele —, estamos nisso juntos. Você e eu.

Bap se aproximou novamente e mijou no cadáver.

Isso foi anos antes desse negócio de DNA, de modo que ninguém se importava com essas coisas naquela época. Bap apenas botou o pinto para fora e mijou dentro da boca aberta de DeSanto.

— Isso é por Marie — disse ele. Ao terminar, fechou o zíper e disse para Frank: — Leve-me para casa.

Frank meio que se arrastou de volta ao carro. Forliano o parou e tirou a arma de sua mão.

— Tomaremos conta disso.

— Está bem.

— Você se saiu bem, garoto — elogiou Forliano. — Você é legal.

O sujeito mais jovem também estava ali, sorrindo para Frank como se estivesse participando de alguma espécie de pegadinha.

— Não se preocupe — disse ele. — Você se saiu muito bem.

Tinha um sotaque da Costa Leste.

— Obrigado — disse Frank. — Você sabe, por ter me ajudado.

— Imagina. — Ele estendeu a mão. — Mike Pella.

— Frank Machianno.

Apertaram as mãos.

Locicero entrou no carro com Forliano e Pella e foram embora. Frank sentou ao volante e dessa vez conseguiu girar a chave na ignição. As rodas derraparam na terra quando ele pisou no acelerador.

— Dirija devagar, não corra — instruiu Bap. — Sempre respeite o limite de velocidade ao sair de um trabalho. A última coisa que você quer é ser parado por excesso de velocidade; ter um policial parando você perto da cena do crime. Apenas pegue a autoestrada e entre no fluxo do trânsito.

Frank obedeceu. Estavam a uns trinta quilômetros ao sul na 5 quando Bap disse:

— Estive em Chicago.

Tudo bem, pensou Frank.

— Você não me entendeu — disse Bap. — Quero dizer que falei com algumas pessoas por lá.

O que não esclareceu Frank em nada.

— L.A. administra San Diego — explicou Bap. — Mas L.A. não administra L.A. L.A. nunca teve uma coisa própria. Costumava dar satisfação a Nova York, aos judeus, Siegel e Lansky. Agora, L.A. não pode balançar o próprio pinto depois de mijar sem antes ligar para Chicago.

— Eu não sabia disso.

— Porque não era para saber — disse Bap. — L.A. não quer o pessoal de San Diego reclamando deles com Chicago, dizendo que têm um problema com L.A.

Mas foi o que você acabou de fazer, pensou Frank.

— Eu sou das antigas — disse Bap, como se lesse a mente de Frank. — Eu já trabalhava para Chicago quando Al DeSanto ainda

servia cafezinho para Jack Drina. Falei com algumas pessoas por lá, e eles também não gostavam daquele escroto.

— Eles autorizaram? — Frank estava chocado.

— Não é assim que funciona, Frankie — disse Bap. — Eles não dizem sim. Apenas não dizem não. Ou seja, se algo acontecer com o cara de L.A., eles não farão nada a respeito. Se isso lhe faz se sentir melhor, Detroit disse a mesma coisa.

Agora Frank entendera.

— E Locicero é o novo chefe.

— Todos têm o seu preço, Frankie — disse Bap. — Nunca se esqueça disso.

Frank não se esqueceu.

Então foi assim, lembra-se Frank agora.

Locicero se tornou o chefe, Bap ficou com San Diego, embora como capitão da família de L.A.

Só que não era bem assim, não é mesmo?

Houve aquela tarde em que você foi entregar as compras na casa de Marie Anselmo e ela atendeu a porta, mas não o deixou entrar com as sacolas, como sempre fazia, só que você pôde ver pela fresta da porta.

Bap, no corredor, vestindo as calças.

Ele se casou com Marie seis meses depois.

Depois disso, ninguém nunca mais falou uma palavra sobre o que acontecera naquela noite na casa de Momo com DeSanto.

Frank certamente nunca disse nada a respeito.

Ele decidira entrar na linha. Então, certo dia, dirigiu até Oceanside, procurou o recrutador e ingressou no corpo de fuzileiros navais cinco minutos depois.

Como a canção dos Surfaris, tão popular na época:

*Surfer Joe joined Uncle Sam's Marines today  
They stationed him at Pendleton, not far away...  
O surfista Joe se juntou aos fuzileiros do Tio Sam hoje  
Eles o situaram em Pendleton, não longe daqui...*

\* \* \*

Engraçado, pensa Frank agora.

Fui treinado pelo governo federal.

12

Frank afasta-se da janela, pega o telefone e liga para a loja de iscas.

O jovem Abe atende no primeiro toque.

— Frank, você está bem? Cheguei aqui e a loja estava fechada.

— Quer saber, Abe? — diz Frank. — Vamos fechá-la por alguns dias.

Há um silêncio incrédulo e então:

— Fechar?

— É. Com a tempestade, não vamos vender grande coisa mesmo — diz Frank. — Vamos tirar uns dias de folga. Ligo para você quando quiser reabrir. Por que não vai para Tijuana, visitar seu pai e sua mãe ou algo assim?

Não precisa pedir duas vezes a Abe.

Patty vai ser mais difícil.

— Patty, é o Frank.

— Conheço a sua voz.

— Patty, eu estava pensando, você não visita a sua irmã há algum tempo, não é mesmo? — A irmã de Patty, Celia, se mudou com o marido para Seattle há dez anos, seguindo a indústria aeroespacial. Eles têm uma casa... onde mesmo? Bellingham, talvez?

— Frank, você *odeia* a minha irmã.

— Vá visitá-la, Patty — diz Frank. — Vá hoje mesmo.

Ela nota algo na voz dele.

— Você está bem, Frank?

— Estou — diz Frank. — Só preciso que você vá.

— Frank...

— Estou bem — repete Frank.

— Quanto tempo devo ficar longe?

— Não sei ainda — diz Frank. — Não muito. Suba e faça as malas.

— Já *estou* aqui em cima.

— Então faça as malas.

— Frank?

— O quê? — diz ele com rispidez. Ele não quer ficar muito tempo ao telefone, caso tenham grampeado a linha de Patty.

— Cuide-se, está bem? — diz ela. — Amo você.

— Eu também te amo.

A próxima ligação é para Donna.

— Leite desnatado, duas doses de *espresso* — pediu ela quando ouve a voz dele. — Por favor.

— Agora ouça — diz Frank. — E, por *uma vez*, faça exatamente o que eu lhe disser sem argumento ou discussão. Feche a loja, vá para casa e faça as malas, pegue um avião para o Havaí. Big Island, Kauai, não importa, apenas vá. Hoje. Leve o celular. Não diga para ninguém aonde vai e não volte até saber de mim. Não um bilhete ou uma mensagem, mas eu, *pessoalmente*. Pode fazer isso?

Há um silêncio enquanto ela assimila tudo aquilo; então diz simplesmente:

— Sim.

— Que bom. Obrigado. Amo você.

— Eu também te amo — diz ela. — Verei você outra vez?

— Certamente.

Agora até *eu* estou dizendo isso, pensa Frank.

Ele liga para Jill e é atendido pela secretária eletrônica: *Oi, estou esquiando em Big Bear. Não está com inveja? Deixe uma mensagem e eu ligo de volta.* Ele tenta o celular e obtém quase a mesma mensagem. Bem, pensa ele, ela está a salvo em Big Bear. Mesmo que “eles” — sejam eles quem forem — tentem pegá-la, não têm como rastreá-la por lá.

Então as pessoas que amo estão em segurança.

O que é bom por si só e também me dá liberdade de movimento.

E é hora de me mover.

Ele guarda a escopeta e algumas roupas em uma bolsa de ginástica, leva ao ombro um coldre para o .38, então veste uma capa de chuva e sai pela porta. Pega um táxi para o centro, então vai até uma Hertz e usa seu cartão Sabellico para alugar um Ford Taurus banal.

Ele ruma para o norte através da Pacific Coast Highway.

Em direção a L.A.

A areia molhada parece um mármore escuro e reluzente e a chuva golpeia o seu rosto. Três mil quilômetros de litoral, pensa ele, e o cadáver flutuante teve de vir encalhar em terras federais, com um tempo desses. Ele está, literalmente, no limiar dos EUA. Point Loma é a última parada dos EUA continental, o fim da linha.

O cadáver quase passou dali.

Mais alguns metros na outra direção e teria sido um problema mexicano.

Um grupo de marinheiros da estação da Guarda Costeira e alguns policiais de San Diego estão reunidos ao redor do cadáver.

— Não tocamos nele — diz o sargento da polícia a Dave. — Esta é a sua jurisdição.

Parece satisfeitíssimo com isso.

— Obrigado — diz Dave.

Na verdade, os tiras de San Diego gostam de Hansen. Ele pega leve, para um agente federal. O sargento diz:

— Não temos nenhuma ocorrência de pessoa desaparecida. É o que geralmente ocorre em casos de afogamento. Também verifiquei com a Guarda Costeira. Nada.

— Ele não se afogou — diz Dave. — Não está azul.

A pele das vítimas de afogamento, mesmo se ficarem na água por alguns minutos, torna-se pavorosamente azul. Ninguém que tenha visto isso se esquece. Dave se agacha junto ao corpo. Ele abre o casaco do sujeito e vê o enorme ferimento de entrada, bem no lugar onde costumava estar o coração do cara. Ele continua a procurar e encontra outro ferimento de entrada no estômago.

Quem quer que tenha matado esse Fulano atirou no seu estômago, então pressionou o cano da arma contra seu peito e terminou o serviço. Mesmo após um número desconhecido de horas

na água, as queimaduras de pólvora em suas roupas são inconfundíveis.

— Provavelmente um negócio de drogas que deu errado — diz o sargento.

— Provavelmente — concordou Dave. Ele continua a revistar as roupas do cadáver. O atirador também levou os documentos do Fulano. Nenhuma carteira, relógio, anel, nada. Dave olha de perto para o rosto da vítima, ou para o que restou dele após os peixes terem-lhe comido os olhos. Ele não o reconhece, não espera reconhecer, mas há algo vagamente familiar ali.

Uma vaga lembrança, ou um antigo sonho, que veio dar à praia como um pedaço de madeira à deriva.

Estranho.

Mas foi um dia estranho, pensa Dave. Deve ser o clima; essas frentes de alta pressão parecem deixar a tudo e a todos um pouco malucos. As pessoas fazem coisas esquisitas que não fariam normalmente.

Frank Machianno, por exemplo.

Frank esteve em sua loja de iscas todas as manhãs desde sempre, como um relógio, mas aí, hoje, não aparece. E Frank, que é frequentador regular da Hora dos Cavalheiros há mais tempo que Dave, não apareceu para pegar as melhores ondas do ano.

Dave achou que ele estivesse doente e ligou para a casa de Frank para se vangloriar das grandes ondas que ele perdeu, mas ninguém atendeu. Tentou o celular, a mesma coisa. Então ele voltou à loja de iscas e encontrou o jovem Abe fechando o lugar.

— Frank mandou — disse Abe. — Falou para eu tirar uns dias de folga.

— *Frank* disse para você tirar uns dias de folga?

— Também achei estranho. Ele disse para eu ir para a minha cidade por algum tempo.

— Onde fica a sua cidade?

Abe apontou para o sul.

— T.J.

Onde mais?

Então Dave foi de carro até a casa de Frank. A van e o Mercedes na garagem, a casa toda trancada, nada de Frank.

Então, foi um dia estranho.

O cadáver de uma vítima de homicídio que, pelas leis das marés e das correntes marítimas, deveria ter derivado ao longo da costa da Baja consegue em vez disso ficar engastado na pontinha dos EUA.

Quando Dave ouviu dizer que haviam encontrado um corpo boiando, temeu ser Tony Palumbo. A principal testemunha do caso G-Sting, disfarçado como leão de chácara no Hunnybear's havia anos, deveria encontrar Dave mais cedo naquela manhã.

Não apareceu.

Não estava em lugar nenhum, e um homem de cento e oitenta quilos é difícil de perder.

Então, Tony Palumbo está 441.

E Frank some do radar.

James "Jimmy the Kid" Giacamone entra no bar do Bloomfield Hills Country Club em um subúrbio de Detroit e procura o pai. Identifica Vito William Giacamone, também conhecido como "Billy

Jacks”, sentado em um banco junto à janela, contemplando com tristeza o décimo oitavo buraco do campo de golfe coberto de neve.

Billy Jacks volta-se e olha para o filho. O garoto vem ao clube vestindo calças folgadas e um velho suéter com o capuz na cabeça. Como um desses rappers... como é mesmo o nome daquele rapper branco, o garoto local?... Um tipo de doce... M&M’s.

Seu filho acha que é o M&M’s.

Mas, pensa Billy, o garoto acaba de passar cinco anos em cana por extorsão. E fez alguns outros trabalhos que, graças a Santo Antônio, os agentes federais não associaram a ele. O menino pode se vestir como um palhaço, mas trabalha bem.

E está de volta comigo, portanto, deixe-o usar as roupas que quiser. Com essa nossa vida, nunca sabemos quanto tempo ainda temos com nossos filhos, então por que criar caso?

Jimmy senta-se no reservado ao lado dele e acena para que o barman lhe sirva o de sempre.

— Vai demorar meses antes de podermos usar o campo — diz Billy.

Jimmy não se importa. Golfe é para os coroas.

Um garçom põe um copo de vodca com água tônica na frente de Jimmy e se afasta.

— Notícias de Vince? — pergunta Billy.

Jimmy balança a cabeça.

— A Companhia B não vai voltar.

É isso que acontece, pensa Jimmy, quando você manda um sujeito como Vince enfrentar uma lenda como Frankie Machine.

Billy aceita o veredicto. Que outra opção tem? Se Vince estivesse vivo, teria dado sinal. Não deu, e seu silêncio só pode significar uma coisa: a única esperança que resta a Vince Vena é ele estar em dia com seus atos de contrição.

Mas que pena essa história do Vince. Após uma vida inteira servindo, o sujeito finalmente consegue chegar ao conselho executivo da Combinação e, então, é apagado algumas semanas depois. Mas, bom, isso significa que haverá uma vaga no conselho.

Jimmy fica ali sentado observando o cérebro de seu pai fazendo hora extra. Pode ver o velho atravessando os diferentes estágios do pesar. Primeiro, a aceitação: Vince está morto. Então, raiva: Merda, Vince está morto! Então, ambição: Vince está morto e alguém vai ter de ocupar o seu lugar à mesa.

Esses coroas são como hienas, pensa Jimmy, que viu muitos programas do Animal Planet quando estava na cadeia. Eles correm

juntos, caçam em bando, compartilham a presa, mas, se um deles cai, os outros comem os seus ossos e sugam o seu tutano.

E os ossos de Vince tinham um bom tutano dentro deles.

Há apenas dois chefes de rua, pensa Jimmy, meu pai e o velho Tony Corrado, de modo que um deles será promovido. E, se meu pai conseguir resolver esse assunto em San Diego, será ele.

— Deviam ter *me* enviado — diz Jimmy.

— Você pediu — afirma Billy.

Jimmy dá de ombros. É verdade, ele fizera um ótimo trabalho com Jack Tominello, mas o chefe do conselho, o chefe de verdade, decidiu que seria Vince. Afinal, San Diego seria território de Vince, portanto ele deveria cuidar do próprio negócio.

Só que não pôde.

— E agora? — pergunta Billy.

Ele chegou a uma idade em que pede conselhos ao próprio filho. Mas é preciso estimular os jovens, e Jimmy the Kid chegará longe. Com apenas vinte e sete anos, é quem mais lucra para a Combinação e tem praticamente um assento reservado na mesa do conselho.

Na sua vez, em seu tempo. E o primeiro passo será eu ser promovido; então Jimmy ocupará o meu cargo como chefe de rua.

— E agora? — pergunta Jimmy. — Eu mato Frankie Machine, é isso.

Billy Jacks balança a cabeça.

— Pai — diz Jimmy —, não podemos deixar esse cara matar um membro do conselho executivo e sair vivo. Além disso, prometemos a certas pessoas...

— Sei o que prometemos — responde Billy. Ele volta a olhar para a neve lá fora e volta a ficar furioso por causa de Vince.

— Um bando de vagabundos de praia da Califórnia — afirma Jimmy.

— Permita-me lembrá-lo — diz Billy. — Um desses vagabundos de praia matou Vince Vena.

— Acha que não dou conta do sujeito?

Frank Machianno, maldito Frankie Machine, pensa Jimmy. O cara deve estar no lado errado dos sessenta anos. Pode ser uma lenda e tudo o mais, mas um bando de velhas histórias de guerra não tornam um sujeito à prova de balas.

Jimmy gosta do fato de Frankie Machine ser uma lenda.

Matar uma lenda torna *você* uma lenda.

E você não será *o* cara até vencer o sujeito que *era* o cara.

Foi o que seu tio lhe ensinou.

Tony Jacks era *o* cara. Tio Tony fora moldado à moda antiga, expulsou de Detroit a Marinha Judia, então foi um grande guerreiro na longa guerra entre o leste e o oeste que finalmente redundou na Combinação. Foi Tony Jacks quem introduziu Hoffa no esquema, e Tony Jacks quem, finalmente, relutante, deu a ordem para executá-lo.

Mas agora Tio Tony está aposentado, doente, vivendo os seus últimos dias na sala de espera de Deus em West Palm.

Esse é o problema dos dias atuais, não há *caras* como Tio Tony. Jimmy ama o pai, mas o velho parece com a maioria dos velhos de hoje em dia: exausto, cansado e hesitante na hora de puxar o gatilho. Demorou gerações para construirmos essa coisa nossa, e agora os coroas estão abrindo mão dela para os negros, os jamaicanos e os russos.

Ou para vagabundos de praia da Costa Oeste.

Andamos frouxos ultimamente.

Mas Jimmy the Kid é uma volta ao passado. Ele segue a velha escola e não tem medo de puxar o gatilho. Acha que é hora da nova geração assumir o controle e recuperar os seus negócios.

E a melhor maneira de subir na hierarquia e fazer isso é dar um passo adiante, pensa Jimmy.

Matar uma lenda como Frankie Machine.

Fazer com que eles saibam que há um garoto novo no pedaço.

## 15

Dave Hansen entra no Callahan's.

Um bar popular no coração do Gaslamp District no centro de San Diego. Outrora uma vizinhança barra pesada de hotéis baratos, clubes de strip e lojas pornô, a área se tornou uma atração turística de falsa sordidez.

O Callahan's ganhou muito dinheiro com a transição.

Dave Hansen é tão bem-vindo ao Callahan's quanto uma afta no lábio.

Dois mafiosos o detectam no momento em que ele entra e vão rapidamente até a sala dos fundos, onde fica o escritório de Teddy Migliore. A genealogia mafiosa do jovem Teddy não poderia ser mais sólida: é filho do velho Joe Migliore e neto de Paul Moretti. Teddy fora preso por agiotagem havia alguns anos, mas se manteve livre de suspeitas policiais até recentemente.

Até a Operação G-Sting começar a levantar algumas conexões preocupantes. Como o fato de Teddy ser o proprietário oculto do

Hunnybear's e de diversos outros clubes de strip da área. Como o fato de John Heaney ser o gerente noturno do Hunnybear's.

Teddy sai do escritório.

— Meu advogado estará aqui em cinco minutos — diz ele.

— Já terei ido embora — diz Dave.

— Pode esperar quatro minutos?

— Acredite — fala Dave —, não passarei um segundo a mais do que o necessário nesse buraco de rato.

— Que bom — comenta Teddy. — O que você quer? Estou de saco cheio dessa perseguição do FBI só porque tenho um sobrenome italiano e sou um Migliore.

— Tony Palumbo desapareceu — diz Dave.

Ele observa a reação de Teddy.

Teddy sorri.

— Siga uma trilha de embalagens de Twinkie e você deve encontrá-lo.

— Você o matou?

— Você está tirando conclusões precipitadas, não acha? — pergunta Teddy. — Primeiro, que ele está morto; segundo, que eu o *quero* morto; terceiro, que, mesmo que eu o *quisesse* morto, faria isso com as minhas próprias mãos.

Dave avança na direção dele.

Os dois capangas de Teddy começam a se aproximar, até Dave dizer:

— É, por que não tentam? Estou de péssimo humor e ainda não fiz os meus exercícios hoje.

O agente do FBI tem um metro e noventa e cinco e é *sarado*.

Eles recuam.

Dave chega bem perto do rosto de Teddy.

— Se eu descobrir que você o matou — diz Dave —, voltarei aqui. E farei Ruby Ridge e Waco parecerem o Bob Esponja.

— Está me ameaçando? — pergunta Teddy.

— Pode crer que sim.

— Eu processo você.

— Seu *patrimônio* vai me processar — afirma Dave.

Ele se volta para sair.

— Está procurando as pessoas erradas — diz Teddy às suas costas. — Deveria procurar Frank Machianno.

Dave se volta.

— Seu colega de surfe — acrescenta Teddy.

Frankie Machine.

## 16

Jimmy the Kid aluga um carro no aeroporto e dirige até a casa de seu tio em West Palm.

É legal estar na Flórida. Legal estar dirigindo um conversível, tomando um pouco de sol. Jimmy passa a mão no cabelo tingido de louro. Gosta da nova aparência: louro claro, corte quase militar.

Também é legal poder exibir as tatuagens com a camiseta de mangas curtas.

Ele tem alguns daqueles símbolos chineses: “Força”, “Coragem”, “Lealdade”. Tem também uma enorme bola de demolição no antebraço direito, a ponto de cair sobre algum otário a bordo de um velho Cadillac.

“A Equipe de Demolição.”

Legal.

No bangalô de Tony faz um calor sufocante. É um dia quente e Jimmy pode jurar que o velho ligou a maldita calefação. Ele olha para o termostato. Marca trinta graus.

E Tio Tony está de suéter.

É a circulação dele, pensa Jimmy. O sangue simplesmente não está se movendo. E velhos sentem frio.

Jimmy abraça o tio e beija suas duas bochechas. Contra seus lábios, a pele parece feita de pergaminho.

Tony Jacks está feliz por ver o sobrinho.

— Venha, sente-se.

Eles vão até a sala de estar. Jimmy senta no sofá e suas pernas grudam na capa de plástico por causa do calor.

— Quer beber algo? — pergunta Tio Tony. — Vou chamar a menina.

— Estou bem.

Durante alguns minutos, eles mantêm a conversa fiada de praxe. Então, Tony Jacks vai direto ao assunto:

— O que o traz aqui, Jimmy?

— Essa bagunça em San Diego.

Tony Jacks balança a cabeça.

— Se tivessem me perguntado, eu teria dito que Vince não daria conta do serviço.

— Foi o que eu disse.

— Conheço esse Frankie desde que ele era menino — diz Tony Jacks. — Fez alguns trabalhos para mim naquela época. O sujeito é duro na queda.

— Quero tentar, Tio Tony.

Tony Jacks olha para ele durante alguns segundos, então diz:

— Isso cabe a Jack Tominello, sobrinho. Ele é o chefe.

— *Você* devia ser o chefe — diz Jimmy. — Ou o meu pai. Deviam ser os Giacamone, não os Tominello. Meu plano é fazer isso e tomar conta do que quer que fosse que Vince tinha em San Diego.

— O que sabe sobre isso?

— Algo a ver com clubes de strip.

— É muito mais do que algumas strippers.

— Por que essa obsessão por Frankie Machine? — pergunta Jimmy. — Por que queremos que ele morra?

Tony Jacks inclina-se para a frente. Parece ter dificuldade para fazê-lo. Sua voz baixa em um sussurro rouco.

— Seu pai não sabe do que estou a ponto de lhe dizer, Jimmy. Nem mesmo Jack sabe disso. E, se eu lhe contar, você não pode contar a mais ninguém enquanto viver.

— Não contarei.

— Jure.

— Juro por Deus — diz Jimmy.

Tony Jacks conta uma história. É uma história antiga e demora um longo tempo.

Quando Jimmy the Kid finalmente sai da casa do tio, está atônito.

*Completamente* atônito.

Encontrar Mouse Júnior é moleza.

Frank simplesmente liga para 411, pega o número da Golden Productions e disca.

— Oi — diz para a recepcionista. — Sou o responsável pelo buffet da filmagem de hoje e não estou conseguindo localizar o lugar. Poderia me...

Fica no Vale, é claro.

O Vale de San Fernando é a capital da pornografia mundial. Não dá para jogar uma bola de tênis naquele vale sem atingir uma bunda nua esperando para entrar em cena. Parte da cidade Los Angeles há alguns anos tentou se separar, ostensivamente, pensa Frank ao pegar a 101 e tomar a direção do vale, para recriar a si mesma como a República da Pornografia.

Então há Hollywood e depois, ao norte, há "Hollywoody", a Hollywood do pau duro. Homossexuais com ereções movidas a Viagra, garotas viciadas em drogas sobre colchões sem lençóis jogados sobre gramados em Encino.

Tão erótico, pensa Frank, quanto uma bactéria intestinal.

Mas a verdade é que a "indústria do entretenimento adulto" é mais potente (sem trocadilho) que Hollywood, a Major League Baseball, a NFL e a NBA juntas. É uma grande fábrica de dinheiro, e onde há dinheiro sendo feito, você encontra a máfia.

Ele encontra o local da filmagem sem dificuldade. É uma casa grande em Chatsworth, com um quintal de fundos cercado por muros e a inevitável piscina. Ele sabe estar no lugar certo porque o Hummer de Mouse Júnior está estacionado na frente, o que só demonstra como as coisas andam descuidadas ultimamente. Você tenta matar um sujeito, falha e então continua usando o seu próprio carro sem a menor preocupação.

A não ser que seja uma emboscada, pensa Frank.

Ele dirige por ali, procurando algum carro auxiliar, mas não vê nenhum. Também não vê nenhum capanga na esquina. Se Mouse

Júnior tem seguranças, estão todos lá dentro assistindo à filmagem. O que é muita idiotice, pensa Frank ao subir o retorno nos fundos da casa para poder olhar para o quintal. Ele estaciona, pega os binóculos e observa a cena.

Se eu quisesse apagar Mouse Júnior, poderia fazê-lo daqui do carro, com um único tiro de rifle. Daí, tudo o que restaria aos seus seguranças seria recolher o seu cadáver da grama molhada.

Porque lá está o moleque burro, com o seu parceiro ainda mais burro, Travis, conversando com o diretor e a equipe de filmagem, tentando descobrir onde vão filmar agora que está chovendo. O elenco e a equipe estão precariamente reunidos em um montinho no pátio coberto, e o diretor parece estar tentando descobrir como filmar ali, e, é claro, alguns auxiliares trazem uma cadeira de jardim até o pátio. Um assistente de produção pega uma toalha e a enxuga.

O que é muita consideração da parte dele, pensa Frank. Ao menos os atores poderão trabalhar em uma cadeira de jardim *seca*.

Frank concentra o foco em Mouse Júnior. Seria fácil apagá-lo agora, mas Frank não quer o sangue de Mouse Júnior; ele quer informação. Então, tem de ficar ali sentado, esperando uma oportunidade.

Há cinco coisas que fazem um sujeito lhe dar uma brecha:

Descuido.

Cansaço.

Hábitos.

Dinheiro.

Sexo.

Só isso. Essa é a lista.

Mouse Júnior já fora descuidado, e isso seria o bastante para matá-lo, só que Frank não o quer morto. Por isso, terá de esperar até Mouse Júnior cometer um dos outros cinco pecados mortais.

Frank aposta no sexo.

O que não é uma aposta muito arriscada, já que Mouse Júnior está ali parado, observando uma jovem se masturbando. É uma loura pequenina com seios enormes, uns peitos fora de série, por assim dizer. E tem a tatuagem obrigatória na parte de baixo das costas, a “marca da vagabunda” como Mike Pella costuma chamar.

Um golfinho, brincando numa onda.

Frank fica ofendido em nome dos golfinhos.

Ele já *surfou* com golfinhos, pelo amor de Deus! Às vezes eles fazem isso, descem as ondas com os surfistas, só por diversão. E algumas das melhores lembranças de sua vida são de momentos que passou observando golfinhos brincando na arrebentação ao pôr do sol. Ele não precisa vê-los representados nas costas de uma atriz pornô.

De qualquer maneira, Frank não entende esse negócio de tatuagem, não vê a graça da coisa. Não acha que fiquem bonitas em corpos jovens, e o que acontece quando a gravidade cobra o seu preço inevitável e os desenhos começam a migrar para o sul?

Não é bonito de ver.

Mouse Júnior está de olho na Garota Golfinho.

Ela está de olho nele.

O típico amor pornográfico adolescente.

Seria até meigo se não fosse tão repugnante.

Ela está se masturbando, gemendo e lançando olhares fora da câmara para Mouse Júnior, que está ali parado, mudando o peso do

corpo de uma perna para outra e sorrindo como o idiota congênito que é.

No meio-tempo, o Astro Pornô Masculino, que estava recebendo um boquete de outro rapaz, entra em cena e a Garota Golfinho assume a tarefa oral. Então o Astro Pornô Masculino retribui o favor, e eles iniciam um tedioso rodízio de posições, como ginastas sexuais executando os seus exercícios obrigatórios, o que culmina com o inevitável esguicho no rosto da jovem, que o recebe com aparente entusiasmo, senão com absoluta gratidão.

Então, chega a hora do almoço.

Frank não sabe se o pessoal do “entretenimento adulto” tem um sindicato, mas eles parecem bastante motivados na pausa para o almoço, e todos se alinham no pátio para se servirem à mesa comprida.

Mouse Júnior espera enquanto um assistente de produção entrega um lenço umedecido para que a Garota Golfinho limpe o rosto, então cobre os ombros dela com um robe atalhado, provando, imagina Frank, que o cavalheirismo ainda não morreu. Ele observa quando eles se separam do grupo e fazem a sua refeição sob a churrasqueira coberta.

E conversam sobre o quê?, Frank se pergunta.

A cena que ela acabou de fazer? Ou a que está prestes a gravar? Sobre a sua atuação, sua técnica? Algumas sugestões do “produtor”? Observações sobre a sua carreira? O quê?

Não importa.

Frank espera o fim da pausa do almoço, então se aproxima da casa e encontra uma vaga na rua.

A Garota Golfinho sai umas duas horas depois e entra em um Ford Taurus. Frank a segue enquanto ela desce a rua de carro em

direção à rampa de acesso da 101. Ele fica alguns carros atrás dela enquanto ela dirige rumo ao sul, então pega a saída para Encino. Mora em um desses condomínios de prédios residenciais de dois andares como milhares de outras pessoas na área de L.A. Frank a segue para dentro do estacionamento, onde ela para o carro em sua vaga. Ele encontra uma vaga vazia, estaciona, então a vê subir até o segundo andar e entrar em seu apartamento.

Então ele volta a sair com o carro, encontra um Subway, compra um sanduíche de peru e uma garrafa de chá gelado, vai até a loja de conveniência no mesmo centro comercial, compra uma revista *Surfer*, então volta à rua em frente ao apartamento dela e espera.

O sanduíche está bom — não está ótimo, nem parecido com o que ele teria preparado em casa, mas está bom. Ele escolheu o de peru com pão integral porque tanto Donna quanto Jill estão em cima dele ultimamente por causa de seu consumo de carboidratos, com toda a massa que ele come.

A moda das dietas, pensa Frank. Algum tempo atrás, todo mundo se enchia de carboidratos e não havia massa que chegasse nos restaurantes. Agora, carboidratos são o demônio e proteínas são a bola da vez.

Mouse Júnior só aparece lá pouco antes das oito da noite.

Deve ter havido algum problema no set, pensa Frank. Problemas de roteiro, algum defeito na câmera, disfunções eréteis, falta de lubrificante...

De qualquer modo, Mouse Júnior chega em seu Hummer e chega sozinho. Descuido e sexo, pensa Frank, uma dobradinha mortal. A única dúvida é se Frank deve pegá-lo agora ou esperar para pegá-lo *depois* que tiver curtido umazinha.

Seria melhor fazê-lo no apartamento em vez de na rua, pensa Frank, mas a Garota Golfinho não tem nada com isso. Então, decide deixá-la de fora, esperando que Mouse Júnior não resolva passar a noite ali.

Ou seja, pensa Frank, esperando que ele seja como *você*.

Ele ajusta o alarme do relógio e tira um cochilo de meia hora, sabendo que Mouse Júnior não será tão rápido. Ele se recosta no assento e dorme profundamente até o alarme despertá-lo; então ele sai, abre o porta-malas, pega um calço fino, e vai até o Hummer.

Antigamente, se o filho de um chefe estivesse fazendo uma visita íntima, por assim dizer, haveria homens na rua esperando, cuidando de sua segurança.

Agora não.

Frank vai até o Hummer e abre a porta. O alarme dispara, mas ninguém mais presta atenção nessas coisas hoje em dia, e só demora alguns segundos até ele passar a mão por baixo e desarmar aquele troço estúpido.

Ele vai até o banco de trás e se deita no chão para esperar, desejando que Mouse Júnior seja um mau amante.

Acaba se revelando um amante medíocre.

São quase dez e meia quando Mouse Júnior emerge do prédio.

Assobiando.

Inacreditável, pensa Frank ao ouvir Mouse Júnior gorjeando. O garoto é um clichê ambulante. Ele espera a porta se abrir e Mouse Júnior sentar ao volante. Então, encosta o cano da pistola na parte de trás do banco do motorista, de modo que Mouse Júnior possa senti-lo cutucando as suas costas.

— Encoste as mãos no teto — ordena Frank. — Empurre com força.

Mouse Júnior obedece.

Frank encontra a pistola no coldre do ombro de Mouse Júnior, esvazia a câmara e guarda a arma em sua própria cintura.

— Agora, ponha as mãos no volante — diz Frank.

Mouse Júnior obedece outra vez.

— Por favor, não me mate, Sr. Machianno.

— Se eu o quisesse morto — começa Frank —, você já estaria morto. Apenas compreenda que, se me obrigar a atirar em você através desse assento, o que atingirá as suas partes vitais será a bala e o couro do assento e Deus sabe mais o quê. *Capisce?*

— Entendi — diz Mouse Júnior com a voz trêmula.

— Bom — diz Frank. — Agora, vamos ver o seu papai.

O trajeto até Westlake Village é longo, principalmente porque Mouse Júnior tem um surto de diarreia verbal e não consegue conter as idiotices que saem de sua boca. Sobre quão feliz ele está por Frank estar vivo, quão chocado ele ficou com o que aconteceu no barco, como ele e Travis correram e ligaram para o seu pai imediatamente para ver se ele poderia ajudar, como toda a família de L.A. estava...

— Júnior? Cale a boca — diz Frank. — Você está me deixando com dor de cabeça.

— Desculpe.

— Apenas dirija — diz Frank. Ele diz para o garoto ir até o único lugar do mundo aonde ninguém espera que Frank Machianno vá: ao lugar de trabalho de Mouse Sênior. A cafeteria já estará fechada ao público a essa altura, mas Frank sabe que Mouse Sênior e metade da família de L.A. estarão lá.

Que é exatamente o que ele quer.

Acertar esse negócio para poder ter sua vida de volta.

Ao chegarem, Frank diz para Mouse Júnior parar no estacionamento dos fundos, deixar o motor ligado e usar o celular para ligar para o pai. As mãos de Mouse Júnior estão trêmulas como as de um velho alcoólatra quando ele aperta o número da discagem automática.

Quando Frank ouve Mouse Sênior atender, ele pega o aparelho.

— Venha para fora — diz ele.

Mouse Sênior reconhece a voz.

— Frank? Que porra é essa?

— Tenho uma arma apertada contra as costas do seu filho e vou disparar se você não sair daí em dez segundos.

— Como assim, você está bêbado? — pergunta Mouse Sênior. — É algum tipo de piada de mau gosto?

— Um...

— Frank, o que há de errado com você, porra?

— Dois...

— Frank, estou olhando pela janela e vejo Júnior sentado sozinho no carro.

— Diga a ele — diz Frank para Mouse Júnior.

— Pai? — falou Mouse Júnior. — Ele está aqui. Está no banco de trás. Tem uma arma.

— Isso foi três, quatro e cinco — diz Frank.

— Isso é alguma espécie de rapto? — pergunta Mouse Sênior. — Você pirou, Machianno? *Ficou maluco, caralho?*

É possível, se pergunta Frank, que Mouse Sênior não saiba da armação?

— Seis — diz Frank.

— Estou saindo! Estou saindo! — Frank mantém a arma nas costas de Mouse Júnior, mas ergue-se apenas o suficiente para olhar pela janela. Mouse Sênior sai pela porta dos fundos. Seu irmão Carmen está com ele, assim como Rocco Meli e Joey Fiella. Os irmãos Martini não andam armados, Frank sabe, mas Rocco e Joey certamente estão.

Não importa. Ninguém vai tentar nada enquanto ele estiver tão perto do filho do chefe. *Eu* seria capaz, pensa Frank. Eu poderia disparar e não tirar uma gota de sangue do garoto, mas esse sou eu, não eles.

E eles sabem disso.

Também sabem que eu já poderia ter matado o garoto se eu fosse esse tipo de pessoa. E eu teria direito de fazê-lo, por ele ter me emboscado. O fato de eu tê-lo trazido até aqui, onde seria suicídio puxar o gatilho, é para que eles saibam que eu quero paz.

Ele diz:

— Pete, você sabe que seu filho já poderia estar morto.

— Pega leve, Frank.

Frank não vê Mouse Sênior há anos. O chefe ainda tem aquela cara de frigideira, larga e plana, mas as rugas estão bem mais profundas e seu cabelo ficou quase completamente branco.

— Eu estou pegando leve — diz Frank. — Faça o mesmo e me ouça. Aparentemente tivemos algum tipo de sério mal-entendido, Pete, que o levou a pensar que você tinha de me apagar. Se você acha que vou denunciá-lo por causa de Herbie Goldstein, você está enganado. Não fui preso, indiciado, nem mesmo interrogado a esse respeito. E mesmo que tivesse sido, não sou traidor.

— Nunca achei que fosse — diz Mouse Sênior. — De que *porra* você está falando?

— O encontro com Vince Vena no barco? — Frank percebe algum movimento com o canto do olho. — Diga para Joey parar de tentar dar a volta no carro.

— Joey, fique parado — ordena Mouse Sênior. — Frank, de que porra você *está* falando?

— Ele não sabe? — pergunta Frank para Júnior.

Mouse Júnior balança a cabeça.

— Acho bom você contar para ele.

— Contar o que para mim? — Mouse Sênior olha feio para o filho.

— Contar o *que*, Júnior? Que merda você fez agora?

— Pai...

— Me diga, caramba!

— Eu e Travis estávamos filmando pornografia em San Diego — diz Mouse Júnior. — Pornografia via internet, paradas de webcam... vídeos em *streaming*...

— Seu babaquinha de merda — diz Mouse Sênior. — Você sabe que isso é...

— Eu estava tentando ganhar algum dinheiro, pai! — diz Mouse Júnior. — Estava tentando lucrar!

— Continue falando.

— Eu estava fazendo muito dinheiro, pai — diz Mouse Júnior. — Então, os caras de Detroit descobriram. Eles me pressionaram, disseram que levariam isso até você a não ser que...

— O que você *fez*, Júnior?

— Eles só queriam que eu combinasse um encontro — disse Mouse Júnior, choroso. — Fizesse Frank se reunir com Vena. Só isso. Eu não sabia que iam matá-lo. Eu juro, eu não sabia. Só disseram: conte essa história, leve-o ao encontro e pode continuar com o seu negócio.

— Frank, desculpe — diz Mouse Sênior. — Eu não sabia.

— Conversa fiada — rebate Frank. — Detroit jamais invadiria a sua área e mataria um dos seus homens sem a sua autorização. Você é o chefe.

— O chefe? — pergunta Mouse Sênior, a boca se retorcendo em um esgar magoado. — Chefe de *quê*? Não sou chefe de *merda nenhuma*.

É a pura verdade.

A maioria dos homens de Mouse está na cadeia, os que lhe restam são lixo, e ele está a ponto de ser indiciado outra vez. Ele *não é* chefe de merda nenhuma. Frank só não havia se dado conta de que ele sabia disso.

— Então, como ficamos agora, Frankie? — pergunta Mouse Sênior. Ele se volta para o filho. — Você sabe que ele tem o direito de matá-lo.

— Pai...

— Cale a boca, idiota — diz Mouse Sênior. Ele se volta para Frank. — Você tem uma filha, Frank. Sabe como é isso. Se quiser que eu dê uma boa surra nele, eu darei. Mas deixe-o ir, por favor. De pai para pai, estou implorando. Estou me humilhando.

— Quem? — pergunta Frank para Mouse Júnior. — Dou-lhe uma chance para me contar a verdade. Quem procurou você?

— John Heaney — diz Mouse Júnior.

John Heaney, pensa Frank. Não admira que ele estivesse tão nervoso quando eu o vi do lado de fora do Freddie's — seria possível isso ter acontecido ainda ontem à noite? John, meu velho companheiro de surfe, meu amigo, o cara que ajudei a arranjar uma meia dúzia de empregos...

Esse é o mundo em que vivemos.

— Saia do carro — diz Frank.

Mouse Júnior praticamente se joga para fora do Hummer. Frank passa para o assento do motorista, bate a porta, engata a ré e sai do estacionamento a toda. Pelo retrovisor, vê Joey disparando em sua direção, vê Rocco entrando em um carro e vê Mouse Sênior batendo na cabeça de Mouse Júnior.

Mas fazendo uma pausa longa o suficiente para gritar:

— Matem esse filho da puta!

## 18

Bem, *querer* matar esse filho da puta e de fato *matar* esse filho da puta são duas coisas completamente distintas, pensa Frank.

Espero, ao menos.

O assunto mais importante é quem enviaria John Heaney para me emboscar, e por quê?

Frank se obriga a se concentrar em preocupações mais imediatas.

Como o fato de Joey Fiella e Rocco Meli estarem atrás dele.

Ou não, como talvez seja o caso. Joey e Rocco realmente o estão perseguindo, mas a última coisa que eles provavelmente desejam é de fato *pegá-lo*. Se o pegarem, terão de fazer algo a respeito, o que provavelmente os matará, e eles sabem disso.

Ainda assim, pensa Frank, não posso deixá-los me perseguir para sempre. Um Hummer amarelo claro se destaca como um Hummer amarelo claro, e se esses idiotas tiverem algo na cabeça — e ele lhes concede alguma astúcia selvagem — saberiam que ele teria

deixado um carro auxiliar perto da casa da namorada de Mouse Júnior.

Então, o que ele precisa é de algum espaço de manobra.

Ele afunda o pedal e dispara em direção à 101. É muito mais rápido do que ele gosta de dirigir, principalmente em um carro desajeitado ao qual não está acostumado.

Mas ele precisa abrir alguma vantagem.

E pisa fundo no acelerador.

## 19

Joey Fiella entra com o carro na rampa da 101 Sul e espera que seu Mustang consiga fazer a curva.

Ele consegue.

O Hummer de Júnior não conseguiu.

O para-choque frontal esquerdo está amassado contra um poste e fumaça ergue-se do motor.

— Júnior vai ficar puto da vida — comenta Rocco.

— Ele que se foda — diz Joey.

E estaciona no acostamento atrás do Hummer.

— Que sorte, isso — diz Rocco.

É, mas seria mesmo?, pensa Joey ao pegar a pistola e abrir a porta. Rocco faz o mesmo e os dois se aproximam do Hummer pelos lados, armas em punho, como policiais em uma abordagem de trânsito mambembe.

Júnior que se foda, com seus vidros escuros, pensa Joey ao chegar à porta do motorista, porque ele não consegue ver dentro

do carro e só lhe resta esperar que Frankie Machine esteja tombado contra o volante com a cabeça partida ao meio.

Ele decide não se arriscar. Frankie pode estar brincando de esconder ali dentro e, além disso, outro carro pode subir a rampa a qualquer momento. Então, Joey Fiella apenas começa a atirar. Rocco também é contagiado pelo pânico e faz o mesmo, e ambos esvaziam as suas armas nas janelas da frente.

O vidro se quebra.

Joey pisca os olhos.

Frankie não está ali.

Enquanto isso, seu próprio Mustang está saindo para a autoestrada, com Frankie atrás do volante.

Isso não é bom, pensa Joey.

Não vai ser nada divertido explicar para Pete como ele destruiu o Hummer de Júnior e teve o próprio carro roubado.

E deixou Frankie Machine escapar.

## 20

Idiotas, pensa Frank.

Isso é o que passa por soldados atualmente.

Mouse Sênior estava certo: ele não é chefe de merda nenhuma *mesmo* se esses palhaços são os melhores que tem para mandar atrás dele agora. Antigamente, teriam sido sujeitos como Bap, Jimmy Forliano, Chris Panno, Mike Pella e, bem, *eu*.

Agora, são Rocco e Joey.

Frank poderia tê-los abatido facilmente quando estavam fora do carro, mas para quê? Uma pessoa mais jovem talvez os matasse porque teria o sangue quente e esse negócio de querer ser machão, mas, na idade dele, ele sabe que, quanto menos mortes, melhor.

Além do mais, ele não quer criar mais vendetas do que aquelas que já tem.

E, aparentemente, pensa ele, tenho uma que nem sei de onde vem.

John Heaney?, pensa Frank enquanto dirige o Mustang de volta ao condomínio da Garota Golfinho para pegar o seu carro. O que foi que fiz para John?

## 21

John Heaney sai para fumar um cigarro junto à caçamba de lixo, nos fundos do Hunnybear's.

Foi uma noite infernal; o lugar está lotado, não apenas pelos clientes locais como também por uma multidão de turistas — alguma convenção vinda de Omaha. De qualquer modo, as meninas estão faturando e a caixa registradora do bar está apitando como um alarme de incêndio.

John pega o maço de Marlboro no bolso da camisa e seu isqueiro no bolso da calça, acende um cigarro e recosta-se contra a caçamba de lixo. De repente, está sufocando com um braço ao redor de seu pescoço e se sente ser erguido do chão.

Só uns três centímetros, mas é o bastante. Ele não consegue respirar nem consegue tração para se mover.

— Achei que éramos amigos, John — ouve Frank Machianno dizer. Frankie Machine está dentro da caçamba, com lixo à altura das panturrilhas, seu poderoso antebraço esquerdo ao redor do pescoço de Heaney.

— Ah, merda — diz John.

— Mouse Júnior entregou você — falou Frank. — O que foi, John? Entreguei um carregamento de atum estragado ou o quê?

— Ah, merda — repete John.

— Você vai ter que fazer melhor do que isso — diz Frank.

A porta dos fundos do clube se abre e uma fímbria de luz amarela aparece nos fundos do bar. John sente ser puxado como um peixe para dentro de um barco e, então, se vê deitado no lixo, o pesado corpo de Frank sobre o dele.

E um cano de arma pressionado contra a sua têmpora esquerda.

— Vá em frente e grite — murmura Frank.

John balança a cabeça.

— Boa decisão — diz Frank. — Agora, tome uma segunda decisão inteligente e me diga quem mandou você procurar Mouse Júnior.

— Ninguém — murmura John.

— John, você é um cozinheiro medíocre e gerente noturno de um clube de topless — diz Frank. — Você não tem cacife para ordenar uma execução. E, na próxima mentira que você me contar, juro que apago você e deixo o seu corpo aqui no lixo, que é o lugar ao qual pertence.

— Eu não queria, Frank — choraminga John. — Eles disseram que podiam me ajudar.

— Quem, Johnny? Quem procurou você?

— Teddy Migliore.

Teddy Migliore, pensa Frank. Dono do Callahan's e herdeiro da Combinação. Não é uma boa notícia.

— Ajudá-lo com o quê?

— Fui indiciado, Frank.

— Indiciado?

— Nessa merda de G-Sting — diz John. — Eu era o entregador. Eu levava a grana para um tira. Ele era um agente disfarçado.

John conta o resto da história. Estava sendo pressionado por ambos os lados, os agentes federais oferecendo-lhe um acordo para entregar os outros, os mafiosos ameaçando matá-lo para evitar que ele falasse.

— Eu estava totalmente fodido, Frank.

Então, Teddy Migliore ofereceu-lhe uma saída: se John procurasse Mouse Júnior e fizesse um acordo com ele, ele estaria livre. A máfia não o mataria e eles o livrariam da acusação, ou ao menos conseguiriam o seu perdão.

— E você *acreditou* nessa merda? — pergunta Frank, sabendo que é uma pergunta inútil. Um condenado acredita em qualquer coisa que lhe dê alguma esperança.

Ele engatilha a pistola e sente John se retrair embaixo dele.

— Não, Frank, por favor — diz John. — Me desculpe.

Frank desengatilha a arma; então, John começa a soluçar.

— Estou indo embora agora, Johnny — murmura Frank. — Fique deitado aqui durante cinco minutos antes de sair. Se tem algum remorso pelo que fez comigo, espere uma hora antes de ligar para Teddy. Senão, bem, não há nada que eu possa fazer.

Frank sai da caçamba e espana o lixo do corpo. Seria bom ir até algum lugar onde pudesse tomar banho e mudar de roupa, mas nesse exato momento ele tem outra coisa a fazer.

Ele vai até o carro e abre o porta-malas.

22

Frank está em frente ao Callahan's, do outro lado da rua, esperando que feche.

É uma longa e fria espera às duas horas da madrugada.

Finalmente, o jovem público começa a sair e, alguns minutos depois, o segurança começa a trancar as portas.

É quando Frank se aproxima.

O segurança desfere um soco em sua direção.

Frank se abaixa para desviar do soco, saca o bastão de softball de dentro do casaco e golpeia as canelas do segurança no melhor estilo Tony Gwynns. O estalo resultante e o segurança caindo na calçada atraem a atenção do pessoal que ainda está fazendo hora dentro do bar.

Um dos rapazes ataca Frank.

Frank o atinge no plexo solar com a extremidade rombuda do taco, então ergue o cabo em um arco e o atinge sob o queixo. Ele dá um passo atrás e deixa o sujeito cair, então vê outro homem enfiar a mão sob o casaco na região do coldre. Frank desfere um golpe com o bastão e quebra o pulso do sujeito contra a extremidade da arma.

O barman pula o balcão com um cassetete em mãos e tenta atingir a parte de trás da cabeça de Frank. Frank se volta, ergue o taco horizontalmente para bloquear o golpe, afasta os braços e então enfia o taco no nariz do barman, que se quebra espirrando

sangue. Então, Frank cruza o pé direito à frente do esquerdo, gira e desfere um golpe poderoso nas costelas do barman.

Três homens derrubados.

Teddy Migliore fica ali parado como se os seus pés estivessem enraizados no lugar.

Então ele se vira e corre.

Frank atira o bastão rente ao chão. O bastão rebate e atinge Teddy na parte de trás dos joelhos, derrubando-o. Frank está em cima dele antes que ele possa *começar* a se erguer. Ele apoia o joelho na parte de baixo das costas de Teddy, segura-o pela parte de trás do colarinho e bate com a cabeça dele contra o elegante azulejo até ver sangue escorrendo pelo rejunte.

— O que fiz contra você? — grita Frank. — Hein? *O que fiz contra você?*

Frank se agacha, introduz uma mão sob o queixo de Teddy e o ergue enquanto seu outro braço age como uma barra contra o pescoço de Teddy. Ele tanto pode quebrar a coluna vertebral do sujeito quanto asfixiá-lo; ou ambos.

— Nada — diz Teddy, ofegante. — Só recebi a ordem.

— Quem *deu* a ordem? — pergunta Frank.

Frank ouve sirenes de polícia. Algum cidadão deve ter visto o barman se retorcendo na calçada e chamou os tiras. Frank aplica mais pressão ao pescoço de Teddy.

— Vince — falou Teddy.

— Por quê? Por que Vince me queria morto?

— Eu não sei — geme Teddy. — Eu juro, Frankie, eu não sei. Ele só me disse para entregar você.

Entregar-me, pensa Frank. Como uma pizza. E Teddy está mentindo. Ele sabe exatamente por que Vince queria me matar, ou

então está simplesmente jogando a culpa em um morto.

— *Polícia! Saia com as mãos onde possamos vê-las!*

Frank solta Teddy, passa por cima dele, vai até o escritório e sai pela porta dos fundos. Quando está saindo, ouve uma voz na secretária eletrônica. “*Teddy? Sou eu , John...*”

Frank sai para o beco e corre.

\* \* \*

Teddy Migliore está sentado em seu escritório, massageando o pescoço. Ele olha para os policiais uniformizados e diz:

— Vocês não tiveram pressa nenhuma... com toda a merda do dinheiro que pagamos...

Os tiras não parecem muito comovidos com empatia. Eles pararam de recolher a grana, de qualquer maneira. Você teria de ser um idiota para aceitar um envelope de Teddy Migliore atualmente, com tudo o que estava acontecendo.

Operação G-Sting.

— Sabe quem fez isso? — pergunta um dos policiais.

— Quer fazer um boletim de ocorrência? — indaga outro.

— Deem o fora daqui, porra — diz Teddy.

Ele certamente vai fazer um boletim de ocorrência, só que não junto desses dois perdedores. Mas ele espera que eles saiam para pegar o telefone.

\* \* \*

Frank corre para fora do beco e ganha a rua.

Você entendeu tudo ao contrário, idiota, diz para si mesmo. Não foi L.A. quem contratou Vince para matá-lo; foi Vince quem usou L.A., ou ao menos Mouse Júnior, para emboscá-lo.

Mas por quê?

Ele não se lembra de ter feito nada contra Vince Vena ou contra os Migliore. Ele só consegue se lembrar de uma coisa que fez *para* eles.

## 23

Era o verão de 1968.

O verão em que Frank voltou do Vietnã.

A verdade, pensa Frank agora enquanto olha para a chuva que golpeia a janela de seu esconderijo, é que matei mais gente para os agentes federais do que para a máfia.

E eles me deram uma medalha e uma dispensa honrosa.

Frank matou um bocado de vietcongues e soldados do exército norte-vietnamita em sua estada no país. Esse era o seu trabalho — atirador de elite — e era muito bom naquilo. Às vezes se sentia mal com isso, mas nunca se sentiu culpado. Eles eram soldados, ele era soldado e, em uma guerra, soldados matam soldados.

Frank nunca aceitou aquela baboseira de *Apocalypse Now*. Ele nunca atirou em mulheres ou crianças, nunca cometeu massacres em aldeias, nem mesmo viu alguém fazer isso. Ele só matou soldados inimigos.

A Ofensiva Tet fora feita para sujeitos como Frank, porque o inimigo saía para levar bala. Antes disso, a coisa se resumia a

patrulhas frustrantes na selva que geralmente não resultavam em nada, a não ser quando você era emboscado pelos vietcongues, perdia alguns homens e ainda assim nunca via o inimigo.

Durante a Tet, porém, eles saíam em massa e eram abatidos em massa. Frank era uma máquina de demolição de um só homem na cidade de Hue. O combate urbano casa a casa combinava perfeitamente com suas habilidades, e Frank se viu em duelos mano a mano com atiradores de elite do exército norte-vietnamita que às vezes duravam dias.

Eram batalhas de inteligência e habilidade.

Frank sempre ganhava.

Ele voltou do Vietnã para descobrir que o país que ele deixara para trás já não existia. Manifestações raciais, “manifestações pela paz”, hippies, LSD. A cena do surfe era quase inexistente porque muitos dos rapazes estavam no Vietnã ou fodidos por causa dele, ou seguiram o caminho hippie e viviam em comunidades no Óregon.

Frank guardou o uniforme de soldado e foi para a praia. Passou longas semanas surfando, geralmente sozinho, fazendo as suas próprias fogueiras e piqueniques, tentando retomar o passado.

Mas não era a mesma coisa.

Patty, no entanto, era a mesma.

Ela escrevera para ele todos os dias em que ele estivera no Vietnã. Cartas longas e loquazes a respeito do que acontecia em casa, quem estava saindo com quem, quem se separara de quem, sobre seu trabalho como secretária, os pais dela, os pais *dele*, qualquer coisa. E coisas de amor. Trechos apaixonados sobre como ela se sentia em relação a ele, como ela mal podia esperar que ele voltasse para casa.

E mal podia mesmo. A antiga “boa menina católica” levou-o para o quarto assim que os pais dela saíram de casa e o puxou para a cama. Não que tenha precisado puxar muito, lembra-se Frank.

Meu Deus, a primeira vez com Patty...

Chegaram ao limiar, como em tantas oportunidades no banco traseiro do carro de Frank, só que dessa vez ela não fechou as pernas com força nem o empurrou para longe. Em vez disso, ela o guiou para dentro dela. Ele ficou surpreso, mas certamente não se opôs, e quando chegou a hora de tirar — tudo muito rapidamente, ele se lembra com pesar — ela murmurou:

— Não precisa. Eu estou tomando a pílula.

O que foi um choque.

Ela fora ao médico e começara a tomar a pílula antecipando a sua volta para casa, revelou ela enquanto estavam deitados na cama após o sexo, a cabeça aninhada na dobra do braço de Frank.

— Eu queria estar pronta para você — disse ela. Então, timidamente, acrescentou: — Me saí bem?

— Você foi maravilhosa.

Então, ele estava ereto outra vez. Meu Deus, como é bom ser jovem, pensa Frank agora. Então transaram novamente, e dessa vez ela atingiu o clímax e disse que, se soubesse o que estava perdendo, teria feito aquilo muito antes.

Patty era boa de cama — carinhosa, solícita, ardente. Sexo nunca foi o problema deles.

Então Frank voltou a namorar Patty e eles começaram a longa e inevitável marcha rumo ao matrimônio.

O que não era inevitável era o futuro de Frank.

O que faria agora, já que o seu tempo nos fuzileiros estava acabando? Pensou em se realistar, talvez seguir carreira na

corporação, mas Patty não queria que ele voltasse ao Vietnã, e ele não gostava de ficar muito tempo longe de San Diego. Seu pai queria que ele entrasse no negócio de pesca, mas aquilo também não lhe soava muito tentador. Ele poderia ter ingressado na faculdade usando o benefício da GI Bill, lei que oferecia vários auxílios a veteranos da Segunda Guerra, mas não havia nada que lhe interessasse muito estudar.

\* \* \*

Então fazia sentido que ele acabasse voltando a trabalhar com os rapazes.

Não foi nada dramático, nada súbito.

Frank esbarrou com Mike Pella certo dia, e eles tomaram uma cerveja, e então começaram a passar tempo juntos. Mike contou-lhe sobre o seu passado, como crescera em Nova York com a família Profaci, como tivera um pequeno aborrecimento por lá e então fora mandado para o oeste para trabalhar para Bap até as coisas se ajeitarem.

Mas ele gostou da Califórnia, gostou de Bap e então decidiu ficar.

— Quem precisa daquela merda de neve, certo? — perguntou Mike.

Eu não, pensou Frank.

Ele começou a ir com Mike a clubes onde os rapazes passavam o dia, e *aquilo* não mudara. *Aquilo* ficara igual ao que sempre fora, como se estivesse preso em uma dobra do tempo. Era reconfortante, familiar. *Familiar*, creio eu, pensa Frank agora.

Eram os mesmos caras: Bap, Chris Panno e Mike, é claro. Jimmy Forliano tinha um negócio de caminhões no East County e aparecia

de vez em quando, mas era tudo.

Era um grupo pequeno, coeso, no que, naquele tempo, ainda era uma cidade pequena. Esse era o problema de San Diego naquela época, pensa Frank agora. Nem mesmo éramos uma "máfia" de verdade ou uma família evidente como as das grandes cidades da Costa Leste.

E não havia muita coisa acontecendo.

San Diego, geralmente tolerante, liberal, tinha um novo promotor federal que enchia o saco de todo mundo. Conseguira vinte e oito acusações contra Jimmy e Bap por alguma besteira a respeito do sindicato dos caminhoneiros e estava dificultando a vida do pouco crime organizado que havia na cidade.

Bap também tinha participação oculta em uma empresa de táxi local e arranjou para Frank um emprego de motorista.

Na verdade, eram praticamente máquinas de lavar sobre rodas, de tanto dinheiro que os caras lavavam com esses táxis. Dinheiro de jogo, dinheiro de agiotagem, dinheiro de prostituição, tudo descarregado nos táxis.

E dinheiro político.

Para os vereadores, deputados, juízes, tiras, o que fosse... O chefe da polícia ganhava um carro novo todo ano, cortesia da empresa de táxi.

Então, surgiu Richard Nixon.

Ele estava concorrendo à presidência e precisava de fundos para a sua campanha, e não ficaria bem que mafiosos de San Diego assinassem cheques para a campanha de Nixon. Então o dinheiro era "doado" pelos proprietários e motoristas da empresa de táxi. Frank jamais teria descoberto se não tivesse visto um dos cheques sobre a escrivaninha do escritório certa noite.

— Estou doando dinheiro para Nixon? — perguntou para Mike.

— Todos nós estamos.

— Sou democrata — disse Frank.

— *Esse ano, não é, não* — disse Mike. — Você quer a merda do Bobby Kennedy na Casa Branca? O cara está louco para dar uma dura na gente. Além do mais, não é exatamente seu dinheiro, certo? Então relaxe.

Frank estava sentado no escritório da companhia de táxi com Mike, tomando café e conversando sobre besteiras, quando veio o telefonema.

— Estão prontos para subir um degrau, rapazes? — perguntou Bap.

Ele ligava de uma cabine telefônica.

Bap nunca ligava de casa, porque Bap não era idiota. O que ele fazia era encher os bolsos de moedas de vinte e cinco centavos, andar quatro quarteirões até uma cabine telefônica no Mission Boulevard à noite e administrar os negócios dali, como se fosse o seu escritório.

Geralmente, eles se encontravam com Bap no calçadão da Pacific Beach, a apenas alguns quarteirões da casa do chefe.

Não dava para adivinhar que um sujeito como Bap pudesse gostar tanto do mar.

Era algo que ele e Frank tinham em comum, embora, é claro, Bap nunca tenha subido em uma prancha de surfe ou mesmo nadado no mar, até onde Frank sabia. Não, Bap só gostava de olhar para o mar; ele e Marie costumavam fazer passeios ao pôr do sol no calçadão ou no Crystal Pier. Seu condomínio também tinha uma bela vista para o mar, e Bap costumava ficar junto à janela pintando aquarelas.

Péssimas aquarelas.

Tinha dezenas de aquarelas, provavelmente mais, e costumava dá-las de presente o tempo todo; senão, Marie reclamaria por ele estar entupindo o apartamento deles com as suas pinturas.

Bap as dava de presente no Natal, em aniversários, bodas, Dia da Marmota, o que fosse. Todos os rapazes tinham aquarelas pintadas por ele. O que podiam dizer? Não, obrigado? Frank tinha uma na parede de seu pequeno apartamento na India Street. Era um barco a vela navegando ao pôr do sol, porque Bap sabia que Frank gostava de barcos.

Era verdade, Frank gostava de barcos, o que tornava aquela aquarela ainda mais dolorosa, porque nenhum barco deveria passar pelo que Bap fizera com aquele barco. Mas Frank a mantinha na parede, porque nunca sabia quando Bap podia aparecer, e Frank não queria magoá-lo.

Isso funcionou porque ele ainda não estava casado. As mulheres dos caras casados geralmente os faziam guardar as pinturas de Bap em um armário ou algo assim porque os caras casados geralmente eram iniciados, e o protocolo, mesmo na liberal San Diego, ditava que nem mesmo um chefe podia aparecer sem antes avisar por telefone. Mas havia frenéticas substituições de pinturas nas paredes quando vinha o telefonema, e os rapazes tinham de sair correndo para pendurar uma das horríveis aquarelas de Bap na sala antes de a campainha tocar.

Então quando se tratava de negócios normais, eles se encontravam na praia. Nesse dia, porém, Bap pediu que o encontrassem no zoológico, diante do terrário dos répteis.

O assunto era um sujeito chamado Jeffrey Roth.

— Quem? — perguntou Mike.

— Já ouviu falar de Tony Star? — indagou Bap, o rosto pressionado contra o vidro, olhando para uma cobra cuspideira.

— Claro — disse Mike.

Todos eles tinham ouvido falar de Tony Star. Ele era um traidor de Detroit, cujo testemunho pusera metade da família da cidade na cadeia. Rocco Zerilli, Jackie Tominello, Angie Vena, todos estavam cumprindo pena por causa de Tony Star. Os jornais tiveram um dia e tanto com a irresistível manchete: TONY STAR TESTEMUNHA.

— Agora ele é “Jeffrey Roth”, por conta do Programa de Proteção à Testemunha — disse Bap. Ele começou a cutucar o vidro, tentando fazer a cobra atacar. — Acha que dá para fazer uma dessas cuspir em você?

— Acho que eles não gostam que você faça isso — disse Frank. Ele se sentia mal pela cobra, que só estava cuidando da própria vida.

Bap olhou-o como se ele fosse louco, e Frank entendeu. “Eles” provavelmente também não gostavam que Bap matasse pessoas, assaltasse caminhões, praticasse agiotagem e administrasse casas de jogo, de modo que ele provavelmente não ia parar de cutucar o vidro do zoológico. De fato, Bap cutucou o vidro mais um pouco e então perguntou:

— Adivinhem onde Star está morando agora? Mission Beach.

— Tá de sacanagem! — disse Mike.

Era uma afronta pessoal, um traidor morando bem no quintal deles.

Frank e Mike conversavam muito a respeito de traidores vira-casacas. Era a pior coisa que alguém podia ser, o mais baixo que se podia chegar.

— Você precisa saber resistir — alertara Mike. — Somos todos homens adultos; conhecemos os riscos. Se você é preso, mantém a boca fechada e cumpre a sua pena.

Frank concordara totalmente.

— Prefiro morrer a entrar no programa — dissera.

Agora, tinham um sujeito que metera metade da família de Detroit atrás das grades, e lá estava ele, livre e se divertindo em Mission Beach.

— Como o encontraram? — perguntou Mike.

A cobra cuspideira se enrolara toda e parecia adormecida. Bap desistiu e foi até a gaiola seguinte, onde havia uma víbora africana. Estava enrolada em um galho de árvore e parecia perigosa.

— Um secretário do Departamento de Justiça que Tony Jack tem na palma da mão — disse Bap, cutucando o vidro. Ele pegou um pedaço de papel do bolso e o entregou a Frank. Havia um endereço em Mission Beach escrito ali. — Detroit queria mandar os seus próprios rapazes, mas eu disse que não. É uma questão de honra.

— Claro, porra! — exclamou Mike. — Nosso território, nossa responsabilidade.

— E vale vinte mil — disse Bap.

A víbora africana lançou-se em direção ao vidro e Bap pulou para trás uns dois metros, deixando cair os óculos no caminho. Frank conteve o riso ao pegá-los do chão. Ele os limpou com a manga da camisa e entregou-os a Bap.

— Desgraçadas sorradeiras — disse Bap, pegando os óculos.

— São camufladas — falou Mike.

Frank e Mike saíram e compraram algumas roupas ridículas que os faziam parecer turistas e se hospedaram em um motel em Kennebec Court, em Mission Beach. Passaram a maior parte do

tempo olhando através das venezianas para o condomínio de Tony Star, do outro lado do Mission Boulevard.

— Somos um pouco como policiais — disse Mike na primeira noite.

— Como assim?

— Quero dizer, é isso que eles fazem, certo? Trabalho de vigilância?

— Acho que sim — concordou Frank.

Foi a primeira vez que ele teve pena da polícia, porque fazer trabalho de vigilância era muito chato. Dava um novo sentido à palavra *tédio*. Ficar ali sentado, bebendo café ruim, revezando-se para ir ao KFC, McDonald's ou a uma lanchonete de tacos local, equilibrando a comida no colo, sobre folhas de papel engordurado. O que aquela porcaria estava fazendo com o intestino dele, Frank só podia imaginar. Mas ele *sabia* o que estava fazendo com o intestino de Mike, porque era um quarto pequeno e quando Mike abria a porta ao sair do banheiro... Enfim, Frank começou a se sentir mal pelos policiais.

Ele e Mike se revezavam em turnos, um deles de guarda na janela enquanto o outro dormia um pouco ou assistia a algum programa de TV. Só tinham folga quando Star saía para correr, o que ele fazia todas as manhãs, às sete e meia.

Descobriram isso na primeira manhã, quando Star saiu pela porta da frente do prédio vestindo uma roupa de ginástica roxa e tênis de corrida e começou a fazer alongamentos contra o corrimão da escada da portaria.

— Que merda é essa? — perguntou Mike.

— Ele vai correr — disse Frank.

— *Devia* mesmo correr, cacete — disse Mike.

— Mas está com uma boa aparência — observou Frank.

Star realmente tinha boa aparência. Estava com um belo bronzeado, o cabelo preto e curto cuidadosamente penteado para trás, e estava magro. Decidiram que apenas um deles deveria segui-lo, e Mike assumiu a tarefa. Voltou uma hora depois, suado e indignado.

— Filho da puta — bufou Mike. — Correndo ao redor da marina como se não tivesse nenhuma preocupação na vida. Olhando para as meninas, admirando os barcos, tomando sol, cuidando do maldito bronzeado. O babaca vivendo a maior vida boa enquanto seus amigos estão na cadeia. Estou dizendo, devíamos *machucar* esse escroto antes de matá-lo.

Frank concordava — Star *devia* sofrer pelo que fizera —, mas as ordens não eram essas. Bap fora muito claro a esse respeito. “Rápido e limpo” era como ele queria aquilo. Vão, façam o serviço, voltem.

No que dizia respeito a Frank, quanto antes melhor. Patty não gostara muito de ele ter tido que viajar daquele jeito.

— Aonde você vai? — perguntara ela.

— Ora, Patty.

— Para quê? Por quê?

— Negócios.

— Que tipo de negócios? — pressionou ela. — Por que não pode me dizer? Você vai é sair para a farra com os seus amigos, não é isso?

E que farra, pensou Frank. Compartilhar um quarto de motel barato com Mike Pella, ouvindo os seus constantes palavrões, respirando a fumaça de seus cigarros, seus gases, passando uma

hora tediosa após a outra olhando pela janela, tentando estabelecer o patético padrão de vida de um traidor qualquer.

Porque essa era a chave, um padrão.

Bap o orientara a esse respeito.

— Os homens acabam adquirindo hábitos — dissera para Frank. — Acontece com todo mundo. As pessoas são previsíveis. Uma vez que você pode prever o que o sujeito vai fazer, e quando vai fazê-lo, então você encontra a sua brecha. Rápido e limpo, entrar e sair.

Já sabiam que ele corria em torno da marina todas as manhãs. Mike queria executá-lo nessa hora.

— A gente arranja um desses trajes de corrida de boiola, corremos atrás e atiramos na cabeça dele. Pronto.

Frank vetou a estratégia. Muitas coisas poderiam dar errado. Um, ele e Mike correndo chamariam atenção como ursos-polares em uma sauna. Dois, estariam ofegantes, e é difícil atirar com precisão quando você está sem fôlego, mesmo a curta distância. Três, haveria muitas testemunhas potenciais.

Então tinham de pensar em outra coisa.

O problema era que Star não estava lhes dando muitas brechas. Vivia uma vida extremamente tediosa, previsível como a morte e os impostos, mas muito rigorosa. Saía para correr pela manhã, então voltava para casa, tomava banho (presumivelmente) e mudava de roupa, então ia para o seu trabalho em uma agência de seguros, onde trabalhava de dez da manhã às seis da tarde. Depois, voltava ao seu condomínio e ficava ali até sair para correr na manhã seguinte.

— Que filho da puta mais entediante — disse Mike. — Ele não vai a nenhum clube, nenhum bar, não pega garotas. Qual é? O cara só

fica ali sentado batendo punheta a noite inteira? A coisa mais excitante na vida desse cara é a noite da pizza.

Toda quinta-feira à noite, às oito e meia, Star pedia uma pizza em casa.

— Eu te amo, Mike.

— Está dando uma de boiola para cima de mim?

— Na noite da pizza — disse Frank —, Star deixa o entregador subir.

Isso foi em uma terça-feira, de modo que relaxaram durante uns dois dias, esperando a noite da pizza. Na quarta-feira à noite, pediram uma pizza do mesmo restaurante, comeram e guardaram a caixa.

Exatamente às oito e vinte e cinco da noite Frank estava na portaria do prédio de Star com a caixa da pizza em mãos. Mike estava no carro de trabalho na rua, pronto para tirá-los dali e interceptar o entregador de pizza com alguma mentira caso fosse necessário.

Frank tocou a campainha e gritou no interfone:

— Pizza, Sr. Roth.

Um segundo depois, Frank ouviu um zumbido e o clique metálico da tranca se abrindo. Ele entrou no prédio, atravessou o corredor até o apartamento de Star e tocou a campainha.

Star abriu uma fresta de porta, mantendo a corrente. Frank podia ouvir o ruído de uma televisão ligada. Então essa era a vida boa do traidor, pensou Frank, comer pizza assistindo à tevê.

— Pizza — repetiu Frank.

— Onde está o rapaz de sempre? — perguntou Star.

— Doente — disse Frank, torcendo para que aquilo não desse errado. Ele estava a ponto de chutar a porta, mas Star a abriu antes

disso. Estava com o dinheiro em mãos: uma nota de cinco e duas de um dólar.

— Seis e cinquenta, certo? — perguntou Star, entregando-lhe as notas.

Frank enfiou a mão no bolso como se estivesse procurando algumas moedas.

— Fique com o troco — disse Star.

— Obrigado.

Gorjeta de cinquenta centavos, pensou Frank. Nenhum mafioso do mundo que se dê ao respeito daria uma gorjeta de cinquenta centavos. Não admira que tenha se tornado um traidor. Frank entregou para Star a caixa de pizza e, quando as mãos do sujeito estavam ocupadas, Frank o empurrou para dentro, fechou a porta atrás de si e puxou a pistola .22 com silenciador.

Star tentou correr. Frank apontou para a nuca dele e disparou. Star tombou para a frente e chocou-se contra uma parede. Frank foi até o corpo caído de Star e apontou para sua nuca novamente.

— Traidor — disse Frank.

Ele puxou o gatilho mais três vezes e foi embora.

A coisa toda demorou cerca de um minuto. Frank entrou no carro; Mike engatou a marcha e se afastou dali.

— Como foi? — perguntou Mike.

— Bem — disse Frank.

Mike abriu um sorriso.

— Você é uma máquina — disse ele. — “Frankie Machine.”

— Esse não é o nome de um personagem que Sinatra interpretou no cinema? — perguntou Frank.

— *O homem do braço de ouro* — disse Mike. — Ele era viciado em heroína.

— Ótimo.

— Mas você — disse Mike —, você é o homem da *mão* de ouro. Frankie Machine.

O nome pegou.

Desceram a Ingraham Street em direção ao duto de escoamento de águas pluviais. Frank saiu, quebrou a pistola contra uma pedra e jogou os pedaços na água. Então, deixaram o carro de trabalho no estacionamento de um centro comercial em Point Loma, onde encontraram outros dois carros à sua espera. Frank entrou no seu veículo e dirigiu até o centro da cidade onde deixou o carro e pegou um táxi para o aeroporto e, então, outro táxi para casa.

Aquilo não deu em nada.

A polícia de San Diego praticamente deixara o assunto de lado, mandando sua própria mensagem para os agentes federais: se vocês põem um dedo duro em nosso quintal e não nos dizem nada, que diabo querem que façamos?

A verdade é que ninguém gosta de dedos duros, nem mesmo os tiras que ganham o pão de cada dia às custas deles.

Frank despertou na manhã seguinte, fez café e ligou a televisão. Mostrava a cozinha de um hotel em Los Angeles.

— O que, ficou surpreso? — perguntou Mike mais tarde naquela manhã.

— Um pouco.

— Só estou surpreso por não ter acontecido antes — disse Mike.

É assim que são as coisas, pensou Frank. Bobby leva duas balas na cabeça, Nixon recebe cheques.

Houve muita comemoração no escritório da empresa de táxis quando Nixon foi eleito. Uma das primeiras coisas que o novo

presidente fez foi transferir o promotor público de San Diego que pressionava tanto os rapazes.

As acusações contra Bap foram retiradas, embora Forliano tenha sido preso.

Fora isso, tudo voltou a ser como sempre.

Frank e Mike dividiram dois mil dólares pela missão Tony Star.

Frank comprou um anel de noivado com a parte que lhe coube.

## 24

Ele já era um homem casado quando conheceu o presidente Nixon.

Era o ano de 1972.

Em parte como recompensa pelo negócio com Tony Star, Frank e Mike foram promovidos de motoristas de táxi a motoristas de limusine e carros de luxo.

Quando não estavam dirigindo, estavam na batalha. Frank provavelmente dedicava mais horas àquilo do que um trabalhador comum, mas era diferente. Não era como se ele estivesse trabalhando por um salário fixo, com o Tio Sam tirando a sua parte. Embora trabalhassem pesado, não parecia trabalho; era mais como um jogo.

Talvez seja por isso que chamavam aquilo de “ganhar”, pensou Frank.

Era o que faziam naquela época: eles ganhavam; saíam em busca de ganhos. Eles ganhavam em cima de mercadorias ocultas nas traseiras dos caminhões, do uso da rua pelos agentes de apostas,

do dinheiro da agiotagem, do não comparecimento em projetos de construção.

Administravam jogos de cartas e dados, apostas esportivas e loterias. Faziam viagens de ida e volta até a fronteira mexicana levando álcool e trazendo cigarros. Eles praticamente tinham autorização dos policiais de San Diego para tirar dinheiro dos traficantes.

Eles estavam ganhando, fazendo dinheiro, embora pouco desse dinheiro ficasse em suas mãos. A maior parte eles tinham de repassar para Chris, que repassava para Bap, que repassava para Nicky Locicero. Mesmo com tanto ganho e tanta batalha, eles realmente não estavam avançando. Frank se ressentia disso, mas Mike, sendo da Costa Leste, era mais conservador.

— As coisas funcionam assim, Frankie — advertia ele quando Frank se queixava. — São as regras. Ainda não somos nem iniciados. Temos de mostrar que podemos *faturar*.

Frank não engolia essa história de “iniciado”. Ele realmente não dava a mínima para aquelas velharias sicilianas. Ele só estava tentando ganhar a vida, reservar uma boa grana para poder dar entrada em uma casa.

Mais de três anos dando duro e ele e Patty ainda alugavam um apartamento em um prédio sem elevador em um bairro decadente. E ele trabalhava o tempo todo: quando não estava atrás de um ganho, estava dirigindo a limusine, geralmente fazendo idas e vindas entre o aeroporto e o Spa La Sur Mer, em Carlsbad.

Mike ficou maluco quando soube que Frank levava Moe Dalitz do aeroporto até o La Sur Mer, ou apenas “o Sur” como o lugar era conhecido pelos locais e pelos *connoisseurs*. Dalitz tinha muita história. Ele fora almirante da “Pequena Marinha Judia” de Detroit

antes que os Vena chegassem e o expulsassem para Cleveland. Ele acabou se tornando os olhos e os ouvidos de Chicago em Vegas, onde era considerado o "Poderoso Chefão Judeu".

— Dalitz *construiu* o Sur, cacete — disse Mike. — Conseguiu que Teamsters, o sindicato dos caminhoneiros, doasse o dinheiro.

As famílias de Chicago e Detroit controlavam em conjunto o fundo de pensão do sindicato dos caminhoneiros nos estados centrais, explicou Mike. O intermediário era um executivo de seguros chamado Allen Dorner, filho de "Red" Dorner, que era amigo do chefe de Chicago, Tony Accardo.

— Dorner? — perguntou Frank. — É, ele estava no meu carro.

— Dalitz e Dorner!

— Sim, estavam indo jogar golfe — disse Frank.

O sindicato dos caminhoneiros jogava um bocado de golfe em La Sur. Mantinham Frank e Mike muito ocupados levando-os e trazendo-os do aeroporto, ou levando-os para passear pela cidade, ou para sair à noite. Frank achou que era por isso que ele fora promovido a motorista de limusine: os chefes queriam um dos seus dirigindo o carro de modo que o pessoal do sindicato dos caminhoneiros e os mafiosos pudessem conversar despreocupadamente.

— Apenas dirija — dissera-lhe Bap. — Mantenha os ouvidos atentos e a boca calada.

E não eram apenas Dalitz e Dorner. Era também Frank Fitzsimmons, que assumira a presidência do sindicato dos caminhoneiros enquanto Hoffa cumpria pena. Fitzsimmons gostava tanto do Sur que comprara um apartamento lá e começara a promover o encontro anual da diretoria no sindicato no hotel.

Havia também mafiosos vindos de fora, a maioria deles chefes da Costa Leste fugindo um pouco da neve. Havia Tony Provenzano — Tony Pro — que administrava o sindicato dos caminhoneiros de Nova Jersey, e Joey “o Palhaço” Lombardo, que era a ligação entre Chicago e Allen Dorner.

E sujeitos de Detroit: Paul Moretti e Tony Jacks Giacamone, que apoiavam Hoffa.

\* \* \*

Certo dia, Bap ligou para Frank e Mike, disse-lhes para polirem as suas limusines, se vestirem muito bem e estarem no aeroporto exatamente às nove horas da manhã seguinte.

— O que está havendo? — perguntou Frank. Imaginou que algo importante estava acontecendo, porque na noite anterior ele fizera duas viagens ao aeroporto para buscar Joey, o Palhaço e Tony Pro, que se hospedaram em suítes no Sur.

O que estava havendo era que Frank Fitzsimmons, presidente do sindicato dos caminhoneiros, daria uma coletiva de imprensa no Sur para anunciar que o sindicato apoiaria a reeleição de Nixon.

Que surpresa, pensou Frank. Murmúrios corriam pelo Sur de que o sindicato dos caminhoneiros havia desviado milhões de dólares ilegais para o fundo de campanha de Nixon. Inclusive, o spa se tornara o quartel-general virtual do sindicato dos caminhoneiros da Costa Oeste desde que Dorner comprara um apartamento voltado para o quarto buraco do campo de golfe.

Frank sorriu com malícia.

— Então foi por isso que Nixon perdoou Hoffa?

Bap sorriu e disse:

— Hoffa não passa de um brutamontes barato que não dá conta de dinheiro graúdo. Fitzsimmons e Dorner estão faturando tanta grana que a maioria não quer Hoffa de volta ao cargo. Hoffa os quer mortos, mas o fato é que eles estão faturando muito dinheiro para todo mundo. Ouça e aprenda, Frankie. Ganhar dinheiro para os outros é o que o mantém em vida. Nunca se esqueça disso.

Frank não esqueceu.

— De qualquer modo — disse Bap —, após a coletiva de imprensa, você levará uns sujeitos do sindicato até a Casa Branca do Oeste. Talvez conheça o presidente, Frankie.

— Você não vem?

Bap sorriu, mas Frank viu que havia ressentimento por trás daquele sorriso.

— Não estou na lista — disse Bap. — Nenhum dos rapazes está.

— Isso não é certo, Bap.

— É uma bobagem — respondeu ele — Eu não ligo para essa merda.

Mas Frank pôde ver que ele ligava.

Pela manhã, com o carro brilhando, metido em um terno preto recém-passado, Frank dirigiu até a pista de pouso em Carlsbad para buscar Allen Dorner que chegava com seu jatinho particular. Havia boatos de que Dorner pagara três milhões de dólares a Frank Sinatra por aquele Gulfstream, e que o dinheiro viera do fundo do sindicato dos caminhoneiros.

— Bom dia, Frank — disse Dorner ao sair do avião e pisar na pista.

— Bom dia, Sr. Dorner.

— Vai ser um belíssimo dia.

— Sempre é, em San Diego — respondeu Frank, abrindo-lhe a porta traseira do carro.

O trajeto até o Sur foi breve.

Frank esperou no estacionamento com os outros motoristas enquanto Fitzsimmons fazia o seu discurso de apoio e dezesseis outros membros da diretoria assistiam, radiantes. Todos os diretores estão aqui, pensou Frank, mas não há nenhum mafioso à vista.

— Dá para acreditar — perguntou Mike, muito elegante e um tanto nervoso ao lado de seu carro imaculadamente polido —, que vamos para a casa do *presidente*, cacete?

Após seu discurso, Fitzsimmons e três outros membros da diretoria entraram no carro de Frank. Os outros carros o seguiram enquanto Frank os guiou pela 5 até San Clemente, onde ficava a Casa Branca do Oeste.

Frank já estivera ali.

Bem, não exatamente na casa, mas logo abaixo dela, sob o barranco vermelho. Ele e alguns colegas surfistas haviam feito uma caminhada desde Trestles e encontrado aquele ótimo ponto onde as ondas quebravam para a direita sob a Casa Branca do Oeste. Por algum motivo, o lugar recebera o nome de Cottons.

Talvez eu devesse dizer isso para Nixon, pensou Frank ao chegar aos portões, onde agentes do serviço secreto vestindo ternos pretos, óculos escuros e fones de ouvido o pararam para revistar o carro. Mas, na verdade, pensou, é um tanto difícil imaginar Richard Nixon em uma prancha de surfe.

Ou fazendo o V da vitória enquanto executa um hang ten.

*Cowabunga, cara!*

Os sujeitos do serviço secreto deixaram a caravana passar. Por que não?, pensou Frank. Nixon não poderia estar mais seguro nem no colo da mãe do que estava com aquela delegação, embora ninguém estivesse armado, já que haviam recebido ordens explícitas de deixar todas as ferramentas em casa. Afinal, nós somos a equipe dele. Todos estamos fazendo dinheiro juntos.

Outro agente secreto o orientou aonde estacionar. Ele estacionou e, então, saiu para abrir as portas para Fitzsimmons e seus rapazes e viu o presidente dos EUA aproximando-se para recebê-los.

Mesmo com o característico cinismo que tinham as pessoas de vinte e poucos anos na década de 1970, Frank teve de admitir que ficou um tanto maravilhado, e talvez, até, intimidado. Aquele era o *presidente dos EUA*, o comandante em chefe, e o ex-fuzileiro dentro de Frank o fez ajeitar um pouco a postura e ele teve de lutar contra o impulso de bater continência.

Ele sentiu algo mais: uma ponta de orgulho por estar fazendo parte daquilo, mesmo como um motorista. Era a sensação de fazer parte de algo... tão poderoso... que poderia levá-los à porta do presidente dos EUA, e o sujeito sairia de casa para recebê-los pessoalmente.

Nixon abriu os braços enquanto caminhava em direção a Fitzsimmons e disse:

— Ouvi dizer que tem boas notícias para mim, Frank!

— *Muito* boas notícias, Sr. Presidente!

Deviam ser mesmo, porque Nixon estava com um humor excelente. Ele abraçou Fitzsimmons e começou a apertar a mão de todo mundo, trabalhando a multidão como o político carreirista que era. Ele apertou as mãos de todos os membros da diretoria, então se aproximou e cumprimentou os motoristas.

— Prazer em conhecê-lo — disse Nixon para Frank. — Obrigado por vir.

Frank não sabia o que dizer. Ele tinha medo de dizer algo estúpido como o que passava pela sua cabeça naquele momento, que era: o senhor tem aqui um excelente ponto para pegar ondas, Sr. Presidente, mas Nixon já havia se afastado antes que Frank formulasse as palavras.

Foi a única vez que Frank o viu naquele dia.

A diretoria do sindicato dos caminhoneiros entrou na casa e os motoristas esperaram nos carros. Os empregados da casa lhes trouxeram frango e costelinha assada na brasa — a mesma coisa que os figurões comiam no jardim. Mais tarde, um funcionário se aproximou e deu para cada um deles uma bola de golfe autografada pelo presidente.

— Vou guardar isso para sempre, cacete — disse Mike. Frank podia jurar ter visto lágrimas em seus olhos. Frank caminhou até a borda do penhasco. Ele tinha tempo de sobra porque estava programado que o sindicato dos caminhoneiros jogaria uma partida no campo de golfe de três buracos do presidente, e aquilo ia demorar algum tempo.

Então Frank se sentou defronte ao mar e ficou observando as ondas de Cottons quebrando lá embaixo. Naquele dia, não havia surfistas. Nunca havia surfistas quando Nixon estava na casa. Acho que o serviço secreto tem medo de algum surfista assassino ou algo assim, pensou Frank, embora fosse muito difícil disparar um tiro certo da praia até o jardim.

Ele olhou para o sul e, é claro, pôde ver os prédios da extremidade oeste do Sur brilhando sob o sol, e imaginou o que Joey, o Palhaço e Tony Pro estavam fazendo enquanto todos os

demais visitavam a casa do presidente, e perguntou-se se eles estavam ressentidos por terem sido deixados de fora.

Esse foi o verão de 1972, o verão de Richard Nixon.

Até o inverno de 1975, tudo tinha dado merda.

## 25

Nicky Locicero morreu no outono de 1974. Seu funeral foi patético, apenas a família mais próxima — nenhum dos rapazes apareceu porque ninguém queria dar munição para os agentes federais.

Os federais estavam *massacrando* a família de L.A. Era como se o FBI estivesse vivendo dentro da cabeça deles. Os promotores pareciam saber de tudo, e as fotocopiadoras dos federais estavam pifando de tantos indiciamentos que imprimiam.

E as acusações eram sólidas. Até mesmo Sherm Simon aconselhou os rapazes a se declararem culpados, o que eles fizeram. Peter Martini pegou quatro anos e Jimmy Regace, que acabara de assumir como chefe, pegou dois. Ele nomeou o velho Paul Drina como chefe interino.

Bap achava que deveria ter sido escolhido. E ficou furioso.

— Tom é um advogado que nunca sujou as mãos — disse Bap para Frank. — O que ele já fez, além de ser irmão de Jack? E eles o passam por cima de mim? Depois de tudo o que fiz por eles?

Esse era o refrão constante de Bap nos anos 70, o mantra “depois de tudo o que fiz por eles”. Mas o fato de ser justificado não o

tornava menos enfadonho ou fútil. A verdade era que Frank estava cansado de ouvir aquilo.

Chega um momento na vida de um homem, pensava ele, a infame crise da meia-idade, em que o sujeito tem de encarar o fato de que aquilo que ele tem agora é tudo o que ele sempre terá, e precisa encontrar a paz e a felicidade em sua vida do jeito que ela é. A maioria dos homens consegue fazer isso, mas não Bap. Ele estava sempre reclamando de como fora trapaceado, como este ou aquele sujeito o havia enganado em um negócio, como havia pessoas “incompetentes” nesse mundo que ele estava farto de carregar nas costas, como L.A. nunca lhe dera a sua justa fatia da torta.

*Que torta?*, pensou Frank ao ouvir esta litania pela milésima vez. Praticamente não há torta a ser dividida, com metade dos rapazes na cadeia, e Nova York e Chicago bicando os ossos como abutres.

Motivo pelo qual Frank pegara as suas magras economias e entrara no negócio de peixe. Mike podia rir dele o quanto quisesse e fazer piadas sobre como Frank cheirava a cavalinha — o que não era verdade porque: (a) Frank se banhava cuidadosamente após o trabalho e, (b) não havia cavalinhas no Oceano Pacífico —, mas o dinheiro era limpo e seguro. E embora não ganhasse tanto quanto ganharia com seus cambalachos caso tudo estivesse bem, tudo *não* estava bem.

E eles também não podiam esperar nenhuma ajuda de cima porque o cara na Casa Branca tinha os seus próprios problemas e não estenderia a mão para um bando de mafiosos.

Portanto, era uma má hora para as coisas desandarem no Sur.

Mas desandaram.

Em junho, verão de 1975, Frank recebeu um telefonema do escritório-cabine-telefônica de Bap.

— Você e Mike, venham rápido para cá.

Frank sentiu a urgência na voz dele e disse que poderiam chegar em Pacific Beach em meia hora.

— Não em Pacific Beach — disse Bap. — No Sur. E venham preparados.

Era o Fort Sur Mer.

Dirigindo em direção ao prédio principal, Frank viu meia dúzia de mafiosos, todos vestidos casualmente, como hóspedes, mas posicionados de modo a controlar as vias de acesso. E Frank sabia que sob as camisas polo e calças de gabardine, ou enfiado em bolsas de golfe e de tênis, carregavam armamento pesado.

Frank estacionou em uma vaga em frente ao apartamento de Dorner. Bap deve tê-lo visto chegar porque já caminhava em direção a eles antes mesmo de Frank desligar o motor.

— Vamos, vamos — disse Bap, abrindo a porta do carro de Frank.

— O que houve?

— Hoffa está fazendo sua jogada — disse Bap. — E é possível que acabe com Dorner.

Frank nunca vira Bap tão exaltado. Ao entrarem no apartamento de Dorner, Frank pôde ver por quê.

As cortinas pesadas estavam fechadas sobre as grandes portas de vidro voltadas para o campo de golfe. Jimmy Forliano estava no canto da cortina, olhando para fora, com uma .45 pendurada no ombro. Joey Lombardo estava na cozinha, pegando uma cerveja na geladeira.

Carmine Antonucci estava sentado no sofá, tomando café. Dorner encontrava-se ao lado dele, um copo de gim-tônica suando sobre a

mesa de centro perto de seus joelhos. Em uma grande poltrona diante deles sentava-se Tony Jacks, parecendo tranquilo e vestindo um terno de linho branco e uma gravata azul-real.

Dorner olhou para eles como se nunca os tivesse visto antes, embora eles o tivessem levado e trazido de seu jatinho particular algumas dezenas de vezes. Não tinha uma aparência boa. Estava pálido e parecia cansado.

— Oi, rapazes — disse ele.

Sua voz estava fraca.

— Fiquem mais grudados em Dorner do que o cu dele — murmurou Tony Jacks. — Ele não deve cagar, fazer a barba ou tomar banho sem ter um de vocês por perto. Qualquer coisa que aconteça com ele, acontecerá com vocês em seguida.

O cerco demorou três semanas.

— Ei — disse Mike por volta da primeira semana. — Há lugares piores do que o Sur para se preparar para uma batalha.

Mais conversa de *O Poderoso Chefão*, pensou Frank. Se alguém já se “preparou para uma batalha” em San Diego antes disso, foi para uma batalha naval, com lápis e papel.

Dorner começou a se ressentir do confinamento.

— Quero sair — disse ele. — Jogar um pouco de golfe, dar uma caminhada, cacete. Tomar um pouco de sol.

Frank balançou a cabeça.

— Não vai ser possível, Sr. Dorner.

Ele tinha ordens expressas.

— Sinto-me como um prisioneiro em minha própria casa — disse Dorner.

Não está longe da verdade, pensou Frank, começando a se perguntar se estavam protegendo Dorner *de* Hoffa ou *para* Hoffa.

Ele disse isso para Bap certo dia enquanto o acompanhava até a saída do apartamento.

Bap olhou para ele por um longo momento.

— Você é um rapaz esperto, Frankie — falou Bap. — Vai chegar longe.

Bap explicou que podiam ser ambas as alternativas. Chicago e Detroit cuidavam do assunto; tudo o que podiam fazer era esperar.

Basicamente, Tony Jacks lutava por seu homem, Hoffa, enquanto o pessoal de Chicago tomava o partido de Fitzsimmons e Dorner. Bap apostava em Fitzsimmons e Dorner porque eram os que mais faturavam, mas as conexões de Hoffa em Detroit eram fortes e antigas.

E Tony Jacks fazia um lobby pesado para se desfazer tanto de Dorner quanto de Fitzsimmons.

— Não se deixe ficar muito próximo do sujeito — disse Bap, referindo-se a Dorner. — Você não sabe o que terá de fazer, hein?

Então era isso.

Estavam protegendo Dorner, mas também o estavam *guardando*. Não deixavam ninguém entrar e não o deixavam sair. Era estranho ficar ali jogando cartas com o sujeito noite após noite, sabendo que você poderia ser convocado a matá-lo.

Então, era uma situação tensa.

Ficou muito mais tensa quando Mike voltou de uma curta caminhada, puxou Frank de lado e murmurou:

— Precisamos conversar.

Ele estava *abalado*.

Mike Pella, que geralmente era um *gelo* de pessoa, parecia abalado.

— É Bap — disse Mike.

— Bap *o quê?* — perguntou Frank com certo nervosismo na voz, mas ele já sabia a resposta. Achou que ia vomitar.

— *Bap* tem falado com os agentes federais — disse Mike. — Ele está grampeado.

— Não — falou Frank, balançando a cabeça. Mas ele já sabia que era verdade. Fazia sentido: Bap finalmente encontrara um meio de acabar com a liderança de L.A.: cooperar com os agentes federais e colocar os outros atrás das grades. Então, quando elegeram Paul Drina como chefe em vez dele, Bap decidiu que precisava terminar o serviço.

— Como *soube* disso? — murmurou Frank. Dorner estava dormindo em seu quarto, mas Frank não queria correr o risco de serem ouvidos.

— Os rapazes armaram para cima dele — contou Mike. — Inventaram alguma mentira sobre uma extorsão envolvendo pornografia e os agentes federais apareceram por lá.

E agora, disse Mike, L.A. se perguntava se *todos* os rapazes de Bap estavam envolvidos com os tiras.

— Frank — disse Mike —, isso quer dizer que eles estão pensando em acabar com *todos* nós.

Ele estava pirando agora, a paranoia estimulando a adrenalina.

— E se Bap também *nos* entregou?

— Ele não fez isso — disse Frank, ainda esperançoso.

— Não podemos saber — rebateu Mike. — E se ele testemunhar? Ele pode nos enquadrar por DeSanto, Star...

— Se ele tivesse feito isso — argumentou Frank —, já estaríamos presos. Os agentes federais não enrolam com acusações de homicídio.

Não. Se isso era verdade, a estratégia de Bap era a de se livrar de L.A., entregando o pessoal de lá aos agentes federais, e então basicamente substituir o pessoal de L.A. com a sua própria equipe de San Diego. Motivo pelo qual ninguém de San Diego fora indiciado no verão anterior. Bap sempre sonhara em administrar a Califórnia ali de San Diego.

— Nós seríamos os seus dois capitães — disse Frank.

— De que merda você está falando?

Frank explicou a sua análise do plano de Bap e repetiu:

— Bap está planejando nos tornar capitães de sua nova família. Ele nos manteve fora dos indiciamentos; ele nos manteve fora de cena.

— Então, quer dizer que estamos em dívida com ele?

— É.

— Nós lhe devemos a droga de nossas *vidas*, Frankie? — perguntou Mike. — Porque é disso que se trata aqui.

Mike tinha razão. Frank odiava admiti-lo, mas Mike estava absolutamente certo. Só podia ser um ou outro. Ou eles apagavam Bap ou entravam no mesmo barco que ele.

E aquele barco estava afundando.

Então, pronto. As tardes na cela de luxo de Dorner tornaram-se muito longas. Agora, havia três sujeitos sentados perguntando-se se iam ser mortos, tentando pensar em outra coisa enquanto assistiam a outros sujeitos traírem o seu chefe.

No fim de julho, receberam a notícia.

Jimmy Hoffa desaparecera.

Então, pensou Frank, parece que Chicago e Detroit se resolveram. E ele aprendeu que, quando se trata de uma competição entre antigos contatos e dinheiro, deve-se apostar no dinheiro.

Dorner emitiu um longo suspiro de alívio e expulsou os dois de sua casa.

Não ficaram tão felizes em partir. Ninguém os mataria no apartamento de Dorner. Lá fora, porém, a história podia ser diferente. Frank foi para casa e não dormiu bem naquela noite.

Bap ligou às dez da manhã de sua cabine telefônica, pedindo que Frank o encontrasse imediatamente, pois ele tinha algumas novidades. Frank encontrou com ele no calçadão de Pacific Beach. Bap estava com o seu cavalete, pintando ao ar livre, *radiante*.

— Eles me elegeram *consigliore* — contou Bap.

O orgulho em sua voz era palpável.

— *Cent'anni* — disse Frank. — Você merecia.

— Não é um posto de chefe — disse Bap. — Não é tudo o que eu queria, mas é uma honra e tanto. É um *reconhecimento*, entende o que eu quero dizer?

Frank teve vontade de chorar. Talvez fosse isso o que ele sempre quisera: uma palavra de estímulo, um tapinha nas costas. Não era pedir muito. Mas Frank sabia o que era aquilo na verdade. Era veneno embrulhado em papel de bombom, um sonífero para dar a Bap uma sensação de segurança.

Era uma sentença de morte.

Frank quase contou para ele.

Mas se forçou a engolir as palavras.

— Vou cuidar de você — disse Bap, pintando tranquilamente sua péssima aquarela do oceano. — Você e Mike não se preocupem. Providenciarei para que sejam recompensados.

— Obrigado, Bap.

— Não me agradeça. Vocês fizeram por merecer.

Marie saiu da casa com dois copos de chá gelado para eles. Ela não era mais a gostosura de antes, mas ainda tinha boa aparência, e, pelo modo como olhava para o marido, era evidente que o venerava.

— Quase terminou a pintura, hein? — disse ela, olhando sobre o ombro do marido. — Está boa.

Não está, pensou Frank. Apenas uma esposa apaixonada diria aquilo.

A ligação seguinte veio de Mike.

Encontraram-se em Dog Beach e observaram *golden retrievers* apanhando Frisbees.

— O negócio está certo — disse Mike. — L.A., Chicago e Detroit já concordaram. Chris Panno fica com San Diego; nos daremos satisfação a Chicago até L.A. se organizar.

— Ah, é? E quando será *isso*? — perguntou Frank, evitando o assunto real.

— Precisamos agir — disse Mike.

— Ele é o nosso *chefe*, Mike!

— É um traidor do caralho! — disse Mike. — Ele tem que morrer. Se quiser morrer com ele, a escolha é sua, mas vou logo lhe dizendo: não é a minha.

Frank olhou fixamente para o mar, pensando que gostaria de pegar uma prancha e sair remando. Talvez fosse bom apanhar de uma onda enorme... e ficar *limpo*.

— Olha, *eu* posso fazer a coisa se você preferir — disse Mike. — Dessa vez, *você* dirige.

— Não — disse Frank. — Eu faço.

Ele foi para casa naquela tarde, ligou a televisão e viu Nixon caminhar até um helicóptero, então se voltar e acenar.

Jimmy Forliano pediu que Bap ligasse para ele naquela noite. Chovia ao longo do litoral. Bap usava um casaco pesado e um daqueles antigos chapéus de feltro que os mafiosos costumavam usar nos filmes. Ele o tirou ao entrar na cabine telefônica.

Frank ficou sentado no carro e observou-o tirar o pacote de moedas de seu bolso e batê-lo contra a pequena prateleira de metal para romper o invólucro de papel. Então, começou a inserir as moedas no telefone.

Forliano estava em Murietta.

Chamada interurbana.

Frank não podia ouvi-lo, mas mesmo através da chuva e do vidro pôde ver os seus lábios se moverem dizendo: "Sou eu." Ele esperou até Bap estar no meio da conversa, sem se preocupar que o diálogo acabasse logo. Forliano era um artista do papo furado; se havia algo que ele sabia fazer, era falar.

Frank usava uma pistola .25 para esse trabalho, não o .22 habitual. ("Não assine os seus trabalhos", dissera-lhe Bap certa vez.) Ele vestiu o capuz do casaco e saiu do carro. A rua estava deserta. As pessoas de San Diego não saem à noite na chuva. Apenas Bap fazia isso, para ir até o seu escritório.

Bap deixou cair o pacote de moedas ao ver Frank. As moedas se espalharam pelo chão, algumas rolando em torno como se tentando escapar dali. Bap tentou segurar a porta fechada.

Ele sabia, pensou Frank.

Ele sabe.

Havia uma expressão de mágoa em seus olhos enquanto tentava segurar a porta, mas Frank era forte demais e abriu-a sem dificuldade.

— Desculpe — disse Frank.

E disparou quatro vezes no rosto de Bap.

O sangue escorreu para a rua.

Frank foi ao enterro. Marie parecia inconsolável. Mais tarde, processou o FBI por negligência. O processo não chegou muito longe.

As investigações sobre o assassinato também não.

Os agentes federais culpavam Jimmy e o acusaram e misturaram o atentado à salada de acusações contra L.A., mas não tinham prova nenhuma e não conseguiram provar nada.

E Frank e Mike conseguiram sua iniciação por causa daquela noite.

Fizeram uma “cerimônia” fajuta na traseira de um carro estacionado no acostamento da I-15 perto de Riverside, com Chris Panno e Jimmy Forliano. Foi só isso: Chris parou no acostamento, Jimmy voltou-se para o banco de trás, furou o polegar de Frank com um alfinete, beijou-o na face e disse:

— Parabéns, você está dentro.

Não seguraram nenhum papel em chamas, não empunharam um estilete ou uma arma, nada disso. Não foi nada como antigamente, nada parecido com o que acontecia nos filmes.

Mike ficou desapontado.

Frank entrou na linha após o golpe contra Bap.

Mike foi para San Quentin.

Fora preso por extorquir jogadores locais — os agentes federais tinham uma gravação dele e Jimmy Regace discutindo aquilo, de modo que ambos se ferraram feio. Os federais tentaram culpá-lo pelo atentado a Baptista, com Forliano como o atirador, e tentaram convencê-lo a negociar, mas Mike não caiu no blefe e não teria aceitado o acordo de qualquer maneira.

Fosse o que fosse, Mike não era um traidor.

E nunca mencionou o nome de Frank.

Ninguém mencionou, e Frank superou a tensão suando (literalmente) em Rosarito. Na mesma primavera, a Comissão de Crimes da Califórnia enumerou noventa e três nomes em sua lista do "Crime Organizado", e Frank não estava nela. Ele se deu conta de que escapara de boa, de modo que era hora de sair de cena.

Frank voltou a ver Richard Nixon uma vez.

Foi no outono de 1975, e o presidente não era mais presidente e sim um *ex*-presidente em desgraça, exilado em San Clemente.

Ele veio ao Sur em outubro para jogar no torneio de golfe de Fitzsimmons, sua primeira aparição pública desde que fora deposto. Frank estava no estacionamento quando a limusine de Nixon estacionou e ele o viu sair do carro. Nixon não parecia mais confiante; parecia velho e cansado, mas jogou uma partida completa de dezoito buracos, e dessa vez não pareceu se incomodar por estar sendo visto com gente como Allen Dornier, Joey, o Palhaço e Tony Jacks, que também estavam jogando.

E eles não se incomodaram em serem vistos ao lado de Richard Nixon.

Seria possível?, se pergunta Frank.

Teria Marie Baptista, a viúva de Bap, descoberto algo durante o seu processo contra o FBI? Teria esperado, juntado dinheiro, talvez? Contratado Vince para me matar?

É improvável, mas preciso descobrir.

Ele entra no carro alugado e vai até Pacific Beach.

Marie Baptista ainda mora na mesma casa.

Frank não a vê desde o enterro de Bap, há trinta anos. Mas ele se lembra do trajeto até a casa dela. Agora, ele atravessa o estreito caminho em meio ao bem cuidado canteiro de flores e toca a campainha, como costumava fazer antigamente, quando vinha demonstrar o seu respeito.

Marie ainda tem ótima aparência.

Pequena, diminuída como os velhos costumam ficar, mas ainda ótima. Ainda tem aquele rosto bonito, os olhos brilhantes, e basta um olhar para eles para Frank ver que aquela senhora poderia contratar alguém para vingar o marido.

— Sra. Baptista — diz Frank —, lembra-se de mim? Frankie Machianno?

Ela parece confusa. Ela tenta, mas não está conseguindo se lembrar. Ou é uma ótima atriz.

— Eu trabalhava para o seu marido — afirma Frank.

Aliás, pensa ele, trabalhei para os seus *dois* maridos.

— Eu costumava levá-la para fazer compras no supermercado — diz Frank.

O rosto dela se ilumina.

— Frankie... Não quer entrar?

Ele entra na casa. O lugar tem aquele cheiro mofado e floral que acompanha as velhas senhoras. Mas está muito bem-arrumado e limpo. Alguém deve vir ajudá-la. Bap deve tê-la deixado em uma situação confortável.

Bom para Bap.

— Gostaria de um pouco de chá? — pergunta Marie. — Não bebo mais café. Minha barriga.

— Chá seria ótimo — diz Frank. — Posso ajudá-la?

— Acabei de pôr a água no fogo — diz Marie. — Sente-se. Volto em um minuto.

Frank se senta no sofá.

As péssimas pinturas de Bap estão espalhadas pelas paredes. Diversas aquarelas de paisagens marinhas e um retrato horrível dela, a pior obra de Bap, mas ela deve adorar o quadro. Deve se achar linda nele.

Há fotos de Bap sobre todas as superfícies planas da sala. O penteado para ocultar a calvície, os olhos esbugalhados, os óculos de lentes grossas, o sorriso desajeitado. Frank tem uma imagem diferente de Bap gravada em sua mente. Bap na cabine telefônica, o sangue escorrendo...

Marie volta à sala com duas xícaras. Frank se levanta e pega uma, então a ajuda a se sentar em uma cadeira.

— É um prazer revê-lo, Frankie — diz ela.

— É um prazer ver você também — diz Frank. — Lamento não ter vindo mais vezes.

Ela sorri e faz que sim com a cabeça. Se tivesse sido ela, pensa Frank, você já saberia a essa altura. Ela pareceria amedrontada, ou culpada; você veria nos olhos dela.

— Trouxe as minhas compras? — pergunta ela.

— Não, senhora — diz Frank. — Não faço mais isso agora.

— Ah. — Ela parece confusa. — Achei que...

— *Precisa* de compras, Sra. Baptista? — pergunta Frank.

— Bem, sim. — Ela olha em torno da sala. — Minha lista... achei que tinha... onde está?

— Estaria na cozinha? — pergunta Frank. — Posso procurar?

Ela está com a testa franzida, olhando em torno da sala. Frank se levanta, pousa a xícara de chá em um descanso sobre a mesa de canto e vai até a cozinha. Encontra a lista colada com fita crepe junto ao telefone. Ou ela esqueceu de ligar para o serviço de entrega, ou esqueceu que ligou. De qualquer modo...

— Sra. Baptista — diz ele ao voltar à sala —, posso ir comprar essas coisas para a senhora?

— É o seu trabalho, não é mesmo? — diz ela.

— Sim, senhora, é.

Ele encontra um supermercado Albertsons em um centro comercial a três quadras dali. Não demora muito, já que a lista é curta: algumas latas de atum, pão, leite, suco de laranja. Ele vai até a seção de congelados, escolhe cuidadosamente algumas das refeições individuais de melhor qualidade e as joga na cesta.

Ao voltar, Frank toca a campainha novamente. Marie o deixa entrar, ele pousa os sacos de compras sobre a bancada da cozinha e começa a guardar as coisas. Ele mostra para ela as comidas de micro-ondas antes de guardá-las no congelador.

— Você pode prepará-las em cinco ou seis minutos — diz ele.

— Eu sei disso — diz ela, impaciente.

Olhar nos olhos dessa velha senhora lhe traz muitas lembranças. Ela em seu vestido preto, “a gostosura de parar o trânsito”, Al DeSanto e Momo. Ela era uma mulher forte, sobrevivera a tudo aquilo, e ainda se casara com Bap.

Ela estende a mão, toca o seu braço e lhe lança o seu sorriso mais encantador. Por incrível que pareça, é encantador. Ela ainda é linda.

— Direi para Momo que você fez um bom trabalho — diz ela.

— Obrigado, senhora.

— Pode me chamar de Marie.

— Não posso fazer isso, Sra. Baptista.

Ele termina de guardar a comida no congelador, despede-se e vai embora.

É, você é mesmo um ótimo sujeito, pensa Frank. Você mata o marido da mulher e, então, compra algumas refeições congeladas para ela.

Isso deve acertar as coisas.

Mas não foi Marie quem ordenou a execução.

Portanto, ainda preciso responder a pergunta: por que Vince Vena queria me matar? E se ele não estava agindo por conta própria, então por que Detroit me quer morto?

Não importa, decide. Se Detroit não tinha nada contra mim antes de eu matar Vince, agora certamente tem. Eles não podem deixar alguém matar um membro do conselho executivo da Combinação e sair vivo, mesmo se foi em legítima defesa.

De modo que isso não será algum pequeno mal-entendido que pode ser rapidamente resolvido. Eles virão, em peso e durante muito tempo, e não vão parar até me colocarem debaixo da terra.

Isso vai ser uma guerra, e eu vou precisar de recursos dignos de uma guerra.

Ele vai a La Jolla procurar O Níquel.

— Temos a identificação do cadáver flutuante — diz o agente novato para Dave.

Ele está de volta ao escritório do FBI no centro da cidade. O jovem agente se aproxima como um acólito trazendo o cálice para um bispo.

— Como soube, Sr. Hansen?

— *Dave* — diz ele. — Já estou me sentindo velho o bastante hoje.

E eu não me lembro do nome desse garoto, pensa. A nova safra é muito parecida: magros embora musculosos, bem cuidados, cabelos curtos. Ternos pretos ou azuis feitos sob medida, camisas brancas, gravatas monótonas e despretensiosas.

Esse daí é particularmente meticuloso com as roupas. Usa a camisa branca padrão, Dave percebe, mas com caras abotoaduras nos punhos duplos.

Abotoaduras, pensa Dave. Aonde vamos parar? É Troy. Esse é o nome do rapaz. Troy... Vaughan.

— Mas como soube, Dave? — pergunta Troy.

Ele se refere à comparação das digitais do cadáver com as dos arquivos do Orange County. Ainda assim, eram muitos arquivos, e Dave está um tanto surpreso por já terem encontrado. Supercomputadores, imagino, pensa ele. Nos velhos tempos era uma questão de... quem se importa? Esses não são os velhos tempos.

— Eu *não* sabia — diz Dave. — Foi um palpite.

— Incrível.

— Vai me dar a identificação? — pergunta Dave.

Troy enrubesce e lhe entrega o arquivo.

Vincent Paul Vena tem uma aparência muito melhor no retrato do que tinha nas pedras em Point Loma. Olha para a câmera com o

clássico sorriso de “estou pouco me lixando” dos mafiosos, aquele sorriso que devem ensinar na aula básica de como ser um mafioso.

Vena tem uma ficha e tanto: agressão simples, agressão agravada, agiotagem, jogo, extorsão, ato incendiário... Passou cinco anos em Leavenworth por conta do incêndio. Os tiras de Michigan o acusaram de vários homicídios nos anos noventa, mas não conseguiram imputar nenhum. E há boatos de que ele acabara de ser promovido ao conselho executivo da Combinação.

Nada disso importa muito para Dave. O que importa — e importa um bocado — é que Vena era o sujeito em Detroit a quem Teddy Migliore prestava contas. Era Vena quem cuidava dos clubes de strip e do negócio de prostituição da Combinação em San Diego.

— O que um sujeito de Detroit está fazendo na Califórnia? — pergunta Troy.

— Tirando férias? — diz Dave.

Talvez, pensa Dave, mas provavelmente não. O mais provável é que ele estivesse ali controlando os prejuízos causados pelos indiciamentos da operação G-Sting.

Talvez para matar alguém.

Mas parece que alguém reagiu.

Dave termina de ler a ficha de Vena, então pega o carro e vai até o lugar onde costumava ser o bairro Little Italy. Frank Machianno não apareceu novamente na Hora dos Cavalheiros ou na loja de iscas, que ainda estava fechada. Ninguém deu queixa de seu desaparecimento, mas ele está desaparecido, caramba.

Dave vai até a filial da biblioteca no centro da cidade onde Patty Machianno trabalha meio expediente. Só para conversar com ela, não como um agente do FBI e, sim, como um amigo preocupado.

Ela não está lá.

Ele dá a volta no prédio inteiro e não a encontra, então pergunta a uma mulher da idade dela que está atrás do balcão.

— Patty não veio hoje?

A mulher olha para ele e vê sua aliança.

— Sou amigo do Frank — diz ele. Porque todo mundo adora Frank, o Cara das Iscas. — Eu estava na biblioteca, pensei em dizer olá para ela.

— Patty ligou ontem dizendo que estava doente — diz a mulher. — Disse que não sabe quanto tempo ficará fora.

— Obrigado.

Dave volta ao escritório, pega um carro e vai até a casa de Patty. Toca a campainha umas seis vezes, então dá a volta na casa, olhando para dentro das janelas. O lugar está todo trancado. Ele olha dentro da caixa de correio, e ela está vazia. Nenhuma correspondência, nenhum jornal. Ele sabe que Patty lê o *Union-Tribune*, porque Frank está sempre reclamando disso.

— Ela poderia ler o jornal na biblioteca — dissera Frank.

— Talvez ela goste de ler o jornal durante o café da manhã, Frank.

Patty é fã de beisebol, em especial dos Padres e dos Chargers de San Diego e lê a seção de esportes todas as manhãs. Ela é *viciada* nas colunas de Nick Canepa.

Dave liga para o serviço de atendimento ao consumidor do jornal.

— Oi, aqui é Frank Machianno — diz ele. — Não recebi o meu jornal esta manhã.

Ele dá o endereço de Patty para a mulher ao telefone. Alguns segundos depois, ela volta à linha e diz:

— O senhor cancelou a entrega por duas semanas.

Dave encerra a ligação, liga para Troy no escritório.

— Troy, encontre o número da placa e o registro do carro de Machianno, Patricia. E comece a procurar o veículo.

Ele soletra o nome.

— Tente o aeroporto — diz para Troy. — Não o estacionamento principal, mas um dos baratos.

Uma mulher casada com Frank Machianno durante todos esses anos não pagaria as altas tarifas do estacionamento principal do aeroporto. Ela procuraria um desses estacionamentos comerciais mais baratos ao largo da PCH e pegaria a van gratuita até lá.

Troy pergunta:

— Que arquivo devo...

— *Nenhum* — rebate Dave. — Não abra nenhum arquivo. Apenas faça o que eu pedi.

— Sim, senhor.

— E não me chame de “senhor”.

— Não.

Dave se sente mal por estar sendo ríspido com o rapaz e diz:

— Troy, você está fazendo um ótimo trabalho, está bem?

Dave sai da casa de Patty e dirige até Solana Beach. Sente-se um pouco culpado por fazer aquilo, porque Frank não sabe que Dave sabe a respeito de Donna. Frank faz questão que sua vida privada seja exatamente isso: *privada*, e provavelmente não gostaria que Dave se intrometesse em seus assuntos pessoais. Só que há um arquivo da inteligência do FBI sobre Frankie, e Dave estudou cada palavra dele.

Estou preocupado com você, Frank, pensa Dave enquanto dirige para o norte.

A loja de Donna Bryant está fechada.

Dave sai do carro, vai até a porta e lê o cartaz escrito a mão.

DE FÉRIAS.

Donna Bryant não tira férias.

Dave passava por ali de tempos em tempos, e a loja sempre estava aberta, sete dias por semana. Se Donna Bryant realmente estivesse tirando férias, ela teria planejado tudo com antecedência e arranjado alguém para cuidar da loja. No mínimo, teria mandado fazer um cartaz impresso, com a data de sua volta.

Mas ela não sabe quando vai voltar, pensa Dave.

Ela também não sabia que teria de partir.

Então Frank está sumido, sua ex-mulher também, e sua namorada, que é tão ou mais *workaholic* do que Frank, tira férias subitamente.

Tudo isso depois que o cadáver de um mafioso de Detroit vem dar às pedras.

Não. Não é assim que funciona.

Frank Machianno está em apuros.

Mas Frank *jamaís* desapareceria sem antes se certificar de que seus entes queridos estão em segurança. A ausência de Patty e Donna é um bom sinal de que Frank ainda está vivo, que ele as mandou sumir e então desapareceu também.

E onde está Jill?

Ele se pergunta se deve ligar para ela. Por um lado, quer se certificar de que ela está em segurança; mas por outro lado, também não quer apavorá-la. E mais: Jill Machianno não sabe que seu pai é...

E Frank acabou de fazer as pazes com a filha, o que foi algo que significou muito para ele, e a última coisa que Dave quer fazer é estragar isso.

Então, diz para si mesmo, encontre-a, ponha-a sob discreta vigilância, mas pare por aí. No meio-tempo, talvez seja boa ideia dar uma dura em Sherm Simon.

Ver o que O Níquel tem a dizer.

28

— Fuja.

É isso que O Níquel tem a dizer quando recebe o telefonema de Frank. Apenas esta única palavra, *Fuja*, antes de desligar. Não passe por aqui. Vá. Não recolha duzentos dólares. *Não* venha até o escritório ou perto dele. Apenas fuja.

— Fuja? — pergunta Dave Hansen.

Ele está sentado no outro lado da escrivaninha de Sherm Simon.

— Filme japonês — responde Simon. — Kurosawa. Se não viu, devia ver.

— O nome era *Ran*.

— *Ran*, *Run*, que diferença faz?

— Uma grande diferença — diz Dave —, se era Frank Machianno ao telefone.

— Frank quem?

— Não brinque comigo.

— Não sou de brincadeiras — diz Sherm. — Você tem um mandado, agente Hansen? Porque se não tem... — Ele aponta para a porta.

— Frank pode estar em apuros — diz Dave.

Não me diga, Frank pode estar em apuros, pensa Sherm. *Eu* posso estar em apuros. *Todos* podemos estar em apuros. Há apuros pelos quais você passou, apuros pelos quais está passando atualmente e apuros pelos quais vai passar. Assim é o mundo.

— Você cuida do dinheiro de emergência do Frank — diz Dave. É uma afirmação, não uma pergunta.

— Não sei do que está falando.

— Estou tentando ajudar Frank — diz Dave.

— Duvido seriamente.

Dave se levanta e se inclina sobre a escrivania.

— Bem, não duvide seriamente *disso*: o Ato Patriota me dá carta branca no que diz respeito a lavagem de dinheiro, Sr. Simon. Posso abrir você como a uma caixa de suco infantil e derramá-lo por toda parte.

— Você sabe muito bem — diz Sherm — que Frank Machianno, e eu não estou sugerindo que tenhamos nenhuma relação, não tem nada a ver com terrorismo. Essa noção é ridícula.

— Não é o que direi ao juiz.

— Não, aposto que não.

— Se o encontrar, se ele entrar em contato com você, me avise imediatamente — diz Dave.

Sherm não faz nenhuma promessa.

Troy Vaughan deixa o prédio do FBI para ir almoçar. Há uma boa lanchonete no prédio, mas Troy quer tomar um pouco de ar. Ele

enfia o *Union-Tribune* debaixo do braço e sai do escritório.

— Está chovendo — diz a recepcionista.

Troy mostra seu guarda-chuva.

Há talvez três pessoas em toda San Diego que possuem um guarda-chuva.

De qualquer modo, não está chovendo muito, e o guarda-chuva o protege do vento. Troy caminha três quadras até um pequeno restaurante na Broadway, no limite do Gaslamp District. Ele encontra um banquinho junto do balcão e se senta.

— Qual a sopa do dia? — pergunta ao rapaz atrás do balcão.

— Sopa de vegetais.

Troy pede a sopa e meio sanduíche especial e abre o jornal. Tira a seção de esportes, baixa-a sobre o banquinho ao seu lado e começa a ler o primeiro caderno.

Um minuto depois, o sujeito que está sentado a dois banquinhos do dele se levanta, pega a conta sobre o balcão, pega a seção de esportes e vai até o caixa. Ele paga a conta e sai na chuva.

Troy obriga-se a ignorar o sujeito enquanto ele sai. Fica sentado, termina o sanduíche e a xícara de sopa de vegetais.

O que, pensa ele, não é exatamente *haute cuisine*, mas cai bem em um dia frio e chuvoso.

Os pescadores estavam tentando fisgar um marlim-azul de cento e oitenta quilos, mas em vez disso fisgaram um segurança de cento e oitenta quilos.

Pescaria macabra.

Dave Hansen recebe a chamada pela manhã e vai até as docas para ver o barco. Não está preocupado com o fato de a perícia de um corpo que esteve na água durante dois dias ser prejudicada.

Afinal, não é difícil identificar Tony Palumbo.

Algumas horas depois, Dave recebe a confirmação de que Palumbo foi baleado com a mesma arma que matou Vince Vena.

Hipótese: Vena veio de Detroit para matar Tony Palumbo, e alguém matou os dois.

Então, alguém estava tentando limpar o caso G-Sting de cima para baixo. E, para isso, contratara o pistoleiro mais eficiente da Califórnia.

Dave emite um mandado contra Frank Machianno.

## 31

Frank vira à esquerda na Nautilus Street e para no acostamento em Windansea.

A única palavra de Sherm, *Fuja*, indica que O Níquel está comprometido.

Em um dia normal, ele adoraria a oportunidade de ir ao Windansea, o lendário ponto de surfe. Especialmente em um dia de boas ondas, quando alguns dos melhores surfistas do mundo estariam na água. Mas esse não é um dia normal. Esse é um dia no qual alguém está esperando para matá-lo.

Que esperem, pensa Frank.

Mesmo assim, ele flerta brevemente com a ideia de dirigir até La Jolla de qualquer modo e deixar as coisas acontecerem como têm de acontecer.

Eles não sabem qual carro você está usando, e, melhor, eles não sabem que você sabe que eles estão lá. Por outro lado, você não sabe quem são, quantos são ou onde estão. Tudo o que sabe é que eles — sejam “eles” quem forem — estarão perto do escritório de Sherm. Além disso, o que você ganharia, mesmo que “vencesse” um tiroteio em um movimentado bairro comercial como o La Jolla Boulevard?

Prisão perpétua sem condicional.

Então, não seja estúpido, diz para si mesmo.

Ele sai do estacionamento e se dirige para leste na Nautilus, então para o sul na La Jolla Scenic Drive, então para leste na Soledad Mountain Road até a 5. Então, dirige rumo ao norte até a 78 e segue para o leste.

Jimmy the Kid Giacamone está sentado em seu carro pensando em colhões.

Colhões é o que tem Frankie Machine. Daqueles grandes, que ressoam como badalos de bronze.

Primeiro ele sequestra Mouse Júnior e o leva até o lugar de trabalho do pai, depois arrasta John Heaney para dentro de uma caçamba de lixo, então entra no bar de Migliore, deixa metade dos rapazes fora de ação e esfola o próprio Teddy.

O sujeito tem colhões.

Que bom, pensa Jimmy, porque esse é o tipo de troféu que você quer pendurar na sua parede. Não os colhões dele, claro, não literalmente — mas qualquer caçador que se preze quer pegar o grande elefante macho, aquele que, caso você falhe, irá matá-lo.

De outro modo, qual a graça?

Jimmy está na Califórnia com toda a sua equipe.

A “Equipe de Demolição”, como são chamados, porque administram um desmanche de carros em Deerborn. Jimmy gosta do apelido “Equipe de Demolição”. Diz tudo.

É claro que não vieram juntos. Isso seria estupidez. Vieram em voos separados, e nenhum deles pousou em San Diego. Jimmy foi para Orange County, Paulie e Joey para L.A., Carlo para Burbank, Tony para Palm Springs, Jackie para Long Beach.

Os rapazes de Mouse se encontraram com eles e lhes entregaram as ferramentas.

Isso foi tudo que Jimmy pediu para aqueles palhaços da Costa Oeste.

— Arranjem algumas ferramentas, limpas, não rastreáveis. Acham que conseguem fazer isso?

Talvez sim, talvez não. Pelo amor de Deus! Frankie M. viera até a garagem deles e eles o deixaram escapar. Pelo que ouviu dizer, Frankie batera o Hummer do moleque e roubara o carro de Joey Fiella no processo.

Engraçado para caralho.

Mas os mosqueteiros de Mouse apareceram com o arsenal que ele requisitara, de modo que a sua equipe estava montada e pronta para deitar e rolar, ao estilo de Detroit, a Cidade do Motor.

Ao estilo 8 Mile.

Jimmy começa a cantar:

*"You only get one shot, do not miss your chance to blow.  
This opportunity comes once in a lifetime, yo..."*

Pode crer, você não vai perder esta oportunidade. Vai cuidar do assunto aqui, voltar e ocupar o lugar que seria de seu pai no conselho. Tipo, *coroe-me*, papai. O primeiro passo será tirar a família dos Tominello e devolvê-la a quem é de direito, os Giacamone.

Algo que papai jamais teria coragem de fazer.

Mas eu tenho, pensa Jimmy.

Eu e Frankie M. temos colhões.

Só preciso estourar os de Frankie.

Então ele fica sentado no carro e espera.

Frankie Machine aparecerá mais cedo ou mais tarde.

### 33

Duas horas depois, Frank está no deserto.

Lá, chove.

Chuva no maldito deserto, pensa Frank. Tinha que ser. Combina com todas essas coisas esquisitas que estão acontecendo.

Borrego Springs é um oásis no Parque Estadual do Deserto de Anza-Borrego, trezentos mil hectares de alguns dos territórios mais selvagens do país. Os fundadores da cidade acharam que ela viraria uma segunda Palm Springs, mas isso nunca aconteceu, principalmente porque há apenas duas estradas que levam até ela,

ambas ruins, ambas serpenteando por quilômetros e quilômetros de deserto rude e inóspito. Todo ano morrem uns doze *mojados* tentando atravessar o deserto a partir do lado mexicano, e a Patrulha de Fronteira passou a enterrar água sob postes de dez metros de altura com bandeiras vermelhas à ponta para tentar salvar as vidas deles.

Então a cidade nunca prosperou realmente, e agora é sobretudo uma pequena comunidade de invernistas aposentados, com umas duas mil almas empedernidas que moram ali o ano inteiro, mesmo no verão, quando as temperaturas podem chegar a 54°C.

Frank chega pela Rota 22, que serpenteia através das montanhas em curvas aparentemente intermináveis rumo a vasta planície do deserto, até se tornar a rua principal de Borrego, que oferece alguns motéis, alguns restaurantes, lojas e um banco.

Foi o banco que levou Frank até ali.

É um banco "manso", um dos muitos lugares onde Sherm lava dinheiro e um ponto pré-combinado para Frank pegar dinheiro em caso de emergência. Mas ele passa direto pelo banco, tentando descobrir carros ou pessoas que pareçam estar fora do lugar.

Ele não vê nada.

Frank estaciona o carro na frente do Albierto's, um pequeno restaurante mexicano onde ele já comeu antes. A comida é boa e barata e vem em grande quantidade, porque o Albierto's serve comida para os mexicanos locais, que trabalham muito duro e querem uma boa refeição em troca de seu dinheiro.

Frank estaciona, pega um *Borrego Sun* em uma máquina de vender jornais, vai até o balcão e pede duas *enchiladas* de frango com feijão preto, arroz e chá gelado, então se senta em um reservado e espera que chamem o seu nome.

Não acontece muita coisa em Borrego Springs. Há uma matéria sobre uma nova escavação arqueológica, outra sobre reformas no ginásio da escola secundária, mas a matéria principal é sobre o escândalo da Câmara Municipal de San Diego e o indiciamento de outro vereador.

Frank pula a matéria e encontra a coluna de Tom Gorton. Gorton é o editor e um velho jornalista e escreve incrivelmente bem. Frank lê a coluna dele toda vez que vê um *Sun* em algum lugar. Dessa vez, Gorton escreve sobre a chuva que tem caído nesse inverno, e como isso resultará em um belo florescer na primavera.

Eu gostaria de ver isso, pensa Frank.

Faz anos que não há um grande florescer no deserto, o vale coberto por uma panóplia (termo de palavras cruzadas) de flores silvestres. Frank sempre achou comovente, um milagre, o fato do árido deserto subitamente se tornar um mar de cores e se encher de vida. É uma *afirmação* da vida, pensa Frank. O fato de flores brotarem no deserto é a prova de que a redenção é possível.

Espero poder ver isso.

Trarei Donna até aqui, talvez Jill também. Talvez seja uma viagem que nós três possamos fazer juntos.

Ah, está bem, pensa. Até parece que *isso* vai acontecer, aquelas duas juntas no mesmo carro.

— Bob.

Frank ergue o dedo, então vai até o balcão para pegar a sua bandeja. A comida tem um cheiro ótimo. Ele vai até outro balcão, pega dois molhos diferentes — um *verde*, outro *fresco* — e algumas cenouras temperadas.

A comida é tão saborosa quanto o cheiro indica, as *enchiladas* cobertas por um *mole* delicioso, o arroz e o feijão perfeitamente

preparados. Frank percebe que eles têm tacos de peixe no cardápio e se pergunta quem lhes fornece os frutos do mar. Cogita brevemente fazer uma proposta comercial, mas então faz as contas e percebe que o frete até lá — que voltaria vazio — custaria mais do que ele poderia lucrar.

Ele termina a refeição, joga o prato de plástico na lata de lixo e sai. Chove fraco, quase uma neblina, mas as ruas estão vazias, como se os moradores estivessem se escondendo em suas casas, esperando o sol aparecer outra vez.

Frank entra no banco, caminha até a jovem gentil no caixa e pede para falar com o gerente, o Sr. Osborne.

— A quem devo anunciar? — pergunta ela.

— Scott Davis — diz Frank com um sorriso.

— Um momento, Sr. Davis.

Osborne parece nervoso ao sair do escritório. Ele tem um pomo de adão naturalmente protuberante em um pescoço magro, mas aquilo está subindo e descendo um pouco mais do que Frank gostaria.

Não fique grilado, diz Frank para si mesmo. Esse é apenas mais um cidadão *quase* respeitador das leis um pouco estressado por estar cometendo uma ação ilegal.

Osborne estende-lhe a mão. Sua palma está úmida, suada.

— Sr. Davis — chama ele, alto o bastante para a mulher do caixa poder ouvi-lo. — Venha até o meu escritório; vejamos se podemos entrar em um acordo a respeito de seu empréstimo.

Frank o segue até o escritório. Osborne abre um armário de cofre, depois o cofre, então retira dali um saco de lona e o entrega a Frank.

— Vinte mil — diz ele.

— Menos os seus três por cento — diz Frank. Ele guarda o saco no casaco.

— Não vai conferir? — pergunta Osborne.

— Deveria?

— Está tudo aí.

— Presumi que estivesse — diz Frank.

Osborne olha para a janela voltada para a rua por sobre o ombro de Frank, que saca o .38 e o enfia no rosto do gerente.

— Fale.

— Uns caras — diz Osborne com a voz trêmula — vieram à minha casa esta manhã. Disseram para eu lhe entregar o dinheiro. Por favor, não me mate. Tenho mulher e dois filhos. Becky tem oito anos, e Maureen tem...

— Cale a boca — diz Frank. — Ninguém vai matar ninguém.

Talvez.

Osborne começa a chorar.

— Minha carreira... minha família... prisão...

— Você não vai ser preso — diz Frank. — Tudo o que precisa fazer é manter a boca fechada, *capisce?*

— Manter a minha boca fechada — repete Osborne, como quem tenta se lembrar das orientações que alguém estivesse lhe dando por telefone: dobrar à esquerda na Jackson, segunda à direita em La Playa, manter a minha boca fechada.

— Há uma porta nos fundos? — pergunta Frank.

Osborne olha para ele. Frank repete a pergunta.

— Você disse para eu ficar de boca fechada — diz Osborne.

— Não *agora* — diz Frank. — Há uma saída pelos fundos?

— Terei de destrancá-la.

— O que está esperando?

É uma porta de tranca tripla com uma barra de segurança atravessada. Demora um minuto para Osborne destrancá-la.

— Não abra — diz Frank.

O que você está fazendo?, ele se pergunta. Qualquer equipe decente teria um ou dois sujeitos de guarda nos fundos. E eles teriam ouvido a porta ser destrancada. Você sai por essa porta e entra em uma chuva de balas.

E no entanto, se sair pela porta da *frente*, vai acontecer o mesmo. Você está encurralado.

## 34

Certamente é isso que pensa Jimmy the Kid.

Frankie M. está totalmente fodido.

Jimmy está sentado no carro no outro lado da rua. Está no banco do passageiro, rifle sobre o colo, esperando para disparar o tiro mortal.

— Tem certeza de que ele entrou? — pergunta Jimmy.

— Eu o vi entrar — diz Carlo.

Carlo estava na loja de sorvete do outro lado da rua. Ele viu Frankie Machine passar por ali de carro, depois almoçar e então entrar no banco. Poderia ter apagado o cara sozinho, só que tinha ordens estritas de Jimmy, que dissera: "Se você o vir, ligue para mim." Então Carlo ligou para ele, depois pediu outro sorvete, dessa vez de caramelo com cobertura de chocolate.

Agora, Jimmy está sentado no carro, pé inquieto como o de um baterista de banda de heavy-metal.

— Paulie, Jackie e Joey estão nos fundos?

— Sim.

— Tem certeza?

— Pode ligar para eles se quiser.

Jimmy pensa, então resolve não fazê-lo. Era bem a cara de Paulie gritar ao telefone e chamar a atenção de Frankie M. Não. Queremos Frankie tranquilo e confiante. Deixe-o sair por aquela porta com o dinheiro em mãos e pensamentos alegres em mente.

Então, *bum!*

*You only get one shot, do not miss your chance to blow, você só tem um tiro, não perca a oportunidade...*

— Por que está demorando tanto, cacete? — pergunta Jimmy.

Carlo não tem tempo de responder porque, nesse exato momento, sirenes começam a tocar.

Sirenes da polícia.

Vindo na direção deles.

Carlo não espera que Jimmy lhe diga para engatar a marcha e dar o fora dali.

É a alternativa óbvia.

Frank sai pelos fundos do banco assim que ouve as sirenes.

Osborne acionou o alarme silencioso, exatamente como ele mandou que fizesse. Ele torcia para que o banqueiro seguisse o resto de suas instruções.

— Diga aos policiais que um homem tentou assaltar você, então ficou nervoso e fugiu. Dê aos tiras a descrição de um dos sujeitos que vieram falar com você esta manhã — dissera para Osborne.

— Por que não digo a eles que o ladrão levou vinte mil? — perguntara Osborne.

— Você *deveria* ter vinte mil a mais no seu banco? — rebatera Frank.

— Não.

— Então?

— Ah, certo.

— Apenas toque o alarme, está bem?

Mas Frank não sai correndo pelo beco dos fundos. Ele encontra a escada que leva ao telhado e sobe. Ao chegar ao topo, está sem ar e sente o coração disparado.

Jill estava certa a respeito da carne vermelha e das sobremesas, pensa. Preciso diminuir a quantidade. Ele se arrasta pelo teto do prédio, de barriga no chão, então desce a escada do outro lado no momento em que o carro da polícia chega cantando os pneus em frente ao banco. Frank caminha até o seu carro, calmamente dá a ré, vai até um posto de gasolina no outro lado da rua e começa a encher o tanque.

— O que está havendo? — pergunta ao frentista, que saiu para ver o porquê de toda aquela agitação.

— Não sei — diz o rapaz. — Algo no banco.

— Cara, falando sério? — diz Frank. — Que loucura.

Ele observa Osborne saindo do banco com um dos policiais. Um cidadão sai da loja de sorvete e começa a apontar para o oeste, gesticulando enfaticamente: “Eles foram por ali.”

Um dos policiais corre de volta até o carro e parte rumo ao oeste.

Frank enche o seu tanque.

— Espero que peguem os caras — diz ele, então dirige-se para leste, respeitando o limite de velocidade.

Você é um idiota, diz para si mesmo. Ou então está simplesmente ficando cansado, decrépito.

Era o sujeito na loja de sorvete, do outro lado da rua. Você o conhece, só não se lembra de onde.

*Droga, você está ficando velho.*

Vamos, pense, pense, pense.

A lembrança flerta com ele, esbarrando na beirada da memória.

Carlo Moretti.

Um sujeito de Detroit, um pistoleiro de Vince Vena.

## 36

O ano era 1981.

Frank e Patty já estavam enfrentando dificuldades no casamento. Vinham tentando ter um filho, sem resultado. Havia visto vários médicos, mas o diagnóstico era sempre o mesmo: Frank tinha uma baixa contagem de espermatozoides, não havia nada que pudessem fazer. Pensaram em adoção, mas Patty simplesmente não gostava da ideia.

Ela disse que não o culpava — que isso seria irracional e injusto —, mas ele sabia que parte dela, no fundo, guardava um ressentimento. Ela culpava os seus horários, o tempo que ele dedicava não apenas ao negócio de pescado como também ao de

tecidos, agora, e ele respondia que, caso viessem a ter um filho, ele gostaria de poder sustentá-lo, dar-lhe um futuro.

Então, eram tempos difíceis para eles, sua vida amorosa se tornara uma tarefa movida pela ansiedade, e foi justamente num daqueles dias em que ela estava mais propensa a ficar grávida que ele recebeu uma ligação de Chicago mandando-o ir a Vegas e cuidar daquele pequeno problema.

A verdade é que Frank ficou *feliz* por ter de se ausentar alguns dias.

Você precisa do dinheiro, disse a si mesmo, e precisava de fato, mas a verdade era que a sua casa estava se tornando um lugar doloroso e ele procurava desculpas para poder se ausentar. Essa era uma das razões pelas quais passava tanto tempo no trabalho, uma das razões por que tinha aceitado a missão em Las Vegas.

Ele e Patty discutiram por causa disso.

— Você vai para Vegas com os seus amigos? — disse ela. — *Agora?*

Agora, pensou Frank, quando eu deveria estar, por obrigação e sem a menor alegria, executando um ato de amor.

— É trabalho.

— Trabalho — debochou ela. — Apostar o nosso dinheiro, transar com prostitutas... um trabalho e tanto.

— Não faço apostas e não transo com prostitutas.

— Então o que você faz em Vegas? — perguntou. — Vai aos shows?

Ele explodiu:

— É *trabalho*! É como ganho dinheiro! Como ponho comida na mesa! Como pago os médicos! Como eu...

— Que tipo de trabalho? — perguntou ela. — O que exatamente você faz, afinal?

— Você não quer saber! — gritou Frank. — Apenas pegue o dinheiro, cale a sua boca e não pergunte sobre coisas que não são de sua conta!

— Não são da minha *conta*? Eu sou sua *mulher*!

— Não precisa me lembrar!

Aquilo a magoou. Ele soube antes mesmo que as palavras saíssem de sua boca e desejou poder puxá-las de volta para dentro. Ela se desmanchou em lágrimas.

— Eu quero um bebê.

— Eu também.

Foram as suas palavras de despedida, a caminho da porta. Contudo, ele tinha de admitir que o longo trajeto até Vegas fora um alívio, algumas horas de solidão e *silêncio*. Sem discussões ou recriminações, nenhuma intimidadora sensação de fracasso. E tempo para pensar na missão, porque essa era delicada.

Donnie Garth era o menino de ouro, o garoto prodígio dos magnatas do mercado imobiliário de Chicago. Mas ninguém sabia quão bem estava se saindo até ele comprar o Paladin Hotel em Vegas. Ninguém sabia que ele tinha *tanto* dinheiro.

Aquilo deu certo durante algum tempo, mas então Garth ficou com delírios de grandeza e começou a criar objeções quanto à porcentagem que a máfia de Chicago levava de seu cassino.

Frank foi quem levou Carmine Antonucci até a casa de Garth em La Jolla para “explicar as coisas para ele”. A casa de Garth era um espetáculo: uma mansão em estilo normando com um acesso de veículos circular coberto de brita e garagem para seis carros que abrigava, entre outros veículos, uma Ferrari e um Austin-Healey.

Não havia como negar que Garth tinha estilo.

Ele saiu pela porta da frente naquele dia, um homem pequeno com um suéter amarelo de casimira amarrado ao pescoço, uma camisa de seda azul aberta no colarinho, calças brancas e sapatos finos.

Frank se lembra que Garth parecia diminuto contra a imensa porta de madeira atrás dele. Ele era todo sorrisos e apertos de mão, mas dava para ver que estava envergonhado por ter criminosos batendo à sua porta e nervoso que os vizinhos vissem o tipo de visitas que ele estava recebendo.

Visitas como Carmine Antonucci e Frankie Machine.

Carmine era o homem de Chicago em Las Vegas, supervisionando a gorda porcentagem que Garth queria embolsar. Por isso, Carmine aceitou educadamente o chá gelado que Garth lhe ofereceu, esperou enquanto o mordomo ia buscá-lo, bebeu alguns goles, então apontou para Frank e disse:

— Dê uma boa olhada nesse sujeito. Sabe por que o chamam de “a Máquina”?

— Não.

— Porque ele é automático — disse Carmine. — Ele nunca erra. E se você continuar a ser um obstáculo para o tranquilo funcionamento de meu hotel, terei de mandar a Máquina visitá-lo. Você não o verá, porque estará morto à essa altura. Estamos entendidos?

— Estamos.

A mão de Garth tremia como se houvesse um terremoto. Dava para ouvir o gelo e a longa colher de prata chacoalhando dentro do copo.

— Obrigado pelo chá gelado — disse Carmine, levantando-se. — Estava delicioso e refrescante. Adoraríamos ficar para jantar, obrigado, mas tenho de pegar um avião.

E foi isso.

Frank não disse uma palavra.

Ele levou Carmine de volta ao aeroporto, onde um avião particular o levou de volta a Vegas.

E Donnie Garth começou a se comportar.

Só que logo ele teve um problema.

O que aconteceu foi que Donnie Garth estava curando um torcicolo na sauna a vapor do spa do hotel quando chegou um brutamontes de Chicago chamado Marty Biancofiore.

Marty já fizera trabalhos importantes para Garth, intimidando alguns outros candidatos à compra do Paladin, de modo que acreditava que Garth lhe *devia* alguma coisa. O que ele disse para Garth enquanto ambos estavam enrolados em toalhas foi que, a menos que ele lhe desse uma parte do hotel, ele *tiraria* uma parte de Garth; uma parte muito essencial.

O que de certa forma agravou o torcicolo de Garth.

Seu cabelo ainda estava úmido quando ligou para Carmine.

Ora, Donnie Garth era um pé no saco de primeira, mas o Paladin estava fazendo muito dinheiro, muito mais dinheiro do que Marty jamais poderia faturar.

E Garth estava com medo, esgueirando-se pelo hotel, com medo de sair do escritório, pedindo segurança extra o tempo todo, de modo que Carmine finalmente ligou para Frank.

Porque Garth pedira pessoalmente que fosse “aquele sujeito, a Máquina”.

Muita gente vira ou ao menos ouvira falar do conflito entre Garth e Biancofiore, e Chicago quis enviar uma mensagem: não se meta com um dos nossos. Queriam Biancofiore morto no centro de Las Vegas, queriam que seu corpo fosse encontrado e queriam que a coisa fosse feia.

Marty Biancofiore não era nenhum civil. Ele mesmo já fizera alguns trabalhos para Chicago. Ele estaria armado e à espreita. Marty Biancofiore não ia abrir a sua porta para nenhum entregador de pizza.

Ele foi o primeiro sujeito que realmente tive de caçar, lembra-se Frank. Passei cinco dias rastreando-o, observando os seus padrões de comportamento, esperando uma oportunidade, pensando bem.

Teria de ser à noite, decidiu. Nem mesmo Frankie Machine tentaria apagar alguém no centro de Las Vegas em plena luz do dia. Não, isso viria depois, pensa Frank, quando Chicago agiu à moda antiga com Joe Bonnano e fez exatamente isso. Por sorte, Marty Biancofiore trabalhava no turno das oito da noite às duas da madrugada no Caesar's, onde fora colocado no horário nobre só para encher o saco de Garth.

Marty terminava o seu expediente, parava no bar, onde bebia duas vodcas grátis para relaxar, então ia até o seu carro no estacionamento dos funcionários. Ele sempre estudava as redondezas cuidadosamente e abria o carro com uma chave remota, com medo de uma bomba, imaginava Frank. Ele sempre olhava dentro do carro antes de entrar, trancava as portas rapidamente e ia direto para casa. Certa noite, chamou uma prostituta; nas outras três tomou banho, viu um pouco de televisão e foi dormir.

Seria relativamente fácil matá-lo em casa, pensou Frank. Entrar quando ele estivesse no chuveiro e apagá-lo ali mesmo. Mas não era assim que Chicago queria. Nem aquele cretino do Garth, que exigia que fosse dada "uma lição".

Teria de ser no estacionamento.

Mas como?

Não dava simplesmente para atirar nele quando ele saísse do cassino. Haveria muitas testemunhas potenciais e o risco de aquilo desencadear um tiroteio era grande demais. Um civil ser atingido por uma bala perdida no centro de Las Vegas seria inaceitável.

Era uma das regras absolutas de Frank: não se arrisca a vida de civis. Os caras que estão nesse meio conhecem os riscos e tentam a sorte, mas um João Ninguém que economiza dinheiro para se divertir em Vegas não merece morrer porque alguém foi descuidado.

Então, teria de ser dentro do carro.

Mas, se você arrombar a porta, o alarme vai disparar e estragar tudo. Você poderia roubar as chaves, copiá-las, entrar e esperar por Marty, mas ele verifica o carro cuidadosamente antes de entrar, de modo que ou sairia correndo ou atiraria em você deitado no banco traseiro.

Então, como vai entrar no carro?

Só havia um meio.

Marty teria de convidá-lo a entrar.

E como o levaria a fazer isso?

Todo homem tem um defeito fatal. Bap ensinara isso para Frank. Não com essas exatas palavras, mas a questão era que todo homem tem uma fresta em sua armadura, você só precisava encontrá-la.

Bap chegou a enumerá-las para ele.

— Há a luxúria, a ganância — dissera Bap. — Há o ego, o orgulho e também o pensamento positivo.

— Como assim?

— Algumas pessoas acreditam no que querem acreditar, se se tratar de algo que elas querem de verdade — declarara Bap.

Marty vivia se gabando de como fizera aquele babaca do Donnie Garth tremer dentro de seus Guccis, como era melhor que Garth ficasse longe de seu caminho, como acabaria com o sujeito. Frank chegara a ouvi-lo murmurar tais besteiras, sentado no bar ao fim de seu turno.

E Marty precisava de dinheiro.

Frank fez o seu dever de casa. Marty andara apostando muito, e apostando mal. Perdera uma bolada no futebol universitário, tentou se recuperar no jogo de segunda-feira à noite, mas perdeu ainda mais. Devia uma grana para um perigoso agiota, Herbie Goldstein, e estava tendo dificuldades até para pagar os juros.

Então quando recebeu a ligação de Donnie Garth, Marty *quis* acreditar naquilo. E Garth era um ótimo ator, um impostor nato que sabia como... bem,  *fingir*. Ele também sabia seguir instruções, e as seguiu ao pé da letra.

Frank estava sentado ao lado dele quando ele fez a ligação.

— Marty? É Donnie.

— É melhor ter boas notícias para mim.

— Marty, somos amigos — disse Donnie. — Andei pensando. Quero fazer a coisa certa. Que tal você ficar com cem mil e colocarmos uma pedra em cima disso?

— Cem mil? Vá se foder.

Frank ouvia enquanto eles negociavam um acordo de 250 mil. Bap estava certo, pensou Frank. Biancofiore acreditou naquilo porque queria acreditar. Aquilo alimentava o seu ego e resolvia os seus problemas financeiros. O que foi mesmo que Bap dissera? “Quando você quer pegar um peixe, precisa lhe dar uma isca que ele esteja *querendo* morder.”

— Em *dinheiro*, Donnie — disse Marty.

Frank fez que sim e Donnie disse:

— Mas veja, Marty, isso tem que ficar entre nós dois. Se a notícia de que eu posso ser... *pressionado* se espalhar, eu vou ser considerado um idiota nessa cidade.

— O assunto é só nosso — garantiu Marty.

— Ótimo, Marty, obrigado — falou Garth. — Bom, vou pegar a grana, daí passo na sua casa.

Esse era o momento crítico. Frank conteve a respiração por um segundo antes de ouvir Marty dizer:

— Acho que devia ser em um local mais público.

— Não confia em mim, Marty?

Biancofiore apenas riu.

Garth disse:

— Marty, não posso lhe entregar uma pasta cheia de dinheiro no saguão do Caesar’s Palace.

Marty pensou por um segundo.

— No estacionamento — disse ele. — No meu carro.

— Encontro com você no fim de seu turno.

— Porra nenhuma — falou Marty. — Meio-dia.

Porque Marty sabia o que todos eles sabiam. Ninguém, *ninguém*, tentaria matá-lo em plena luz do dia no centro de Las Vegas.

Donnie olhou para Frank.

Frank pensou por um segundo, então assentiu.

— Tudo bem — concordou Donnie. — Meio-dia, então. Que carro está dirigindo? Qual o número da sua vaga?

— Saia da cidade durante alguns dias — falou Frank para Garth. — Volte para a sua mansão normanda, convide pessoas para jantar lá, crie um álibi. — Beba algum vinho caríssimo com a nata da sociedade enquanto limpo a sua sujeira, pensou.

Então era Frank, e não Donnie Garth, quem estava esperando no estacionamento quando Marty chegou de carro naquele dia.

Marty não gostou nada daquilo.

Ele baixou o vidro e perguntou:

— Quem diabo é você? Cadê o Garth?

— Ele não vem.

— Que porra!

Mas Frank viu-o olhando para a pasta que ele tinha em mãos.

— Estou com o dinheiro — disse Frank. — Você quer?

“As pessoas não abrem mão de dinheiro”, ensinara-lhe Bap. “Deviam, às vezes, mas não abrem.” Marty não abriu mão. Ele pensou em fazê-lo — Frank podia vê-lo pensar —, mas não abriu mão. Em vez disso, saiu do carro e cuidadosamente revistou Frank das axilas aos tornozelos, na frente e atrás.

— Não estou grampeado — avisou Frank.

— Foda-se o grampo — disse Marty. — Estou procurando um ferro. Não encontrou nenhum. Ele se sentou ao volante, destravou as portas e ordenou:

— Entre.

Frank sentou-se no banco do passageiro.

Marty tinha uma .45 no colo.

— Ei — disse Frank.

— Não vivi tanto tempo por ser descuidado — falou Marty. — Você disse que tinha o dinheiro?

— Está na pasta.

Esse era o momento, lembra-se Frank agora. Se Marty simplesmente pegasse a pasta, o mandasse sair e fosse embora de carro, você nunca chegaria perto dele outra vez. Se ele abrisse a pasta ali, você seria um homem morto.

Você estava contando com o caráter dele, com a sua cautela. Aquele era um sujeito que toda noite verificava se havia uma bomba no carro. Ele não ia levar a pasta assim, sem mais nem menos.

Em todo caso, você esperava que ele não fizesse isso.

— Mostre — ordenou Marty.

— Quer que eu abra a pasta aqui?

— Merda, o que foi que eu disse?

Frank baixou a pasta no próprio colo, destravou-a, e a tampa se ergueu com um clique metálico. Frank pegou sua .25 com silenciador dali de dentro e disparou cinco vezes através da tampa da pasta. Então, guardou a arma de volta, saiu do carro e se afastou.

Em pleno centro de Las Vegas.

Frank voltou ao seu quarto de hotel, limpou a arma com álcool isopropílico e fez o mesmo com a pasta. Chicago oferecera uma equipe de limpeza para cuidar da arma, mas Frank não confiava em ninguém para fazer isso. Ele escolhera uma .25 por saber que as balas, após perfurarem a pasta barata, teriam força suficiente para entrar no crânio de Marty, mas não o bastante para saírem dele. Um manobrista encontrou Marty cerca de uma hora depois. Achou

que o cara tombado sobre o volante tivera um ataque cardíaco até ver os cinco furos na cabeça dele.

Frank entrou no seu carro e voltou através do Mojave, encontrou uma mina abandonada, quebrou a arma em pedaços e atirou-a com a pasta no fosso.

Realmente, é fácil se livrar de uma arma. Mais difícil é se livrar das lembranças.

Elas não ficam no fundo da mina.

Em verdade, a missão Biancofiore tivera consequências imediatas. O Gordo, Herbie Goldstein, começou a reclamar por toda a cidade, dizendo que Marty lhe devia setenta e cinco mil dólares, os quais era *ainda mais* improvável que pagasse agora que estava morto, e que *alguém* lhe devia esse dinheiro.

— Diga para Garth pagá-lo — disse Frank para Mike Pella.

— Está de sacanagem?

— Diga-lhe para vender um de seus carros e pagar o sujeito — falou Frank. — Diga-lhe que a Máquina mandou.

Donnie Garth pagou os setenta e cinco mil dólares para Herbie Goldstein.

E foi assim que Frank ficou amigo de Herbie Goldstein.

Herbie, O Gordo, procurou Frank após receber o dinheiro de Donnie Garth. Goldstein chegou a pegar um avião e ir até San Diego para se encontrar com Frankie Machine. É claro que se encontraram para almoçar. Se você estava com Herbie, certamente estava *comendo*.

Um bocado de mafiosos usa o apelido "Gordo". Frank conhecia cinco pessoalmente. Mas nenhum deles podia brincar de gangorra com Herbie Goldstein, pois ficariam no ar, olhando para os quase

cento e oitenta quilos de Herbie lá embaixo, que provavelmente estaria chupando um picolé.

De qualquer modo, Herbie levou Frank para almoçar e disse:

— Foi uma coisa decente o que você fez para mim. Só queria lhe dizer pessoalmente que agradeço a gentileza.

— Era a coisa certa — disse Frank.

— Nem todo mundo *faz* a coisa certa — rebateu Herbie. — Não atualmente.

Herbie pagou a conta, o que não era pouca coisa, então fez um convite:

— Quando for a Las Vegas, vou garantir que você se divirta.

Frank não planejava ir a Vegas, realmente não. Mas o convite ficou em sua mente. O trabalho duro, as longas horas, o sexo obrigatório e inútil com Patty, as brigas, os silêncios, tudo fazia a oferta do gângster de cento e setenta quilos parecer o canto de uma sereia.

Então, certo dia, após um chefe de cozinha lhe encher o saco por conta de um lote de atum de cauda amarela perfeitamente fresco, Frank jogou algumas roupas dentro do carro e foi para Las Vegas.

Ele chegou à cidade e ligou para Herbie. Dez minutos depois, pendurava as suas roupas em uma suíte no Paladin. Por conta da casa. Tomou um longo banho de jacuzzi no quarto, então tirou um cochilo, depois se levantou e se vestiu para encontrar com Herbie no saguão.

Herbie estava com duas modelos da *Playboy*, Susan e Mandy.

Susan, uma loura pequena de peitos grandes, era a acompanhante de Herbie. Mandy era para Frank. Tinha cabelos castanhos à altura dos ombros, lábios carnudos, olhos castanhos calorosos, e usava um vestido que mostrava um corpo que merecia

ser exibido. Frank disse para si mesmo que seria apenas um encontro platônico. Uma companhia para beber, jantar e, talvez, assistir a um show, para que ele não sentisse que estava segurando vela.

Fizeram o circuito da cidade.

E como fizeram.

A comida, os vinhos, os shows. Herbie não deixava Frank pôr a mão na carteira. Não que alguém tivesse lhes trazido alguma conta. Herbie deixava uma boa gorjeta, e era tudo. Ficavam com os melhores lugares, garrafas dos melhores vinhos chegavam à sua mesa com os cumprimentos da gerência e eram convidados às festas nos bastidores depois dos espetáculos.

E havia também as mulheres.

O Gordo Herbie Goldstein não era um homem atraente, embora tivesse uma incrível semelhança com Pavarotti — caso o tenor tivesse entrado em uma dieta de pudim durante alguns meses.

E também não era charmoso. Quando muito, Herbie tinha um tipo de *anticharme*, que era de onde vinha a palavra *repulsivo*, adivinhou Frank. Herbie causava repulsa a quase todo mundo, com seu consumo voraz de comida, sua ausência total de etiqueta à mesa, e os rios de suor que pareciam estar sempre escorrendo de suas bochechas gordas ou se acumulando em suas axilas. Suas roupas eram amarrotadas e geralmente tinham manchas de comida, sua boca era suja como um esgoto, e a maioria das pessoas em Vegas atravessava a rua para evitar esbarrar nele.

Mas Herbie atraía mulheres.

Não havia dúvidas a esse respeito. Frank nunca viu Herbie após o anoitecer sem uma mulher deslumbrante ao lado dele. E não eram prostitutas: eram dançarinas, modelos e acompanhantes. Aceitavam presentes dele, é claro, às vezes presentes consideráveis, como apartamentos e carros, mas não era apenas o dinheiro.

Elas realmente pareciam gostar da companhia de Herbie, e quanto mais tempo Frank passava com o sujeito, mais ele gostava também.

Mas aquela primeira noite...

Voltaram ao Paladin por volta das três da madrugada. Quando Frank foi dizer boa noite para a sua coelhinha, Mandy, ela olhou para ele de modo inesperado.

— Não gostou de mim? — perguntou.

— Gostei muito.

— O que foi, eu não te excito?

Ele estivera com uma ereção a noite inteira.

— Você me excita muito.

— Então vamos dar prazer um ao outro — disse ela.

— Mandy, eu sou casado.

Ela sorriu.

— É apenas sexo, Frank.

Não, não era.

Após nove anos de fidelidade matrimonial, os últimos dos quais bastante infelizes, nada era “apenas sexo”. Mandy fez coisas que Patty jamais imaginaria e que não faria caso imaginasse. Frank estava começando a sua rotina sexual habitual quando Mandy o deteve e disse delicadamente:

— Frank, deixa eu te mostrar como me dar prazer.

Ela mostrou.

Pela primeira vez na vida, Frank teve uma sensação de liberdade em relação ao sexo, porque não foi uma luta, uma negociação ou uma obrigação. Foi apenas puro prazer, e quando ele despertou pela manhã, ele quis se sentir culpado, mas a verdade é que não se sentia assim. Ele só se sentia bem.

O fato de Mandy já ter se levantado e ido embora ajudou. Ela deixara apenas um bilhete dizendo que se sentia “muito bem fodida”, com uma daquelas carinhas sorridentes acima de sua assinatura.

Herbie veio buscá-lo para o desjejum.

— Você devia experimentar um pouco de comida judia — disse Herbie quando Frank fez menção de se servir de bacon com ovos.

Ele pediu para Frank um bagel de cebola com salmão defumado, requeijão e uma fatia de cebola vermelha.

Estava delicioso e o contraste de gostos e texturas — duro, cremoso, macio e crocante — foi uma revelação para ele. Herbie sabia do que estava falando. Quando você realmente conversava com ele, descobria que Herbie sabia um bocado sobre muita coisa. Ele conhecia comida, vinhos, joias e arte. Ele levou Frank à sua casa para ver a sua coleção de Erté e a sua adega. Você jamais diria que Herbie era um homem culto, mas ele guardava algumas surpresas.

As palavras cruzadas, por exemplo.

Foi Herbie quem fez Frank começar a gostar daquilo, e Herbie fazia as palavras cruzadas de domingo do *New York Times* com caneta. Às vezes, Frank pensava que Herbie nem precisava escrever coisa alguma — ele devia ter todas as palavras na cabeça. E ele era um dicionário ambulante, embora o engraçado fosse que ele nunca usava aquelas palavras nas suas conversas.

— Acho que sou o que você poderia chamar de *idiot savant* — disse certo dia quando Frank lhe perguntou a respeito daquilo. Contudo, quando Frank procurou o termo *idiot savant*, deu-se conta de que nenhum *idiot savant* conheceria aquela expressão.

— Você e Mandy se deram bem, hein? — perguntou Herbie ao saírem de sua adega no dia seguinte àquela noite em que Frank quebrara os seus votos matrimoniais com múltiplos e criativos atos de adultério.

— Pode-se dizer que sim.

— Temos duas outras garotas hoje à noite — disse Herbie. — Garotas muito bonitas. Muito bonitas.

Frank deixou Vegas cinco dias depois, precisando de uma injeção de vitamina E, mas, por outro lado, sentindo-se descansado e satisfeito. Voltou diversas vezes depois disso, na maioria delas

hospedando-se de graça no Paladin, às vezes hospedando-se em outro lugar e pagando as suas próprias despesas porque ele não queria abusar da situação.

## 37

Os mafiosos tiravam de Vegas tudo o que podiam.

E por que não?

O faturamento era alto.

O único problema era que os chefes queriam mais e mais, e outras famílias tentavam entrar na roda, de modo que aqueles que faturavam chegaram a um ponto em que não estavam apenas fazendo isso e, sim, se servindo cada vez mais fundo no poço.

Mas há pouca água em um deserto.

Mais cedo ou mais tarde, aquilo teria de acabar, só que naquele momento nenhum deles viu que seria mais cedo. Na época, Vegas era uma festa contínua, e Frank, após anos trabalhando como um condenado, estava festejando com os melhores. O que ele fazia era trabalhar dezesseis horas por dia em seus negócios em San Diego durante a semana, então sair na sexta-feira após o almoço e dirigir até Vegas para passar o fim de semana. Na maioria das vezes, voltava na segunda, mas outras, não.

Patty parecia não se importar.

Haviam praticamente desistido de ter um filho, praticamente desistido do próprio casamento, de modo que ela parecia quase aliviada quando ele ia embora nos fins de semana. Ele fizera alguns

convites sem entusiasmo para que ela viesse com ele, mas ela entendeu e os recusou.

— Em Vegas, seríamos as mesmas pessoas que somos aqui — falou ela.

— Não sei — disse Frank. — Talvez não.

Ele tentou de verdade uma vez.

— Vamos sair para beber, jantar, assistir a alguns bons espetáculos — convidou ele. Talvez ir para a cama depois para fazer mais do que se virar para o lado e dormir.

— Essa é a sua rotina com os seus casos? — replicou Patty.

Não havia casos, não ainda, mas ele não se deu o trabalho de negar. Que ela pensasse o que quisesse. Afinal, que diferença faria?

Então ele foi para Vegas sozinho.

Nunca ficava sozinho por muito tempo.

Embora Frank gostasse da solidão da longa viagem de carro, ouvindo as suas fitas de ópera no aparelho de som, cantando junto sem aborrecer ninguém, ele já estava querendo companhia quando chegava lá.

Naquela época, se você não conseguia companhia em Las Vegas era porque queria ficar sozinho.

Ele se hospedava em um hotel, tomava banho, mudava de roupa e ia procurar Herbie.

Herbie pegara um pouco de seu dinheiro de agiotagem e comprara um pequeno clube escondido em um centro comercial, entre diversas lojas de peças de automóvel. Era longe do centro de Las Vegas, dos cassinos e dos lugares que os agentes federais geralmente mantinham sob vigilância, e esse era o objetivo. Você não conheceria o Herbie's a não ser que devesse conhecer, e se acontecesse de algum turista ou cidadão que esperava o carro ser

consertado entrar no lugar, ia embora imediatamente com um educado embora firme “este lugar não é para você, amigo”.

O Herbie’s era para mafiosos, e ponto final.

Por algum motivo, o Herbie’s se tornou o lugar preferido dos rapazes da Califórnia. Estavam todos fora da cadeia agora, e todos em Vegas, vivendo do faturamento.

Mike estava de volta. Aliás, ele se mudara para Vegas, achando que seria a sua grande chance, e em geral sentava-se à mesa com Peter Martini, também conhecido como Mouse Sênior, que acabara de virar o chefe. E o irmão de Peter, Carmen, geralmente estava por lá, assim como seu sobrinho, Bobby, um cantor de boate.

E, é claro, havia Herbie, sempre fazendo as suas palavras cruzadas ao lado de Sherm Simon, no canto que se tornou conhecido como “Little Israel”.

Portanto havia muitos rapazes com quem conversar, e, às vezes, Frank se juntava a uma das mesas para ouvir a sessão de besteiras. Geralmente, porém, ia para a cozinha e cozinhava.

Aqueles eram bons tempos, em pé diante do fogão, ouvindo a conversa do pessoal enquanto preparava o *linguine con vongole* e o *spaghetti all’amatriciana*, o *baccalà alla Bolognese* e o *polpo con limone e aglio*. Era quase como nos velhos tempos, quando ele era criança, e o bairro Little Italy de San Diego ainda estava intacto e as pessoas ainda preparavam refeições de verdade.

Frank sentira muita falta de cozinhar, agora que passava mais tempo no trabalho do que em casa e ele e Patty haviam criado o hábito de jantar em horários diferentes. Herbie tinha uma cozinha belamente equipada e importava os melhores ingredientes, de modo que cozinhar ali era um prazer e uma alegria.

E ouvir os rapazes, as conversas, as piadas, as implicâncias.

Andar com mafiosos, pensou Frank, era como ficar congelado em uma dobra do tempo no curso ginásial. As conversas sempre eram sobre sexo, comida, peidos, cheiros, garotas, pintos pequenos e os gays.

E crime, é claro.

A única coisa que se preparava no Herbie's afora a massa era o crime. A maioria dos planos nunca se realizava, é claro — não passavam de conversa fiada — mas alguns sim. Havia planos de entrar no negócio dos bordéis legalizados ao norte da cidade, um plano de vender metralhadoras para gangues de motoqueiros, uma discussão muito séria sobre como fabricar cartões de crédito falsos, e o favorito de Frank: o plano de Mike de roubar três mil camisetas e duzentos aparelhos de tevê de vinte polegadas do centro de convenções.

— O que você vai fazer com duzentos televisores? — perguntou Frank quando Mike realmente executou o plano.

— O que vou fazer com três mil camisetas? — perguntou Mike.

Frank ia perguntar por que, afinal, ele roubara as camisetas, mas então se deu conta de que era uma pergunta idiota, do tipo: "Por que subir o monte Everest?" A resposta, é claro, era: "Porque ele está lá." A verdade era que os mafiosos eram capazes de roubar qualquer coisa, mesmo coisas que não queriam e não podiam usar, só porque podiam fazê-lo.

Enfim, essas coisas divertiam Frank.

E não eram apenas os rapazes; eram também as mulheres.

Fora difícil trair Patty naquela primeira vez, mas então Frank começou a sair com todo tipo de mulher, primeiro se aproveitando da atração gravitacional de Herbie Goldstein, então por conta própria.

Ele se encontrava com modelos, dançarinas, crupiês, vendedoras e turistas que vinham à cidade para passar bons momentos sem complicações, que era o que Frank dava para elas. Ele as levava para bons restaurantes, shows, sempre as tratava como damas e era um amante generoso e atencioso. Frank descobriu que ele realmente gostava de mulheres; e que elas retribuía a gentileza.

Menos Patty.

Ele a tratava mal e ela retribuía *esta* gentileza.

Ele falou sobre isso com Sherm certa noite durante um momento calmo no Herbie's.

— Por que não podemos ser com as nossas mulheres do modo como somos com as nossas namoradas?

— São raças diferentes, meu amigo — disse Sherm. — Espécies completamente distintas.

— Talvez devêssemos nos casar com as nossas namoradas.

— Já tentei — disse Sherm. — Duas vezes.

— E?

— E elas se transformaram em esposas — explicou Sherm. — Essa metamorfose de gatinhas sensuais em feras domésticas começa quando ainda estão planejando o casamento. Não funciona. Se não acredita em mim, pergunte ao meu advogado.

— Você é advogado.

— Pergunte ao advogado que cuida de meus *divórcios* — disse Sherm.

— Diga que fui eu quem o enviou. Ele tem um barco com o meu nome.

— Não creio que seja culpa delas — falou Frank. — Acho que somos nós. Quando paramos de tentar levá-las para a cama,

porque agora estão *sempre ali*, paramos de nos esforçar. Nós as transformamos em esposas.

— Acho só que a vida é assim, meu amigo — disse Sherm. — A vida é assim.

Eu não acho, pensou Frank.

E tomou a decisão de voltar para casa e tentar novamente com Patty, tentar de verdade. Tratá-la como uma amante em vez de como esposa e ver o que acontecia. Mas não o fez. Era mais fácil levar dançarinas para a cama.

Ou apenas ficar de bobeira com Herbie.

Era sempre bom passar tempo com Herbie, fazendo as palavras cruzadas de domingo do *New York Times*, comendo bagels e salmão defumado com uma ópera tocando ao fundo, bebendo um vinho que Herbie descobrira, ou debochando das tramas e planos de Mike Pella, dos irmãos Martini e do resto da turma.

Eram bons tempos.

Mas tudo acabou quando Frank teve de matar Jay Voorhees.

## 38

Jay Voorhees era chefe de segurança do Paladin, encarregado de se certificar de que o cassino não estava sendo roubado, de modo que, em benefício da eficiência, ele também era encarregado de roubar o cassino. Era bom naquilo, o Harry Houdini da sala de contagem pelo modo como fazia moedas e notas desaparecerem dos cofres.

Então o FBI o pegou, começou a pressioná-lo, e ele fugiu.

Foi para o México, onde os agentes federais não podiam pegá-lo. Até aí tudo bem, mas Chicago não pretendia extraditá-lo; queriam que Houdini desaparecesse para sempre. Porque Voorhees sabia de tudo: podia entregar Carmine, Donnie Garth, todo mundo. Todo o castelo de cartas, por assim dizer, podia ruir. Precisavam encontrar Voorhees e apagá-lo.

As pessoas acham que é fácil desaparecer.

Não é.

É difícil, cansativo e caro para caramba. O dinheiro sempre *voa* quando alguém viaja, e quando você viaja tentando não deixar pegadas, voa ainda mais rápido. Você tenta usar dinheiro vivo em toda parte, mas se dá conta de que o dinheiro está desaparecendo de seus bolsos e então passa a usar o cartão.

A não ser que você esteja preparado para sair do radar, é algo difícil de se fazer, e Jay Voorhees não estava preparado. Ele simplesmente entrara em pânico e fugira. E era apenas questão de tempo até que ele se desse conta de que os agentes federais lhe ofereceriam um ótimo acordo, se cansasse de fugir e saísse do esconderijo.

Frank precisava encontrá-lo primeiro.

— Podemos mandar uma equipe para lá — disse Carmine Antonucci.

— Tudo o que precisar.

— Não quero uma equipe — disse Frank.

Um bando de patetas tropeçando uns nos outros. Um grupo de testemunhas potenciais quando os federais os prendessem dali a cinco anos. Não, ele não queria uma equipe, apenas que pagassem os custos operacionais, em dinheiro, porque ele também não queria deixar pegadas.

E havia muitos passos a serem dados. Frank seguiu Voorhees da Cidade do México a Guadalajara, então, através de Mazatlán e Cozumel, então Puerto Vallarta e dali ao longo de toda a península, da Baja ao Cabo.

Uma *conexão* se estabelece entre caçador e presa. Os rapazes negam isso dizendo que não passa de frescura, pensou Frank, mas todos sabem que acontece. Se você persegue um sujeito durante bastante tempo, você passa a conhecê-lo, a viver a vida dele um passo atrás, e ele se torna *real* para você. Você tenta entrar na cabeça dele, pensar como ele pensa, e, se conseguir, de uma forma estranha, você se torna ele.

E ele se torna você, pelo mesmo motivo. Se tiver algum instinto, ele começa a sentir a sua presença. Enquanto foge, ele tenta estar um passo adiante, antecipar os seus movimentos e evitá-los. Ele também começa a conhecê-lo.

Vocês estão na mesma estrada. Por necessidade, vão aos mesmos lugares, comem a mesma comida, veem as mesmas coisas, compartilham as mesmas experiências. Vocês desenvolvem coisas em comum. Vocês se *conectam*.

Frank chegou à Cidade do México três dias depois dele. Conversou com um motorista de táxi que o levara ao aeroporto e subornou um agente de bagagem que o pusera em um voo para Guadalajara. Ele não estava certo, mas pensa tê-lo visto de relance na praça central, do lado de fora da catedral. Indo rezar?, perguntou-se Frank. Talvez tenha comprado um pequeno modelo de barro — um *milagro* — de um dos camelôs e o tenha deixado no altar com uma contribuição e um pedido de milagre. Ele chegou ao hotel uma noite depois de Voorhees ter ido embora e descobriu que ele fora para a estação de trem. Ele poderia ter perdido a pista ali, mas Voorhees usou o seu

AmEx para se hospedar em um hotel em Mazatlán. Frank foi até a pequena cidade balneária e simplesmente caminhou pela praia, espalhando dinheiro e perguntando a todos se o tinham visto. Ele não esperava obter uma resposta e não escondia o fato de estar ali. Ele *queria* que Voorhees soubesse.

“Assustar o pássaro”, era como Bap chamava isso. “O pássaro pode estar em segurança, oculto na mata, mas ele vê o caçador e voa; e é isso que o mata.”

Voorhees voou para Cozumel, Frank logo atrás dele. Voorhees entrou e saiu de diversos hotéis de segunda categoria. Certa vez, Frank chegou apenas uma hora depois dele. Chegou a *vê-lo* no Cabo, em um hotel barato no lado do Pacífico, bebendo uma cerveja e beliscando um prato de *camarones*. Estava magro e abatido; as calças muito largas e desengonçadas ao redor da cintura.

Voorhees também *o viu*; certamente viu. Ele reconheceu você, pensa Frank agora. Ele o olhou com aqueles olhos assustados, assombrados, e *soube*. Voorhees pagou a conta e saiu dali, e Frank o seguiu. Mas não havia onde terminar o serviço, de modo que Frank deixou-o pegar um ônibus e ir embora.

Ele sabia que Voorhees estava ficando sem dinheiro.

Em cada cidade a que fora, os hotéis haviam se tornado mais baratos, as refeições mais modestas. Ele começara com jatos, passara aos carros alugados, então aos trens, mas agora estava em um decrépito ônibus rural. Frank verificou a rota: o ônibus seguia pela única estrada da costa leste da Baja California.

Agora, suas opções não eram radiais; eram lineares. Ele havia se encurralado nessa faixa da costa, com o mar de um lado e um

deserto impenetrável do outro, e tudo o que podia fazer era seguir de uma vila de pescadores para a seguinte.

Frank desfrutou daquela viagem, se é que desfrutar seja um conceito compatível com perseguir um homem para matá-lo. Mas ele saboreou o ócio da viagem de ônibus, com nada para fazer fora se maravilhar com a austera paisagem, ler, ou observar as águas incrivelmente azuis do Mar de Cortés. Ele gostava de brincar com as crianças no ônibus, de segurar um bebê uma vez para que a mãe pudesse ter um instante para si, e desfrutava do sol implacável e do calor abrasador e tranquilizante.

Aqueles foram bons tempos, aqueles dias seguindo Jay Voorhees pela Baja. Frank estava quase triste por aquilo estar a ponto de acabar.

Voorhees terminou na pequena aldeia de Santa Rosalía. Conseguira para si um pequeno barracão de pescador na praia rochosa. Era o que deveria ter feito desde o princípio, pensou Frank, deveria ter ido para uma pequena cidade onde poderia comprar a proteção do *comandante* local. Nós teríamos superado a oferta, é claro, mas eu teria demorado mais tempo para encontrá-lo, e, quem sabe, talvez nunca encontrasse.

Mas não foi o que aconteceu.

O que aconteceu foi que Frank passou a tarde em uma cantina da aldeia, bebendo algumas cervejas e fazendo as palavras cruzadas de uma revista em inglês que algum turista devia ter deixado para trás. Foi uma longa espera pelo pôr do sol, o entardecer sutil e atenuado de um litoral voltado para o leste. Mas, quando o azul deixou a água, Frank foi pela praia até o barracão de teto de palha que Voorhees conseguira arranjar com suas magras finanças.

O sujeito estava sentado do lado de fora, em uma cadeira rústica de madeira entalhada, fumando um cigarro e olhando para o mar.

— Estava esperando por você — falou ele ao ver Frank.

Frank assentiu.

— Quero dizer, você é o cara, não é? — disse Voorhees com apenas um ligeiro tremular na voz. — O cara que mandaram?

— Sou.

Voorhees assentiu.

Ele parecia mais desgastado do que amedrontado. Havia uma expressão de resignação em seu rosto, quase alívio, não o medo agudo que Frank havia esperado. É, pensou Frank, ou talvez seja apenas o brilho tênue que emana do oceano ao entardecer que traz essa calma. Talvez seja a luz se apagando que faça com que Voorhees pareça tranquilo.

Voorhees terminou o cigarro, pegou o maço no bolso da camisa jeans desbotada e acendeu outro.

Suas mãos estavam trêmulas.

Frank inclinou-se e ajudou-o a segurar o fósforo no lugar.

Voorhees agradeceu com um menear de cabeça. Após dar algumas tragadas, ele disse:

— Tenho medo é da *bala*. A ideia dela entrando na minha cabeça.

— Você não sentirá nada.

— É só a ideia, você sabe, da minha cabeça explodindo.

— Isso não acontece — mentiu Frank.

Faça-o agora, disse para si mesmo. Faça-o antes que ele possa se dar conta.

Voorhees começou a chorar. Frank viu as lágrimas se acumularem em seus olhos, viu o sujeito morder o lábio e tentar se controlar, mas as lágrimas transbordaram e correram por suas faces, e então

Voorhees perdeu o controle. Sua cabeça tombou e seus ombros começaram a balançar para cima e para baixo enquanto ele chorava aos prantos.

Frank ficou ali parado, observando, ciente de que estava violando um dos preceitos-chave de Bap: “Você não precisa lhes dar as últimas palavras nem a extrema-unção”, ensinara Bap. “Você não é um diretor de presídio ou um padre. Entre, faça o seu trabalho e saia.”

Não, Bap não teria aprovado aquela cena.

Voorhees terminou de chorar, olhou para Frank e disse:

— Desculpe.

Frank balançou a cabeça.

Então Voorhees disse:

— Um médico em Guadalajara prescreveu uma receita para mim. Tranquilizantes.

Frank já sabia disso. O médico lhe dera a informação em troca de algumas notas de cem. Lá se fora o juramento de Hipócrates.

— Ainda tenho a maioria comigo — falou Voorhees. — Quero dizer, acho que tenho o *bastante*.

Frank cogitou aquilo durante alguns segundos.

— Terei de ficar com você — disse ele.

— Tudo bem.

Voorhees levantou-se da cadeira e Frank o seguiu até a pequena cabana. Frank foi até o saco de lona que antes fora apenas a sacola de mão de Voorhees e agora continha todos os seus bens materiais. Pegou um frasco com comprimidos de Valium de dez miligramas e uma garrafa de vodca cheia até os dois terços.

Voltaram a sair.

Frank sentou-se na areia.

Voorhees sentou-se novamente na cadeira, encheu a mão de comprimidos e os engoliu com um gole de vodca. Esperou alguns minutos, então repetiu o gesto, e, um minuto depois, tomou o restante dos comprimidos e ficou ali sentado, bebendo vodca da garrafa enquanto olhava para o mar.

— Lindo, não é mesmo? — murmurou para Frank.

— Lindo.

Um segundo depois, ele se deitou para trás na cadeira, então tombou para a frente e caiu sobre as pedras.

Frank o ergueu e voltou a sentá-lo na cadeira.

Ele voltou à aldeia, encontrou um telefone que funcionava e fez uma ligação para dizer a Donnie Garth que ele estava em segurança.

Ao voltar daquela missão para casa, Frank descobriu que Patty trocara as fechaduras das portas. Cansado, furioso e triste, arrombou a porta da frente. Chamou um amigo chaveiro às duas da manhã para instalar novas fechaduras, então subiu ao segundo andar, entrou no chuveiro, sentou-se sob a água quente e chorou.

Na noite seguinte, foi de carro até a casa de Garth — para fazer o que, exatamente, ele não sabia. Estacionou no outro lado da rua e ficou sentado no carro por um longo tempo. Garth estava dando uma festa. Ele viu enquanto os carros de luxo, as limusines e seus motoristas entravam no acesso de veículos circular, e observou todos aqueles figurões com suas roupas elegantes saírem dos carros e irem até a porta da frente. Parecia ser uma festa beneficente, um levantamento de fundos para alguma obra de caridade. Os homens vestiam *black tie*, as mulheres, vestidos de festa. Elas traziam belos penteados que expunham pescoços longos e graciosos adornados com joias reluzentes.

Quantas pessoas têm de morrer para que essa gente continue a ser bonita?, perguntou-se Frank.

Uma pergunta para a posteridade.

A janela da sala estava aberta e havia um brilho dourado lá dentro. Frank viu Garth voejando pela sala, uma borboleta social, fazendo piadas e conversando animadamente, e Frank achou que devia ser a sua imaginação, mas ele acreditou que podia ouvir o riso das mulheres elegantes e o tilintar do cristal de valor inestimável.

Teria sido um tiro fácil, ele sabia, mesmo através da vidraça. Use algo rápido e leve como um rifle .50 de atirador de elite apoiado sobre a janela do carro, aperte o gatilho e espalhe os miolos de menino prodígio do Donnie sobre os seus adoráveis convidados.

*Isso sim* teria sido uma festa beneficente. Seria um benefício para muita gente, pensou Frank.

Se ele tivesse sabido na época... mas não sabia.

Então, achou que poderia ser divertido entrar lá, se aproximar de Garth em meio à multidão resplandecente e dizer: "Donnie, você está a salvo. Mais uma vez. Matei Jay Voorhees para você, do mesmo modo que matei Marty Biancofiore." E ver o que os seus amigos da alta sociedade teriam a dizer sobre aquilo.

Provavelmente não diriam nada, pensou Frank. Eles provavelmente achariam graça.

Então ele ficou apenas sentado no carro, observando a alta sociedade de San Diego entrar e sair. Estava no *Union-Tribune* da manhã seguinte, na coluna social, a notícia de como Donnie Garth arrecadara quase um milhão de dólares para o novo museu de arte.

Frank usou a página para embrulhar peixe.

Quando chegaram as notícias de que o ex-chefe de segurança do Paladin morrera de overdose no México, os rapazes naturalmente acreditaram que Frankie Machine o forçara a tomar os comprimidos. Frank nunca disse nada para fazê-los mudar de ideia.

Afinal, era apenas um detalhe técnico, pensou.

Você não pode escapar dessa apenas porque não ergueu uma arma contra a cabeça dele, só porque você lhe deu uma escolha, porque deu uma colher de chá para o sujeito. Não sei. Talvez aquilo valesse *mesmo* alguns séculos a menos no purgatório. Mais provavelmente, valeria um cantinho ligeiramente mais bem apanhado no inferno.

Eu e Donnie Garth, finalmente frequentando a mesma festa.

Mais tarde, Garth deu com a língua nos dentes, é claro. Os federais o trancaram em uma sala e ele entregou tudo.

Frank esperou pelo telefonema, mas ele nunca chegou.

Demorou anos até ele descobrir por que Donnie Garth fora poupado.

— Que filho da puta esperto — diz Carlo.

Estão sentados no estacionamento de um Burger King em El Centro, a cem quilômetros ao leste de Borrego, quase na fronteira do México. O resto da equipe de Jimmy está espalhado pela cidade. Ele ficou com o Burger King e enviou Jackie e Tony ao Mickey D's, Joey e Paulie ao Jack in the Box.

— Porra, por que *nós* é que ficamos com o Jack in the Box? — reclamara Paulie.

— Qual é, você queria o Burger King? — perguntara Jimmy.

— É, seria legal.

— Ah, vá se foder, o Burger King é *meu* — dissera Jimmy.

O Burger King tem batatas fritas melhores e o refrigerante não tem muito gás. Quando você tem de ficar no mesmo carro com outro sujeito durante horas, você não quer refrigerantes com muito gás. Agora ele olha para Carlo e diz:

— Ele não se tornou Frankie Machine por ser um idiota.

— Ele escapou — diz Carlo. — Agora, ele está com dinheiro e tem a estrada livre. Não sabemos onde diabo ele está; pode estar em qualquer lugar.

— Relaxa — diz Jimmy. — Uma porra de um telefonema e eu descubro logo onde ele está.

Carlo olhou para ele, cético e impressionado ao mesmo tempo.

— Para quem vai ligar?

— Ghostbusters.

## 40

Dave observa a pequena luz vermelha piscando no mapa eletrônico. O dispositivo GPS localizado no saco de dinheiro do banco está funcionando perfeitamente.

— Achei que ele iria para o México — diz Troy.

— O México é um beco sem saída — responde Dave. — Machianno sabe disso. — Ah, e como sabe, pensa Dave; ele

certamente transformou o México em um beco sem saída para Jay Voorhees. O FBI sempre achara que fora Frank quem fizera aquele serviço, embora nunca tivesse conseguido incriminá-lo.

Típico de Frankie Machine.

Troy estuda o mapa.

— Parece que ele está indo para Brawley — diz.

Eles mantêm os olhos na tela durante a noite.

A luz para em Brawley e pisca firmemente no mesmo local. Fazem uma verificação, que resulta positiva.

Frank parou no EZ Rest Motel, a duas quadras da 78.

## 41

— O EZ Rest Motel — diz Jimmy, desligando o telefone. — Carreguem as armas porque está na hora do rock and roll.

Carlo liga o carro.

Carregar armas, e rock and roll.

Ele adora Jimmy, mas o cara é meio babaca.

— O EZ Rest Motel onde? — pergunta Carlo.

— Brawley, Califórnia.

Eles olham para o mapa rodoviário. Brawley fica a apenas uma hora dali, mais ou menos.

— Senhoras e senhores — diz Jimmy fazendo a sua melhor imitação de Michael Buffer. — Para os milhares na plateia e para os milhões de telespectadores em todo o mundo... vamos nos preparar para a guerra! A Briga em Brawley!

A Briga em Brawley. Carlo ri.

Babaca.

42

A cidade de Brawley é um oásis no deserto.

Durante a Depressão, a WPA, Works Progress Administration, agência que dava trabalho a desempregados, pôs milhares de sujeitos para trabalhar abrindo um canal do rio Colorado rumo ao oeste através do deserto. O resultado é que a área ao redor de Brawley produz a melhor alfafa do mundo. É espantoso voar sobre aquilo: você não vê nada além de quilômetros e quilômetros de terreno árido e marrom, e então, subitamente, surgem aqueles retângulos verde-esmeralda.

De carro é menos dramático, mas a cidade surge como um bem-vindo alívio em meio ao deserto. E tem tudo o que uma pequena cidade agrícola pode oferecer: um centro de lanchonetes, alguns bancos, um grande elevador de grãos Agricorp e alguns motéis.

Frank rapidamente encontra o lugar que está procurando e se instala.

Ele se deita, se espreguiça e fecha os olhos.

43

Jimmy sobe a escada até o segundo andar do motel.

Não está fazendo piadas agora; está encharcado de adrenalina, o cu mais apertado que o de um preso de colarinho branco no primeiro dia no chuveiro do presídio.

Afinal, o que os espera naquele quarto é *Frankie Machine*. Pode ser um cara velho, mas ele *conseguiu* ficar velho por um motivo. Jimmy conhece todas as histórias e, se ao menos metade delas for verdadeira... Jimmy ouviu a história de como a Máquina entrou naquele bar em San Diego e derrubou aqueles ingleses antes que conseguissem largar as xícaras de chá. Contudo, se você quiser ser o Cara, tem de ser o cara que *derrotou* o Cara, então Jimmy está animadíssimo com a oportunidade.

E Jimmy tem um plano.

A Máquina provavelmente trancou a porta com corrente, então Carlo tem um desses aríetes que o pessoal de busca da Agência Americana de Combate as Drogas usa para arrombar portas. Então, Jimmy vai entrar e meter algumas balas na cabeça de Frankie M.

Tomara que o velhote esteja dormindo.

Jimmy the Kid faz um movimento com a cabeça para Carlo usar o aríete.

A porta não é exatamente material do Fort Knox e cede como os Yankees contra os Red Sox.

Jimmy entra.

Frankie M. não está na cama.

Ele não está no quarto.

Jimmy the Kid suprime o surto de adrenalina e gira o revólver em um arco controlado, varrendo o quarto em vetores precisos, da esquerda para a direita.

Nada da Máquina.

Então ele ouve o som de água correndo.

O velho cretino está no chuveiro, nem mesmo ouviu a porta sendo arrombada.

Agora, Jimmy vê vapor sob a porta do banheiro.

Ele sorri.

Isso vai ser fácil.

E *limpo*.

Jimmy abre a porta do banheiro com o pé.

Carrega o .38 com ambas as mãos, de acordo com a postura de tiro aprovada pelo FBI.

Só que não vê nada no chuveiro. Nenhuma forma humana através da fina cortina de banho.

Ele abre a cortina com a mão esquerda.

E vê um bilhete fixado com fita adesiva na parede do box com o pequeno monitor de GPS.

Jimmy pega o bilhete e lê: "Achou que estava brincando com crianças?"

Jimmy se joga no chão.

Ele se arrasta para fora do banheiro em direção à porta da frente.

Carlo já foi abatido e está encostado contra a parede com a mão apertando um ferimento no ombro, o sangue correndo entre seus dedos, a outra mão segurando a arma frouxamente.

Paulie está no chão da varanda, gemendo e segurando a parte de baixo da perna direita, olhando para Jimmy como um soldado ferido que olha para um oficial relapso, tipo, Veja no que você nos meteu, e como vai nos tirar dessa?

É uma ótima pergunta, caralho, pensa Jimmy enquanto se encolhe o máximo que pode contra o batente da porta e tenta olhar através do parapeito da varanda. Ele não consegue ver de onde vieram os tiros. Ele procura um movimento, um reflexo, *qualquer*

*coisa*, mas não encontra nada que possa ajudá-lo. Ele só sabe que o próximo tiro pode atingi-lo na cabeça. Por outro lado, se Frankie M. estivesse atirando para matar, tanto Carlo quanto Paulie já estariam mortos.

Será que Jackie e Tony também estão feridos? Jimmy olha para o seu carro no estacionamento e consegue vê-los, agachados no banco da frente, armas em punho, olhando para cima em direção a ele. Jimmy faz um pequeno gesto com a mão: fiquem agachados e a postos.

— Preciso de um médico — geme Paulie.

— Cale a boca — sibila Jimmy.

— Estou perdendo muito sangue! — choraminga Paulie.

Não, não está, pensa Jimmy, olhando para a perna dele. A bala não atingiu nenhuma artéria. Fora disparada precisamente para deter, mas não matar.

Maldito Frankie Machine.

Frank está deitado no telhado do depósito de grãos do outro lado da rua, o cano do rifle apoiado na curva inferior do *g* do grande cartaz da Agricorp.

Ele posiciona a mira infravermelha precisamente na testa do rapaz. Ele não reconhece esse garoto que se espreme contra a porta, tentando ficar tão pequeno quanto possível.

Não pequeno o bastante, pensa Frank.

Ele também não conhece o Perna Ferida, o que faz sentido. Ele é jovem demais para ter trabalhado comigo, pensa Frank. Ou talvez isso faça parte do processo de envelhecimento, essa coisa de todo mundo parecer mais jovem que você.

O rapaz agachado na minha mira não está de brincadeira. Ele cometeu um erro, mas não é um idiota. Um idiota sairia correndo daquele quarto. Esse cara teve a esperteza de se deitar e se arrastar para fora dali. Até o modo como está se contendo agora, olhando em torno, sem entrar em pânico, sem se apavorar com a equipe baleada, controlando os seus homens, indica que o rapaz tem algo a mais.

Frank pode ver isso em seus olhos.

Ele está *pensando*.

Homens que pensam são perigosos.

Então, acabe com ele, pensa Frank.

Você não pode se dar ao luxo de ter esse sujeito atrás de você.

Ele retoma a pontaria e puxa o gatilho.

A bala atinge a madeira alguns centímetros acima da cabeça de Jimmy the Kid.

Todo seu corpo estremece e então ele luta para se controlar. E consegue.

Um cara mais burro teria pensado que Frankie Machine errara, mas Jimmy é mais inteligente que isso.

Frankie Machine não erra.

Frankie estava enviando uma mensagem de paz: eu poderia tê-lo matado se quisesse, mas não matei.

Jimmy the Kid espera cinco minutos, então começa a cuidar de sua demolida Equipe de Demolição. Carlo superou o choque e consegue andar, de modo que ele e Jimmy arrastam Paulie pela escada até o carro. Então, pegam a estrada e se afastam um pouco, porque até mesmo os tiras dessa cidade sonolenta já se deram conta de que algo fora do comum estava acontecendo no EZ Rest.

Então, Jimmy faz a ligação que não queria fazer de jeito nenhum.

Acorda Mouse Sênior de um sono profundo.

— Estou com dois homens baleados — diz Jimmy.

— E?

— E nada — diz Jimmy. — Ele escapou.

— Parece que ele fez mais do que *escapar* — diz Mouse Sênior, e Jimmy percebe um traço de satisfação em sua voz.

— Ouça — diz ele —, o que faço com esses dois caras?

— Vocês estão na mira?

— *Sim*, porra.

— Está bem — diz Mouse Sênior assumindo uma voz tranquilizadora e paternal, como se fosse Jim Backus em *Rebelde sem causa*, o que faz Jimmy querer subir pelas paredes. — Você está a vinte e oito minutos do México. Atravesse a fronteira até Mexicali... Espere um pouco.

Mouse Sênior volta ao telefone uns três minutos depois e lhe dá um endereço.

— Vá até lá. O médico cuidará de seus rapazes. Você tem seguro de saúde?

— *O quê?*

— Estou brincando, garoto.

É, hoje é a noite do microfone aberto na Comedy Store, pensa Jimmy, desligando. Espero que ainda esteja rindo quando eu realizar a sua colonoscopia com uma Glock e apertar o gatilho.

Então, Jimmy faz a ligação que ele realmente não queria fazer de jeito nenhum.

*Esse cara ele não acorda.*

*Esse cara atende antes do fim do primeiro toque. Esse cara obviamente estava sentado ao lado do telefone esperando a ligação.*

*Mas não essa ligação.*

Esse cara estava esperando a ligação que lhe diria que Frankie Machine estava em uma reunião de família com seus antepassados. Ele definitivamente não quer ouvir que Frankie M. ainda está nesse mundo.

— Isso é um *quid pro quo* — diz o sujeito. — Diga ao seu pessoal que não podem esperar o *quid* caso não forneçam o *quo*.

Seja lá que merda *isso* quer dizer, pensa Jimmy. Ele não apenas não entende o que o sujeito está dizendo como nem sabe *quem* é o sujeito com quem está falando. Ele só tem um número de telefone e instruções de falar com quem quer que esteja do outro lado da linha.

*Um sujeito muito insatisfeito, com seus quids e quos.*

— Forneceremos — diz Jimmy, se contentando com isso. Ele não quer se aprofundar na questão, e, além disso, Paulie está começando a sangrar para todos os lados.

Jimmy sente tanta dor de cabeça quando desliga que quase deseja que Frankie M. *tivesse* estourado os seus miolos.

Bem, deveria ter estourado, pensa Jimmy.

Você fez merda, Frankie M.

Esperemos que esta seja a primeira de muitas.

Porque não vou parar e também não acho que "lhe devo uma". Ninguém lhe pediu clemência, e também ninguém vai lhe dar clemência.

Não com o que *você* sabe, velho.

## 46

Dave Hansen entra no quarto do EZ Rest Motel.

Os tiras locais estão por toda parte, enlouquecidos, porque aquilo é *emocionante*. Os tiroteios que costumam ocorrer naquela parte do país geralmente incluem imigrantes ilegais, os *mojados*, bêbados em uma noite de sábado ou vagabundos brancos viciados em metanfetamina em qualquer dia da semana, de modo que um tiroteio em um motel é um acontecimento e tanto.

Dave examina a marca de bala no batente da porta.

Não é muito a cara de Frank errar um tiro.

Ele se volta e olha para o cartaz da Agricorp. É típico do Frank. Bom ângulo de tiro para baixo, nenhum ângulo de tiro para cima. Dave entra no banheiro e vê o bilhete "Acho que estava brincando com crianças?"

Não, Frank, não achei. Eu devia ter sabido que você descobriria o GPS. Eu deveria saber que você era mais esperto do que isso. Cansado, velho, em fuga, você ainda mantém a cabeça no lugar.

O jovem Troy pergunta:

— O que aconteceu?

— O que aconteceu — diz Dave, irritado — é que ele é Frankie Machine.

Mas, para ser honesto, é uma ótima pergunta.

Que diabo aconteceu por aqui?

Quem veio atrás de Frank antes de chegarmos?

E como souberam onde ele estava?

## 47

Frank dirige pelo deserto.

Ele sempre gostou do deserto à noite. Mesmo no inverno, ele tinha algo de brando.

Por falar em brando, pensa Frank, é assim que *você* está ficando. Você devia ter matado a *todos*, deixado para trás um banho de sangue que faria qualquer sujeito no mercado relutar em aceitar um contrato para matá-lo.

Especialmente o chefe da equipe, aquele que era a cara do velho Tony Jacks.

Não, não de *Tony Jacks*, de seu irmão mais novo.

Qual era o nome dele?

Billy.

Seria aquele o filho de *Billy*?

Frank se lembra vagamente de que o filho de Billy fora preso por alguma razão. O que era? Extorsão, talvez? O rapaz era precoce, tinha a sua própria equipe... com um nome idiota...

“Equipe de Demolição”, era isso. Tinham um desmanche de carros. O rapaz tinha uma reputação, mesmo na cadeia.

Agora está fazendo mais sentido.

A Combinação enviou Vince para me apagar. Vince foi cauteloso e usou intermediários, fazendo Teddy Migliore enviar John Heaney até Mouse Júnior para me emboscar.

Faz sentido, faz sentido.

Os Migliore prestam contas à Combinação.

Eles lucram com seus negócios do sexo.

Pornografia, prostituição, clubes de strip.

Muito bem, ótimo, mas eu nunca tive nada a ver com nenhuma dessas coisas.

Seja honesto, diz para si mesmo.

E quanto àquela noite, em Solana Beach?

E a Guerra dos Clubes de Strip.

## 48

O problema era que o negócio dos clubes de strip havia começado como um negócio de limusines.

Foi em 1985.

Vegas desmoronara, e Mike e Frank estavam praticamente sozinhos em San Diego, a não ser que você contasse os sujeitos de Detroit, coisa que Frank não fazia. Os Migliore sempre agiam por conta própria e sempre conseguiam agir sem serem pegos.

Mas, de qualquer maneira, Frank não se importava. Já estava fora da coisa àquela altura.

Mais de três anos de relativa paz e tranquilidade, e a vida era boa. Ele tinha a sua casa, sua mulher, seu pequeno negócio de

pescado, e o serviço de limusines florescia nos prósperos anos oitenta.

Então, Patty engravidou.

Foi a coisa mais incrível. Nos anos setenta, eles haviam tentado e tentado mais um pouco, sem resultado. Então, à medida que a relação deles fora se deteriorando, pararam de tentar, então pararam completamente de fazer amor.

Daí, certa noite, saíram para jantar. Tomaram um pouco de vinho, passaram um pouco de tempo juntos, então foram para casa, caíram na cama e *bum!*

Quando Patty lhe contou a novidade, ele ficou exultante.

Então, no verão de 1985, estavam a ponto de ter um bebê.

— Quer ganhar um pouco de dinheiro fácil? — perguntou Mike certo dia.

Frank queria. O bebê chegaria em algumas semanas e um pouco de dinheiro extra cairia bem.

— Qual é o trabalho? — perguntou.

Havia um banqueiro que ia dar uma festa durante todo um fim de semana para um bando de sócios executivos. Tudo o que tinham de fazer, disse-lhe Mike, era dirigir alguns carros, fornecer segurança para a festa.

— Parece uma boa ideia — disse Frank.

— Tem uma coisinha — falou Mike.

Claro, pensou Frank. Sempre há uma coisinha.

— O que é?

— É que o sujeito que está dando a festa...

— Sim?

— É Donnie Garth.

— Estou fora — falou Frank.

— Ora, vamos — insistiu Mike.

— É você mesmo quem está dizendo isso, Pella? — perguntou Frank.

— O Sr. “Não Existe Nada Que eu Odeie Mais do que um Traidor”? Garth é o maior traidor que já existiu. Fico surpreso que ele ainda esteja vivo.

— Ele tem contatos, Frankie — falou Mike. — Maiores do que você e eu podemos conceber.

— Já trabalhei o bastante para Donnie Garth — disse Frank. — Passo.

— Eles pediram por você especificamente, Frank.

— Quem pediu?

— O velho Migliore — respondeu Mike. — E o cara de Nova Orleans.

— Marcello? — perguntou Frank. — Eu não tenho nada a ver com Marcello.

— É, mas Garth tem — disse Mike. — Ele é presidente de uma empresa de poupança e empréstimos, e o cara de Nova Orleans está interessado. Assim como os Migliore.

Então é por isso que Donnie Garth continua respirando, pensou Frank. Ele pagou para escapar. Pagou por seu passe.

— Qual é minha tarefa? — suspirou Frank.

— Apenas dirigir — explicou Mike. — Andar pela festa, certificar-se de que está tudo bem. Estou lhe dizendo, é um trabalho honesto.

É, pensou Frank, um trabalho honesto.

O “trabalho honesto” começou com ele levando um dos executivos da empresa de poupança e empréstimos até um banco

em Rancho Santa Fé, onde o sujeito sacou cinquenta mil dólares em dinheiro e então mandou que Frank o levasse até o Price Club.

Price Club?, perguntou-se Frank. O que uma pessoa vai comprar com cinquenta mil no Price Club?

Mulheres.

Eles encontraram a cafetina no estacionamento. Qual era o nome dela?, pergunta-se Frank agora. Karen, era isso. Ela chegou em uma Mercedes 500 conversível, e o banqueiro se inclinou pela janela da limusine para entregar-lhe o dinheiro. Quando estavam se afastando dali, o sujeito disse:

— Tenho um MBA em finanças pela Wharton, e foi isso que me tornei: um cafetão.

Como era mesmo o nome daquele cara?, pergunta-se Frank agora.

Sanders — não, *Saunders* —, John Saunders, mais um WASP chocado e consternado por estar sujando as próprias mãos. Frank não se deu ao trabalho de explicar que cafetões não davam dinheiro; eles *tomavam* dinheiro. E que Saunders não era um cafetão, mas um alcoviteiro. De qualquer modo, ele o levou ao cais, onde Garth possuía um iate de cento e vinte pés, e o deixou lá.

— Pegue as meninas às oito horas — disse Saunders ao sair do carro. E deu a Frank um endereço em Del Mar.

Patty teria tido um chique, pensa Frank agora, se tivesse visto a parte seguinte do “trabalho honesto” que você estava fazendo, indo até um bordel para pegar um carro cheio das garotas de programa mais lindas que você já viu.

Mas Summer Lorensen era a mais bonita de todas.

Ela não tinha aquela expressão gasta das prostitutas. Em vez disso, parecia o estereótipo da garota de fazenda do Meio Oeste

dos EUA alimentada a milho: loura, olhos azuis, pele cor de pêssegos com creme, o tipo de beleza comum que a *Playboy* gostava de usar no pôster central. Ela também *falava* como tal, com aquele jeitinho meigo de dizer “puxa vida”, e chegava a chamá-lo de “Sr. Machianno”. Era a sua primeira vez em uma limusine e ela estava toda animada com aquilo. Seria a sua primeira vez em um iate e também estava muito animada com *aquilo*.

As meninas estavam todas com roupa de festa e haviam claramente sido escolhidas de modo que houvesse uma para cada gosto, embora qualquer homem se desse por satisfeito com qualquer uma delas.

Summer Lorensen, contudo, era de outro mundo.

Então, Frank pegou um carro cheio de garotas, Mike pegou outro, e foram até o cais. Saunders os esperava lá. Ele, Frank e Mike ajudaram as meninas de sapato alto a baixarem o degrau até o iate; então, Saunders disse:

— Olhem só, o que vocês virem no barco, *quem* virem no barco, *fica* no barco. Conto com a sua absoluta discrição.

— Somos a discrição em pessoa — assegurou-lhe Mike, sorrindo para Frank. Tipo: Já vimos coisas que fariam esse yuppie mijar nas calças e as guardamos para nós. O que tem para nos mostrar?

Bem, tinha um bocado.

Foi quase cômico a princípio, quando as meninas baixaram ao convés e aqueles banqueiros pararam de falar e apenas ficaram olhando *boquiabertos*, quase babando, como obesos em um bufê livre.

Bem, a *maioria* era de banqueiros. Havia também alguns juízes federais, três ou quatro deputados, um senador e algumas figuras

políticas generalizadas. Frank não sabia quem eram, mas Mike sim, e ficou ali apontando-os e dizendo seus nomes.

— Como sabe de tudo isso? — perguntou Frank.

— Faz parte do meu trabalho — disse Mike. — Pode ser oportuno ter um deputado no bolso.

— Não me diga que está pensando em fazer chantagem com esses caras.

A filosofia de Frank era que, se os agentes federais não estão mexendo com você, você não devia mexer com eles. É melhor não mexer com fogo.

Mike não respondeu porque Garth levantou-se e fez um discurso de “boas-vindas a bordo” para seus convidados. O sujeito chegara a vestir um uniforme de capitão, com paletó azul, calça branca e quepe. Parecia um idiota completo, mas, bom, era um idiota que tinha o seu próprio banco.

Bem, uma agência de poupança e empréstimos, em todo caso.

Então, Garth deu as boas-vindas aos convidados, saudou as moças e chegou a usar a frase “o que virem nesse barco, *fica* nesse barco”. Conseguiu boas risadas ao dizer que, como capitão de navio, podia até mesmo casar pessoas, e que a união seria legal desde que estivessem em alto-mar.

O que seria a noite inteira.

Com isso, desatracaram e deixaram o porto.

Frank ficou junto à amurada de proa, observando os homens escolherem as suas parceiras. Era extraordinário, mas mesmo sabendo que eram garotas de programa, os convidados pareciam sentir necessidade de conversar e flertar com elas primeiro. E as meninas eram profissionais: riam das piadas, faziam pose,

correspondiam às cantadas. Não demorou muito até os casais começarem a descer às cabinas sob a coberta.

Discrição, pensou Frank.

Mas as inibições acabaram quando chegou a cocaína.

Montanhas de cocaína, servida por John Saunders, como se ele fosse um garçom. Cafetão e garçom, pensa Frank agora, essa era a carreira que você conseguia com um M.B.A. nos prósperos e cocainômanos anos oitenta. Os executivos, os políticos e as prostitutas cheiravam em notas de cem dólares que mais de uma vez Frank viu saírem voando para longe, despercebidas, em meio à brisa noturna.

A cocaína transformou a festa em uma orgia flutuante, uma bacanal marítima.

Uma mistura de *Calígula* com *Os lobos do mar*.

Foi uma cena incrível. Com as luzes de San Diego ao fundo, um espetáculo pornográfico da vida real se desenrolava no convés do iate de Garth. Parecia que toda a festa estava participando daquilo.

Exceto Mike Pella.

E Frank.

E Summer Lorensen.

Porque era trabalho de Frank mantê-la fora daquilo. Saunders viera até ele mais cedo e dissera:

— Ela não deve entrar na roda. É para a festa *após* a festa. A lista VIP A, na casa de praia de Donald. Mantenha-a longe da gentalha.

— Como assim?

— Ela é uma isca — disse Saunders. — Nós a reservamos para um indivíduo em particular, e ainda não é a hora.

Então, Summer ficou com Frank e Mike a maior parte da noite, conversando, rindo, fingindo não perceber a cena que se

desenrolava à volta deles. Ela lhes falou de seus tempos de escola, disse que cursara faculdade durante um ano, mas não gostara muito e acabara largando. Finalmente, disse que ficara grávida, tivera uma filha, e o namorado que ela pensava que a amava simplesmente a abandonara.

É claro que alguns sujeitos se aproximaram para tentar seduzi-la, mas Frank ou Mike apenas diziam, baixinho:

— Ela não é para você. — E não havia muitos homens no mundo que enfrentariam Mike ou Frank, muito menos os dois juntos, de modo que aquilo não foi um problema.

Havia um sujeito que a comia com os olhos, a distância. Era jovem, com seus vinte e muitos ou trinta e poucos anos, e o rosto juvenil de um eterno rato de fraternidade universitária. Ele não se aproximou, mas, de tempos em tempos, Frank o pegava olhando para ela a três, quatro metros de distância. E ele tinha aquele sorriso pretensioso no rosto — não era tão descarado a ponto de ser lascivo, mas confiante, como se escondesse um segredo, e um dos bons.

Mike percebeu que Frank olhava para o sujeito.

— Sabe quem é esse? — perguntou Mike.

— Não.

Mike sorriu e sussurrou a resposta.

— É mesmo? — disse Frank, olhando outra vez para o filho do senador.

Claro, eles já tinham um senador a bordo, mas assim como havia chefes e *chefes*, havia senadores e *senadores*. Por exemplo, temos chefes de Kansas City, ou Jersey, ou até L.A., e os tratamos com respeito, embora não estejam no mesmo patamar que os chefes de Chicago, Filadélfia e Nova York.

Então o pai daquele sujeito era um *senador* que presidia um importante comitê bancário. Papai poderia vir até a se tornar presidente algum dia, não de um banco, mas dos *EUA*, e até mesmo o senador e o bando de deputados no barco estavam tratando Júnior com alguma deferência, chegando a deixá-lo passar à frente na fila para cheirar pó.

Frank e Mike observavam a ação quando Mike começou a cantar:

*Some folks are born to wave the flag,  
Ooh, they're red, white and blue.  
And when the band plays "Hail to the Chief,"  
Ooh, they point the cannon at you, Lord...*

E Frank juntou-se a ele no refrão:

*It ain't me, it ain't me, I ain't no senator's son, son.*

Então era isso — eles apelidaram o rapaz de “Filho Afortunado” — e o Filho Afortunado estava de olho em Summer Lorensen como se fosse algo que ele devesse possuir.

*Ela é uma isca. Nós a reservamos para um indivíduo em particular, e ainda não é a hora.*

E ela era incrível, lembra-se Frank. Suas colegas pagavam boquetes, faziam *ménages* de três e quatro pessoas a alguns metros de onde ela estava, e Summer Lorensen apenas continuava falando sobre as meninas do time de basquete de sua escola, ou comentando como era bonito o iate onde estavam e quão lindas eram as luzes da cidade refletidas na água.

Uma mistura de *Calígula* e *Pollyanna*.

Ela acabou adormecendo, sentada na cadeira do convés, respirando calmamente, a boca entreaberta, um leve brilho de suor sobre os pelinhos quase invisíveis acima de seu lábio superior.

O iate voltou ao porto naquela manhã como um navio assolado pela peste, corpos espalhados pelo convés em diferentes estágios de nudez, gemidos emergindo de bocas inconscientes enquanto o cheiro azedo de suor e sexo destacava-se em meio ao ar marinho.

Quarenta minutos depois, Frank e Mike ajudaram Saunders a despertar os convidados, vesti-los, e derramar um pouco de café e suco de laranja em suas goelas. Os convidados deixaram o barco felizes e exaustos e caminharam tropegamente em direção a carros e limusines à sua espera.

Alguns poucos felizardos foram convidados à casa de Garth — não a casa em La Jolla, mas para sua “casa de fim de semana”, a dez minutos dali, em Solana Beach. Frank levou Summer até lá. Ela dormiu a maior parte do trajeto e só despertou quando entravam no acesso de veículos de Garth.

— Uau — disse ela.

Juro por Deus, pensa Frank, ela realmente disse: “Uau.”

Não que a casa de praia de Garth não merecesse um “uau”. Custando um milhão e meio de dólares em 1985, tinha de ser impressionante e não desapontou. Era comprida, bem acabada, branca, moderna, e suas janelas do chão ao teto praticamente convidavam o oceano a entrar.

Frank não imagina quanto custaria o lugar agora.

Seis, sete milhões, fácil.

Mike estacionou e abriu a porta para uma segunda garota, uma ruiva deslumbrante de olhos verdes, tão sofisticada quanto Summer

era ingênua, exalando uma sexualidade agressiva e experiente em contraste com a inocência de Summer.

Qual era o nome *dela*? Frank tenta se lembrar.

Alison. Alison... alguma coisa. Era de algum lugar no Sul, ou ao menos tinha o sotaque.

Garth saiu da casa seguido pelo Filho Afortunado, que não trajava mais que um sorriso e uma toalha ao redor da cintura.

No final das contas, ele era toda a lista A.

Você a serviu, pensa Frank agora. Serviu-a como a um prato especial.

Controle-se, diz para si mesmo agora. Ela era uma *prostituta* — a personagem jovial, virgem e inocente fazia parte de seu número. Aquilo era o seu *anzol*, o seu apelo; fazia o seu preço subir. A linda menina comum que você sempre quis, mas nunca pôde ter.

A não ser que você fosse o Filho Afortunado.

Nesse caso, não havia *nada* que você quisesse e não pudesse ter.

O Filho Afortunado queria ambas.

Claro, pensa Frank. Quem não quereria? Seja honesto com você mesmo: se pudesse ter tudo o que deseja, você não ficaria com tudo? E, caso soubesse que conseguiria o que deseja, também não teria pressa. Ninguém tiraria aquilo de você, então, por que não esperar? Se você está habituado a ter tudo o que deseja, talvez a espera seja melhor do que a conquista.

As meninas disseram que queriam muito tomar um banho. Elas entraram na casa durante algum tempo e voltaram vestindo biquínis; então todos saíram para um longo passeio na praia, com Frank e Mike seguindo logo atrás, sem poder ouvi-los, mas sim vê-los.

Ninguém entrou na água, lembra Frank.

Bem, Summer entrou até os joelhos e voltou correndo, gritando que estava fria, e o Filho Afortunado a abraçou e esfregou as costas dela para aquecê-la. Então, todos voltaram à casa e o almoço foi servido do lado de fora, no deque.

Você e Mike se sentaram na cozinha, lembra-se Frank, e comeram com o cozinheiro. Você manteve a porta aberta de modo a poder ver o que acontecia lá fora. Engraçadas as coisas das quais você se lembra: os homens bebiam cerveja e as meninas tomavam champanhe com suco de laranja.

Após o almoço, as meninas disseram que estavam com sono e os homens disseram que também gostariam de tirar uma *siesta*, e todos se recolheram a quartos separados. Frank e Mike concordaram em se revezar na vigília e Frank pegou o primeiro turno. Quando Mike o substituiu, Frank voltou ao carro, esticou-se no banco da frente e dormiu profundamente.

Ao despertar, voltou à casa para ver o que estava acontecendo. Ele olhou para a sala de estar através do vidro azulado.

Summer, vestindo um robe branco sobre o biquíni, estava de joelhos sobre o denso tapete branco. Alison estava de joelhos ao lado dela, beijando-lhe delicadamente o pescoço. Donnie Garth e o Filho Afortunado estavam sentados em duas poltronas de couro preto, assistindo. Havia uma tigela de cocaína sobre a mesa de centro de cromo e vidro; o que havia restado das carreiras parecia poeira branca.

Alison acariciava o pescoço de Summer e Summer disse:

— Se você fizer isso, não poderei impedi-la.

Alison disse:

— Eu sei. — E desatou-lhe a parte de cima do biquíni. Alison baixou a cabeça, beijou-lhe um seio, depois o outro, gentilmente

deitou Summer de costas e também se deitou ao lado dela, beijando-lhe a barriga e a parte de cima de sua calcinha enquanto Summer gemia e dizia:

— Nunca fiz isso antes.

Alison ergueu-se e tirou-lhe a calcinha, então abriu as pernas de Summer e deitou-se entre elas, e logo os quadris de Summer começaram a rebolar; então suas costas se arquearam e seus dedos afundaram no basto tapete branco.

Aquilo vinha direto de um filme pornô de segunda, pensou Frank. Uma paródia, uma encenação: "A Corrupção da Inocência". Mas era uma boa interpretação, ao mesmo tempo idiota, obscena e excitante. Summer era boa atriz — alternava resistência e entrega — e, no fim, pousou a cabeça no colo de Alison enquanto o Filho Afortunado, o pênis coberto de cocaína anestesiante, se adiantou para o ato final.

Foi quando o rádio estalou no carro de Mike. Mike não estava prestando nenhuma atenção, de modo que Frank foi até lá e atendeu. Era a despachante do escritório.

— Meu Deus, ainda bem que consegui falar com você — disse ela.

—

Patty entrou em trabalho de parto. Ela está no Scripps.

Frank saiu correndo do carro.

— Preciso ir — disse para Mike.

Mike estava fascinado com a cena que acontecia dentro da casa.

— *Agora?*

— Patty entrou em trabalho de parto.

Mike não tirou os olhos da janela.

— *Vá. Vá.*

Frank voltou para o carro e acelerou. Chegou ao hospital a tempo e estava na sala quando Jill nasceu. Ele tomou a filha nos braços e a sua vida mudou.

De uma hora para outra.

\* \* \*

Frank soube depois — com o restante dos idiotas — que a indústria de poupança e empréstimos era o maior golpe da história, superando qualquer coisa que um mafioso já tivesse conseguido bolar.

Eis como funcionava o esquema:

Garth e os outros sujeitos da empresa de poupança e empréstimos faziam tais operações para si mesmos e para seus parceiros, sem garantias, através de empresas fantasmas. Em seguida, deixavam de pagar os empréstimos e esvaziavam a empresa de todo o seu capital.

Garth ficou com um bilhão e meio de dólares de sua própria empresa, a Hammond Savings and Loan.

Idêntica na forma à clássica extorsão mafiosa, pensa Frank agora, mas só conseguíamos fazer isso com restaurantes e bares, talvez com um ou outro hotel. Esses caras extorquiram cerca de trinta e sete bilhões de dólares de todo o país e o Congresso repassou a conta para os trabalhadores.

Todo o castelo de cartas das empresas de poupança e empréstimos acabou ruindo, Garth e alguns outros passaram um tempo em prisões federais, e os senadores e deputados que haviam estado no mesmo barco, literal e figurativamente, foram à CNN proclamar a desgraça que era tudo aquilo.

Karen Wilkenson pegou alguns anos por cafetinagem. John Saunders pegou um ano por mau uso de fundos bancários.

O Filho Afortunado se tornou senador dos EUA.

Summer Lorensen teve um final mais triste, lembra-se Frank. Encontraram o corpo dela alguns dias depois em uma vala na estrada para Mount Laguna. Ela acabou vítima do "Assassino do Rio Verde" que pegava prostitutas, as estuprava, matava, então enchia as suas bocas com pedras.

A polícia demorou anos para pegá-lo.

Não é de surpreender. Na época, os tiras tinham uma frase para definir assassinatos de prostitutas e drogados: "Nenhum humano envolvido."

Mas Frank se sentia mal, pensando naquela doce menina jogada em uma estrada, cheia de pedras na boca.

Mas então esqueceu.

Ele estava ocupado.

As Guerras dos Clubes de Strip estavam a ponto de começar.

Eddie Monaco era parecido com Huckleberry Finn.

Quer dizer, se Huck tivesse cinquenta anos e tivesse acabado de transar com alguém. Louro, olhos azuis, Eddie tinha aquele ar juvenil, inocente, e sempre conseguia fazer as pessoas rirem.

Nada parecia incomodar Eddie, nunca. A vida era uma festa, cheia de bebida, mulheres e amigos. E ele não era nenhum Donnie Garth: Eddie era um sujeito verdadeiramente durão, que já havia sido

preso por realizar operações de extorsão e falsificação. Como era fichado na polícia, é claro que Eddie não podia obter licença para vender bebida, de modo que tinha um testa de ferro que tecnicamente era o proprietário do Pinto Club. Mas todo mundo sabia que o clube não pertencia a Patrick Walsh. O Pinto Club era de Eddie Monaco.

O clube de strip ficava no Kettner Boulevard, dentro do que antes fora o bairro Little Italy, a algumas quadras do Lindbergh Field. Frank e Mike tinham um serviço de limusines no aeroporto, e Mike se certificava de que todo homem de negócios que viesse a San Diego ouvisse falar do Pinto Club.

— Nós pegamos você no hotel — dizia sempre —, levamos ao clube e o trazemos de volta em segurança. Pode beber o quanto quiser, não precisa se preocupar com o bafômetro, e se quiser alguma companhia na volta, digamos, uma das garotas, também podemos cuidar disso, sem taxa extra. E, se quiser debitar de sua empresa, sem problemas, lhe damos um recibo limpo. Podemos até lhe arranjar uma conta de restaurante, se quiser, para provar que esteve em um jantar de negócios.

Então, uma vez que Frank estava sempre levando clientes para lá, e uma vez que em geral acabava levando-os de volta para casa também, ele acabava passando muito tempo por lá.

As meninas eram bonitas, tinha de admitir

Eddie Monaco sabia como encontrar talentos.

E era generoso com eles.

— Se quiser qualquer coisa — dizia a Frank —, não precisa nem pedir. Um sanduíche, uma bebida, um boquete, é seu.

Eddie gostava de ter mafiosos por perto. Aquilo mantinha as coisas em ordem e dava ao lugar um toque de notoriedade e perigo

que fazia os clientes aparecerem. Como ele chamava isso, mesmo? “Gangster chique”? E, bom, Mike e Frank estavam levando um bocado de executivos até lá, de modo que uma refeição, uma bebida, um boquete na sala dos fundos não custavam nada.

Uma bobagem, para Eddie Monaco.

Frank aceitava a comida e a bebida de graça, mas nunca aceitou os boquetes. As meninas já tinham algo de triste o bastante nelas sem precisarem fingir entusiasmo de joelhos no escritório e, além disso, ele tinha uma filha pequena em casa e tentava ser fiel à esposa.

Não era tão difícil. As *strippers* pareciam sensuais a princípio — isso por causa das luzes, da música alta, da atmosfera de erotismo explícito —, mas o encanto logo se quebrava. Especialmente quando você ficava no bar e acabava conhecendo-as, conversando com elas em seus intervalos. Então, mais cedo ou mais tarde — geralmente mais cedo — as mesmas histórias tristes e deprimentes saíam de suas bocas. O abuso sexual na infância, figuras paternas frias e distantes, mães alcoólatras, abortos adolescentes, o vício em drogas.

Especialmente as drogas.

Essas meninas cheiravam tanto que era de se admirar que conseguissem *parar* de dançar. A não ser que conseguissem fisgar um senhor que as ajudasse, entravam na rotina até se tornarem viciadas com mais rugas no rosto do que fileiras em seus narizes e eram demitidas.

E vinha uma nova leva.

Nunca faltavam garotas.

Nunca faltava nada, não no mundo de Eddie Monaco.

Eddie tinha cinco carros antigos, incluindo um Rolls Royce, no qual costumava se locomover. Tinha mulheres — muitas, não apenas as dançarinas —, e as mulheres tinham muitas joias que ganhavam de Eddie. Eddie tinha uma mansão em Rancho Santa Fé e um apartamento em um condomínio em La Jolla.

Eddie possuía belas roupas, relógios Rolex e bolos de dinheiro.

A outra coisa que Eddie tinha de montão eram dívidas.

Vinham com a sua ambição. Nada era bom demais para Eddie, e nada era bom demais para o Pinto Club. Ele gastou milhões de dólares reformando o lugar — milhões que não tinha —, mas ele queria que Pinto fosse o melhor clube de topless da Califórnia, a base de toda uma rede de clubes. Eddie queria ser o rei do mundo dos clubes de strip e não se importava em gastar dinheiro para chegar lá.

O problema era que ele estava gastando o dinheiro de outras pessoas.

Eddie *era* o rei do empréstimo, pegava centenas de milhares de dólares emprestados, mas isso não parecia preocupá-lo nem um pouco. Pagava velhas dívidas com novos empréstimos e, desse modo, ia empurrando a sua dívida. De algum modo, as pessoas sempre estavam dispostas a lhe dar dinheiro.

Uma delas era um agiota chamado Billy Brooks.

Billy costumava frequentar o clube, admirando peitos e bundas e procurando clientes. Seus dois capangas geralmente andavam com ele: Georgie Yoznezensky, conhecido simplesmente, por motivos óbvios, como "Georgie Y", e Angie Basso, que em verdade era o tintureiro favorito de Eddie Monaco quando não estava quebrando pernas para Billy.

Angie era o típico mafioso, mas Georgie Y, Georgie Y era uma *figura*. Imigrante de Kiev, corpulento, com pulsos grossos e cabeça obtusa, era um sujeito tão burro e violento que até mesmo a máfia russa de Fairfax não o queria por perto. De algum modo ele se juntou a Billy, e Billy lhe dava trabalhos ocasionais, chegando a lhe empregar como segurança no Pinto Club.

Eddie empregou-o como um favor para Billy. E por que não? Billy emprestara cem mil dólares para Eddie.

E Billy queria ser pago.

Eddie o enrolava.

Billy vinha ao clube cobrar o dinheiro de Eddie. A princípio, Eddie lhe dizia "Amanhã, prometo" ou "Semana que vem, Billy, com certeza". Ele lhe arranjava garotas de graça, que levavam Billy ao escritório dos fundos para um boquete ou a um motel rua abaixo para uma rapidinha.

Mas Billy não se satisfazia com xoxotas, Billy queria o seu *dinheiro*.

E não estava recebendo.

Então tinha de ficar ali sentado vendo Eddie fechar um clube inteiro por uma noite para promover uma festa para si mesmo, ou dirigir o seu Rolls Royce abraçado com modelos da *Playboy*, dar gorjetas de cem dólares para porteiros e meninas do vestiário, jogar dinheiro fora como aviões de papel e não pagar um tostão para Billy.

Não ajudava o fato de Eddie ser bonito e descolado e Billy não ser nenhum dos dois. Ele tinha uma cara de vira-lata e expressão de cachorro medroso. Cabelo e pele ruins. Devia ser, pensou Frank anos depois, como Richard Nixon vendo Bill Clinton arranjar garotas.

Se Eddie tivesse sido legal com o sujeito, talvez as coisas pudessem ter acabado de outra forma, mas Eddie se cansou de Billy cobrando o tempo todo e começou a ignorá-lo, não respondendo os seus telefonemas, passando por ele no clube como se Billy não estivesse ali.

— O que ele pensa que sou? — disse Billy para Mike Pella certa noite. — Um babaca?

Era véspera de Ano Novo, e estavam sentados no bar do Pinto Club, onde Billy combinara de se encontrar com Eddie para conversar sobre a situação.

Patty não gostou nada que Frankie saísse em plena véspera de Ano Novo.

— É véspera de Ano Novo — queixou-se. — Achei que podíamos sair juntos.

— Preciso trabalhar.

— Trabalhar... — disse ela. — Andar por aí com um bando de prostitutas.

— Não são prostitutas — falou Frank. Bem, algumas não eram, pensou. — São dançarinas.

— O que elas fazem não é dançar.

— É a noite mais movimentada do ano. Sabe quanto ganharei em gorjetas? — perguntou Frank. Além disso, pensou, sair na véspera de Ano Novo e ir a um restaurante ou hotel...? Pagar dobrado pela mesma refeição, geralmente de qualidade inferior, com serviço lento e uma taxa de serviço obrigatória de dezoito por cento acrescida à conta? Quando eu poderia estar na rua ganhando uma boa grana?

— Olha, vamos sair *amanhã* à noite. Levo você aonde quiser.

— Ninguém sai na primeira noite do ano — disse Patty.

— Então é sinal de que vamos conseguir uma mesa — falou Frank.

— Que divertido — debochou Patty. — Dois pobretões em um restaurante vazio.

— Ligo para você à meia-noite — disse Frank. — Comemoraremos pelo telefone.

Por algum motivo, isso não pareceu consolá-la. Ela nem mesmo lhe dirigiu a palavra quando ele saiu de casa.

Quando Frank chegou ao clube, ele se sentou no bar e ficou ouvindo Billy Brooks queixar-se com Mike. Mike e Billy haviam cumprido pena juntos, em Chino, de modo que eram velhos amigos. Naquela noite, ouvindo Billy reclamar com Mike sobre o problema que ele tinha com Eddie Monaco, Frank sabia o que Mike diria a respeito. E Mike disse:

— Sem ofensas, Billy, mas é bom você saber que as pessoas andam comentando que você está permitindo que Eddie deboche de você. Isso não pode ser bom para os negócios.

Não, não pode, pensou Frank.

Um agiota tem duas virtudes: dinheiro e respeito. É só deixar que um sujeito não lhe pague — e jogue isso na sua cara em público — e logo o resto de seus clientes também começará a pensar que não precisam lhe pagar. Começa a correr o boato de que você é um otário, covarde, frouxo, e, daí, pode dizer adeus ao seu dinheiro. Nunca vai voltar a vê-lo, nem o principal nem os juros.

Daí é melhor desistir da agiotagem e fazer algo que seja mais apropriado para você, como enfermagem ou biblioteconomia.

Era isso que Billy Brooks enfrentava, e era um problema, porque Eddie Monaco era um sujeito durão e tinha as suas próprias conexões com a máfia. Se Billy simplesmente matasse Eddie —

como deveria fazer — poderia ter sérios problemas com os Migliore. Era um dilema interessante.

A verdade era que todo mundo estava esperando para ver como Billy Brooks sairia daquela.

— Estou numa situação muito ruim, Mike — disse Billy.

Bastou ele dizer isso, *só isso*, para Frank saber que Eddie Monaco era um homem morto.

\* \* \*

Mike Pella nunca foi de ficar parado.

— Peitos e bundas dão dinheiro — dissera Mike para Frank tantos anos antes. — Muito.

Frank não estava certo se Mike queria dizer muitos peitos, muitas bundas ou muito dinheiro, mas seja lá o que fosse, ele estava louco para entrar no negócio de clubes de topless, e essa era a sua chance. No dia seguinte, primeiro de janeiro de 1987, Mike foi até o apartamento de Eddie em La Jolla. Mike esperou até o meio-dia, porque Eddie provavelmente fora para cama às oito ou nove da manhã.

Eddie abriu a porta com olhos sonolentos.

Sorriu quando viu que era Mike.

— Ei, cara, o que...

Mike atirou três vezes no rosto dele.

\* \* \*

Billy Brooks adquiriu respeito imediato e parte do Pinto Club.

Mike achou que, se Billy tinha uma parte do clube, isso significava que ele também tinha. A partir de então, Mike não ia mais ao Pinto apenas para levar clientes ou tomar um drinque ocasional; ele passou a ficar o tempo todo no clube, como se fosse um dos donos, o que, ao seu ver, era mesmo.

Todo o pessoal de Mike começou a frequentar o lugar — Bobby Bats, Johnny Brizzi, Rocky Corazzo —, e Mike lhes dava bebidas de graça, refeições e boquetes na sala dos fundos. Mike tinha uma conta no clube tão comprida quanto o seu braço, e Pat Walsh não tinha colhões para cobrar, nem Billy, e Mike nunca pensou a respeito.

Ele achava que Billy estava em dívida com ele.

E estava mesmo.

E Mike, sendo Mike, não estava satisfeito em apenas aceitar as cortesias da casa, recostar-se e ver o dinheiro entrar. Não, ele pretendia tirar tudo o que pudesse do clube. Então começou a vender cocaína para as garotas.

Era um trabalho paralelo lucrativo — vender cocaína para as garotas, deixá-las se viciarem em um hábito caro, então colocá-las no mercado para pagarem o seu vício. Então, ficar com metade do dinheiro que conseguiam com a prostituição.

Mike chegou a comprar um prédio de apartamentos perto do clube e lhes dava de graça o primeiro e último mês de aluguel, sabendo que o vício em cocaína levaria o resto do dinheiro. Angie Basso e Georgie Y estavam sempre lá para cobrar o aluguel das meninas, de modo que ele as tinha completamente comprometidas.

As meninas nunca conseguiam quitar suas dívidas, e esse era o objetivo.

Logo, Mike estava ficando com *todo* o dinheiro delas: suas gorjetas, o dinheiro da prostituição, o dinheiro que ganhavam com pornografia. Essa era a próxima manobra empresarial de Mike: pegar uma garota que estivesse muito atrasada com os juros dos empréstimos e com o aluguel e dar-lhe a chance de fazer algum dinheiro estrelando filmes pornográficos.

Depois de um ano inteiro disso, Billy veio até Frank para lhe falar a respeito.

— Ele vai arruinar o negócio — disse Billy. — Os tiras estão por toda parte. Tenho cinco garotas, pode contar, presas por drogas e prostituição. Ele tem uma conta no bar de seis dígitos...

— O que quer que *eu* faça? Eu só dirijo a limusine. — E foi *você* quem o meteu nisso, Billy, pensou Frank. — Se não queria Mike, deveria ter cuidado pessoalmente de seus problemas.

— É, mas que *merda*, Frank.

— Merda *coisa nenhuma*, Billy.

De qualquer modo, pensou Frank, tenho os meus próprios problemas.

Como um divórcio.

Patty estava ameaçando pedir um.

Na verdade não posso nem culpá-la, pensou Frank. Estou sempre trabalhando, nunca estou em casa, e, quando estou, estou dormindo. Além disso, ela passa a maior parte do tempo se perguntando onde estou, o que estou fazendo, *quem* estou comendo, mesmo que eu já tenha lhe dito cinquenta mil vezes que não estou transando com as garotas.

Ainda assim, haviam discutido sobre aquilo, e a última briga fora séria.

— Você sabia como eram as coisas — dissera-lhe Frank. — Você sabia quem eu era quando se casou comigo.

— Achei que você era um pescador.

— Até parece — disse Frank. — Frank Baptista, Chris Panno, Mike Pella e Jimmy Forliano vêm ao casamento de um pescador com envelopes cheios de dinheiro. Você cresceu nessa vizinhança, Patty. Você é uma mulher inteligente. Não venha dar uma de Diane Keaton para cima de mim agora.

— Você está fodendo outras mulheres!

— Olhe como fala.

Patty riu.

— Ora, você pode *fazer* isso, mas eu não posso *dizer* isso?

— Se *fizesse* mais do que *diz* — Frank deixou escapar —, não me sentiria tão tentado!

— E *quando* é que posso fazer? — perguntou Patty. — Você nunca está aqui!

— Estou lá fora pondo comida na mesa!

— Muitos homens põem comida na mesa e ainda assim voltam para casa à noite!

— Bem, então eles devem ser mais inteligentes do que eu!

Patty disse que, caso as coisas não mudassem, ela pediria o divórcio.

Frank tinha tudo isso em mente enquanto Billy reclamava que Mike estava acabando com o Pinto Club.

— Não é da minha conta — disse ele. — Se você tem um problema com Mike, fale com ele sobre isso.

É, bom conselho.

Três noites depois, Mike encontrou Frank no bar e disse que os dois precisavam ter uma conversinha com Billy.

— Esse cara deu para me encher o saco. Dá para acreditar? — falou Mike. — Esse malgrato filho da puta.

— É *ingrato*.

Mike piscou.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Porque a gente diz "*mal-agradecido*" e não "*inagradecido*" — disse Mike.

— Acabei de ver o termo em minhas palavras cruzadas — explicou Frank. Ultimamente ele passava um bocado de seu tempo de espera fazendo palavras cruzadas. — Eu verifiquei.

— Enfim — continuou Mike —, precisamos dar uma lição nesse Billy, cacete.

— Mike, eu não preciso dar uma lição em ninguém — disse Frank. Então, pensou melhor. Mike era uma pessoa estourada. Quem sabe o que poderia acontecer? Então Frank decidiu participar e agir como influência moderadora.

Saíram para um passeio na limusine de Frank, seguindo para leste na Kettner até as docas do cais do porto. Billy trouxera Georgie Y com ele, como proteção. Frank dirigia, Georgie Y vinha sentado ao seu lado e Mike e Billy estavam no banco de trás, discutindo.

Mike parecia magoado.

Ele *está* magoado, pensou Frank. Isso é que era engraçado: Mike adorava o clube de verdade, achava que tinha uma participação nele, e lá estava Billy, insinuando (termo de palavras cruzadas) que na verdade ele *não* magoara Mike.

— Por que você *está* me pressionando, Billy? — perguntou Mike. — Por que *está* enchendo o meu saco? Só estou tentando ganhar a vida.

— Eu também!

— Então ganhe! Quem o está impedindo?

— Você! — respondeu Billy. — Você viciou metade de minhas garotas em cocaína. Você as obriga a trapacear, fazer pornografia...

— Você quer uma parte do dinheiro delas, Billy? É isso? — perguntou Mike. — Por que não disse isso logo? Eu ponho você nessa. É só vir falar comigo como um homem e dizer...

Mas Billy estava em modo de reclamação, pensou Frank. Como uma mulher. Quando elas começam, não se conformam apenas em resolver o problema. Não, precisam desabafar. Então Billy não podia se contentar em aceitar a oferta de um bom dinheiro. Não, ele tinha de...

— Os tiras estão por toda parte — continuou Billy. — Podemos perder a merda de nossa licença para vender álcool, e por falar em álcool, Mike...

— O que tem?

— Meu Deus, a conta que você e o seu pessoal têm no *bar*...

— O que, você está contando as nossas bebidas agora, seu filho da puta?

— Ora, vamos — disse Frank. — Vocês dois são amigos.

— Está contando as nossas *bebidas*? — repetiu Mike. — Seu babaca pão-duro, desgraçado...

— Ei! — exclamou Billy.

— “Ei” coisa nenhuma, seu ingrato — falou Mike. — Você não *teria* a merda do clube se não fosse por mim.

— Epa! — disse Billy. — Eu não *pedi* para você apagar o Eddie.

Isso foi um erro, pensou Frank. Era a coisa errada a dizer. Mike explodiu.

— Não pediu? Não *pediu?* — disse Mike. — Não *precisou pedir* porque você era meu *amigo*, Billy, e, se você tinha um problema, coisa que você tinha, era problema *meu* também. Você não *pediu?*

— Eu não pedi que você...

— Não — disse Mike. — *Não* pediu. Ficou ali sentado *choramingando* como uma garotinha. “Estou com um problema, Mike. Não sei o que fazer, não sei o que fazer.” Eu *cuidei* daquilo para você, seu filho da puta. Resolvi a questão.

— Achei que você fosse *falar* com ele, Mike! — explicou Billy. — Não achei que você fosse...

— Caramba, talvez eu tenha atirado no cara errado, porra — falou Mike.

Frank olhou para trás e viu Mike com uma pistola em mãos.

— Mike, não!

— Acho que foi *isso* mesmo — continuou Mike. — Acho que atirei no cara errado! Talvez eu devesse dar a você o que dei para ele!

Georgie Y enfiou a mão no bolso para sacar a arma.

Frank girou o volante, parou a limusine junto ao meio fio e, com a outra mão, firmou o pulso de Georgie contra o seu quadril. Não foi fácil. Georgie Y era um sujeito forte.

Billy tentava escapar. Mexia na maçaneta da porta quando Mike começou a atirar. Os três tiros ensurdeceram Frank. Ele não conseguia ouvir mais nada; apenas viu os lábios de Georgie Y pronunciando as palavras *Meu Deus!*. Então ele se voltou e viu Billy tombado contra a porta do carro, o ombro direito com uma massa de sangue e um buraco de bala no rosto.

Mas ele estava respirando.

Frank arrancou a pistola de Georgie, guardou-a em seu bolso, então disse:

— Vamos, tenho algumas toalhas no porta-malas.

Frank olhou em torno.

Nenhum outro veículo.

Nenhum carro de polícia com a sirena ligada.

Ele saiu, abriu o porta-malas, pegou as toalhas, então foi até o banco de trás.

— Saia da merda do meu caminho, Mike.

Mike saiu do carro e Frank entrou. Ele envolveu o ombro de Billy com as toalhas e então apertou outra contra o ferimento na cabeça.

— Georgie, entre! — Ele sentiu o grandalhão arriar no assento. — Segure a toalha com força contra a cabeça dele. Não solte.

Georgie Y estava chorando.

— Georgie, não há tempo para isso — disse Frank. — Faça o que estou mandando.

Frank saiu, agarrou Mike, e o fez sentar no banco do passageiro. Então deu a volta, sentou-se ao volante e acelerou.

— Para onde diabo está indo? — perguntou Mike.

— Para o pronto-socorro.

— Ele não vai sair dessa, Frankie.

— Isso é entre ele e Deus — disse Frank. — Acho que você já fez a sua parte, Mike.

— Ele vai falar, Frank.

— Ele não vai falar.

Não falou.

Billy conhecia as regras. Ele sabia que, se tinha tido sorte bastante para sobreviver a um tiro de revólver na cabeça, não teria sorte na segunda vez. Então insistiu na história: ele estava saindo do clube e um viciado tentou roubá-lo. Ele nem viu a cara do sujeito.

Também nunca mais viu coisa alguma. A bala atingira um nervo, o que o deixou permanentemente cego.

— Você vai pagar para ele — disse Frank para Mike. — Billy ficará com a parte dele no clube e você *também* o incluirá na partilha do dinheiro das garotas, como disse que faria.

Mike não discutiu.

Ele sabia que Frank estava certo e, além disso, Frank sempre achou que Mike se sentia culpado por ter atirado em Billy, embora nunca fosse admiti-lo. Então Billy ainda era dono do Pinto Club, mas não o frequentou muito depois que saiu do hospital. Admirar *strippers* não devia ser tão divertido para um cego.

Mas Billy Brooks ficou de boca fechada.

Era com Georgie Y que eles tinham de se preocupar.

Ao menos Mike se preocupava.

— Os tiras estão em cima desse caso — disse Mike para Frank certa noite. — Eles sabem que a história de Billy é mentira; vão pressionar. Você e eu, Frank, conseguimos suportar, mas, quanto ao Georgie, eu não tenho certeza. Quero dizer, você consegue imaginá-lo em uma sala de interrogatório?

Não, pensou Frank, não consigo. E disse:

— Aliás, obrigado por me envolver como cúmplice de uma tentativa de homicídio.

— É esse meu temperamento — lamentou-se Mike. — Então, o que faremos a respeito de Georgie?

— Os tiras ainda não entraram em contato com ele.

Mike balançou a cabeça e disse:

— É com o “ainda” que estou preocupado.

— Não podemos apagar um cara por causa de um “ainda” — disse Frank.

— Não podemos?

— Mike, se fizer isso, não quero mais papo com você — falou Frank. — Juro por Deus, vou virar as costas para você.

Assim, Georgie Y continuou vivo e trabalhando como segurança do clube. A única diferença era que agora ele quebrava pernas para Mike em vez de quebrá-las para Billy. Ele até começou a namorar uma das dançarinas, uma magrela chamada Myrna, e eles pareciam se dar muito bem.

Este deveria ter sido o fim da história.

Não foi.

As Guerras dos Clubes de Strip estavam apenas começando.

\* \* \*

Frank nunca se esquecerá da primeira vez em que viu Big Mac McManus.

Caramba, ninguém se esquece da primeira vez em que vê Mac. Quando um negro de dois metros de altura, cento e treze quilos, com a cabeça raspada e um corpo definido entra em um lugar vestindo um dashiki de pele de leopardo e carregando uma bengala cravejada de diamantes, as pessoas tendem a se lembrar.

Frank estava sentado em um reservado com Mike e Pat Walsh quando Big Mac entrou. Big Mac fez uma pausa na plataforma junto à porta de entrada, observando o ambiente. Ou melhor, deixou que o ambiente o observasse. Quase todo mundo no lugar ergueu a cabeça para olhar.

Até mesmo Georgie Y teve de erguer a cabeça. Big Mac McManus era alguns centímetros mais alto que Georgie, que parecia ter a impressão de que deveria estar fazendo algo, embora não soubesse

exatamente o quê. Ele olhou em direção a Frank, pedindo instruções, e Frank lhe dirigiu um sutil aceno com a cabeça.

Que queria dizer: Deixe-o em paz, Georgie. Isso está fora do seu alcance.

Georgie deixou Big Mac entrar.

Big Mac desceu a escada até o clube.

Tinha três sujeitos com eles. Três caras brancos.

Frank imediatamente entendeu a piada esperta. O homem negro tinha um séquito de brancos.

Mac caminhou direto até o reservado e disse:

— Billy Brooks?

— Sou eu — disse Walsh.

— Eu sou Mac McManus — apresentou-se Mac, sem estender a mão. — Quero comprar o seu clube.

— Ele não está à venda.

— Sou sócio majoritário do Cheetah, do Sly Fox e do Bare Elegance, para citar alguns — disse Mac. — Quero acrescentar o Pinto Club ao meu portfólio. Pagarei o preço justo, com um generoso acréscimo.

— Você não ouviu sujeito? — perguntou Mike. — Ele disse que não está à venda.

— Perdão — disse Mac —, mas eu não estava falando com você.

— Sabe quem eu sou? — perguntou Mike.

— Sei quem você é, Mike Pella — respondeu Mac, sorrindo. — Você é um mafioso que já foi preso por agressões, extorsões e fraudes com seguros. Dizem por aí que está com a família Martini, mas dizem errado. Você opera de forma independente com o Sr. Machianno, aqui presente. É um prazer conhecê-lo, Frank. Ouvi boas coisas a seu respeito.

Frank acenou com a cabeça.

— Conheça os meus sócios — disse Mac. — Esses são o Sr. Stone, o Sr. Sherrell e, por último, mas nem por isso menos importante, o Sr. Porter.

Stone era um californiano louro, alto e musculoso. Sherrell era mais baixo embora mais largo, com um permanente que acabara de sair de moda no cabelo preto. Ambos estavam vestidos casualmente, calças jeans e camisas polo.

Porter tinha estatura e porte medianos, cabelo curto. Usava um terno escuro, camisa branca e uma gravata, e um cigarro entre os lábios que, além disso, só carregava um contínuo sorriso de escárnio. Seu cabelo preto era penteado para trás com brilhantina, e demorou apenas um segundo para Frank se dar conta de que o sujeito buscava um visual no estilo Humphrey Bogart. E quase conseguiu, com a exceção de que Bogie tinha um lado gentil enquanto não havia nada de gentil naquele sujeito.

Todos acenaram com a cabeça e sorriram.

Mac tirou um cartão do bolso e colocou-o sobre a mesa.

— Vou dar uma pequena festa em minha casa neste domingo à tarde — falou ele. — Realmente espero que os cavalheiros possam comparecer. Tudo muito casual, muito tranquilo. Tragam namoradas se quiserem, mas vai haver uma abundância de mulheres por lá. Digamos, por volta das duas horas?

Ele sorriu, virou de costas e foi embora, com Stone e Sherrell atrás dele.

Porter fez uma pausa, fez um esforço especial para atrair o olhar de Frank e então disse:

— Um prazer conhecê-los, camaradas.

— “Camaradas”? — disse Mike quando Porter se foi.

— Britânico — explicou Frank.

— Veja quem são — disse Mike.

Não demorou muito para obterem a ficha corrida.

Horace “Big Mac” McManus era um ex-oficial da Patrulha Rodoviária da Califórnia que passara quatro anos em uma prisão federal por falsificação. Agora, aos quarenta e seis anos, era um figurão no mercado de sexo da Califórnia. Era verdade que ele era o sócio oculto dos clubes que mencionara. Também era um grande produtor e distribuidor de filmes pornográficos e provavelmente comandava as prostitutas tanto dos clubes quanto dos sets de filmagem.

— Ele mora — disse Frank —, vejam bem, em uma propriedade em Rancho Santa Fé que chama de “Tara”.

— Que merda é essa?

— *E o vento levou* — respondeu Frank.

John Stone era policial.

— Meu Deus, que porra — disse Mike.

— Era parceiro de McManus antes de Mac ser preso e ainda está na Patrulha Rodoviária da Califórnia. Ele tem parte de todos os clubes de Mac e passa a maior parte do tempo ajudando Mac a administrar os negócios.

— Tipo um braço direito? — perguntou Mike.

— Mais como um sócio.

Danny Sherrell era gerente do Cheetah. Seu apelido era “O Metedor”.

— Era lutador ou algo assim? — perguntou Mike.

Frank balançou a cabeça.

— Ator pornô.

— Ah — disse Mike. Então: — *Ahhhh*. E quanto ao inglês?

— O nome dele é Pat Porter — respondeu Frank. — Fora isso, não sabemos muito sobre ele. Veio aqui uns dois anos atrás. Sherrell o contratou como segurança no Cheetah. Deve ter subido de escallão.

— Meu Deus... tiras — disse Mike. — O que faremos, Frankie?

— Acho que vamos a uma festa.

Tara era incrível.

A casa fora construída para parecer a mansão pré-Guerra Civil do filme. A única diferença era que todos os empregados eram brancos, não negros. Um jovem adolescente branco vestindo colete vermelho foi até a limusine de Frank, abriu a porta e ficou surpreso ao descobrir que não havia ninguém nos bancos de trás.

— Sou só eu — disse Frank, entregando-lhe as chaves. — Cuide bem dela.

Frank caminhou em meio ao imenso gramado macio, onde tendas e mesas haviam sido montadas. Usava um terno, mas ainda assim se sentia malvestido em relação aos outros convidados, que trajavam diferentes modelos de roupas caras no estilo californiano informal. Muito linho branco e algodão, cáqui e creme.

Mike seguira o estilo preto com preto.

Parecia um pistoleiro da máfia, e Frank ficou culpado por sentir vergonha de Mike.

— Viu esse banquete? — perguntou Mike. — Tem camarão, caviar, carne de primeira, champanhe. "Festinha" é o caralho!

— Ele faz isso duas vezes por mês — disse Frank.

— Está de sacanagem comigo.

Bela casa, belo jardim, bela comida, belo vinho, bela *gente*. Esse era o negócio: todos eram absolutamente deslumbrantes. Homens bonitos, mulheres incrivelmente lindas. Somos uns vira-latas aqui, pensou Frank.

Acho que a ideia é essa.

Mac fez a sua entrada no jardim.

Vestindo um terno de linho todo branco e sapatos Gucci sem meias, vinha de braço dado com uma mulher que trajava um vestido de verão justo que revelava mais do que ocultava.

— Conheço essa garota — disse Mike.

— Até parece.

— Não, eu *conheço* essa garota — afirmou Mike. Então, alguns segundos depois, falou: — É a Miss Maio. Cacete, a Miss Maio. McManus está transando com o pôster central da *Penthouse*.

Mac e Miss Maio caminharam em meio aos convidados, parando, sorrindo e abraçando, mas era evidente que Mac estava se dirigindo até Frank e Mike. Ao chegar, disse:

— Cavalheiros, fico feliz que tenham conseguido arranjar tempo para vir. Mike, Frank, esta é Amber Collins.

Frank rezava para que Mike não mencionasse sua descoberta.

Ele não mencionou. Apenas gaguejou um “prazer em conhecê-la”.

— Prazer em conhecê-la — disse Frank.

— Estão sendo bem servidos? — perguntou Mac. — Querem algo para comer, algo para beber?

— Estamos bem — respondeu Frank.

— Que tal um passeio pela casa? — perguntou Mac.

— Por que não? — disse Frank.

— Amber — falou Mac. — Vou sentir a sua falta, mas posso lhe pedir para cuidar dos outros convidados para mim?

A casa era surreal.

Frank, que sabia apreciar a qualidade, reconheceu que Mac tinha o mesmo dom. Ele sabia o que era bom e tinha dinheiro para pagar isso. Todos os dispositivos elétricos, as instalações hidráulicas e

utensílios de cozinha eram de primeira qualidade. Mac guiou-os através da enorme sala de estar, da cozinha, dos seis quartos, da sala de projeção e do dojo, a sala de treinamento.

— Pratico kung fu hung gar — contou Mac.

Quase dois metros de altura, pensou Frank, mais de cem quilos, corpo incrivelmente definido, e faixa preta em artes marciais. Deus nos ajude se tivermos de derrubar Big Mac McManus.

Nos fundos da mansão, Mac tinha um zoológico particular — pássaros exóticos, répteis e felinos. Frank não era muito bom em zoologia, mas achou ter reconhecido uma jaguatirica, um puma e, inevitavelmente, uma pantera negra.

— Adoro animais — disse Mac. — E, é claro, todos os movimentos do kung fu se baseiam nos movimentos de animais: o tigre, a cobra, o leopardo, o grou e o dragão. Aprendo só de observar esses belos espécimes.

— Você tem um dragão aqui?

— De certa forma — disse Mac. — Tenho um dragão-de-komodo. Mas o dragão é um animal mitológico, é claro. Você guarda o espírito dele em seu coração.

Voltaram à casa.

— Isso parece a Mansão da Playboy — comentou Mike ao atravessarem o salão principal.

— Hef já esteve aqui — disse Mac.

— Conhece Hefner? — perguntou Mike.

Mac sorriu.

— Gostaria de conhecê-lo? Posso marcar um encontro. Vamos ao meu escritório, sentar, dialogar.

O escritório era um cômodo silencioso nos fundos da mansão. Todo o mobiliário era de teca escura. Máscaras africanas

adornavam as paredes; o tapete e o sofá eram de pele de zebra. As grandes poltronas eram revestidas com um tipo de couro exótico que Frank não reconheceu. Grandes estantes embutidas abrigavam uma coleção de volumes de arte, história e cultura africana, e o rack de CD que ia do chão ao teto continha uma imensa coleção de jazz.

— Gosta de jazz? — perguntou Mac ao ver os olhos de Frank voltados para a coleção.

— Sou mais de ópera.

— Puccini?

— Isso mesmo.

— *Agora* mesmo — disse Mac. Ele apertou alguns botões atrás de sua escrivaninha e os primeiros acordes da *Tosca* tomaram o ambiente. Era o som de melhor qualidade que Frank já ouvira e ele perguntou a Mac sobre o aparelho.

— É Bose — respondeu Mac. — Vou apresentá-lo ao cara que cuida disso para mim.

Mac apertou outro botão e um mordomo entrou com uma bandeja contendo dois copos cheios de um líquido âmbar, que colocou sobre as mesas de canto junto às poltronas.

— Scotch de puro malte — disse Mac. — Achei que gostariam.

— E você? — perguntou Frank.

— Não bebo. Não fumo. Não tomo drogas. — Ele se sentou em uma poltrona diante deles. — Vamos falar de negócios?

— Não vamos vender o clube — falou Mike.

— Vocês não ouviram a minha oferta.

Frank tomou um gole de scotch. Tinha um gosto defumado e agradável e, um segundo depois, sentiu o calor da bebida tomando conta de seu estômago.

— Parabéns pelo Pinto Club — disse Mac. — Fizeram um bom trabalho com ele. Mas creio que posso elevá-lo a um nível que vocês não podem alcançar.

— Como assim? — perguntou Mike.

— Integração horizontal — explicou Mac. — Pego as minhas atrizes de vídeos adultos e as ponho nos clubes, pego as minhas melhores dançarinas e as coloco nos vídeos.

— Já fazemos isso — rebateu Mike.

— Mas de um jeito barato — disse Mac. — Estou falando de estrelas. Nomes conhecidos da indústria, pessoas que vocês não podem pagar. Por exemplo, vocês agenciam as suas garotas para caixeiros-viajantes por algumas centenas de dólares. Nossas meninas saem com milionários.

— Você nos disse por que quer comprar o clube — falou Mike. — Não por que devemos vendê-lo.

— Vocês podem vendê-lo agora e lucrar com isso — disse Mac. — Ou podem esperar até eu os tirar do negócio e perder dinheiro. Controlo seis clubes na Califórnia, mais três em Vegas. Logo estarei em Nova York. As estrelas, os grandes nomes, trabalharão apenas para os meus clubes. Daqui a seis meses ou um ano, vocês não poderão mais competir comigo. Na melhor das hipóteses, serão uma casa de segunda vendendo chope para gentalha.

— Eu poderia considerar vender quarenta e nove por cento — disse Mike.

— Mas eu não consideraria comprá-los — respondeu Mac. — Consideraria, *sim*, uma cota de oitenta por cento. Acreditem, farão mais dinheiro com esses vinte por cento do que fazem agora com cem.

Ele abriu os braços como se para abranger toda a sua propriedade, e Frank entendeu o que ele queria dizer: rapazes, olhem para a minha casa e olhem para a sua. Ele está certo, pensou Frank. Era a atitude a tomar: lucrar com a venda dos oitenta por cento, então deixar Big Mac ganhar dinheiro para eles.

— O que teríamos para fazer no clube caso lhe vendêssemos esta porcentagem? — perguntou Mike.

— Nada — respondeu Mac. — Só ir até a caixa de correio para buscar seus cheques.

E esse era o problema, percebeu Frank. Mike adorava o clube. Ele adorava brincar de dono, de ser o cara. Essa era a falha no plano que Mac não conseguia enxergar. Ele não avaliara corretamente o que interessava de verdade a Mike Pella.

— Gostaria de manter alguma espécie de voz administrativa na operação — falou Mike.

— Você quer dizer vender cocaína para as meninas e depois lhes emprestar dinheiro de agiotagem? — perguntou Mac, sorrindo. — Não, isso tem de parar. O negócio está crescendo, Mike Pella. Acho bom você crescer com ele.

— Ou então?

— Ou então eu acabo com o seu negócio.

— Não se você estiver morto, aí não.

— Você acha mesmo que devemos seguir esse caminho? — perguntou Mac.

— *Você é quem sabe.*

Mac assentiu. Ele inspirou profundamente e fechou os olhos, como se estivesse meditando. Então expirou, abriu os olhos, sorriu e disse:

— Eu lhe fiz uma oferta de negócios, Mike Pella. E o encorajo a considerá-la de um modo comercial e me dar a sua resposta em tempo hábil. Até lá, espero sinceramente que desfrute do resto da sua tarde. Se quiser, Amber poderá apresentá-lo a algumas amigas que estão desacompanhadas.

Mike queria.

Ele se engraçou com uma das amigas de Amber e os dois acabaram em um quarto na casa de hóspedes.

Frank voltou para fora e desfrutou da comida, do vinho e das belas pessoas em torno. Os "sócios" de Mac também estavam lá, é claro. John Stone estava animadíssimo com a festa, de farra na piscina com duas belas jovens enquanto Danny "Metedor" Sherrell agia como seu fiel companheiro.

Porter não estava na piscina.

Usava o mesmo terno escuro, fumando um cigarro, e toda vez que Frank olhava em sua direção, Porter o estava observando através de uma cortina de fumaça. Ou o sujeito está de viadagem para cima de mim, pensou Frank, o que é muito improvável, ou tem uma intenção específica. De um jeito ou de outro, aquilo não impediria Frank de desfrutar da comida da festa, que estava excelente.

Mastigava um camarão grelhado com molho de amendoim quando Mac se aproximou.

— Você é inteligente demais para andar com essa gente — disse Mac.

— Está desperdiçando a si mesmo. Venha trabalhar comigo e ganhar dinheiro de verdade em um ambiente de classe.

— Fico lisonjeado — falou Frank. — Mas Mike e eu estamos juntos há um longo tempo.

— Cada dia a mais é um desperdício.

— Agradeço a oferta — disse Frank. — Mas não, obrigado. Mike é meu parceiro. Continuarei com ele.

— Respeito isso — disse Mac. — Não pretendia ofendê-lo.

— Não ofendeu.

— Mas tente convencê-lo a fazer a escolha certa, sim? — pediu Mac.

— A escolha certa sempre é melhor para todo mundo.

Mas Mike não via dessa forma.

Mais tarde naquela noite, mesmo enquanto relatava as maravilhas do sexo praticado com uma futura modelo da *Penthouse*, ele disse:

— Sabe, vamos ter que matar aquele crioulo.

— Não, não sei de nada disso — rebateu Frank. — Aliás, acho que você devia lhe vender os oitenta por cento.

— Está de sacanagem comigo, não é?

— Estou sendo sério como um infarto.

— Nem fodendo, Frankie. Nem fodendo.

— Ele é um *policia*, Mike.

— É um *ex-policia* — disse Mike — e um *ex-presidiário*.

— Uma vez *policia*, sempre *policia* — comentou Frank. — Eles são mais unidos do que nós. E ele tem um parceiro que é tira, portanto é a mesma coisa.

— Não vou vender o Pinto Club — disse Mike.

Ele ligou para Mac para lhe dizer isso.

Na semana seguinte, os fiscais começaram a aparecer. Fiscais de incêndio, da saúde, do departamento de águas. Todos encontraram algo errado, e nenhum deles aceitou os cem dólares habituais. Em vez disso, multaram o lugar.

Na semana seguinte, carros da Patrulha Rodoviária da Califórnia começaram a estacionar do outro lado da rua, em frente ao Pinto Club. Os clientes saíam de suas vagas e eram parados para fazerem o teste de embriaguez. Eram tirados dos carros, obrigados a caminhar em linha reta, soprar dentro do tubo, todo o procedimento. Mesmo quando não estavam legalmente bêbados, era um aborrecimento.

Policiais disfarçados de civis começaram a aparecer no lugar — vasculhando os banheiros masculinos em busca de drogas, fingindo serem clientes em busca de garotas de programa, tentando comprar cocaína do barman.

Os clientes começaram a ficar com medo de aparecer.

Aquilo afetou os negócios.

— Alguma coisa precisa ser feita — disse Mike para Frank, e Frank sabia que coisa era aquela.

— Quer entrar numa guerra de tiros com a Patrulha Rodoviária da Califórnia? — perguntou a Mike.

Mac ligou e aumentou sua oferta em mais dez mil dólares, como um gesto de paz.

Mike mandou-o ir se foder.

Na semana seguinte, duas das garotas foram presas por prostituição, e outra por posse de droga. Na manhã seguinte, Pat recebeu um telefonema do inspetor de bebidas, que ameaçou tirar a licença do clube.

Mac voltou a aumentar a oferta.

Mike mandou-o tomar no olho do cu.

Entre quatro paredes, porém, não estava tão confiante.

— O que faremos agora, caralho? — perguntou a Frank. — Que caralho vamos fazer?

— Vender o clube para ele.

Mike tinha uma resposta diferente, mais no estilo mafioso tradicional.

Ele lançou bombas incendiárias no Cheetah Lounge.

Teve o cuidado de fazê-lo após o fechamento, chegou a se certificar de que o zelador não estava; então ele e Angie Basso lançaram dois coquetéis molotov muito bem preparados através das janelas.

O lugar não queimou completamente, mas demoraria a abrir outra vez. Para se certificar de que Mac entendera o recado, Mike ligou para lhe prestar condolências.

— Poxa — disse ele —, pena que os inspetores de incêndio não estiveram por lá.

Mac entendeu o recado.

Entendeu tão bem que Angie Basso foi atacado ao sair de sua tinturaria tarde da noite. Pat Porter e Metedor Sherrell o arrastaram até a beira da calçada, seguraram as suas mãos na beirada do meio-fio e pularam sobre os seus antebraços, quebrando-lhe ambos os pulsos.

— Não deviam brincar com fogo — disse-lhe Porter.

— O que vou fazer? — perguntou Angie para Mike na noite seguinte. — Não posso nem mijar sozinho.

— Não olhe para mim — disse Mike.

Mas ele reagiu. Tinha de reagir, ou então abrir mão de tudo.

Então, três noites depois, Frank estava no banco de trás de um carro estacionado no outro lado da rua, em frente ao Bare Elegance, esperando que o Metedor fechasse as portas. Mike estava no banco do motorista, porque Frank não confiava em suas habilidades como atirador.

— Vou só atirar na perna dele — dissera Mike.

— Você iria errar e acertar a artéria femoral — respondera-lhe Frank. — Então, Sherrell iria morrer de hemorragia e estaríamos em meio a uma guerra generalizada.

— Eu miraria no pinto dele — falara Mike. — Não tem como errar um alvo *daqueles*.

Mike alugara alguns antigos vídeos pornográficos de Sherrell e os exibira na sala dos fundos do clube. Frank estava parcialmente convencido de que Mike escolhera o Metedor como alvo movido por uma inveja fálica.

De qualquer modo, lá estava Frank agora, encolhido no banco de trás de um carro de trabalho observando Sherrell sair, dizer boa noite para o barman, fechar a grade de metal e começar a trancar o cadeado.

Frank empunhou o rifle .22 através da janela aberta do carro, mirou na parte mais tenra da panturrilha direita de Sherrell e disparou. Sherrell caiu, Mike acelerou, e foi só. Frank sabia que o barman levaria Sherrell ao hospital. O Metedor ficaria de muletas algumas semanas, se tanto.

No todo, fora uma resposta muito branda ao ataque a Angie Basso, cujos pulsos demorariam meses para sarar. Quando muito, era um *arrefecimento* da guerra, mas, em vez disso, o outro lado subiu o tom.

Frank viu aquilo acontecer, literalmente.

Ele estava no aeroporto esperando alguém quando viu Pat Porter entrar no terminal. Frank esperou um pouco e então o seguiu, e viu Porter cumprimentar calorosamente dois sujeitos que desembarcavam de um voo direto de Heathrow.

Eram o que os ingleses chamariam de “durões”. Frank viu pelo modo como andavam e se portavam. Muito musculosos, embora ágeis, como atletas. Um era largo como um barril e usava uma camiseta de rúgbi, calça jeans e tênis. O outro era magro e um pouco mais alto e usava uma camiseta do time de futebol americano Arsenal.

Porter fizera vir uma equipe.

Apareceram no Pinto Club dois dias depois.

Era fim de tarde de uma terça-feira, quando começavam a chegar os operários de construção recém-saídos do trabalho. O lugar estava calmo, mas não morto. Frank estava sentado em seu reservado de sempre, comendo um cheeseburger rápido e bebendo uma Coca-Cola antes que o pessoal da noite começasse a chegar e ele tivesse de sair para buscar clientes.

Ele viu a equipe inglesa assim que entrou pela porta. Georgie Y também viu, saiu do bar, onde estava sentado com Myrna, e caminhou em direção aos ingleses. Os três sorriram como se ele fosse uma refeição indo até eles.

Em vez disso, Frank chamou Georgie até o seu reservado.

— Frank — disse Georgie. — Não gosto desses caras entrando aqui.

— Eu perguntei do que você gosta? — perguntou Frank. — Myrna está no palco. Vá vê-la dançar e pense no que ela fará com você mais tarde hoje à noite.

— Frank...

— O que foi que eu falei, Georgie? Tenho que me repetir, agora?

Georgie olhou feio para Porter, então foi se sentar na primeira fila para observar Myrna rebolando o corpo diminuto em uma má imitação de erotismo.

Porter foi até o reservado de Frank, ladeado por seus dois homens, que ainda trajavam suas roupas esportivas.

Frank não os convidou a sentar.

Porter usava o uniforme de sempre: terno escuro, colarinho abotoado, gravata preta e fina. Ele olhou para Frank e disse:

— Você sabe que, no fim das contas, a coisa vai acabar ficando entre nós dois.

— O que é isso, *Shane*? — perguntou Frank, rindo. Olhando para o rosto de Porter, soube de uma coisa sobre ele: Pat Porter não gostava que rissem dele.

— Eu e você — repetiu Porter.

Frank olhou por cima do ombro dele.

— Então, o que eles estão fazendo aqui?

— Estão aqui para nos assegurarmos de que ninguém mais vai se meter — respondeu Porter. — Sei como são os seus carcamanos.

Frank voltou a comer seu cheeseburger.

— Estou com pressa, Sam Spade — disse ele, mastigando. — Se tem algo a dizer, diga. Senão...

Frank esticou o queixo em direção à porta.

— Vou matar você, Frankie Machine — disse Porter. — Ou obrigá-lo a me matar.

— Fico com a segunda alternativa — falou Frank.

Porter não entendeu a piada. Apenas ficou ali de pé, como se estivesse esperando algo. O que, pensou Frank, terei de levantar e "sacar" a minha arma? Vamos interpretar uma cena de faroeste de segunda em 1988, no Kettner Boulevard?

Frank terminou o último pedaço de seu sanduíche, tomou um gole de Coca-Cola, então se levantou e quebrou o fundo de vidro grosso da garrafa na lateral do rosto de Porter. Camisa de Rúgbi fez

menção de avançar, mas Frank subitamente tinha uma pistola na mão. Ele a engatilhou, apontou para os dois capangas e disse:

— Têm certeza?

Aparentemente não tinham.

Camisa de Rúgbi e Arsenal ficaram ali, paralisados.

Mantendo a arma voltada para eles, Frank se agachou no lugar onde Porter estava ajoelhado com sangue escorrendo pela lateral do rosto, agarrou-lhe a gravata, enrolou-a ao redor de seu pescoço, e, com a arma apontada para os outros dois ingleses, arrastou Porter pelo chão, escada acima até a entrada e porta afora.

Sacudiu a pistola para Camisa de Rúgbi e Arsenal e disse:

— Fora.

— Você está morto, cara — disse Arsenal.

— É. Fora.

Eles saíram. Frank voltou ao salão, tomando cuidado para não pisar no vidro e no sangue, e sentou-se de novo em seu reservado.

Pediu a conta sinalizando para a garçonete.

Todos olhavam fixamente para ele: a garçonete, o barman, os três operários de construção sentados a uma mesa, Myrna e Georgie Y. Estavam todos de olhos arregalados.

— O que foi? — perguntou Frank. — *O que foi?*

Estou de mau humor, está bem? pensou. Não vejo minha filha acordada há três semanas, minha mulher está ameaçando ligar para um advogado, estou tentando comer um sanduíche antes de trabalhar a noite inteira, e um inglês vem me encher o saco com diálogos de filmes de segunda categoria? Eu não deveria ter de me *justificar* para essas pessoas.

— Traga um pouco de água tônica e alguns panos de prato — disse ele.

— Pode deixar que eu limpo, Frank — falou a garçonete.

— Obrigado, Angela, mas fui eu que fiz a bagunça. Eu mesmo vou limpar.

— Temos *cheesecake* hoje, Frank.

— Não quero, não, querida. Estou de olho no meu peso.

Ele limpou o sangue, recolheu o vidro quebrado e estava mais alerta do que de costume ao sair ao estacionamento para começar a buscar os clientes. Quando voltou com o primeiro, Mike o esperava, rindo.

— *Nunca* mais volte a me dar lição de moral sobre o meu temperamento.

— O sangue saiu do tapete direitinho.

Mike olhou para Frank, então o agarrou pelas bochechas e disse:

— Eu amo você. Eu *amo* você para caralho, sabia?

Ele se voltou para o bar.

— Eu amo esse filho da puta!

Duas semanas depois, aconteceu.

Não deveria, não *teria* acontecido se Mike não tivesse se encontrado subitamente às voltas com um grupo de executivos japoneses que queriam fazer a festa, e ele precisaria das duas limusines para dar conta do serviço. Então Frank estaria dirigindo em vez de estar fazendo aquilo que planejava, que era fazer a coleta de um dinheiro de agiotagem. Era para ser um trabalho muito simples, sem suor: o namorado drogado de uma das dançarinas fizera um empréstimo e faria o pagamento da primeira parcela.

— Deixe que o Georgie cuide disso — disse Mike. — Ele pode passar na casa do sujeito quando estiver vindo para cá.

Então, Frank ligou para Georgie, e ele disse que ficaria feliz em fazê-lo. Frank e Mike saíram e fizeram o passeio com os japoneses e, ao voltarem ao clube, era uma hora da manhã e Myrna estava sentada no bar, com duas outras *strippers* amparando-lhe os ombros enquanto ela chorava histericamente.

Demorou meia hora para Frank conseguir que ela contasse a história.

Myrna fora com Georgie fazer a coleta. O viciado morava em um prédio no Lamp. Estavam indo pegar o dinheiro a caminho do trabalho, motivo pelo qual ela estava com ele. Pararam no estacionamento e Georgie disse para Myrna esperar no carro. Ela disse que tudo bem, porque precisava se maquiar.

Quando Georgie saiu, três sujeitos saíram de outro carro.

— Você os reconheceu? — perguntou Frank.

Myrna assentiu, então desabou em um novo acesso de choro. Ao se recompor, ela disse:

— Frankie, um deles era o sujeito que você surrou naquele dia. Tinha curativos no rosto, mas eu o reconheci. Os outros dois eram os capangas que estavam com ele.

Frank sentiu náuseas enquanto Myrna contava o resto da história. Georgie tentou reagir, mas eles eram três. Um deles chutou a cabeça de Georgie e as pernas dele cederam. Ela saiu do carro e tentou ajudá-lo, mas um dos sujeitos a deteve, abraçando-a por trás.

Então, o sujeito com o curativo pegou algo no bolso e atingiu o rosto de Georgie com aquilo. Os outros caras seguraram Georgie e o primeiro continuou batendo e batendo, principalmente na barriga, mas às vezes batia também na cabeça, e quando soltaram Georgie, ele simplesmente caiu no chão. Então, o sujeito com o curativo no

rosto chutou-o diversas vezes, nas costelas, entre as pernas e na cabeça.

— Ele chutou a cabeça de Georgie uma última vez e o pescoço de Georgie meio que estalou e então o sujeito com o curativo se aproximou de mim e disse...

Ela voltou a chorar.

— O que ele disse, Myrna? — perguntou Frank.

— Ele disse... para eu dizer para você... — Ela inspirou profundamente e olhou-o nos olhos. — Era para ser *você*, Frank.

Era *mesmo* para ser eu, pensou Frank. Porter usou aquele viciado para me pegar, mas foi o coitado burro do Georgie quem caiu na cilada. Se tivesse sido eu, haveria três ingleses mortos naquele estacionamento agora em vez de Georgie...

— Onde está Georgie agora? — perguntou Frank.

— No hospital — soluçou Myrna. — Está inconsciente. Disseram que não vai mais acordar. Ele tem uma irmã... eu estava tentando descobrir o número do telefone dela.

Frank e Mike estavam à cabeceira de Georgie quinze minutos depois. Georgie Y era só tubos e agulhas; um aparelho respirava por ele. Ficaram ali sentados por três horas, até a irmã chegar de L.A.

Ela deu autorização para desligarem o aparelho.

Frank e Mike foram ao apartamento do viciado. Ele fugira, é claro, mas a dançarina estava em casa.

— Onde está o filho da puta do seu namorado? — perguntou Mike após arrombar a porta a chutes.

— Eu não sei. Eu não...

Mike deu-lhe um soco na boca e, então, enfiou o cano da arma por entre seus dentes quebrados.

— Onde está o filho da puta do seu namoradinho viciado, sua vadia? Se mentir para mim outra vez...

O merdinha estava escondido no guarda-roupa do quarto.

Viciados não são espertos.

Mike arrancou a porta dos trilhos, puxou-o e socou-o na barriga. Frank pegou uma meia-calça na gaveta dela e enfiou-a na boca dele. Então, arrancou o telefone da parede e amarrou as mãos do sujeito atrás das costas com o fio.

Eles o levaram até o carro. Frank dirigia enquanto Mike mantinha o viciado deitado no chão, na traseira.

Foram até uma vala de escoamento de águas fluviais e o empurraram pela borda. A vala estava seca e o viciado estava já muito machucado quando aterrissou lá no fundo. Mike e Frank desceram e o puseram de joelhos. O viciado estava vomitando e começava a engasgar porque o vômito voltava para a sua garganta.

Frank tirou a meia-calça de sua boca e o viciado vomitou. Então, murmurou:

— Eu juro que não...

— Não minta para mim — disse Frank. Ele se agachou e sussurrou no ouvido do viciado. — Eu sei o que você fez. Você tem uma chance de se salvar. Só me diga onde eles estão.

— Eles costumam passar o tempo em Carlsbad — contou o viciado. — Num bar inglês.

— O White Hart — falou Mike.

Frank assentiu, puxou a arma e atirou no viciado até acabarem as suas balas.

Mike fez o mesmo.

Voltaram ao carro e foram até o White Hart.

\* \* \*

Ambos conheciam o lugar.

O bar tinha cerveja morna, linguiça com batata e jogos de futebol via satélite, de modo que muitos ingleses expatriados no Sul da Califórnia faziam ponto por lá. Havia um cartaz de pub com letras antigas, a pintura de um gamo branco pendurada sobre a porta, e uma bandeira da Inglaterra estendida sobre a única janela.

— Espere aqui — disse Frank quando pararam no estacionamento. Ele voltou a carregar o .38.

— Porra nenhuma — falou Mike. — Vou com você.

— Isso é assunto *meu* — disse Frank. — Apenas deixe o motor ligado e o carro engatado, está bem?

Mike assentiu e entregou a própria pistola para Frank.

Frank verificou a munição, então perguntou:

— Tem equipamento no porta-malas?

— Claro.

Mike abriu o porta-malas.

— Limpo? — perguntou Frank.

— Quem pensa que eu sou? — perguntou Mike. — Algum *cucaracho* roubando uma loja de conveniências?

Frank saiu do carro, foi até o porta-malas e encontrou o que procurava: uma espingarda calibre doze com o cano serrado, um colete à prova de balas, um par de luvas e uma meia preta. Ele tirou o casaco, vestiu as luvas, abotoou o colete e voltou a vestir o casaco por cima. Então, firmou as duas pistolas no cinto, encaixou a espingarda na axila e enfiou a meia preta na cabeça.

— Vejo você daqui a um minuto, Frankie Machine — disse Mike.

Frank entrou pela porta.

O lugar estava quase vazio, apenas alguns sujeitos no balcão. O barman, Camisa de Rúgbi e Arsenal estavam sentados a uma mesa, bebendo canecas de cerveja e assistindo a um jogo de futebol em um aparelho de TV pendurado na parede, junto ao teto.

Arsenal se voltou quando a porta se abriu.

O tiro da espingarda o derrubou da cadeira.

Camisa de Rúgbi tentou se levantar e puxar a pistola da cintura, mas Frank disparou a segunda carga em sua barriga e ele tombou sobre a mesa.

Onde está Porter?, perguntou-se Frank.

O banheiro masculino ficava nos fundos do bar. Frank largou a escopeta no chão, tirou ambas as pistolas do cinto e chutou a porta.

Porter estava encostado na pia, pistola erguida. Vestia o terno preto de sempre, mas sua braguilha estava aberta, e suas mãos, molhadas. Ele disparou e Frank sentiu o impacto de três balas no colete, bem no coração, que lhe tiraram o fôlego. Então, notou a expressão de surpresa nos olhos de Porter ao ver que ele não caíra.

Frank disparou duas vezes com a arma em sua mão direita.

A cabeça de Porter foi projetada para trás, contra o espelho, quebrando-o; então, ele escorregou pela pia e caiu no chão.

O sangue fez uma poça sobre os azulejos amarelados.

Eles nunca vão conseguir tirar isso do rejunte, pensou Frank ao deixar cair a pistola, virar de costas e sair do bar.

Mike o esperava com o carro engatado.

Frank entrou no carro e Mike saiu lentamente do estacionamento, ganhou a rua e entrou na 5.

Bap teria ficado orgulhoso.

— Para onde, agora? — perguntou Mike.

— Tara — disse Frank.

\* \* \*

Às vezes, você tem de entrar de cabeça.

Geralmente, você tenta ser cuidadoso. Você planeja tudo. Você é paciente e espera o momento certo.

Mas, às vezes, você simplesmente tem de entrar de cabeça.

Primeiro, pararam no apartamento de Mike em Del Mar. Mike tinha um arsenal escondido no armário do quarto de hóspedes. Frank pegou dois .38 de cano curto, uma espingarda Wellington .303 calibre dez com canos superpostos, uma AR-15 e duas granadas de mão.

Ao chegarem à Tara, não havia guardas e o portão estava aberto.

— O que acha? — perguntou Mike.

— Acho que estão esperando por nós lá dentro — respondeu Frank. — Acho que, se entrarmos, eles enchem o carro de bala.

— Sonny.

— O quê?

— Sonny Corleone — disse Mike.

— Vocês nunca assistem a outro filme?

— *Vocês?*

Eles deram a volta até os fundos, saíram do carro e pularam o muro. Frank sabia que deviam ter acionado sensores de movimento, mas nada aconteceu — nenhuma luz ou alarme. Ainda assim, pensou, Mac deve ter câmeras de visão noturna ligadas aos sensores e provavelmente está nos assistindo agora mesmo no monitor. Tudo bem, você sabia ao entrar que a luta seria nos termos dele.

Era como estar de volta ao Vietnã.

O inimigo só lutava em seus próprios termos.

Se você o encontrava, era porque ele *queria* ser encontrado.

Frank carregava a AR-15 e trazia a espingarda atravessada nas costas. Ele gostava do rifle automático para atirar a distância — a espingarda só seria útil quando entrassem. *Caso* entrassem.

Tiveram de atravessar o zoológico para chegar à casa. Era estranho, porque os animais estavam acordados à noite. Os pássaros começaram a grasnar, e ele podia ouvir os felinos caminhando em suas jaulas, ver os seus olhos vermelhos brilhando no escuro.

E, assim como no Vietnã, Frank esperava ver outras luzes romperem a noite — os brilhos dos disparos de uma emboscada. Foi quando se deu conta de que ele e Mike estavam entre os atiradores e os animais, e Mac não arriscaria que um de seus bichos de estimação fosse atingido acidentalmente.

A piscina brilhava em um frio tom de azul. Estava iluminada, mas não havia ninguém ali, ao menos ninguém que pudessem ver. Estão dentro da casa, pensou Frank, ou, melhor, no telhado, esperando que cheguemos tão perto que não possam errar.

A qualquer momento, o céu noturno vai se iluminar como se fosse 4 de julho.

Frank deu a volta na piscina, então se deitou no pátio junto à casa e sinalizou para que Mike fizesse o mesmo. Então, apontou a mira noturna de seu rifle para o teto e varreu-o da esquerda para a direita. Não viu nada, mas isso não queria dizer que não estivessem ali, deitados sobre as águas furtadas ou atrás das chaminés.

Teriam de atravessar cerca de quinze metros de jardim descoberto para chegarem aos fundos da casa.

— Me dê cobertura — murmurou ele para Mike.

Então, agachando-se o mais que podia ainda conseguindo correr, ele acelerou em direção à casa e colou o corpo contra a parede. Pegou uma das granadas no bolso, enfiou o dedo no pino, preparou-se para lançá-la no telhado, então acenou para Mike.

Mike ergueu-se do chão e correu em direção à casa, e ambos ficaram ali alguns segundos, colados à parede, recuperando o fôlego.

A porta corrediça de vidro estava trancada. Frank quebrou o vidro com a coronha do rifle, então enfiou a mão e destrancou a porta. Mike passou por ele, entrou com a espingarda rente ao rosto e varreu a sala.

Nada.

Frank passou por ele num relance e foi até a parede seguinte, e assim abriram caminho através da casa.

Encontraram Mac no dojo.

Sem camisa e descalço, vestindo apenas as calças de um quimono preto, ele lenta e ritmicamente disparava chutes contra um saco de areia. O saco se curvava e era projetado em direção ao teto a cada chute, o sólido baque do impacto ecoando através da sala vazia.

Uma flauta entoava um jazz baixinho no aparelho de som.

Um palito de incenso queimava em um suporte no chão.

Frank se manteve a uns seis metros de distância e segurou o rifle apontado para ele. Um homem do tamanho de Mac e com a sua habilidade atlética poderia cobrir aquela distância em um passo e meio, e um chute dele seria mortal.

Mac voltou a cabeça e olhou para eles, mas não parou de chutar.

— Deixei a porta da frente aberta para vocês — disse ele. — Passaram por um bocado de dificuldades desnecessárias,

estressaram os meus animais e quebraram a minha porta corrediça.

— Eles espancaram o rapaz até a morte — falou Frank.

Mac fez que sim e voltou a chutar o saco. O movimento parecia tão suave quanto sem esforço, mas o saco voava em direção ao teto e então voltava a cair com um estremecer.

— Ouvi dizer — disse Mac. — Não autorizei aquilo. Não aprovo.

— Vamos atirar nele e pronto, Frank, porra!

— Deixei-me vulnerável a vocês como sinal de minha franqueza — disse Mac. — E de minha contrição. Se querem me matar, matem. Estou em paz comigo mesmo.

Ele parou de chutar o saco.

Frank afastou-se mais dois passos e manteve o rifle apontado, mas Mac ajoelhou-se no chão, pousou as nádegas sobre os calcanhares, inspirou profundamente a fumaça do incenso, fechou os olhos e abriu os braços com as palmas voltadas para cima.

— Que merda é essa? — perguntou Mike.

Frank balançou a cabeça.

Mas nenhum deles disparou.

Um longo minuto se passou; então, Mac abriu os olhos, olhou ao redor como se estivesse um pouco surpreso e disse:

— Então, vamos tratar de negócios. É bom saberem que estão um pouco atrasados nas informações. O Sr. Porter decidiu agir por conta própria. Suas exatas palavras foram: “Estou farto de trabalhar para esse macaco pretensioso”, o macaco em questão sendo eu mesmo. Assim, estou disposto a aceitar a compra de cinquenta por cento do Pinto Club. E se quiserem que eu mate Pat Porter, eu mato.

— Já cuidamos dessa parte — informou Frank.

Mac levantou-se e sorriu.

— Achei que diria isso.

\* \* \*

A vida ficou ótima durante algum tempo.

Tiveram de se esconder no México por algumas semanas, com os tiras e a mídia como abutres em cima das Guerras dos Clubes de Strip. Tinha tudo aquilo que os espectadores dos noticiários das onze da noite poderiam esperar, e mais: sexo, violência, gangsteres e mais sexo. Diversas *strippers* deram entrevistas ao vivo, e uma chegou a fazer uma coletiva de imprensa.

Então, algum novo horror ocupou o lugar de honra e a mídia seguiu em frente.

Os tiras ficaram atentos por mais algum tempo.

Quatro assassinatos em uma mesma noite, aparentemente relacionados, esquentaram os ânimos do pessoal da homicídios, e o FBI entrou em cena pelo lado do Orange County e teve início uma batalha por território. Todos culpavam Mike Pella pelo assassinato de Georgie Yoznezensky, mas, por uma vez, Mike era realmente inocente, de modo que a coisa não foi adiante.

Myrna ficou de boca calada e Mike conseguiu um emprego para ela em um clube em Tampa. A *stripper* namorada do viciado fugiu da cidade, e, anos depois, Frank ouviu dizer que ela morreria de overdose em East St. Louis.

Quanto aos três ingleses mortos a tiros em noventa segundos no White Hart, ninguém no bar era capaz de identificar o atirador e as armas não tinham impressões digitais e eram impossíveis de serem rastreadas. Afinal, os tiras de San Diego e os agentes federais decidiram que fora uma batalha londrina por território em Mission Viejo e arquivaram o caso.

Então, Mike e Frank tiraram férias em Ensenada e depois disso voltaram à doce vida, porque ser sócio de Big Mac McManus era *ótimo*.

Mac tinha o toque de Midas.

Ele era como aquele rei, um magnífico imperador de uma terra encantada onde leite, mel, mulheres e dinheiro fluíam às catadupas.

Mas Frank não participou de nada disso. Ele recusou a oferta de Mike de receber uma parte do Pinto Club, porque os agentes federais estavam em cima do local. Continuou trabalhando no ramo de limusines, investindo o dinheiro em seu negócio de pescado ou guardando-o para os proverbiais tempos difíceis. Mas, às vezes, ia às festas de domingo à tarde, para desfrutar do bufê.

— Você vai é pegar prostitutas — dizia Patty.

— Não, não vou.

Era uma briga velha e gasta.

— Devia dedicar os domingos à família — argumentou Patty.

— Você está certa — disse Frank. — Vamos todos.

— Legal — debochou Patty. — Agora quer levar a sua mulher e a sua filha para uma *orgia*.

Ela estava certa nesse ponto, Frank tinha de admitir, embora ele nunca participasse das aventuras sexuais. Na maioria das vezes, ele e Mac se recolhiam ao dojo para se exercitarem. Mac lhe ensinara artes marciais. Aliás, ele lhe ensinara inclusive o golpe que salvaria a sua vida no barco quase vinte anos depois.

Treinavam pesado, socando e chutando o saco de areia, então simulando algumas lutas, depois passando ao levantamento de pesos, onde se observavam mutuamente. Em seguida, tomavam suco de frutas e falavam da vida, de negócios, música e filosofia.

Mac ensinou Frank sobre jazz, e Frank o fez começar a gostar de ópera.

Eram bons tempos.

\* \* \*

Não podiam durar.

Era a cocaína.

Frank nunca soube quando Mac começou a cheirar, mas, de uma hora para outra, pareceu ser tudo o que ele fazia. Montanhas de cocaína entravam pelo nariz de Mac, e ele levava um harém para o seu quarto e desaparecia durante dias. Após algum tempo, parou de levar o harém e simplesmente desaparecia, para emergir no fim da tarde, se tanto, e exigir mais cocaína.

Ela o transformou.

Mac começou a ficar constantemente irritado. Tinha súbitos e imprevisíveis surtos de fúria, em que se queixava, longa e quase incoerentemente, sobre como ele fazia todo o trabalho e planejamento e como ninguém reconhecia isso.

Então, veio a paranoia.

Achava que todos queriam pegá-lo, todos tramavam contra ele. Ele dobrou a segurança ao redor da casa, comprou dobermans, que soltava no jardim à noite, instalou mais sistemas de alarme e passava cada vez mais tempo sozinho em seu quarto.

Também parou de ir ao dojo. O saco de areia pairava, imóvel e inútil, um símbolo solitário do declínio de Mac.

Frank tentou falar com ele. Não adiantou, mas Mac o amou pela tentativa.

— Essa gente — disse para Frank certa noite quando estavam sentados sozinhos juntos à piscina —, essa gente é um bando de sanguessugas. São todos uns parasitas. Mas não você, Frank Machianno, você é um *homem*. Você me ama de homem para homem.

Era verdade.

Frank o amava mesmo.

Amava a lembrança do gênio distinto e generoso que Mac fora, e poderia voltar a ser, em vez do vazio paranoico, maldoso e incoerente que se tornara. Mac adquirira uma aparência péssima. O corpo, outrora definido, estava magro e flácido. Ele raramente comia, os olhos viviam dilatados, e a pele parecia um pergaminho marrom escuro.

— Essa gente vai me matar — continuou Mac.

— Não, Mac — disse Frank.

Mas mataram.

John Stone veio até Frank certo dia durante uma festa de domingo naquele outono e disse:

— Ele está trapaceando.

— Quem?

— Nosso “sócio” — respondeu Stone. E apontou para o quarto de Mac, onde Mac estava escondido, como costumava ficar ultimamente. E a festa de domingo também não era mais como antes. Tinha cada vez menos convidados, e os que vinham geralmente eram gente da pornografia ou viciados em cocaína.

— De jeito nenhum — disse Frank.

— Não me venha com essa — falou Stone. — Metade de nosso dinheiro está entrando pelas narinas daquele crioulo.

Frank não queria acreditar, mas aquela conversa sobre a “trapaça” só piorou. Stone e Sherrell se encontraram com Mike para mostrarem as contas para ele. Frank se recusou a comparecer. No domingo, ele racionalizara aquilo da seguinte maneira: (a) Mac não estava roubando; (b) mesmo que estivesse, estava ganhando tanto dinheiro para eles que todos estavam melhor com ele roubando do que sem ele; (c) Mac não estava roubando.

Mas Mac estava roubando.

Ele sabia que Mac estava roubando.

Stone confrontou Mac com a evidência e Mac ameaçou matá-lo com toda a sua família. Matar a todos.

— Ele precisa morrer — disse Mike para Frank.

Frank balançou a cabeça.

— Ninguém está pedindo o seu *voto*, Frankie — informou Mike. — A decisão já foi tomada. Só vim avisar, você sabe, como *cortesia*, porque sei que o sujeito é seu amigo.

Você só veio, pensou Frank, porque queria se certificar de que Frankie Machine não levaria isso para o lado pessoal e responderia do modo como respondeu ao assassinato de Georgie Y. Ora, é bom mesmo você se preocupar.

— Os rapazes do Lamp — acrescentou Mike —, eles já autorizaram.

Ele estava informando Frank de que, caso ele decidisse fazer algo a respeito disso, estaria se metendo com Detroit também.

— O que os Migliore têm a ver com isso?

— Eles têm clubes de strip — disse Mike. — O fato desse crioulo estar virando drogado também os afeta. Não gostam disso. Manchetes de primeira página são ruins para os negócios. Ele precisa morrer, Frank.

— Deixe que eu faço.

— O quê?

— Deixe que eu faço — disse Frank.

Vocês morrem de medo dele. Vão entrar em pânico e atirar sem parar até não sobrar nada do sujeito. Se precisa ser feito, deixe que eu faça de modo rápido e limpo.

Devo isso a ele.

Ele é meu amigo.

Frank o encontrou no dojo. O aparelho de som tocava "Bitches Brew" de Miles Davis, o volume alto. Frank entrou e viu Mac equilibrado sobre uma perna trêmula, chutando o pesado saco de areia com a outra.

O saco mal se movia.

E Mac nem notou a sua presença.

Frank aproximou-se e disparou duas balas .45 em sua nuca.

Então, foi para casa, pegou o velho pranchão na garagem, passou uma boa camada de parafina. Então, levou-o para a água e deixou as ondas baterem nele.

Nunca mais voltou ao negócio de limusines ou ao Pinto Club.

Patty pediu o divórcio mais tarde naquele ano.

Frank não contestou.

Ele abriu mão da casa e da custódia de Jill.

Mais quatro cadáveres, pensa Frank enquanto dirige através do deserto.

O inglês Pat Porter e seus dois rapazes.

E Mac.

Mais quatro candidatos, mas não exatamente muito plausíveis. Caramba, tudo aquilo acontecera havia quase vinte anos. Mesmo naquela época, já diziam que o pessoal em Londres estava aliviado por Porter e sua equipe não terem voltado para casa.

E Mac?

Ele não tinha família, não tinha amigos. E o Departamento de Polícia de San Diego não se animou muito a investigar o homicídio de um ex-policial desonesto.

É claro que Mike perdeu o Pinto Club. Sem Mac para contê-lo, ele levou o lugar à falência e o incendiou antes que a Receita Federal, o banco ou os outros credores pudessem tomá-lo dele.

Então, foi preso pelo incêndio e pegou dez anos de cadeia.

Os Migliore acabaram tomando conta de todo o negócio de clubes de strip em San Diego, e a prostituição e a pornografia que acarretavam, com a Combinação como sua grande protetora.

Mas o que isso tem a ver comigo?, se pergunta Frank.

Será que os tiras reabriram um dos casos da Guerra dos Clubes de Strip e estão atrás dos Migliore? Então eles estariam eliminando testemunhas potenciais, incluindo você?

Se esse for o caso, talvez Mike esteja morto em vez de ser um fugitivo.

Frank vai para o acostamento.

Cansaço.

Aquilo o atinge como uma onda fria e pesada.

Uma fadiga, um... *desespero*. O reconhecimento da realidade: de que ele pode fugir e lutar, fugir e lutar, e *ganhar cada luta*, mas que afinal, inevitavelmente, vai perder.

Caramba, pensa Frank, eu *já* perdi.

Minha vida.

A vida que amo, pelo menos. Frank, o Cara das Iscas já está morto, mesmo que Frankie Machine consiga sobreviver. Aquela vida se foi: a minha casa, as manhãs no quebra-mar, a loja de iscas, as conversas com meus clientes, as crianças que ajudava.

A Hora dos Cavalheiros.

Tudo isso se foi, mesmo que eu “sobreviva”.

E Patty.

E Donna.

E Jill.

O que resta delas para mim agora? Encontros breves e tensos em hotéis em algum lugar? Cumprimentos apressados em meio ao ar impregnado de medo? Talvez um beijo rápido, um breve abraço. “Como está você?” “O que há de novo?” Talvez haja netos algum dia. Jill vai mandar fotografias para alguma caixa postal. Ou talvez eu possa encontrá-las em um desses sites da internet, ver os meus netos crescerem na pequena tela de um laptop.

Se a vida a partir de agora é só fugir, para que se dar ao trabalho?

Por que não enfiar a pistola na boca agora mesmo?

Meu Deus, ele pensa, você se tornou Jay Voorhees.

É isso que mata uma pessoa, mais certo do que uma bala.

Ele faz um telefonema.

O Níquel estava esperando por isso.

Uma ligação de Frank no telefone reserva.

São quatro da manhã e ele está naquele estado surrealista entre sono e vigília quando o telefone toca.

— Frank, graças a Deus.

— Sherm.

— Olha, há um passaporte limpo e uma passagem de avião esperando por você em Tijuana — diz Sherm. — Você pode estar na França amanhã de manhã. A UE não extradita ninguém acusado de crime capital. Está tudo arranjado para Patty e Jill. Boa sorte, meu amigo.

— Vou entrar em outra emboscada, *amigo*?

— De que diabo está falando?

Sherm ouve Frank falar sobre a emboscada no banco e o monitor de GPS que levou ao motel em Brawley.

— Frank, você não está pensando que...

— O que devo pensar, Sherm? — pergunta Frank. — Quem sabia sobre o banco? Você e eu.

— Eles me procuraram, Frankie — diz Sherm. — Eu não falei nada, juro.

— Quem o procurou?

— Uns mafiosos — diz Sherm. — E os agentes federais.

— Os agentes federais?

— Aquele seu amigo. Hansen. Eles têm um mandado contra você, Frank. Por Vince Vena e Tony Palumbo.

Tony Palumbo?, pensa Frank. Devia ser o sujeito com o garrote no barco.

— Sabe algo sobre esse Palumbo, Sherm?

— Falam por aí que ele era um agente do FBI disfarçado — diz Sherm. — Um informante. O sujeito por trás dos indiciamentos da operação G-Sting.

G-Sting, pensa Frank.

Clubes de strip.

Teddy Migliore.

E Detroit.

— Quem eram os mafiosos? — pergunta Frank.

— Não sei — responde Sherm. — O que sei é que não lhes disse nada. Frank, onde você *está*?

— Até parece que vou contar.

Sherm parece sinceramente magoado.

— Depois de todos esses anos, Frank.

— Isso é exatamente o que *eu* estou pensando, Sherm.

— Você precisa confiar em *alguém*, Frank.

É mesmo?, pensa Frank. Em quem? Havia três pessoas que sabiam da existência desse banco: eu, Sherm e Mike Pella. O único que tenho certeza *absoluta* que não me traiu sou eu.

Então, é melhor eu encontrar Mike, e não sei onde ele está. Mas há uma pessoa que talvez saiba.

Poderei confiar em Dave?

Porque somos amigos há vinte anos?

E porque ele me deve uma?

Dave não vinha à Hora dos Cavalheiros havia duas semanas.  
Frank sabia por quê.

Todos em San Diego sabiam o que mantinha o FBI ocupado: o desaparecimento de uma menina de sete anos, tirada de seu quarto no segundo andar de uma casa nos subúrbios. Os pais de Carly Mack a haviam posto na cama na noite da véspera, e, quando foram despertá-la na manhã seguinte, ela não estava mais lá.

Simplesmente desaparecera.

Aterrorizante, pensou Frank ao ler a notícia no jornal. O pior pesadelo de um pai. Ele não conseguia imaginar como os Mack estavam se sentindo. Ele conhecia aquele momento de puro pânico de quando perdera Jill de vista no shopping por dez segundos. Mas acordar e descobrir que ela desaparecera? De sua própria casa, de seu próprio quarto?

Inimaginável.

Então Frank não esperava ver Dave por algum tempo. O FBI sempre cuidava de casos de sequestro, e ele ouvira Dave no rádio, dizendo que estavam fazendo de tudo para encontrar a pequena Carly Mack e pedindo que qualquer pessoa com alguma informação se pronunciasse. A mídia estava em cima do caso como gaivotas sobre uma traineira de pesca, exigindo que os tiras encontrassem a pequena Carly. Como se Dave precisasse de estímulo. Frank sabia que ele estava trabalhando naquele caso sete dias por semana, vinte e quatro horas por dia.

Foi por isso que ele ficou um pouco surpreso naquela manhã ao ver Dave remando em sua prancha. O alto agente dirigia-se diretamente para a arrebentação, mas viu Frank e apontou com o queixo em direção ao seu ombro. Frank remou até o lugar indicado,

um ponto longe da arrebentação onde os sujeitos mais velhos iam esperar pelas ondas, tomavam fôlego e contavam histórias.

Dave estava abatido.

Normalmente sereno, não importando o que estivesse acontecendo ou quanta pressão estivesse sofrendo, naquela manhã Dave tinha olheiras escuras e uma expressão no rosto que Frank jamais vira.

Fúria, é isso, concluiu Frank.

O rosto de Dave exprimia fúria.

— Podemos conversar? — perguntou Dave.

— Claro.

Dave tinha uma história e tanto a contar.

Os pais de Carly, Tim e Jenna Mack, praticavam swing. Jenna estivera em um bar local com uma amiga chamada Annette na noite anterior, buscando alguém para levar para casa. Fora abordada por um sujeito de meia-idade chamado Harold Henkel, mas ela o rejeitara.

Por volta das dez da noite, Jenna e Annette desistiram de encontrar carne fresca. Annette telefonou para o marido e ele foi até a casa dos Mack para fazerem o ménage a quatro de sempre. Um pouco decepcionante, talvez, mas melhor do que nada.

Jenna subiu ao segundo andar para verificar como estavam Matthew, de cinco anos, e a pequena Carly, e viu que ambos estavam dormindo. Ela beijou-os no rosto, fechou a porta dos dois quartos, então foi para a “sala de lazer” que construíram na garagem e começaram a festa.

Os quatro admitiram terem bebido um pouco de vinho e fumado um pouco de maconha. Annette e o marido foram para casa por volta de uma e meia da madrugada.

Nem Annette nem o marido deixaram a sala de lazer antes de irem para casa. Tim e Jenna não foram ver as crianças outra vez antes de irem para a cama.

Por volta das nove horas da manhã seguinte, o irmão, Matthew, foi até o quarto de Carly para brincar com ela. A menina não estava lá. Matthew não estranhou e desceu ao primeiro andar para comer uma tigela de cereal. Tim perguntou para ele se Carly estava acordada e Matthew respondeu que pensava que ela havia descido.

Jenna ainda estava dormindo.

Tim procurou por toda a casa e não encontrou Carly. Assustado, saiu e procurou pelo bairro, então ligou para os vizinhos. À essa altura, Jenna já havia acordado e começava a entrar em pânico. Matthew chorava.

Ligaram para a polícia quinze minutos depois.

— Adivinhe quem mora a um quarteirão e meio dali? — perguntou Dave.

— Harold Henkel — disse Frank.

Dave assentiu.

— Nós o chamamos a depor. Ele tem um trailer que deixa estacionado na rua. Disse que esteve fora todo o fim de semana, no deserto, perto de Glamis. O trailer estava impecável, Frank. Ainda dava para sentir o cheiro de Pinho Sol.

— Meu Deus.

— Na manhã de segunda-feira, ele levou o casaco e alguns cobertores à tinturaria — disse Dave. — Consegui um mandado, revistei a casa e o computador dele. O disco rígido estava repleto de pornografia infantil. Esse filho da puta é o culpado, Frank. Ele levou a menina. Mas ele está se escondendo de mim e está a ponto de pedir um advogado. Se eu o indiciar, ele nunca vai dizer onde Carly está. E se ela ainda estiver viva, Frank? E se ele a deixou em algum lugar no meio do deserto e o tempo estiver acabando?

Os olhos de Dave estavam marejados de lágrimas. O sujeito estava a ponto de perder o controle. Frank nunca o vira assim antes, nada perto daquilo.

— Como posso ajudá-lo? — perguntou Frank.

— Precisamos descobrir onde ela está, Frank — falou Dave. — E rápido. Se ela está viva, precisamos encontrá-la antes que seja

tarde demais. Se está morta... então as provas estarão se deteriorando a cada segundo. Se *nós* perguntarmos para ele, Frank, nós a perdemos. Mas se outra pessoa puder fazer Henkel falar...

— Por que está pedindo para mim, Dave? — perguntou Frank, já sabendo a resposta.

— Porque — respondeu Dave — você é Frankie Machine.

Dave chamou Henkel a depor naquela noite, sem indiciá-lo. Advertiu-o a não sair da cidade, então levou-o em uma van com vidros escuros até a saída dos fundos do prédio do FBI, para protegê-lo da imprensa, levou-o ao centro da cidade, onde ele poderia pegar um táxi para onde quisesse.

— Talvez seja melhor você não ir para casa — advertiu Dave. — A imprensa fez um cerco ao redor dela.

Henkel entrou no primeiro táxi que passou.

No quarteirão seguinte, Frank parou o táxi, e Mike Pella, que estava na calçada, entrou no banco de trás e enfiou uma agulha no braço de Henkel antes que o sujeito pudesse reagir.

Quando Henkel despertou, estava no meio do deserto, nu e amarrado a uma cadeira. Um homem mais ou menos de sua idade, apenas um pouco menor do que ele, estava sentado em um banco à sua frente, assobiando uma ária enquanto meticulosamente corria a lâmina de uma faca de descamar peixe sobre dois amoladores dispostos em ângulos de quarenta e cinco graus sobre uma prancha de madeira.

Primeiro o lado direito, então o esquerdo.

Lado direito, lado esquerdo.

Aquele era um instrumento de afiar muito caro que Frank comprara para afiar as suas ainda mais caras facas de cozinha da

marca Global. Havia poucas coisas no mundo que Frank desprezava mais do que uma faca cega.

Uma dessas coisas, porém, era alguém que fosse capaz de fazer mal a uma criança.

Isso estava no topo da lista.

Ele percebeu que Henkel despertara.

Não era de se admirar que Jenna Mack não tivesse se interessado por ele. Henkel era um sujeito grandalhão com um pneu de gordura ao redor da cintura. Estava ficando careca no topo da cabeça e tinha um bigode e um cavanhaque grisalhos ao redor da boca. E olhos azul-claros que agora começavam a se arregalar, confusos e amedrontados.

Seu trailer estava estacionado a uns seis metros dali.

Em uma ravina, no deserto.

— Onde estou? — perguntou. — Quem é você?

Frank não disse nada. Apenas continuou a passar a faca nos dois amoladores, apreciando o som do aço sobre a pedra.

— Que merda é essa?! — gritou Henkel. Ele forçou as cordas que prendiam os seus braços à cadeira com firmeza. Ele olhou para baixo e viu seus tornozelos firmemente fixados às pernas da cadeira com fita adesiva.

Frank continuava a assobiar a ária *Gianni Schicchi*.

— Você é policial?! — perguntou Henkel. Um esganiçado tom de pânico entrara na sua voz. — *Responda, porra!*

Frank corria a lâmina por um amolador, então pelo outro.

Um, depois o outro.

Lenta, cuidadosamente.

— Meus advogados vão crucificá-lo! — gritou Henkel, estupidamente.

Então, Frank olhou para ele, testou a lâmina contra o próprio polegar e fez uma careta ao se cortar. Baixou a lâmina sobre o colo, pegou os dois amoladores de pedra, guardou-os no estojo, cuidadosamente os substituiu por duas barras de titânio e começou todo o processo outra vez.

O sol estava começando a nascer, débil e rosado.

Ainda estava frio, de modo que Henkel tremia de qualquer maneira, mas agora ele começava a tremer de medo. E começou a gritar:

— Socorro! Socorro! — Embora devesse saber que era inútil. Um rato do deserto como Henkel devia saber que estavam no meio do Parque Estadual do Deserto de Anza-Borrego, e ninguém o ouviria.

Ele deve saber disso, pensou Frank, da mesma forma como sabia que ninguém ouviria os gritos de Carly Mack.

Frank correu a lâmina sobre uma barra, então sobre a outra.

Uma, depois outra.

Henkel começou a chorar, então sua bexiga cedeu e a urina escorreu por suas pernas e sobre a fita adesiva ao redor de seus tornozelos. O queixo tombou sobre o peito e sua cabeça começou a balançar enquanto ele chorava.

Frank terminou a *ária Gianni Schicchi* e começou a assobiar *Nessun dorma*. Corria a lâmina sobre uma barra, depois sobre a outra. Uma barra, depois a outra. Ele testou a lâmina outra vez, meneou a cabeça em sinal de aprovação e cuidadosamente guardou as barras de volta no estojo. Ele se levantou do banco, encostou a lâmina sobre a pele do peito de Henkel e disse:

— Harold, você tem uma escolha a fazer: prisão perpétua, talvez uma injeção letal, ou eu arranco a sua pele.

Henkel gemeu.

— Vou perguntar uma *única* vez — alertou Frank. — Harold, onde está a menina?

Henkel cedeu.

Ele deixara Carly em uma velha mina, a apenas treze quilômetros de onde estavam.

— Ela está viva? — perguntou Frank, tentando evitar que sua voz tremesse.

— Estava quando eu a deixei — disse Henkel.

Ele não tivera coragem de matá-la após tê-la estuprado, de modo que apenas a deixara ali, para morrer. Frank baixou a faca, pegou um celular do bolso, ligou para Dave e informou qual era o local. Então disse para Henkel:

— Vamos ficar aqui sentados até ele verificar. E se você mentiu para mim, seu merda, vou demorar cinco horas para matar você e até mesmo Deus fará vista grossa.

Henkel começou a murmurar um Ato de Contrição.

— Já que está rezando — disse Frank —, reze para que aquela menina ainda esteja viva.

Ela estava.

No limite. Perto de uma hipotermia, severamente desidratada, mas viva. Dave Hansen ligou para Frank aos prantos enquanto a embarcavam no helicóptero.

— E, Frank — disse ele —, obrigado.

— Mantenha isso longe da imprensa — ordenou Frank.

Dave fez isso, é claro. E Henkel também ficou de boca fechada. Frank o desamarrou e o deixou ali com a advertência de que nada daquilo acontecera, que Henkel confessara ao FBI e que, se qualquer outra versão viesse à tona, ele não duraria nem um dia na prisão.

Mike chegou de carro, tirou Frank dali, e os agentes federais chegaram dez minutos depois. Naquela noite, Frank ficou sentado em frente à televisão, observando o reencontro de Carly com os pais.

Ele chorou como um bebê.

Henkel nunca abriu a boca.

Declarou-se culpado, pegou duzentos e noventa e nove anos de cadeia e sobreviveu a dois deles como saco de pancada de seu pavilhão, até que algum motoqueiro doidão de metanfetamina se empolgou e rompeu-lhe o baço.

Henkel morreu antes que o serviço médico de urgência chegasse ao local.

As acusações contra o motoqueiro foram retiradas por falta de provas, principalmente porque vinte outros sujeitos reivindicaram a honra e se mostraram dispostos a declarar aquilo em um tribunal e, afinal, os promotores tinham mais o que fazer.

Os Mack se mudaram da cidade e abdicaram daquele “estilo de vida”.

Frank e Dave nunca falaram sobre aquilo, exceto uma vez, durante a primeira Hora dos Cavalheiros depois que Carly Mack foi encontrada viva.

— Eu lhe devo uma. — Foi tudo o que Dave lhe dissera.

Nada sobre Frankie Machine, ou sobre o que ele sabia sobre a outra vida de Frank, nada sobre como Frank fizera Henkel confessar.

Apenas: “Eu lhe devo uma.”

Dave está empurrando o seu pranchão para dentro da traseira da van quando Frank se aproxima por trás dele.

— Muito perigoso surfar durante um temporal — diz Frank. — Só Deus sabe que porcaria tóxica está chovendo com essa tempestade. Você está implorando para pegar uma hepatite.

— Você tem o direito de permanecer...

— Você não vai me prender, Dave.

— Por que não?

— Porque você me deve uma.

É verdade, e Dave sabe disso.

— Vamos provar que estão todos errados — diz ele — e sair dessa chuva.

Frank entra na van pelo lado do passageiro. Os dois homens ficam ali sentados olhando para o mar enquanto as gotas de chuva se chocam contra o para-brisa.

— Pegou boas ondas? — pergunta Frank.

— Só marolas — responde Dave. — Onde diabo você esteve?

— Fugindo.

— Por acaso topou com um sujeito chamado Vince Vena?

Frank olha para ele.

— Ele veio dar à praia bem na minha jurisdição — diz Dave. — Muito obrigado.

— As correntes ficam malucas com um tempo assim — fala Frank.

— Errou por *muito* pouco.

— Se eu *dissesse* que o matei, o que não estou dizendo, alegaria que foi em legítima defesa — afirma Frank.

— E quanto a Tony Palumbo? — pergunta Dave. — Também foi em legítima defesa?

— Exatamente.

— Conversa fiada, Frank — diz Dave, começando a se irritar. — Você está eliminando as testemunhas do caso G-Sting.

— Do que você está falando?

— Palumbo era um dos meus caras — diz Dave —, um agente disfarçado. Havia anos. Quem pagou você? Teddy Migliore? Detroit?

— Olha aqui como me pagaram, Dave.

Frank abaixa a gola do suéter e mostra a Dave a cicatriz, ainda em carne viva.

— Seu rapaz tentou me apagar, Dave. Pôs um garrote em volta do meu pescoço.

— Isso não faz o menor sentido — diz Dave.

— Palumbo não seria o primeiro agente disfarçado a trabalhar para os dois lados da cerca — fala Frank. — Além disso, Vena era uma de suas testemunhas?

— Esperava que fosse, após eu indiciá-lo — diz Dave. — Mas você se encarregou disso.

— Você está entendendo tudo errado, Dave. *Eles* tentaram *me* matar. Não conseguiram.

Frank conta para Dave o que Mouse Júnior dissera, sua conversa com John Heaney e seu confronto com Teddy Migliore. Sobre a equipe de Detroit que tentava pegá-lo.

Dave olha para o velho amigo. Depois de duas décadas de Hora dos Cavalheiros, você acaba conhecendo um homem. E havia o caso Carly Mack...

— O que o G-Sting tem a ver comigo? — pergunta Frank.

— Nada que eu saiba — diz Dave.

— Diga-me a verdade! — grita Frank. — Estou tentando salvar a minha vida!

— Posso ajudar você, Frank.

— É mesmo? Como me ajudou em Borrego? — pergunta Frank. — Como me ajudou em Brawley? Você grampeou Sherm Simon, Dave. Você pôs um GPS no dinheiro. Você me rastreou e me entregou para Detroit.

— Eu o rastreei — admite Dave. — Mas não o entreguei a ninguém.

— Você é um policial corrupto — diz Frank, olhando nos olhos de Dave em busca de confirmação.

Ele não a encontra.

O que vê é seu velho amigo com raiva. Não o via assim desde o caso Carly Mack.

— Venha até a delegacia — diz Dave.

— Não entrarei no programa de proteção a testemunhas — diz Frank. — Posso ser o que for, mas não sou um traidor.

— Então será praticamente o único a não ser.

— Não posso responder pelos outros — diz Frank. — Só por mim mesmo.

— Esses sujeitos estão tentando matar você! — grita Dave. — E vai defendê-los? O que Pete Martini já fez por você? Ou *qualquer um* desses sujeitos? O quê? Você tem uma filha, Frank. Ela está a ponto de entrar na faculdade de medicina. O que Jill vai fazer com você a sete palmos de terra?

— Já arranjei as coisas para Jill — fala Frank. — Para Patty também.

— Seu cretino teimoso.

— Você pode me dar a minha vida de volta?

— Não — diz Dave. — Mas posso lhe dar *uma* vida de volta.

Mesmo que seja verdade, pensa Frank, não é bom o bastante.

— Tenho um pedido, Dave.

Uma recompensa por Carly Mack.

— Qualquer coisa — diz Dave.

*Eu lhe devo uma.*

— Tudo o que posso imaginar é que isso tem a ver com algo que eu e Mike Pella fizemos no passado — diz Frank. — Estou por fora disso tudo há muito tempo. Não sei o que está acontecendo. Preciso saber se Mike está morto. Ou, se está vivo, onde diabo está. Achei que talvez você soubesse algo sobre isso.

— Não posso fazer isso, Frank.

Frank olha para ele um segundo, então abre a porta para sair.

— Feche a porta, Frank.

Frank fecha.

Dave diz:

— Quero a sua palavra de que não irá matá-lo.

Então Mike está vivo e o FBI o mantém sob vigilância. Tudo está se encaixando.

— Só quero falar com ele — diz Frank.

O céu está de um cinza pérola e, como uma pérola, brilha sob a chuva, quase translúcido. É bonito, pensa Frank. Ele observa uma onda se erguendo lá fora, começando a encorpar, uma densa parede de água avançando, uma crista de espuma dançando no topo, como um malabarista de corda bamba.

— Pella não tem nenhum envolvimento com o G-Sting — diz Dave.

Então...

— Nós o estamos acusando pelo assassinato de Goldstein.

*Bum!* A onda explode com um rugido surdo e grave.

Dentro da cabeça de Frank.

Ele tem a impressão de estar se afogando. Preso sob a zona de impacto.

— Isso não é possível — diz Frank.

Dave dá de ombros.

— Ele está em Palm Desert. Sob o nome de Paul Otto.

— Vocês o estão mantendo sob vigilância?

Dave faz que não com a cabeça.

— Ele está no programa, Frank.

Mike é um traidor.

## 54

Em 1997, Frank já estava afastado havia algum tempo.

Afastado *daquela* vida, em todo caso. Nada de limusines, nada de clubes de strip, nada de Orange County. Trabalhava em sua loja de iscas, seu negócio de pescado, seu serviço de tecidos de mesa, sua administração de imóveis, quando Mike Pella veio vê-lo para falar sobre recuperar Vegas.

— *Recuperar?* — perguntou Frank. — E quando foi que a *tivemos*?

Estavam no OB Pier, após um almoço substancial no OBP Café. Mike envelhecera. Havia muitos fios brancos em seu cabelo negro, e seus ombros largos, embora continuassem largos, estavam um pouco caídos.

— Las Vegas devia ser *nossa* — disse Mike. — Não de Nova York, não de Chicago. Tinha de ser de L.A.

Espreguiçadeiras no convés do *Titanic*, pensou Frank. Um bando de hienas disputando um esqueleto ressecado. Não há nada a se

*possuir* em Vegas, não desde que Donnie Garth se tornou testemunha de acusação e os estatutos RICO acabaram com tudo. Enfim, Las Vegas atualmente é uma cidade para a família americana, uma Disney World com blackjack. Agora, está tudo nas mãos de grandes empresas.

Advogados e sujeitos com um M.B.A.

— Peter está pronto a fazer a sua jogada — falou Mike. — Recuperar o que é nosso. Tornar a nossa família uma família de verdade outra vez.

— Quantas vezes já ouvimos essa conversa de “família de verdade”? — perguntou Frank. — Já ouvimos isso da boca de Bap, de Locicero, então de Regace, então de Mouse antes de ele ser preso pela primeira vez, e de Mouse antes de ser preso pela *segunda* vez...

— Dessa vez é para valer.

— O que torna essa vez diferente?

Herbie Goldstein, disse-lhe Mike.

O Gordo Herbie?, pensou Frank. O Herbie sócia de Pavarotti, o Will Rogers da pastelaria? O sujeito que nunca encontrou uma rosquinha da qual não gostasse? E esse sujeito é o ingresso de Mouse para o show?

O tempo não fora gentil com Herbie. Ele estivera oito anos preso, por fraude com cartões de crédito e roubo de selos. *Roubo de selos*, a que ponto chegamos, pensou Frank. Na prisão, Herbie fez duas operações de ponte de safena e teve alguns dedos do pé amputados por causa do diabetes. Agora, estava livre, administrando uma oficina de automóveis para poder lavar o dinheiro da agiotagem e, ao mesmo tempo, enganar as empresas de seguros no conserto dos carros.

— Herbie não tem dinheiro para isso — disse Frank.

— Agora tem — disse Mike.

Acontece que Herbie tinha no bolso um dono de cassino bilionário chamado Teddy Binion, que dera a Herbie cem mil dólares para ele soltar nas ruas. Então, Herbie fez algo muito esperto: entregou tudo a um índio.

— Um índio? — exclamou Frank.

— *Jogo de índios* — respondeu Mike. — Esse sujeito vai às reservas, os convence a construir um cassino, consegue o contrato de administração e o negócio de agiotagem para perdedores crônicos. Ele está lucrando pelos dois lados: recebe a sua parte no cassino e os juros do dinheiro que empresta. O chefe Veado Corredor, ou seja lá como é o nome dele, paga a Herbie, que paga Binion, que é um tremendo viciado em cocaína e em dançarinas, ambas fornecidas por Herbie.

— Então?

— Então — explicou Mike —, Binion está às voltas com a Comissão do Jogo de Nevada por causa de seu uso de drogas e sua amizade com o conhecido mafioso Herbie Goldstein. Ele está a um passo de ver o seu nome na lista negra, o que significa que será obrigado a vender o cassino. Então ele vai deixar que Herbie intervenha, leve o cassino à falência e tire o que puder dali.

E prosseguiu:

— E, ouça isso: Binion confia tanto em Herbie que lhe deu todas as suas joias, que valem centenas de milhares de dólares, para que ele “tomasse conta” delas. Herbie as guarda em um cofre em sua casa.

Ele ergueu o pulso e mostrou a Frank seu novo relógio Patek Philippe.

— Herbie me deixou ficar com este aqui por mil dólares.  
Está “tomando conta” muito bem, pensou Frank.

— Herbie vai falir o cassino de Binion — diz Mike. — Ele está recebendo parte da porcentagem do jogo indígena, uma parte dos lucros da usura. Além disso, está usando a sua oficina para enganar as empresas de seguro e receptor metade de tudo o que é roubado em Nevada.

— Bom para Herbie.

— Bom para *nós* — disse Mike. — Vamos nos associar a ele.

— Herbie *concordou* com isso?

— Ainda não — disse Mike. — É aí que você entra.

Frank inclinou-se sobre o parapeito e olhou para o mar azul lá embaixo.

— Não, é aí que eu *não* entro. Gosto do Herbie. Somos velhos amigos. Ele me apresentou os bagels de cebola. Isso não é pouca coisa, Mike.

— Também gosto do Herbie — falou Mike. — Não vamos apagá-lo, só explicaremos que não é justo ele comer sozinho quando seus amigos estão com fome. Vamos nos sentar para conversar, e acho que se ele vir que  *você*  está lá... Além do mais, quero que você tenha essa chance. É a sua oportunidade de se dar  *bem* . Quer vender iscas o resto da vida?

Para falar a verdade, pensou Frank, quero.

Eu não teria problema com isso.

— Mouse Sênior me pediu que pedisse a você — falou Mike. — Ele consideraria isso um favor.

O que, traduzindo, significava que era uma ordem.

Encontraram-se no Denny's.

Denny's... Frank se lembra de ter pensado na época. A que ponto chegamos, almoço no Denny's. Menus brilhantes e queixos engordurados. Os irmãos Martini estudavam o cardápio como se fosse o programa diário de uma corrida de cavalos, discutindo a respeito de "Pescado Fresco do Dia".

— Está vendo um mar lá fora? — perguntou Carmen, apontando para o deserto pela janela.

— Não — respondeu Mouse Sênior.

— Então como que essa merda pode ser fresca?

— Acho que querem dizer que estava fresco quando congelaram — respondeu Mouse Sênior. — Olha o Frank aí. Pergunte a ele. Ele *vende* peixe.

— E então, Frankie?

— Eles pescam, congelam imediatamente e o transportam durante a noite — disse Frank, sentando-se ao lado de Mike.

— Esse peixe é *seu*? — perguntou Mouse Sênior.

— Não vendo para cadeias de restaurantes.

— Então, ele deve pedir o peixe? — perguntou Carmen.

— Não.

Frank tinha a impressão de que sua cabeça ia se descolar do pescoço. Tanto tédio...

Mouse Sênior baixou o cardápio.

— Obrigado por ter vindo, Frank.

— Sem problema, Peter.

Carmen acenou com a cabeça em sinal de agradecimento e Frank acenou de volta.

Demoraram mais ou menos um ano e meio para fazerem os pedidos, todos em contas separadas.

Frank pediu um chá gelado.

— Só isso? — perguntou Mouse Sênior. — Isso vai ser o seu almoço? Um chá gelado?

— É tudo o que eu quero — falou Frank.

— Isso é, tipo, antissocial — comentou Mike.

— Não pretendia ofender — respondeu Frank.

A verdade era que Frank gostava demais de comida para comer aquelas coisas e, mais importante, tinha um almoço marcado depois daquela reunião de cúpula. Na noite anterior, no Tropicana, ele conhecera uma dançarina deslumbrante chamada Donna. Ela dissera que podia almoçar com ele, mas não jantar, e ele a levaria a algum lugar bem bacana.

— Vamos falar de negócios — disse Carmen quando a comida chegou. — Herbie Goldstein.

— Ele é um miserável ganancioso e egoísta — falou Mouse Sênior, um pouco de salada de atum no canto do lábio. — Aquele judeu gordo está fazendo dinheiro a rodo e não paga ninguém.

— “Judeu gordo”? — disse Frank. — Que história é essa?

— O que foi, se tornou o maior amigo de Herbie de uma hora para outra? — perguntou Mouse Sênior.

— Não, sou amigo dele há *anos* — respondeu Frank. — Assim como todos vocês.

— Sabe quanta grana ele está ganhando? — perguntou Mike. — Só os objetos receptados que ele tem em casa provavelmente valem uma fortuna, e também guarda dinheiro lá.

— Frank — disse Carmen —, ele precisa compartilhar.

— Eu sei — falou Frank.

— Então? — perguntou Mouse.

— Falarei com ele — disse Frank. — Me deem a chance de falar com ele.

— Você sozinho, não — objetou Carmen.

— Eu e Mike.

— Mike, concorda com isso? — perguntou Mouse.

Mike assentiu.

— Hoje — insistiu Carmen.

— Hoje à *noite* — disse Frank.

Todos olharam para ele.

— Tenho um encontro à tarde — informou Frank.

Ficou acertado que Frank e Mike conversariam com Herbie naquela noite e o convenceriam.

— Mas, Frank — disse Mouse —, se Herbie não fizer o que é certo, então...

— Então darei um jeito — disse Frank.

Então isso seguirá pelo outro caminho, pensou.

E foi só. Os rapazes terminaram a refeição, felizes por saberem que estavam a ponto de usar o Gordo Herbie Goldstein para financiar a sua conquista de Las Vegas, então foram ao caixa para pagarem as suas contas separadas. Frank se despediu, foi ao banheiro masculino e esperou até que todos tivessem ido embora. Então, passou pela mesa e viu o que esperava ver.

Três dólares e algumas moedas de gorjeta.

Aqueles cretinos miseráveis haviam ficado ali sentados por duas horas e deixado três dólares e uns trocados. Frank tirou duas notas de vinte da carteira e jogou-as sobre a mesa.

O almoço com Donna foi ótimo.

Ele a levou a um pequeno restaurante francês longe do centro de Las Vegas, e a moça sabia se virar com o menu. Ficaram na mesa durante duas horas e meia, conversando, bebendo vinho, comendo boa comida, desfrutando da companhia um do outro.

Ela era de Detroit, seu pai passara a vida na linha de montagem da Ford, e ela se deu conta de que não queria aquela vida. Era boa dançarina — tinha o corpo e as pernas para tanto — de modo que estudou dança: balé, até ficar alta demais, então sapateado e jazz. Ela foi para Vegas com um rapaz por quem acreditava estar apaixonada, casou-se, mas não deu certo.

— Ele gostava ainda mais de cantar garçonetes do que de bater em mim — disse Donna.

O rapaz voltou para sua cidade; ela ficou.

Conheceu um diretor de entretenimento no bufê do Mirage e ele conseguiu para ela um teste para a linha de show do Tropicana. Donna foi para a cama com ele por gratidão e porque ele era um cara legal, mas aquilo não deu em nada além de ela ter conseguido o emprego.

— Eu via as outras meninas — disse ela —, transando com qualquer um, entrando nessa de cheirar pó, tentando arranjar algo melhor na balada. Eu me dei conta de que não *havia* nada melhor e que a balada era um beco sem saída, de modo que apenas fazia o meu trabalho, ia para casa e lavava o cabelo.

Ela se casou novamente, com o chefe de segurança do Circus Circus. O casamento durou três anos, “sem filhos, graças a Deus”, e então ela descobriu que ele andava transando com garotas de programa e que estava torrando o dinheiro deles com meninas de dezoito anos.

— Por que estou lhe dizendo tudo isso? — perguntou ela. — Geralmente sou uma pessoa muito reservada.

— São os meus olhos — disse Frank. — Tenho olhos amáveis, então as pessoas me contam coisas.

— Você realmente tem olhos amáveis.

— Você tem olhos incríveis.

Ela lhe falou sobre seu “plano de negócios”.

— Vou ficar dançando por mais dois anos — contou ela. — Então vou abrir uma lojinha.

— Que tipo de loja?

— Roupas femininas. Uma boutique. Chique, mas não cara demais.

— Onde? — perguntou Frank. — Aqui em Vegas?

— Acho que sim.

Ele se inclinou um pouco sobre a mesa.

— Já pensou em San Diego?

Ela não foi para o quarto dele naquela tarde, mas concordou em ir a San Diego quando tivesse alguns dias livres. Ele se ofereceu para comprar sua passagem aérea e lhe reservar um quarto de hotel, mas ela disse preferir pagar de seu bolso.

— Há muito tempo descobri que uma mulher precisa saber se virar sozinha nesse mundo. Prefiro assim. Gosto que seja assim.

— Não pretendia ofendê-la — disse Frank.

— Não ofendeu. Posso ver o seu coração.

Ele e Mike se encontraram naquela noite e foram até a casa de Herbie. Tocaram a campainha e ninguém atendeu, mas ouviram a televisão ligada e viram que as luzes estavam acesas. A porta estava destrancada, de modo que entraram.

— Herbie? — chamou Frank.

Eles o encontraram em frente à TV, escarrapachado em sua enorme poltrona.

Três buracos de bala na nuca.

A boca aberta.

— Meu Deus — disse Mike.

— Não era para isso acontecer — falou Frank, surpreso ao sentir um calor raivoso lhe subir ao rosto.

O lugar estava uma bagunça. Fora revirado, assaltado.

— Melhor sairmos daqui — disse Mike.

— Um segundo — respondeu Frank. Ele puxou a manga da camisa sobre os dedos, pegou o telefone e ligou para a polícia. Deu-lhes o endereço de Herbie e disse que o morador dali sofrera um infarto.

— Que merda foi essa, Frank? — perguntou Mike.

— Não queria que ele ficasse aí se decompondo — respondeu Frank ao saírem. — Ele não merece isso. Também não merecia *isso daí*.

— Olha só — falou Mike enquanto se afastavam no carro —, metade dos traficantes da cidade sabia que ele tinha objetos de valor em casa.

— O que está dizendo? — perguntou Frank. — Que isso foi uma coincidência?

— Pode ter sido qualquer um.

— Você é mais esperto que isso.

Frank fechou sua conta no Mirage, entrou no carro e dirigiu até L.A. Já era de manhã quando chegou ao Westlake Village e encontrou Mouse Sênior em sua cafeteria, tomando um *espresso*, comendo um *pain au chocolat* e lendo o *Los Angeles Times*. Pareceu surpreso ao ver Frank, que pediu um cappuccino e um mil folhas de damasco e sentou-se ao lado dele.

— Era melhor que não viesse me ver *aqui*, em meu local de trabalho — disse Mouse.

— Se quiser ir a algum outro lugar...

— Não, tudo bem dessa vez — disse Mouse. — Então, acertou as coisas com o Herbie?

— Não — respondeu Frank, encarando-o. — *Você* acertou.

Lá estava. Apenas um brilho, de relance, mas lá estava, antes que Mouse pudesse se recompor, parecer irritado e perguntar:

— Do que você está falando?

— Você autorizou — acusou Frank. — Metade não era bom o bastante para você. Você queria uma torta maior para dividir, então autorizou.

Mouse imprimiu um tom de *chefe* à voz.

— *Que* merda foi que eu autorizei, exatamente?

— A execução de Herbie.

Mouse baixou o jornal.

— Herbie morreu?

— É.

— Como você...

— Eu vi o corpo.

— Há um milhão de viciados em Vegas — argumentou Mouse.

— Todos sabiam que Herbie guardava objetos de valor em casa. Qualquer um deles...

Interessante, pensou Frank, ele usou exatamente a mesma frase que Mike: "Todos sabiam que Herbie guardava objetos de valor em casa." Ele balançou a cabeça.

— Três tiros de .32, na nuca. Profissionais.

— Herbie fez um bocado de inimigos em seu...

— Deixe de conversa fiada.

— O que houve, está bêbado? — perguntou Mouse. — Falando assim com o seu chefe?

Frank inclinou-se sobre a mesa.

— O que vai fazer a respeito, *Mouse*? O que vai fazer?

Mouse não falou nada.

— Isso mesmo — disse Frank.

Ele estava saindo quando o jovem garçom veio com o café e o mil folhas.

— Não vai querer o seu...

— Nada pessoal — disse-lhe Frank —, mas seu café é um lixo e seus doces uma porcaria. Vocês servem merda barata para idiotas que não sabem o que é bom. Mas eu sei.

Ele foi embora e esperou pela reação.

Não demorou muito.

Dois dias depois, Mike apareceu na loja de iscas.

— Aquilo que você fez em Westlake foi uma burrice — disse Mike.

— Está aqui para dar um jeito em mim?

Mike pareceu magoado.

— Como você me pergunta uma merda dessas? Eu mataria eles antes de tentar algo contra você. De qualquer maneira, a gente devia ter o nosso próprio negócio, não estar ligado àquele bando de broxas. É só esperar, eles vão arranjar um jeito de estragar esse negócio do Binion.

— O que aconteceu, Mike? — perguntou Frank. — Quando deixamos aquela mesa, estávamos supostamente indo *falar* com o Herbie.

— Não sei. Fui embora.

— Mouse tem que responder por isso — falou Frank.

— Não me venha com loucuras — disse Mike. — Uma coisa é insultar um chefe em seu local de trabalho. Isso passa porque você é a porra do Frankie Machine. Outra coisa é tentar incriminar uma merda de um *chefe* pelo assassinato de Herbie. Deixe isso para lá.

— Então a gente simplesmente deixa eles se safarem?

— Ei, Frank. Herbie não era exatamente um São Francisco de Assis. Ele aprontou  *muito*, acredite. O que vamos fazer agora é engolir esta merda, sorrir como se fosse bolo de chocolate e voltar aos negócios.

O que de fato fizeram.

Como sempre, Mike estava certo.

Você tem uma ex-mulher para sustentar, disse Frank a si mesmo, e uma filha que precisa ir a um ortodontista. Você tem responsabilidades de homem, não pode morrer tentando vingar Herbie Goldstein.

No fim das contas, L.A. não chegou a tomar conta de Vegas, nem mesmo de uma parte dela. A coleção de joias de Teddy Binion foi dividida e apareceu nas ruas durante algum tempo, mas os Martini nunca conseguiram tomar o cassino e levá-lo à falência. Binion se apegou a ele até morrer de uma overdose aplicada por terceiros, e foi sua jovem mulher e seu jovem amante que levaram a culpa por isso.

O único a prosperar com aquilo foi Mike Pella, que cuidava do negócio de jogo indígena e lhe deu um grande impulso. Era tudo o que Mike sempre desejara, um esquema integrado de longo prazo no qual ele lucrava no começo, no meio e no fim.

Ele teria sido um homem muito rico se não tivesse feito besteira.

Mas a gente sempre faz, pensa Frank agora. Essa é a marca registrada da Máfia do Mickey Mouse: sempre conseguimos um jeito de ferrar com tudo. Em geral por um motivo idiota. Esse certamente era o caso de Mike, que estava nas nuvens até perder as estribeiras e espancar um sujeito em um estacionamento.

Antes de Mike escorregar na casca de banana, ele tirava dinheiro a rodo do jogo indígena sem nunca dar um centavo para Frank. Não

que Frank esperasse ou desejasse recebê-lo. O que ele esperava foi o que de fato aconteceu, ouvir Mike falar:

— Quero dizer, no fim das contas, *você* não chegou a fazer nada com o Herbie, certo?

Não, Mike, pensa Frank agora. *Você* fez.

O julgamento Martini RICO foi novamente adiado, ostensivamente porque os agentes federais achavam ter novas evidências que ligavam os irmãos Martini ao assassinato de Herbie.

Mas há outros dois sujeitos que poderiam ligar os Martini ao assassinato de Herbie, pensa Frank.

Mike Pella.

E eu.

Mike está fugido, e eu não fui indiciado.

Mas Mike pensa que estou cooperando com os agentes federais, e foi por isso que tentou fazer com que me apagassem.

Porque Mike matou Herbie.

Por que não vi isso antes?, pensa Frank enquanto dirige para o sul na 5. Foi Mike quem deu corda para o assassinato de Herbie. Ele sabia das joias, sabia do dinheiro e usaria o que conseguisse de Goldstein para financiar o início da sua própria família. Quando foram até a casa de Herbie, Mike sabia muito bem que o gordo já estava morto.

Foi tudo encenação.

Agora que os agentes federais retomaram o caso, Mike acha que eu sei da verdade e que o estou entregando. Ele está limpando os seus rastros, e eu sou um deles.

Mike Pella volta do bar para casa, acende a luz da sala e encontra Frank Machianno sentado na poltrona com uma pistola .22 com silenciador apontada para o seu peito.

— Olá, Mike.

Mike nem pensa em correr. Estamos falando de Frankie Machine. Então, Mike diz:

— Quer uma cerveja, Frankie?

— Não, obrigado.

— Se importa se eu beber uma?

— Se sair qualquer coisa dessa geladeira que não seja uma Budweiser — diz Frank —, ponho duas balas na sua cabeça.

— Será uma Coors se não se incomodar — diz Mike, caminhando até a geladeira. — *Lite*. Um homem da minha idade precisa ficar atento aos carboidratos. Você também, Frankie, não é mais criança.

Ele pega a cerveja e a abre com o polegar. Então, senta-se no sofá diante de Frank.

— Mas você está com boa aparência, Frankie. Deve ser todo aquele peixe que come.

— Por que, Mike?

— Por que o quê?

— Por que você virou a casaca? — pergunta Frank. — Logo você, dentre todas as pessoas.

Mike sorri e toma um gole de cerveja.

— Eu o respeitava — diz Frank. — Eu o admirava. Você me ensinou sobre o negócio, sobre...

— As coisas não são mais como costumavam ser — diz Mike. — As *pessoas* não são mais como costumavam ser. Ninguém mais é

leal a ninguém. As coisas simplesmente não funcionam mais assim. E você está certo: *não* sou mais o homem que eu era. Estou com sessenta e cinco anos, pelo amor de Deus! Estou cansado.

Frank olha para ele, e ele *está* diferente mesmo. Engraçado, pensa Frank, como eu o vejo do modo como ele costumava ser, e não assim. O cabelo está branco e ficando um tanto ralo. Seu pescoço está fino, a pele enrugada. Assim como as mãos, que seguram a lata de cerveja. Há rugas em seu rosto que nunca estiveram ali antes. Será que pareço assim tão velho?, pergunta-se Frank. Será que estou me enganando quando me olho no espelho?

E olhe só para este lugar. Uma poltrona usada, um sofá encardido, uma mesa de centro barata, um aparelho de TV. Uma cafeteira, um micro-ondas, uma geladeira. E isso é tudo. Nada feito com amor ou cuidado, nada que pareça ter sido vivido, nenhuma foto de entes queridos.

Um lugar vazio, uma vida vazia.

Meu Deus, será esse o meu futuro?

— Não quero morrer na cadeia, está bem? — Mike está dizendo. — Quero sentar com uma cerveja, adormecer na minha poltrona assistindo a um jogo de beisebol com o pôster da Miss Julho no meu colo. Estou cansado dessa merda toda de Máfia, e é isso o que é, tudo um monte de merda. Nenhuma honra, nenhuma lealdade. Nunca houve. A gente estava se enganando, caralho. Estamos na faixa dos sessenta agora e a melhor parte de nossas vidas acabou, então está mais do que na hora de crescermos, Frankie. Estou farto da coisa toda e não quero mais participar. Se vai atirar em mim agora, tudo bem, atire. Se não, tchau e que deus o abençoe.

— Você matou Herbie — diz Frank.

— É isso aí — confirma Mike.

— E estava com medo que eu soubesse e o denunciasse — fala Frank. — Isso estragaria o seu acordo de imunidade. Então pôs a minha cabeça a prêmio. Eu não teria feito isso, Mike. Não sou um traidor. Não sou você. Portanto, se acha que vou contar à polícia...

Mike ri. Não há nenhuma alegria em sua risada. Nenhuma graça. Seu riso é amargo, furioso, cínico.

— Frankie — diz ele. — Para quem trabalho agora?

## 56

Dave Hansen está sentado em sua escrivaninha, olhando através da janela para os prédios do centro de San Diego.

A chuva açoita a vidraça como pequenos seixos. Ocasionalmente, uma lufada de vento traz a chuva em saraivadas, atingindo o vidro como um bando de pássaros batendo as suas asas, levantando voo como se algo os tivesse assustado.

Na maioria dos dias, é possível ver o mar dessa janela.

E as montanhas de Tijuana, do outro lado da fronteira.

Hoje, mal dá para ver o outro lado da rua.

Tudo não passa de neblina e chuva.

Lágrimas para Frankie Machine.

## 57

— Por quê? — pergunta Frank.

— Por que o quê?

— Por que os agentes federais querem que eu morra?

Sua mente está *gritando*. É loucura o que Mike está me dizendo, que os agentes federais mandaram que ele pusesse a minha cabeça a prêmio. Não faz sentido os federais procurarem Mike, então Mike pedir que Detroit faça o trabalho. O que Detroit tem a ver com isso? O que Mike pode ter oferecido a Vince Vena?

— Por que perguntar por quê? — diz Mike. — Eles não me disseram *por que*, Frank. Apenas me disseram *o quê*. Você está certo, eles me culpam pela morte de Herbie, me disseram que se eu lhes fizesse um favor, poderiam manter o meu acordo de imunidade. O favor era você.

— Quem?

— Quem o quê?

— Quem o procurou? — pergunta Frank. — Quem está por trás disso?

— Eles me matariam se eu dissesse isso a você, Frank — responde Mike.

Frank gesticula com o cano da pistola, como quem diz: e eu o mato se você *não* me disser. Mas Mike sorri e balança a cabeça.

— Esse não é você, Frankie. Você não faria isso. Sempre foi o seu maldito problema.

Mike termina a cerveja e se levanta.

— Mas estamos em uma situação terrível aqui, não é mesmo? Não vejo como sair dessa. Tem certeza de que não quer uma cerveja? Eu bem que preciso de outra.

Ele vai até a cozinha.

— Ei, Frankie, lembra-se do verão de 1972?

— Sim.

— Foi um bom verão — diz Mike ao abrir a porta da geladeira.  
Ele sorri e começa a cantar:

*Some folks are born to wave the flag,  
Ooh, they're red, white and blue.  
And when the band plays "Hail to the Chief,"  
Ooh, they point the cannon at you, Lord...*

Ele enfia a mão na geladeira, volta-se e aponta o .38 para Frank.  
Frank atira duas vezes no seu coração.

58

Foi suicídio.

Mike não teve coragem de atirar em si mesmo, então fez com que eu o fizesse, pensa Frank ao deixar a casa e entrar no carro.

Mike simplesmente não queria mais viver.

Frank compreende.

É o que acontece nessa vida da gente.

Pedaço por pedaço, ela tira tudo o que você tem.

Sua casa.

Seu trabalho.

Sua família.

Seus amigos.

Sua fé.

Sua confiança.

Seu amor.

Sua vida.

Mas, à essa altura, você nem a quer mais.

Eles o pegam em uma curva em declive na autoestrada 78.

## 59

Jimmy the Kid espera com o que restou da Equipe de Demolição.

Paulie está fora de ação com seu ferimento na perna, mas Carlo, Carlo está no jogo, cara. Carlo sabe a diferença entre ferido e machucado, e estará lá quando soprar o apito. Além disso, ele tem uma vingança a executar.

E vingança, como dizem, é foda.

Foi Jimmy quem se deu conta: mais cedo ou mais tarde, Frankie M. procuraria Mike Pella para tirar aquilo a limpo. Pella era seu amigo, seu camarada, seu sócio. Portanto, era apenas questão de descobrir onde os agentes federais estavam guardando Pella, então armar uma rede ao redor e esperar.

Que Frankie M. cometesse um erro.

E ele o fez.

Entrou direto no desfiladeiro cercado.

Há apenas quatro estradas saindo de Ramona, e três delas compartilham a mesma interseção. Então quando Frankie M. dobra para o norte na 78, eles sabem que o pegaram. Era a pior rota que o sujeito poderia escolher, porque serpenteia à borda de um íngreme desfiladeiro.

Uma parede de pedra de um lado da estrada, um abismo do outro.

Então, quando Frankie M. entra no desfiladeiro, eles põem um carro atrás dele. O carro de Jimmy espera em um acostamento do outro lado da estrada, uns três quilômetros mais abaixo.

É como em um antigo filme de faroeste, pensa Jimmy.

A cavalaria besta entra no desfiladeiro.

Onde os apaches a esperam.

Frankie M. é Custer.

E eu sou Gerônimo.

## 60

Ele não antecipa aquilo.

Esse é o problema. Fadiga, tristeza, o próprio estresse de estar fugindo se combinam para torná-lo descuidado.

É claro que não o matariam na casa de uma testemunha protegida. Seria entregar o jogo. Eles não o atacariam ali perto. Esperariam até que estivesse a alguns quilômetros de distância, então agiriam.

E fariam parecer um acidente.

Então ele não se dá conta até que seja tarde demais.

O Lexus prateado se aproxima por trás, rapidamente, então...

Um Envoy preto — um SUV grande e pesado — entra na pista, passa o Lexus, e emparelha com Frank.

Jimmy the Kid está no Envoy, balançando a cabeça como se estivesse ouvindo a uma dessas porcarias de hip-hop, então sorri para Frank e joga o volante para a direita.

O Envoy bate no carro de Frank, jogando-o em direção à borda do penhasco.

Frank consegue corrigir, mas Jimmy volta a bater nele.

A física está contra ele. Se há algo que o homem de negócios dentro de Frank sabe é que os números nunca mentem; a aritmética é absoluta. Um veículo mais pesado e com maior velocidade sempre vai ganhar a competição. Ele tenta jogar o carro para o acostamento e reduzir a velocidade de modo a cortar por trás do Envoy, mas o Lexus o mantém imprensado e o empurra para a frente. A única esperança de Frank é que venha um carro na outra pista que force o Envoy a desviar, mas mesmo isso não adiantaria, porque o Envoy não teria para onde ir e algum cidadão acabaria morrendo.

O que é a única coisa que posso dizer em minha defesa, pensa Frank. Nunca matei ninguém que não fizesse parte do jogo.

Só jogadores.

Ele tenta se manter na estrada na parte de cima da curva fechada, mas a física é a física — números não mentem — e a metade inferior é demais para seu pequeno carro alugado, especialmente quando Jimmy the Kid bate nele outra vez só para garantir.

Frank olha e vê Jimmy acenando-lhe adeus.

Então, cai pelo precipício.

Mais ou menos. Frank ouve uma canção.

Os Surfari cantando "Wipeout".

*Ha-ha-ha-ha -ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-a... wipeout !*

Aquela risada insana, sarcástica, então o famoso solo de bateria, o solo da guitarra, seguido da bateria outra vez.

Ele ouve durante toda a queda.

*Wipeout.*

Na verdade, os surfistas têm um zilhão de expressões para definir o fato de passar da beirada de uma onda grande:

*Wipeout*, com certeza.

Cair da borda.

Sobre a catarata.

Frank já estivera ali antes.

Sendo sacudido de novo e de novo, perguntando-se se aquilo vai acabar algum dia, se você vai conseguir subir à superfície, se vai conseguir prender a respiração tempo o bastante para ver o belo céu outra vez.

Só que então era *água*. Aqui é terra. E árvores, pedras, arbustos, e o terrível som do metal sendo esmagado contra tudo o que foi mencionado acima — então o som de um tiro, que a princípio Frank pensa ser um golpe de misericórdia, mas é a pólvora do *air bag* explodindo. O saco o atinge no rosto, então pelos lados, e o mundo é esse travesseiro rodopiante, esse passeio nada divertido enquanto o carro despenca pela encosta do desfiladeiro, arrastando-se contra tudo o que encontra no caminho.

É esse arrastar que salva a sua vida.

O carro se choca contra um galho de árvore, que o desacelera, então contra a lateral de uma pedra, então sobe a borda de uma

ravina estreita, desliza por ela, e finalmente para de encontro a um velho carvalho.

O solo de guitarra some ao fundo.

*Ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha -ha-ha-ha-a...*

*Wipeout.*

62

— Devíamos descer lá para verificar — fala Carlo.

O Envoy e o Lexus deles estão parados no acostamento. Eles não conseguem ver o carro ali onde caiu, na pequena ravina, mas podem ver as chamas que se erguem dele.

— Verificar o quê? — pergunta Jimmy the Kid. — Se já dá para assar cachorros-quentes no corpo dele?

As sirenes da polícia e do corpo de bombeiros já começaram.

— O que devemos fazer — diz Jimmy — é dar o fora daqui.

E é o que fazem.

63

Frank se arrastou para fora do carro durante o último solo de guitarra.

Doeu absurdamente apenas para soltar o cinto de segurança, quanto mais para abrir a porta e tombar para fora, e mais absurdamente ainda quando ele atingiu o chão. As costelas estão

ao menos rachadas, senão totalmente quebradas, e seu ombro esquerdo virou uma saliência bem mais próxima do cotovelo do que deveria estar. E ele nem quer saber o que está acontecendo com seu joelho direito.

Não importa.

Ele tem de se afastar do carro.

Ele sabe que está se arriscando ao se mover, que uma costela quebrada pode perfurar o seu pulmão ou que o sangramento interno pode se tornar uma hemorragia interna e, então, fim de jogo, mas é melhor do que ser frito quando seu carro resolver comemorar o 4 de julho.

Frank se arrasta de barriga cerca de quinze metros, fica rente ao solo e enfia a cara na terra antes da explosão. A concussão faz o seu corpo todo estremecer, e ele sente as costelas queimarem como se ele de fato *estivesse* em chamas.

Mas estou vivo, pensa.

E não deveria estar.

Ele fica rente ao chão durante alguns minutos. Primeiro, porque precisa recuperar o fôlego. Segundo, porque Jimmy pode estar descendo para lhe dar um tiro final. E ele sabe que os bombeiros e a polícia logo estarão ali, se é que já não chegaram.

Ao recuperar o fôlego, ele segura o ombro esquerdo e o coloca no lugar, mordendo o braço para suprimir o berro. Ele se deita novamente e fica ofegante.

E é bom que esteja chovendo. De outro modo, o fogo poderia se espalhar mais rápido do que Frank seria capaz de se afastar rastejando. As chamas só estão queimando gasolina e ar e não estão pegando na grama molhada ou nas árvores encharcadas.

Frank começa a se arrastar para longe, pelo fundo do desfiladeiro. Ele calcula que deva se afastar uns quinhentos metros do acidente, e sabe o que procura: um lugar onde possa se esconder até que escureça.

Ele demora meia hora para encontrá-lo — uma depressão em uma rocha na parede do desfiladeiro à sua frente. Um basto arbusto esconde a entrada, e a pedra que se projeta mais acima lhe dará algum abrigo contra o vento e a chuva. Ele se arrasta para dentro. Só há espaço para ele ficar, dolorosamente, em posição fetal.

Olhando mais atrás no desfiladeiro, vê os bombeiros lançando um jato d'água pesado no carro. Vão procurar um corpo, pensa Frank, e não o encontrarão. Mas os tiras rastrearão o carro alugado para Jerry Sabellico, de modo que esse disfarce não serve mais.

E todo o seu kit de sobrevivência está no carro: roupas, armas, dinheiro.

Tudo.

Então é assim que eu termino, pensa Frank ao tentar assumir uma posição mais confortável: tremendo de frio em uma caverna, com dor, tendo perdido tudo, esperando a noite.

Jimmy the Kid espera a hora certa então sintoniza o noticiário da rádio local.

A repórter de trânsito anuncia que ambas as pistas da autoestrada 78 à altura da entrada de San Pasqual Road estão fechadas devido a um acidente com um único carro.

— Um carro ultrapassou a barreira de proteção e mergulhou no desfiladeiro — diz ela. — Contudo, nenhuma fatalidade foi registrada.

— Filho da *puta*. — É o que diz Jimmy.

65

— Seu amigo, Machianno, está desembestado.

— Sim, senhor.

Dave está sentado no outro lado da escrivaninha do diretor regional. Levando uma bronca daquelas.

— Primeiro Vena e Palumbo — diz o diretor. — Agora Pella. Pelo amor de Deus, Dave, uma testemunha do programa, baleada em sua própria casa! Que impressão isso vai causar?

— Uma nada boa.

— Você tem o dom de suavizar as coisas.

Dave não responde, provando que tem *mesmo* o dom de suavizar as coisas.

— De qualquer modo — diz o diretor regional —, parece que Machianno voltou à velha carreira. Encontre-o, Hansen. Encontre-o e detenha-o.

— Sim, senhor.

Dave se levanta para sair.

— E, Hansen? Machianno matou um agente federal disfarçado — diz o diretor. — Não queremos que esse desgraçado arranje um advogado, certo?

Querendo dizer, pensa Dave ao sair pela porta, que ele não está recebendo ordens para encontrar e deter Frank.

Ele está recebendo ordens para encontrá-lo e matá-lo.

66

Frank demora duas horas para chegar ao topo do desfiladeiro.

Dolorido e machucado, ele abre caminho em meio à vegetação e às pedras sob o luar e a neblina incerta. Ele chega ao topo e caminha ao longo do acostamento da estrada, jogando-se no chão sempre que vê faróis se aproximando. A cada vez que ele se deita, dói mais e é mais difícil se levantar.

Mas ele tem de continuar a fazer isso porque sabe que estarão procurando por ele.

67

Jimmy está sentado no banco do passageiro com uma daquelas grandes lanternas alógenas. Eles haviam ido à Costco e comprado a lanterna após ouvirem a notícia no rádio.

— Não devíamos voltar lá imediatamente? — perguntara Carlo.

— Ele só vai subir quando escurecer — dissera Jimmy. — Isso, se estiver vivo. De qualquer modo, temos tempo de sobra.

Então haviam ido à Costco.

— Foi bom eu ter trazido o meu cartão — diz Jimmy. Agora ele ilumina o acostamento da estrada enquanto atravessam lentamente o desfiladeiro de um lado para o outro. Tony, Joey e Jackie estão em outro carro, fazendo o mesmo na outra direção.

É como em *O mar é nosso túmulo*, pensa Jimmy, com os *destroyeres* japoneses para cima e para baixo, esperando o submarino americano emergir. Porque tem de emergir: está ficando sem oxigênio.

Como Frankie M.

— Está vendo alguma coisa? — pergunta Carlo.

— O Pé Grande — responde Jimmy.

— *Onde?*

— Eu estava de sacanagem, idiota — diz Jimmy.

— Ei, essa história de Pé Grande não é piada — fala Carlo. — Vi um documentário no canal National Geographic. O National Geographic não é de conversa fiada.

Jimmy the Kid não está ouvindo. Está pensando.

O que ele está pensando é que Frankie Machine é uma barata.

Simplesmente não dá para matar o filho da puta.

É, mas você precisa matá-lo. Portanto, pense.

Um bom caçador pensa como a sua presa.

Então pense como Frankie M.

Bom, você está ferido, talvez gravemente. Não está se movendo tão rápido. Você vai se esconder durante o dia e tentar se mover à noite. Você precisa sair desse maldito desfiladeiro, mas não vai sair pelo outro lado, que é muito íngreme, muito alto, e de qualquer jeito não há nada lá mesmo.

Então, vai subir pelo mesmo caminho que veio. Vai voltar pela estrada porque você não tem mais carro e terá de encontrar um

meio de transporte de algum jeito.

Muito bem, mas como?

Você está a vinte e cinco difíceis quilômetros da cidade mais próxima onde pode alugar um carro. E mesmo que consiga, sua identidade o denunciara como o sujeito que bateu e queimou o último carro que alugou, mas você é Frankie Machine, de modo que não vai nem tentar fazer isso.

Daí, só lhe restam duas escolhas: ou você pede carona ou rouba um carro.

Ninguém em perfeito juízo lhe dará carona, e você não vai ficar em terreno aberto nesta estrada de polegar para cima, porque você sabe que nós o estamos procurando, assim como os tiras.

Então você vai roubar o carro de alguém.

Legal, mas como?

Nenhum sinal fechado, nenhum sinal de pare, nenhum posto de gasolina.

Então, o que lhe resta?

Aonde as pessoas parariam por aqui?

Então ele se dá conta.

— Merda — diz Jimmy. — Dê a volta. Rápido.

— O que foi?

— Vamos estacionar.

Danny Carver está a ponto de ver um peitinho.

*Finalmente.*

É isso que dá sair com uma garota mórmon. As outras garotas estão pagando boquetes a torto e a direito, mas Shelly *jamais* faria isso. Danny está nessa há três meses: levando-a ao cinema, ao shopping, ao boliche, jogando aquela droga de *golfe em miniatura*, e o máximo que consegue é um beijo rápido, sem língua.

Ele teria desistido dela, tipo, no segundo encontro se ela não fosse tão gostosa. Loura, enormes olhos azuis, e uns *peitos...*

Demorou dois meses para que ela concordasse em sair de carro com ele, e eles fossem até aquele estacionamento de beira de estrada onde, durante o dia, os abraçadores de árvores estacionam para descer as trilhas do desfiladeiro.

À noite, porém, o lugar é como uma aula de sexologia. Há dezenas de adolescentes ali estudando sexo como se aquilo fosse cair na prova, e hoje Shelly *está* a fim. Ela nem baixou a mão sobre a dele como uma porta movediça de castelo quando ele começou a desabotoar a sua blusa.

Me dei bem, pensa Danny.

Obrigado, Senhor.

Me dei *bem*.

— Ah meu *Deus* — diz Shelly.

Ah, sim. Você é o *cara*.

— Ah... meu... *Deus*.

Seu corpo se contrai enquanto ela olha por sobre o ombro dele.

É o pai dela, pensa Danny.

Um mórmon de um metro e noventa e oito que vive de colocar ferraduras em cavalos.

O corpo de Danny se contrai.

Ele olha para trás por sobre o ombro.

O Pé Grande está na janela.

É como uma dessas histórias que costumavam contar em viagens de acampamento, sobre o sujeito com o gancho. Só que esse cara não tem um gancho, tem uma arma. E gesticula para que Danny baixe o vidro.

Danny baixa.

— Eu não vou machucar vocês — diz o sujeito para Danny, tirando-o do carro. — Só preciso do seu veículo.

Quando o sujeito passa por ele e se senta no banco do motorista, tudo o que Danny consegue fazer é assentir com um menear de cabeça.

Frank olha para a garota.

— Pode sair agora — diz ele. — E abotoe a blusa, sim?

Shelly faz ambas as coisas.

Frank engata a ré e vai embora.

## 69

Jimmy the Kid vê dois adolescentes de pé no meio do estacionamento. O rapaz tem um celular em mãos.

— Chegamos tarde demais — diz Jimmy. — Chegamos tarde demais, caralho.

Ele baixa o vidro.

— Qual era o tipo do carro?

— Vocês são os caras do Automóvel Clube? — pergunta Danny.

— Qual era o tipo do carro?

— Um Celica 96 — diz Danny. — Prata.

Jimmy the Kid pisa no acelerador.

— Vamos ter de ligar para o meu pai — diz Shelly.

70

Frank larga o Celica em Point Loma e volta caminhando até Ocean Beach.

Se é que se pode chamar aquilo de caminhar. Mais um mancar, um claudicar.

Como algum monstro de filme B antigo, pensa Frank, emergindo do pântano. É bom que esteja chovendo para caramba e os chuvofóbicos habitantes de San Diego estejam fora das ruas e não possam ver esse maluco arrebetado e ensanguentado vagando pelas calçadas.

Chamariam a polícia.

E seria o fim.

Frank não quer voltar ao seu esconderijo. É arriscado *voltar* para qualquer lugar, mas ele não tem mais para onde ir. E ele precisa ir a algum lugar, sair da chuva, limpar as feridas, repousar um pouco, planejar o próximo passo.

Ele abre a porta de seu apartamento na Narragansett Street sem saber o que o poderia estar esperando por ele ali dentro. Os tiras? Os agentes federais? A Equipe de Demolição?

Mas não há ninguém no apartamento.

Frank se despe de suas roupas molhadas e ensanguentadas e entra no chuveiro para se aquecer e lavar os ferimentos. O jato d'água dói como picadas de agulha. Ele sai do banho, se enxuga cuidadosamente, e olha para o sangue na toalha. Então, encontra a

água oxigenada no armário de remédios, se senta à borda da banheira, e olha para os cortes profundos em suas pernas. Ele inspira profundamente, então derrama a água oxigenada nos ferimentos enquanto canta "Che gelida manina" para distrair a mente da dor. Não funciona muito bem. Ele examina os ferimentos, então derrama mais água oxigenada dentro deles até ver a substância borbulhar.

Então, repete o processo nos braços e no peito.

Ele se levanta lentamente, encontra gaze e esparadrapo e cobre os ferimentos. Demora um longo tempo. Dói mover o braço direito e ele está cansado até os ossos. Parte dele só deseja se deitar e desistir. Apenas ficar ali deitado até eles aparecerem e colocarem duas balas em sua nuca.

Mas você não pode fazer isso, diz para si mesmo ao aplicar a gaze e usar o esparadrapo para firmá-la no lugar.

Você tem uma filha que precisa de você.

Então, concentre-se no jogo.

Frank prepara um bule de café forte e se senta para pensar.

Que diabo Mike estava tentando lhe dizer?

Que estava trabalhando para os agentes federais.

Que os federais o forçaram a armar contra você.

Mas por quê?

Por que eles querem me matar?

Não faz o menor sentido.

Talvez fosse apenas mais uma das idiotices de Mike Pella. Como ele ir à geladeira para pegar a arma, sabendo que estava a ponto de fazer o seu último número, cantando alguma velha canção da qual costumavam gostar antigamente.

No verão de 1972.

*Some folks are born to wave the flag,  
Ooh, they're red, white and blue.  
And when the band plays "Hail to the Chief,"  
Ooh, they point the cannon at you, Lord...*

*Ooh, eles apontam o canhão para você, Senhor, pensa Frank. Vá em frente, termine a canção. Há algo aí.*

*It ain't me, it ain't me, I ain't no senator's son, son.  
It ain't me, it ain't me, I ain't no fortunate one, no...*

Não, pensa Frank.

Não é *um* afortunado.

É *Filho* Afortunado.

E não foi no verão de 1972.

Foi no verão de 1985.

Verão, 1985.

Dave Hansen está preocupado. Em vários níveis.

Em primeiro lugar, Frank prometeu que não ia matar Mike Pella, e então matou. Frank Machianno é um bocado de coisas, e uma delas é um homem de palavra. Portanto, isso é preocupante.

Em segundo, a menos de vinte quilômetros do cadáver de Pella, um carro cai pela borda do desfiladeiro, bate e pega fogo, mas nenhuma vítima é encontrada. O motorista é rastreado até uma empresa de aluguel de automóveis, só que ninguém chamado Jerry

Sabellico tem uma carteira de motorista do Arizona. Havia um Jerry Sabellico, mas ele morreu em 1987.

Então isso tem toda a cara de ser um disfarce profissional.

Um profissional despenca com um carro a uns vinte quilômetros de uma cena de homicídio na qual Frank Machianno é a principal “pessoa de interesse”. Você não precisa ser Sherlock Holmes, Larry Holmes, nem mesmo John Holmes para resolver essa.

Em terceiro, a queda não foi acidental. Nenhum profissional ultrapassa um limite de velocidade ao sair de um trabalho, nunca. Além disso, Frank, em particular, gosta de manter noventa quilômetros por hora para economizar gasolina e dirige ainda mais devagar quando chove.

Em quarto, Frank foi buscar o seu dinheiro de emergência em um banco em Borrego. Quem sabia sobre o banco? Sherm Simon e, através dele, eu. Então, Frank vai ver Mike Pella. Quem sabia sobre Mike Pella?

Eu.

Bem, não eu *exclusivamente*.

Nós.

Por isso Dave está com sentimentos confusos quando pega o interfone e chama o jovem Troy até o seu escritório. Estão todos trabalhando no caso Machianno em tempo integral agora, e Troy tem sido muito diligente, ajudando Dave a verificar bancos de dados e empresas fantasmas para ver se conseguem encontrar alguma propriedade que pertença a Frank onde ele possa estar escondido.

— O que houve? — pergunta Troy, ajustando as abotoaduras.

— Tenho uma pista — diz Dave. — Sobre a localização de Machianno.

— É mesmo? Onde?  
Dave lhe dá um endereço.

72

Summer Lorensen, pensa Frank.

Foi em 1985, a festa no barco de Donnie Garth, depois a cena na casa dele. Era isso que Mike estava tentando me dizer.

Tudo tem a ver com o Filho Afortunado.

Frank olha para o relógio. São três e meia da manhã e não há nada que ele possa fazer a respeito disso nas próximas duas horas pelo menos.

A melhor coisa que pode fazer é dormir um pouco.

Mas dá muito trabalho sair da cadeira, e dói tanto se mover que ele apenas se recosta e fecha os olhos.

73

Troy dirige cuidadosamente pela chuva, mesmo com o pouco tráfego que há nas ruas a essa hora da noite. Ele mal consegue enxergar em meio às pancadas de chuva — seus limpadores da frente e de trás estão lutando bravamente, mas perdendo para o acúmulo de água nos vidros.

Ele atravessa o bairro Lamp, sai do carro perto de Island, abre o guarda-chuva e vai até um telefone público.

Um guarda-chuva para dar três passos, pensa Dave, observando-o dentro de um carro a um quarteirão de distância. E com um celular na cintura.

Para quem você está ligando? Por que não quer que fique registrado?, pergunta-se Dave.

Contudo, não faz uma pausa para pensar sobre isso. Haverá tempo para verificar os registros telefônicos amanhã de manhã. Ele precisa chegar lá antes das pessoas que estão no outro lado da linha, sejam elas quem forem.

74

Jimmy the Kid Giacamone desliga o telefone.

— Está na hora do rock and roll — diz ele.

Carlo está começando a pensar que Jimmy é um tremendo babaca.

75

Jimmy sabe que terá de entrar e sair rapidamente.

Uma rapidinha.

Bum, pum, obrigado, M.

Ele está em uma corrida contra os agentes federais para ver quem chega lá primeiro. Nenhum prêmio de consolação para o segundo lugar, nenhuma cesta de presentes ou fins de semana com

todas as despesas pagas em um resort de segunda, obrigado por jogar, esperamos que tenham se divertido.

O vencedor leva tudo.

Como deve ser.

Então Jimmy e a Equipe de Demolição vão até o endereço com rapidez, cheios de más intenções. Não há mais tempo para sutilezas: apenas entrar pela porta, atirar em tudo o que se mover, esperando conseguir pegar a Máquina antes que a Máquina pegue você.

Isso é bom, pensa Jimmy quando o carro para. Eu devia ir até o estúdio e gravar esse "Pegue a Máquina Antes que a Máquina Pegue Você." O Novo hip-hop de sucesso na Cidade do Motor.

"Eight Mile" é o caralho.

Ele sai do carro.

O endereço é uma lanchonete Jack in the Box.

Estacionado no outro lado da rua, Dave consegue identificar uma equipe quando a vê, mesmo debaixo de chuva.

Dave volta para casa e trabalha em seu estúdio.

Não demora muito. O Ato Patriótico lhe dá livre acesso aos registros telefônicos, e em cinco minutos ele consegue o número para o qual Troy discou. É um celular, é claro, e isso é mais complicado.

Ele ainda está digitando em seu computador quando Barbara chega com um bule de café e alguns biscoitos de aveia.

— Uma daquelas noites? — pergunta ela.

Ele faz que sim.

Estão casados há trinta e cinco anos. Ela já passou por várias noites assim.

— Você parece preocupado — diz ela.

— E estou.

— Está levando esse caso para o lado pessoal?

— Suponho que sim.

Essa é uma das coisas que ela ama nele, o fato dele se importar com os seus casos. Não são apenas números para ele, mesmo após todos esses anos.

— Logo, logo — diz ela —, daqui a alguns meses, você não terá mais noites assim.

Ela o beija na testa.

— Quer que eu o espere acordada?

— Não sei nem se conseguirei ir para a cama.

— Vou esperar mesmo assim — diz ela.

Demora mais três horas para ele verificar os registros, mas acaba descobrindo.

Troy ligou para Donnie Garth.

A luz do dia encontra Frank em San Diego.

Contando com a neblina e com a hora para passar despercebido.

E com a arma à cintura para protegê-lo do perigo.

Frank manca em direção à esquina da décima primeira com a Island, onde os velhos dormem em folhas de papelão sobre a calçada. Mancando ao longo da fila de sem-tetos adormecidos, ele ouve os seus resmungos e gemidos, sentindo o cheiro corporal de suor, urina e o fedor de pele apodrecendo.

Ele para à porta da Island Tavern e bate. O lugar está fechado, mas ele sabe que vai encontrar os alcoólatras ali dentro tomando a primeira do dia. Após um minuto, a porta se abre e um olho amarelo espia pela fresta.

— Corky está aí? — pergunta Frank.

— Quem quer saber?

— Frank Machianno.

Frank ouve uma conversa abafada; a porta se abre e o velho — Frank tenta se lembrar do nome do sujeito e se recorda que é Benny — o deixa entrar e aponta para o bar.

O detetive (aposentado) “Corky” Corchoran está sentado em um banco, curvado sobre o bar, um copo arredondado de uísque em uma mão, um cigarro na outra.

Frank se senta ao lado dele.

— Quanto tempo, Corky.

— Quanto tempo.

Antigamente — antes que o álcool e a amargura o pegassem — Corky era um ótimo policial. Como tantos outros, costumava aceitar um envelope para fazer vista grossa ao jogo e às prostitutas, mas Corky era muito correto com coisas sérias, e todo mundo sabia disso.

Se você batesse em uma mulher, ferisse um civil ou matasse alguém fora do jogo, Corky estaria atrás de você. E, se Corky estivesse atrás de você, ele o pegaria.

Mas isso foi há muito tempo.

— Posso lhe pagar uma bebida, Corky?

— Achei que nunca ofereceria.

Corky nunca foi um sujeito grande, mas parece ter encolhido, pensa Frank ao fazer sinal para Benny trazer outra dose. Seu cabelo está ralo e seco e a pele amarelada esticada sobre os ossos do rosto.

— Preciso da sua ajuda, Corky.

Corky termina o primeiro copo, então pega o copo oferecido por Frank e o entorna goela abaixo.

— O que posso fazer por você?

— Summer Lorensen.

Corky olha para ele sem entender e balança a cabeça.

— Em 1985 — acrescenta Frank. — Você estava na área de homicídios na época. Todas aquelas prostitutas assassinadas.

— “Nenhum humano envolvido.”

— “Nenhum humano envolvido” — diz Frank. — Isso mesmo. O corpo dela foi encontrado em Mount Laguna, em uma vala junto à estrada.

Corky fica ali sentado, refletindo por um longo tempo. Quando Frank pensa que o velho policial voltou para a Floresta Encantada, Corky diz:

— Ela tinha pedras na boca.

— Isso mesmo — confirma Frank. — O caso ficou sem solução, mas o departamento acabou atribuindo a morte dela ao Assassino do Rio Verde.

Corky pega um maço de cigarros do bolso e acende outro. Suas mãos estão trêmulas.

— Não foi o Assassino do Rio Verde. Jogávamos *tudo* em cima daquele desgraçado. Ele era uma folha de compensação ambulante.

— Como sabe? — pergunta Frank. — Como sabe que não foi ele?

Corky entra naquele estado mental de clareza cristalina que às vezes acomete os alcoólatras. Não ocorrem com frequência e não duram muito, mas ele está passando por um agora, e Frank espera que dure o bastante.

— Primeiro, ela foi espancada até a morte, não estrangulada — fala Corky. — O Assassino do Rio Verde estrangulava as suas vítimas. Ela tinha marcas de trauma na garganta, mas foram feitas após a morte. Dois, não havia sinais de relação sexual. Ele estuprava suas garotas. Três, ela não foi morta ali perto da estrada.

— Como sabe?

— Não havia manchas de sangue, Frankie. Ela havia parado de sangrar havia muito tempo.

— Mas tinha pedras na boca — diz Frank.

— E daí, porra? O verdadeiro assassino não poderia ter lido os jornais?

— Então, se você sabia...

— O departamento encerrou o caso — respondeu Corky. — A ordem veio do alto: "Abandone o caso Lorensen. Siga em frente. Nenhum humano envolvido."

Corky dá mais uma longa tragada em seu cigarro.

— Foi o começo do fim para mim, Frank — fala ele. — O topo da descida escorregadia.

Frank pega a carteira, tira duzentos dólares e os coloca na mão de Corky. Faz lembrar os velhos tempos.

— Fique escondido — diz Frank. — Não deixe ninguém saber que andou falando comigo.

Corky olha para ele.

— Você vai atrás deles, Frank? Escute o meu conselho. Não faça isso. Você não quer acabar como eu.

— Você está bem, Corky.

— Não verei outro verão, Frankie.

Então, ele vai embora. Os olhos voltam a afundar dentro de sua cabeça com aquele olhar vago, e Frank se dá conta de que Corky Corchoran está em um lugar onde vive sozinho — em algum lugar do passado, talvez, algum lugar no futuro, mas não aqui e agora.

E ele está certo, pensa Frank. Ele não vai ver outro verão.

Nem eu, provavelmente.

Frank dá um tapinha no ombro de Corky.

— Vejo você por aí.

— Não se eu o vir primeiro.

Frank se volta para ir embora. Está quase na porta quando Corky diz:

— Ei, Frank!

Frank se volta.

— Vivemos bons tempos, não é mesmo? — Corky está sorrindo.

— Sim, vivemos.

Corky faz que sim com a cabeça.

— Pode crer. Vivemos tempos bons para caralho.

Frank volta para a rua, em meio à manhã enevoadada.

Muito bem, pense, pense. Quem mais estava lá naquela noite? Donnie Garth, é claro, mas isso não o levará a nada. Havia outra garota, a ruiva. Como era mesmo o nome dela... ?

Alison.

Mas faz mais de vinte anos.

Quem saberia onde ela está agora?

Frank encontra Karen Wilkenson no campo de polo.

Ele fica localizado em um vale onde Rancho Santa Fé se encontra com Del Mar, a grama verde e basta, como é raro ver neste inverno úmido, está linda agora que a neblina do início da manhã se ergue das planícies.

Ela está no estábulo, inspecionando os seus cavalos.

Na verdade são pôneis, pensa Frank, não cavalos.

A última vez que ele a viu foi em um estacionamento do Price Club, há vinte e um anos, quando um vice-presidente de banco lhe entregou um envelope de dinheiro para que ela fornecesse garotas para a festa. Karen pegou dois anos em uma cadeia federal, mas resolveu sua vida ao se casar com um corretor de imóveis de Rancho Santa Fé, filho de uma próspera família de San Diego.

As prostitutas caem de cara no chão, as madames caem de pé.

Perto dos sessenta anos, ela ainda é atraente. A plástica no rosto foi benfeita: a pele parece jovem e firme, e os olhos ainda guardam um brilho.

— Srta. Wilkenson? — pergunta Frank.

Ela está do lado de fora de um estábulo, acariciando o focinho de um pônei, falando carinhosamente com o animal. Ela não se volta.

— É Sra. Foster agora — responde ela. — E não dou mais entrevistas. Adeus.

— Não estou querendo uma entrevista — diz Frank.

— Então o que quer? — indaga ela. — Seja lá o que for, estou certa de que não posso fornecer. Adeus.

— Estou procurando uma mulher que conheci como "Alison" vinte anos atrás — diz Frank.

— Nostalgia ou obsessão? — pergunta Karen Foster, voltando-se para olhar para Frank.

— Nenhum dos dois — responde Frank. — Quero falar com ela sobre Summer Lorensen.

Karen diz:

— Você não *parece* um policial.

— E não sou.

— Então não sou obrigada a falar com você. Adeus.

— Então não lhe importa quem a matou?

— Eu amava aquela menina como uma filha — afirma Karen. — Chorei durante dias. Assim como chorei por Alison.

— O que quer dizer?

— Se está procurando Alison Demers — diz Karen —, terá de ir a um cemitério na Virgínia. Alison se mudou de volta para o Leste após o assassinato de Summer. Morreu em um acidente enquanto andava a cavalo.

— Quando?

— Há um mês — responde Karen. — Quem é você? O que deseja?

— Quero descobrir quem matou Summer Lorensen.

— A polícia disse que encontrou o sujeito.

— Mas nós dois sabemos que não é verdade, não é mesmo, Sra. Foster?

Ela olha feio para Frank.

— Não sei do que você está falando.

— Não?

— Não — diz ela. — E, se insistir em me importunar, chamarei alguns homens para expulsá-lo daqui.

— Não se preocupe — fala Frank. — Estou de saída. E, Sra. Foster?

— O quê?

— Quando ligar para Donnie, diga-lhe que Frankie Machine mandou lembranças.

79

— Ele está em San Diego.

— Impossível.

— Diga isso para Karen Foster. Ele esteve lá agora mesmo.

— Onde?

— Rancho Santa Fé.

— Merda.

— E não é só isso. Ele fez perguntas sobre Summer Lorensen.

Silêncio durante alguns segundos.

— Essa merda tem de acabar — diz Garth. — Se não resolver isso, não receberá a nossa parte do acordo.

— Você disse que poderia encerrar o caso G-Sting...

Dave está sentado em uma van do lado de fora da casa de Garth, ouvindo a conversa dele ao telefone.

A outra voz é inconfundível.

Teddy Migliore.

Dave volta ao escritório. Está enjoado. Troy fala com Garth. Garth fala com Teddy. Teddy envia assassinos de Detroit para matar Frank. Por causa de algo que Frank sabe sobre uma tal de Summer Lorensen.

Summer Lorensen, Summer Lorensen...

Há algo aí, algo espreitando no fundo de sua memória.

Mas ele não consegue se lembrar.

Ele vai ao computador. Só demora alguns minutos para encontrar: Summer Lorensen era uma prostituta assassinada no verão de 1985. Mas o que Donnie Garth poderia ter a ver com isso? Ou Frank Machianno, aliás?

Dave tenta encontrar algum vínculo entre Garth e Lorensen.

Nada.

Então, busca uma ligação entre Garth e a data do assassinato de Lorensen...

Bingo.

Hammond Savings and Loan. Uma festa em um barco com prostitutas que terminara com a condenação de um executivo da empresa de poupança e empréstimos chamado John Saunders por mau uso de fundos bancários. Uma madame chamada Karen Wilkenson pegou alguns anos por cafetinagem. Era tudo parte do escândalo das empresas de poupança e empréstimos, e a festa ocorrera na véspera do assassinato de Lorensen.

Ele digita o nome de Karen Wilkenson e em alguns segundos descobre que agora ela está casada e se chama Karen Foster.

*Diga isso para Karen Foster. Ele esteve lá agora mesmo.*

*Onde?*

*Rancho Santa Fé.*

*Merda.*

*E não é só isso. Ele fez perguntas sobre Summer Lorensen .*

Seria possível?, pensa Dave. Donnie Garth matou aquela garota, de algum modo Frank sabe disso, então Garth usa os seus antigos contatos na máfia para matar Frank? Oferecendo em troca o encerramento da operação G-Sting?

Mas o que faz Donnie Garth acreditar que pode encerrar uma operação federal?

Talvez o fato de um jovem agente do FBI estar lhe fornecendo informações?

Dave olha por sobre o ombro e não vê Troy. Ele vai até o banheiro masculino e vê as calças arriadas do novato dentro de uma cabine. Espera até ouvir a descarga, então vê as calças subirem.

Quando Troy abre a porta, o punho de Dave Hansen o projeta de volta para dentro. O sangue do nariz quebrado do rapaz se espalha sobre a sua camisa branca e seus punhos duplos. Dave o agarra pelo pescoço, o vira de costas e empurra a cabeça dele dentro da privada.

— Donnie Garth — diz Dave, erguendo a cabeça de Troy.

— O quê...?

Dave força a cabeça dele para baixo outra vez e diz:

— Donnie Garth, seu merdinha. Ele está pagando você? Quanto?

Ele volta a erguer Troy.

O jovem agente tenta recuperar o fôlego.

Então diz:

— Não estou trabalhando para Garth! Apenas me reporto a ele.

— Para quem você está trabalhando? — pergunta Dave.

Troy hesita.

Dave começa a empurrar a cabeça dele para baixo outra vez.

Então Troy abre o jogo.

Donnie Garth está com o chuveiro a toda. De pé sob o jato d'água, olha para o mar através da janela, quando subitamente vê Frankie Machine ali, empunhando uma pistola.

Garth desliga o chuveiro.

Frank lhe entrega uma toalha.

— Lembra-se de mim?

Garth faz que sim com a cabeça.

— Cubra-se — ordena Frank.

Garth enrola a toalha ao redor da cintura. Frank gesticula para que ele saia e se sente. Garth senta-se em uma cadeira junto à janela; Frank se senta diante dele.

— Já matei duas pessoas para você — diz Frank.

Garth faz que sim novamente.

Frank sorri.

— Não estou grampeado. *Você* é o traidor, não eu. Sabe, eu sempre me perguntei como você conseguiu escapar de tudo aquilo. Você consegue escapar de tudo, não é mesmo, Donnie?

Garth não responde.

— Bem — continua Frank —, você não vai escapar dessa.

— Dessa, qual? — pergunta Garth. Parece pequeno e velho, sentado ali com a toalha, a água pingando de suas pernas magras em um tapete grosso.

— Summer Lorensen — afirma Frank.

Ele ergue a arma e aponta para o peito de Garth.

— Não fui eu!

— Então quem foi?

Garth hesita, como se tentando decidir de quem tem mais medo.

— Seja quem for, não está sentado aqui a ponto de meter uma bala em você, Donnie, mas eu sim. Vi você pela janela naquela

noite, a pequena encenação entre Alison e Summer. Então fui embora. O que perdi?

— O senador — diz Garth — não consegui... desempenhar. Estava tudo combinado, a tal da Lorensen estava *implorando* por aquilo, o que fazia parte da encenação, mas ele não conseguiu ter uma ereção. Ela fez tudo com ele, acredite, mas não rolou.

— Então, o que aconteceu?

— Ela riu.

— O quê?

— Ela riu. Não acho que ela fez por mal. Era só o jeito dela, você sabe, mas ele ficou furioso. E explodiu.

— Continue.

— Você estava lá! Você sabe!

Porque você não sabe diferenciar um faxineiro do outro, não é mesmo, Donnie? Desde que limpemos a sua sujeira, qual a diferença entre mim ou Mike? Sua merda fica limpa. Você não precisa olhar para aquilo.

Fica claro então para Frank o que aconteceu. Levaram o corpo dela até o carro e Mike a levou até aquela estrada deserta e a largou ali. Depois, decidiu "estrangulá-la" e enfiar pedras em sua boca.

E o Filho Afortunado saiu limpo dessa.

Teria sido homicídio culposo. Pegaria, o quê? Dois ou três anos no máximo? Talvez fosse absolvido?

Mas a sua carreira política estaria arruinada.

E não poderíamos permitir isso, certo?

Não por causa de uma puta.

Nenhum humano envolvido.

E tudo fica tranquilo até Mike começar a ser pressionado por conta do assassinato de Goldstein, de modo que começa a procurar algo com o que negociar. E tem algo grande — só que ele não se colocaria no olho do furacão. Então, põe a mim.

Obrigado, Mike.

Então o Filho Afortunado começa a limpar o seu passado e recorre a Donnie, que recorre a Detroit para cuidar disso para ele.

Porque esses caras nunca fazem o próprio trabalho sujo.

Eles têm pessoas como *eu* para fazê-lo.

O que o Filho Afortunado ofereceu à Combinação?

Caramba, ele vai ser eleito presidente, o que *não* poderia oferecer?

— Ele usou você como intermediário? — pergunta Frank. — Diga-me a verdade, Donnie.

Garth faz que sim.

Seus olhos estão arregalados de medo, ele está trêmulo e suado, e Frank fica enojado ao perceber a frente da toalha do sujeito manchada de amarelo.

Frank engatilha a pistola.

Ouve Garth gemer baixinho.

Frank desengatilha e baixa a pistola.

— Olhe só — diz Frank —, eles já tentaram me matar e mataram *de fato* Alison Demers. Eles matarão todos que saibam qualquer coisa sobre o que aconteceu naquela noite, inclusive você. Ou acha que vai escapar dessa?

E por que não escaparia?, pensa Frank. Você sempre escapa.

— Se eu fosse você — aconselha Frank —, fugiria.

Mas Frank sabe que ele não vai fugir. Os Donnie Garths do mundo não acreditam que pessoas possam matá-los; acreditam que as

pessoas matem *para* eles.

81

Frank liga para informações e consegue o número do gabinete do senador.

— Gostaria de falar com o senador, por favor.

— Quem deseja?

— Diga-lhe que é um amigo dos tempos de Solana Beach.

— Não creio que ele esteja disponível, senhor.

— Olhe, acho que ele está sim — fala Frank. — Por que não diz a ele que o assunto é Summer, e veremos quem está certo.

Um minuto depois, o Filho Afortunado atende o telefone.

— Se você grava as suas ligações — alerta Frank —, sugiro que desligue a máquina.

— Quem está falando?

— Você sabe quem está falando — diz Frank. — Vou esperar.

O Filho Afortunado volta à linha alguns segundos depois.

— Está bem. Pode falar.

— Você sabe quem sou.

— Tenho um palpite.

— Você está atrás do sujeito errado — afirma Frank. — O motorista errado. Sei que é difícil distinguir entre os serviçais, mas era Mike Pella na limusine naquela noite, não eu. Se tivesse sido eu, nada disso teria acontecido porque eu não teria deixado você espancar uma garota até a morte e sair ileso.

— Não sei do que está falando.

Frank ergue o pequeno gravador e põe para tocar a narrativa de Donnie Garth.

— Ele está mentindo — rebate o Filho Afortunado.

— É — diz Frank. — Olha, eu não me importo. Eu *deveria* me importar com o fato de você ter matado aquela garota e agora ter matado a outra, mas o negócio é que tenho uma vida a viver e uma família para cuidar. Então, eis o acordo, senador. Quero um milhão de dólares em dinheiro ou levarei isso a público. Sei que não posso recorrer à polícia ou aos agentes federais, porque eles estão na sua mão, mas irei à mídia, e, então, no mínimo, sua carreira estará terminada. Talvez não consigam enquadrá-lo pelo assassinato da garota, mas podemos situá-lo na cena do crime, e isso basta.

— Talvez pudéssemos assumir a posição que...

— Um milhão de dólares, senador, em dinheiro — repete Frank. — E quero que o entregue pessoalmente.

— Isso não vai acontecer — diz o Filho Afortunado.

— O quê? — pergunta Frank. — O dinheiro ou você?

— Eu — responde o Filho Afortunado.

— Então mande o seu cafetão, Garth — fala Frank e lhe informa o lugar e a hora do encontro.

Um longo silêncio, então:

— Como sei que posso confiar em você?

— Sou um homem de palavra — diz Frank. — E você?

— Também sou.

— Então temos um acordo?

— Sim.

O Filho Afortunado desliga o telefone.

Frank desliga o gravador.

Ele não é tolo. Ele sabe que não virão com um milhão de dólares.

Eles virão para matá-lo.

Eu poderia fugir, pensa Frank. E poderia fugir bem. Talvez conseguisse esticar essa fuga durante anos. Mas que tipo de vida seria essa? Assistir enquanto me transformo lentamente no pobre Jay Voorhees, até me sentir aliviado quando eles finalmente me encontrarem?

Isso não é vida.

Então, que eles venham.

Vamos acabar com isso.

82

— Isso não está certo! — grita Jimmy the Kid. — *Eu* vou. Posso acabar com ele.

— É o que ele diz, apesar de todas as provas contrárias — diz Garth. — Já está decidido.

— Por quem?

Garth não fala nada.

O que deixa Jimmy furioso.

— Olhe, sei para quem estamos trabalhando. Sei da merda toda, sei que o seu senador não conseguiu fazer o *macaroni* dele ficar *al dente*, que ele matou a garota, que Frankie M. se livrou do corpo dela...

— Não foi Machianno — diz Garth. — Foi o outro.

— Pella?

— Pella.

— Então por que diabo estamos tentando matar Frank? — pergunta Jimmy. — Ele não sabe de nada.

— Agora sabe — diz Garth.

Sim, pensa Jimmy, porque você é ainda mais brocha que o seu amigo político e contou tudo para ele.

— Posso acabar com ele.

— Já foi decidido.

— Nada terá sido decidido até falarmos com meu tio Tony — afirma Jimmy.

— Já falamos com o seu tio Tony — diz Garth. — E ele autorizou. Já deu início.

Jimmy sente como se a sua cabeça fosse explodir. Ele não consegue crer no que está ouvindo. Tio Tony, o grande Tony Jacks, topando um acordo sórdido como aquele?

Tio Tony é um homem. Tio Tony é da velha escola.

Ele pega o celular do bolso da calça e digita um número. Toca algumas vezes antes de o velho atender.

— Tio Tony, esse cara está tentando me dizer que...

— Calma, garoto — diz Tony.

— Eu posso acabar com ele, tio Tony!

— Não pode, Jimmy! — A voz é ríspida, clara e decisiva. — Esse acordo tem de ser concluído com sucesso. Frankie M. morre. Então o caso G-Sting é encerrado.

— Foda-se o G-Sting! — exclama Jimmy. — Fodam-se os Migliore e seus clubes. Podemos viver sem isso.

— Não seja estúpido — fala Tony. — Acha que isso diz respeito apenas a um bando de *strippers* roçando as suas xoxotas peladas no colo dos clientes? Acorde. Isso é apenas o pagamento inicial, sobrinho. Deixe o idiota do senador fazer esse acordo e ele estará

na nossa mão, até a Casa Branca. Melhor que Kennedy, melhor que Nixon, porque teremos esse filho da puta preso pelos colhões. Pelos *colhões*. Agora desligue e faça o que tem de fazer.

Jimmy desliga.

Como sempre, tio Tony está certo.

Mas ainda assim, o que eles terão de fazer é uma droga.

## 83

Jill Machianno equilibra o saco de esquis entre o quadril e a parede enquanto abre a porta da frente de seu apartamento. A porta está aberta e ela está a ponto de pegar o saco de esquis quando uma ruiva alta se aproxima.

— Jill Machianno?

— Sim?

— Sou Donna, amiga de seu pai.

Jill lhe lança um olhar tão frio quanto a neve sobre a qual estivera esquiando.

— Sei quem você é.

— Não quero assustá-la — diz Donna —, mas seu pai sofreu um acidente.

— Ah meu Deus. Ele está...

— Ele vai ficar bem — diz Donna. — Mas está no hospital.

— Minha mãe está com ele?

— Ela está viajando — diz Donna. — Seu pai me pediu para encontrar você e levá-la até o hospital. Meu carro está estacionado no outro lado da rua.

Jill deixa os esquis e a bagagem dentro de casa, fecha a porta e segue Donna até o carro.

84

Dave Hansen está em Shores.

Bem, ao menos há vagas de sobra, pensa ele ao entrar no estacionamento público em frente ao pequeno playground.

Donnie Garth já está lá, de pé junto à torre de salva-vidas abandonada, olhando para o mar cinzento. Tem uma aparência vagamente fantasmagórica por conta de seu casaco branco com gorro. Ou, pensa Dave, parece um membro da Ku Klux Klan desesperadamente deslocado.

Dave sai do carro e passa pela mureta baixa entre o calçadão e a praia.

— Você está grampeado? — pergunta Garth.

— Não, e você?

— Terei de revistá-lo.

Dave ergue os braços e deixa Garth revistá-lo em busca de um grampo. Satisfeito, Garth diz:

— Vamos caminhar.

Dirigem-se para o norte, em direção ao Scripps Pier.

— Essa maluquice sobre Summer Lorensen — diz Garth. — Não sei o que você pensa que sabe, mas você *não* sabe com o que está lidando.

— Olha, eu acho que sei, sim — diz Dave. — Esse é o problema.

— Pode ter certeza de que é um problema. — Garth se volta para olhá-lo. Gotas de chuva pingam da borda do capuz sobre o seu nariz. — Você está a alguns meses de sua aposentadoria. Pegue a sua pensão e vá pescar. Visite os netos. Esqueça tudo a esse respeito.

— E se eu não esquecer?

— Há certas pessoas que querem que você saiba que, caso persista nessa sua cruzada, você ficará sem nada — diz Garth. — Você acabará como guarda-noturno, isso se não for parar na cadeia.

— Na cadeia pelo quê?

— Comece com cooperação com uma conhecida figura do crime organizado, Frank Machianno — diz Garth. — Você o tem protegido. E quanto à sua conivência com a tortura de Harold Henkel? Ou o seu ataque a um agente federal? Há muito contra você, Hansen. Mais que o bastante, acredite. E sem amigos para protegê-lo...

— Ah, você quer ser meu amigo.

— Você precisa decidir quem são os seus amigos, Dave — afirma Garth. — Se escolher errado, acabará como um policial sem nenhuma honra e sem direito a nada. Se escolher certo, poderá viver uma vida feliz. Meu Deus, por que você sacrificaria o seu futuro por um pistoleiro de segunda?

— Ele é um pistoleiro de *primeira*, Donnie — comenta Dave. — Como você, mais do que ninguém, deveria saber.

Garth para e dá meia volta.

— Vou voltar sozinho. Se Frankie Machine entrar em contato com você, esperamos que faça a coisa certa. Compreendeu?

Dave lança um olhar sobre os ombros do sujeito em direção às ondas.

Preferia estar lá, pensa ele, em uma onda, sob uma onda. Qualquer coisa seria melhor do que isto.

— Você entendeu? — pergunta Garth.

— Sim.

Entendi.

## 85

Frank está em um pequeno barracão, nas colinas da periferia de Escondido. Ele sabe deste lugar há anos: fica em uma estrada de terra batida, em um desfiladeiro debruçado sobre pomares de laranja. É um esconderijo de *mojados*. Eles ficam aqui, longe do pessoal da *migra*, descem pouco antes do amanhecer para colher laranjas e voltam ao anoitecer.

Só que não há *mojados* ali agora.

Não se colhe laranjas no inverno, na chuva.

No entanto, ele consegue sentir o ácido aroma das laranjeiras lá embaixo e isso o deixa nostálgico, triste com o fato de que não estará por perto para provar as laranjas na primavera.

Ele tem uma pistola e quatro balas.

Não será o bastante.

Eles virão com um exército. Então quatro balas, quarenta, quatrocentas ou quatro mil não farão a menor diferença, porque você é um só.

E você não pode ganhar esta batalha.

Todos esses clichês a respeito da vida são verdadeiros. Se você pudesse preparar mais uma refeição, pegar mais uma onda, ter

mais uma conversa com um cliente, sorrir para um amigo, abraçar a sua amada, segurar seu filho. Se você tivesse mais tempo, você o gastaria de outra forma.

Se ao menos tivesse mais tempo.

Pare de sentir pena de si mesmo, pensa. Afinal, você mereceu. Você fez muita coisa errada neste mundo. Tirou vidas, e essa é a pior coisa que alguém pode fazer. Você pode justificar o quanto quiser, mas, ao olhar para a sua vida de olhos abertos, sabe o que você foi.

Tudo o que pode fazer agora — talvez, *talvez* — é conseguir uma pequena dose de justiça em nome de uma mulher morta.

Tirar as pedras de sua boca.

Talvez dar para a filha dela a chance de ter um futuro de verdade.

Assim como você gostaria que alguém desse uma chance para a *sua* filha.

Jill.

O que ela vai fazer?

Você tem de cuidar de sua própria filha.

Ele liga para Sherm.

— Frank, graças a Deus, pensei...

— Não agradeça ainda — diz Frank. — Veja, preciso saber...

— Foram os agentes federais, Frank — afirma Sherm. — Eles estavam me vigiando. Foi o seu amigo, Dave Hansen. Ele me grampeou. Ele passou a informação.

— Não importa, agora — fala Frank. — O que importa é que Jill e Patty tenham a vida garantida. Se você me denunciou, você me denunciou. Estou certo de que tinha as suas razões. É sangue por baixo da ponte...

— Frank...

— Tenho algumas propriedades — diz Frank. — Você sabe como descobri-las. Se algo acontecer comigo, liquide o patrimônio e certifique-se de que a escola de medicina de Jill seja paga.

— Pode contar com isso, Frank.

— Eles precisam me deixar tomar conta de minha família — fala Frank. — Podem fazer o que quiserem comigo, *mas eles têm de me deixar tomar conta de minha família*. Era sempre assim, nos velhos tempos.

— Patty e Jill terão do que viver — garante Sherm. — Você tem a minha palavra.

É difícil ouvir o tom de voz de um sujeito ao telefone, especialmente nesses celulares minúsculos, mas Frank fica satisfeito com o que pode ouvir. É tudo o que ele pode fazer, confiar que o Níquel faça a coisa certa com o dinheiro, mesmo que Sherm o tenha traído.

Se ainda há algum vestígio de honra nesse negócio, eles o deixarão morrer sabendo que a sua família terá do que viver.

— Ei, Sherm, lembra-se daquela vez, em Rosarito? — diz Frank. — Você estava usando aquele enorme sombrero.

— Eu me lembro, Frank.

— Foram bons tempos.

— Caramba, Frank, foram mesmo.

— Adeus, Sherm.

— Vá com Deus, meu amigo.

Frank organizou a coisa de modo que eles vão ter de subir a colina, contra o sol. Ele quer cada pequena vantagem que possa obter, embora isso não vá fazer a menor diferença no fim. Mas leve, digamos, Jimmy the Kid com você e terá feito uma coisa boa.

Talvez conte a meu favor quando eu me deparar com o sujeito lá em cima.

Vá com Deus.

Ele ouve o carro antes de vê-lo.

Então, o motor é desligado.

Espertos, pensa Frank. Virão a pé. Abrirão um círculo ao redor do barraco e virão de todos os lados. Ele se acomoda, apoia o cano da pistola no peitoril da janela e se prepara para mandar bala na primeira cabeça que aparecer.

Uma cabeça aparece, mas ele não atira.

Porque é Donna.

86

— Eles pegaram Jill — diz ela.

— *O quê?*

— Lamento, Frank — diz ela. — Eles pegaram Jill.

Frank mal está ouvindo quando ela lhe diz qual é o acordo. Ele escuta as palavras, ele as absorve, mas tudo o que passa pela sua mente é a frase: *Eles pegaram Jill. Eles pegaram Jill.*

Sua fé.

Sua confiança.

Seu amor.

Sua vida.

Sua filha.

— Amanhã de manhã — diz ela. — Às quatro da manhã sob o Ocean Beach Pier. Venha desarmado, mas com o certo pacote que eles querem. Sabe do que estão falando, Frank?

— Sim.

— Você entrega o pacote para eles, eles entregam Jill para mim — afirma Donna. — Você vai com *eles*, Frank.

Ele faz que sim.

— Há quanto tempo está com eles? — pergunta Frank.

— Sempre estive — diz ela. — Desde os quinze anos. Meu pai era alcoólatra. Costumava me bater. Não era a pior coisa que ele fazia comigo. Tony Jacks o deteve; ele me tirou de lá. Ele me salvou, Frank.

Quando terminou o caso com ela, Tony lhe deu um emprego e um marido, conta Donna.

— Quando Jay se foi, fiquei triste, mas não de coração partido. Eu não o amava realmente. Nunca voltei para Tony, mas ainda *devo* algo a ele, Frank. Você precisa entender isso. Eu ficava de olho nas coisas em San Diego para ele, isso era tudo.

— *Você entregou a minha filha para eles.*

— Eu não sabia — confessa Donna, chorando agora. — Achei que só queria falar com ela, Frank. Eu não sabia que fariam... isso.

— Diga a eles que estarei lá — avisa Frank. — Com o pacote. E irei com eles. Caso eu veja Jill, e ela esteja bem.

Ele sabe que eles não a libertarão. Sabe que irão matá-la. Por favor, Deus, por favor, que ela já não esteja morta.

Por favor, me dê ao menos uma pequena chance de salvá-la.

E agora ele sabe que o Filho Afortunado está por trás disso tudo.

Porque nenhum mafioso do mundo seria tão baixo a ponto de sequestrar a filha de alguém.

Só um político faria isso.

Mas em quem você confia?

Normalmente, se um membro da família é sequestrado, você vai ao FBI, mas não pode fazer isso, porque os agentes federais *são* os sequestradores.

Ou um mafioso recorre a outro para obter justiça. Foi assim que toda essa coisa nossa começou, não foi? *Mia figlia, mia figlia* — minha filha, minha filha. Mas você não pode fazer isso, porque todos os outros mafiosos querem matá-lo.

Vão em frente, me matem, mas soltem a minha filha.

Mas eles não farão isso, porque os mafiosos foram corrompidos pelos políticos.

Durma com cachorros e acordará com pulgas.

A ironia é que eu poderia ter matado o filho de Mouse Sênior e o filho de Billy Jacks. Ambos estiveram sob a minha mira e eu os deixei ir embora. Mas não matei, porque também sou pai, e isso simplesmente não se faz. *Isso simplesmente não se faz.*

Então, quem você chama? Em quem você confia?

Você sempre pôde confiar em si mesmo, mas será que pode confiar em si mesmo para derrotar o exército que irão enviar e manter Jill a salvo no processo? Talvez, talvez no seu auge pudesse ter feito isso, mas você está duas décadas além de seu auge. Você está velho, cansado e ferido.

Você não pode confiar em si mesmo para fazer isso.

Então, o que isso significa para você?

Mais importante, o que isso significa para Jill?

A resposta é terrível demais para ser contemplada.

Encare a realidade, diz Frank, só há uma única chance, e não é nem uma boa chance.

Mas é a única.

Relutante, ele baixa a arma e pega o telefone.

## 88

Dave Hansen se lembra de um café da manhã que tomara com Frank Machianno no OBP Café havia alguns anos, alguns meses depois do caso Carly Mack.

Foi após uma sessão especialmente sem ondas da Hora dos Cavalheiros, e Frank estava com um mau humor raro. Havia algo nos jornais a respeito de medidas enérgicas contra o crime organizado, e Frank começou a reclamar.

— A Nike paga vinte e nove centavos para uma *criança* produzir uma camiseta de basquete, então a vende por cento e quarenta dólares — disse Frank. — E *eu* sou o criminoso?

“A Wal-Mart acaba com todas as lojas familiares do país, como fizemos com os búfalos, enquanto paga sete centavos por hora para as crianças que fabricam as *suas* porcarias. E *eu* sou o criminoso?”

“Dois milhões de empregos desapareceram nos últimos dois anos, um trabalhador não consegue mais dar entrada em uma casa e a Receita Federal nos rouba como bêbados em um caixa eletrônico, então entrega nosso dinheiro a um fornecedor da defesa que fecha

uma fábrica, demite funcionários e paga para si mesmo uma gratificação de sete dígitos. E *eu* sou o criminoso? Sou *eu* quem deve pegar prisão perpétua sem direito a condicional?

“Os Crips, os Bloods, os jamaicanos, a Máfia Italiana, a Máfia Russa e os cartéis mexicanos, todos somados, não conseguem juntar tanta grana em um bom ano quanto o Congresso consegue juntar em uma tarde ruim. Todos os vendedores de crack de todas as esquinas dos EUA não conseguem gerar tanto dinheiro sujo quanto um senador jogando golfe com um presidente de empresa.

“Meu pai me disse que não se pode ganhar da banca, e ele estava certo. Não se pode ganhar da Casa Branca, ou da Câmara dos Deputados. Eles são os donos do jogo e o jogo está *viciado*, mas não a *nosso* favor.

“É claro que, muito de vez em quando, eles derrubam um dos seus. Envia um sacrifício humano para alguma prisão federal durante uns dois anos para aplacar as massas e servir de exemplo do que acontece com um sujeito branco e rico estúpido o bastante para deixar aquele quinto às cair de dentro de sua manga à vista de todos. Mas, se for *eu* a pisar na casca de banana cósmica, acabo, assim como os outros perdedores, numa prisão de segurança máxima pelo resto da vida.

“Você sabe por que o governo quer acabar com o crime organizado?

“Porque somos concorrência.

“É isso. É isso que está por trás da força tarefa do Orange County, do FBI, da RICO. RICO? Grande governo, grandes negócios? Essa é a *definição* de ‘incorrer em conspiração’. Um delito grave acontece toda vez que dois sujeitos de terno dão uma mijada lado a lado no banheiro do Senado.

“Então o governo quer acabar com o crime organizado.

“Isso é hilário.

“O governo é o crime organizado.

“A única diferença entre eles e nós é que eles são *mais* organizados.”

Esse era o discurso de Frank sobre o crime organizado.

Dave não acreditava naquilo na época, mas certamente acredita para cacete agora.

Não que isso importe, pensa ele. Farei o que tenho de fazer.

Tenho o resto da minha vida pela frente.

O resto dos rapazes está vindo pela praia, mas Dave está vindo de barco, pelo mar.

Parece adequado.

## 89

São quase quatro da manhã de um dia de inverno em San Diego. Está frio e escuro.

O famoso sol só dará as caras daqui a algumas horas e os dias realmente quentes e ensolarados só começarão daqui a alguns meses.

Mas a tempestade passou, agora.

A ressaca esmoreceu, e as ondas arrebatam suavemente no litoral.

Frank caminha pela praia em direção à base do quebra-mar. Seu corpo está dolorido, o peito tão apertado de ansiedade que ele mal pode respirar.

Primeiro ele vê as luzes do quebra-mar, então o brilho tênue de uma lanterna; então vê alguém caminhando em sua direção em meio à névoa.

Um jovem.

— Frankie Machine? — pergunta.

Frank faz que sim com a cabeça.

— Jimmy Giacamone — diz o homem, como se esperasse que Frank o reconhecesse. Frank apenas olha para ele. Então, o sujeito acrescenta: — Jimmy “the Kid” Giacamone.

Frank não reage.

Jimmy the Kid diz:

— Eu poderia ter acabado com você, Frankie Machine, se tivesse tido a oportunidade.

— Onde está a minha filha?

— Ela está a caminho, não se preocupe — diz Jimmy the Kid. — Preciso revistá-lo primeiro, Frankie.

Frank ergue os braços.

Jimmy o revista rápida e eficientemente e encontra a pequena fita cassete no bolso do casaco de Frank.

— É isso?

Frank faz que sim.

— Onde está a minha filha?

— Só para você saber — começa Jimmy —, não aprovo nada disso. Esse negócio com a sua filha. Eu sigo a velha escola.

— Onde está a minha filha?

— Venha.

Jimmy the Kid segura o seu cotovelo direito e o guia ao longo da praia. Quando chegam sob o quebra-mar, ele diz:

— Estou com a fita. Estou com ele. Ele está limpo.

Um grupo de homens emerge da neblina como fantasmas, lanternas em uma mão, armas na outra. Há cinco deles, toda a Equipe de Demolição.

E Donnie Garth, só que ele não está armado. Ele estende a mão e Jimmy the Kid lhe dá a fita. Ele a insere em um gravador, ouve alguns segundos, então acena com a cabeça.

— Tragam minha filha para mim — afirma Frank.

Garth balança a lanterna para cima e para baixo. Depois de um minuto interminável, Frank vê Jill caminhando em sua direção através da neblina, com Donna ao seu lado.

— Papai.

Ela aparenta ter chorado, mas parece forte.

— Tudo vai ficar bem, querida.

— Papai...

Frank a abraça com força e sussurra em seu ouvido:

— Vá. Torne-se médica, me deixe orgulhoso.

Ela chora contra o ombro dele.

— Papai...

— Shhhhh, está tudo bem. — Ele olha para Garth. — Fiz cópias. Estão em cofres espalhados pelo mundo todo. Se algo acontecer com a minha filha: se um assaltante atirar nela, se ela for atropelada, se cair de um cavalo, há pessoas que distribuirão essa fita para as maiores redes de notícias.

Jimmy the Kid olha para Garth.

— Deixe-a ir — diz Garth.

— Ouça...

— Cale-se — diz Garth. — Eu disse: "Deixe-a ir."

Jimmy hesita, então acena com a cabeça para Donna e diz:

— Tire-a daqui, caralho.

Donna começa a levá-la, mas Jill agarra o pescoço de Frank e não quer largar.

— Papai, eles vão matar você.

— Eles não vão me matar, querida — sussurra ele. — Sou Frankie Machine.

Donna coloca a arma na mão dele, então empurra Jill no chão e se joga sobre ela. Frank atinge Jimmy the Kid entre os olhos, então acerta um dos membros da Equipe de Demolição, e depois outro.

Carlo dispara antes de ser atingido por um tiro na nuca. O choque derruba Frank no chão, e ele tenta mirar no quarto sujeito, mas vê que será tarde demais.

Dave Hansen vê a mesma coisa, sob o halo das luzes do quebra-mar. É um tiro difícil de ser disparado de um barco, mesmo com um rifle, mas ele acerta e atinge o sujeito entre as omoplatas.

Frank rola, aponta a arma para o quinto sujeito e o atinge no coração.

Garth está fugindo.

Frank levanta-se para persegui-lo.

Nenhum dos dois é jovem, mas Donnie Garth não passou pelo que Frank passou nos últimos dias, de modo que começa a abrir vantagem.

Frank vê que as suas pernas não serão rápidas o bastante, mas sabe que uma bala dará conta do recado. Ele ergue a arma para atirar, mas, então, sente uma dor excruciante queimando-lhe o peito e sente o braço esquerdo adormecer. A princípio, pensa que é a bala, mas então sente seu coração se partindo como uma onda na arrebentação. Ele não consegue respirar e a dor é terrível. Frank dispara um último tiro e tem a satisfação de ver Donnie Garth cair.

Então Frank para, leva a mão ao peito e tomba na areia.

— *Papai!*

A voz de Jill é a última coisa que ele escuta.

90

Dave Hansen espera até que a coletiva de imprensa do senador esteja quase terminando.

O senador está atrás do pódio, lançando o seu sorriso característico para os repórteres, e pergunta:

— Mais alguma pergunta?

Dave ergue a mão.

O senador sorri para ele e faz que sim com a cabeça.

— Você conhece os seus direitos? — pergunta Dave.

O senador olha para ele, intrigado.

— Você tem o direito de permanecer calado — diz Dave, subindo em direção à plataforma.

Dois agentes do serviço secreto se interpõem no seu caminho, mas Dave ergue o distintivo do FBI e passa por eles.

— Tudo o que disser pode ser usado contra você no tribunal — afirma Dave ao dobrar o braço do senador para trás e algemá-lo.

As câmeras gravam tudo, e seus refletores estão diretamente focados no rosto de Dave. Ele não se importa.

— Você tem direito a um advogado...

— Isso é ridículo — fala o senador. — Isso é pura politicagem...

— ... e se não puder pagar — continua Dave, sorrindo com malícia — um advogado lhe será designado.

— Pelo que estou sendo preso?

— Pelo assassinato de Summer Lorensen — diz Dave.

Ele começa a acompanhar o senador em meio à multidão, a caminho do carro que os espera. A mídia se fecha ao redor deles como uma contra corrente em uma zona de impacto. Dave abre a porta, baixa a cabeça do senador, empurra-o contra o assento e fecha a porta outra vez.

Ele se senta no banco do passageiro e manda o intimidado jovem agente acelerar.

Dave está com pressa.

Ele já perdeu a Hora dos Cavalheiros.

E não quer chegar atrasado ao enterro de Frank Machianno.

## 91

A multidão é imensa.

Frank, o Cara das Iscas era *amado* pela comunidade.

Há pescadores, surfistas, crianças da Pequena Liga com seus familiares, estudantes do clube de teatro, crianças do time de futebol acompanhadas de suas mães, adolescentes que jogam basquete sob as cestas pagas por Frank, e os vietnamitas locais. Estão todos ali, em peso.

E os homens estão contando para os filhos como pegaram seu primeiro peixe no quebra-mar no campeonato anual de pesca promovido por Frank, e os velhos surfistas estão contando para as mulheres como era Frank nos longos e intermináveis verões de sua juventude. E um dos vietnamitas está contando para os filhos como Frank intercedera a seu favor havia apenas alguns dias.

Quem não está aqui, pensa Dave ao se sentar na primeira fila ao lado de Patty e Jill, é o Clube do Mickey Mouse. Os que ele ainda não prendeu estão fugidos, mas ele logo os encontrará, porque não são assim tão bons ou tão inteligentes.

E Donna não está aqui. Ela já está sob custódia de proteção, mas Donna tem classe demais para aparecer, de qualquer maneira. Ela não desejaria causar ainda mais sofrimento à filha e à viúva, ambas de luto.

A bandeira é baixada sobre o caixão de Frank. Estava em seu testamento o desejo de ter um caixão fechado, de modo que os amigos se lembrem dele como era em vida, não como um boneco de cera preparado pelos papa-defuntos.

Dave se levanta quando os fuzileiros disparam os seus rifles para o alto e o corneteiro entoia o toque de silêncio.

É longo, lento, belo e triste sob o sol quente daquele falso dia de começo de primavera.

Mas tudo bem, pensa Dave.

A primavera sempre foi a estação de Frank.

Os fuzileiros dobram a bandeira e a entregam para Patty, que balança a cabeça em recusa.

Eles a entregam a Jill.

Ela a toma e dá um sorriso discreto.

Corajosa, pensa Dave. Como o pai.

Há uma última coisa a ser feita.

Também constava no testamento de Frank.

Um segundo depois, ouve-se uma gravação no sistema de som:

*"...ma quando vien lo sgelo,  
il primo sole è mio*

*il primo bacio dell'aprile è mio!  
il primo sole è mio!... "*

## EPÍLOGO

Se o Hanalei Pier não é o mais comprido do Havaí, certamente é o mais bonito, despontando de uma praia orlada de palmeiras, com Bali Hai e as montanhas verdejantes da costa de Na Pali erguendo-se ao fundo.

E as manhãs são belíssimas.

Tranquilas e quentes o ano inteiro, mesmo na hora que precede o nascer do sol.

A hora em que o cara das iscas chega para abrir o seu pequeno barracão ao fim do quebra-mar, de modo que tudo esteja pronto quando os primeiros pescadores chegarem para tentar a sua sorte.

Sabem que a loja de iscas está aberta porque sentem seu cheiro antes mesmo de vê-la. O cheiro de café Kona recém-torrado se espalha pelo quebra-mar e chega às suas narinas. Se forem frequentadores regulares ou, mesmo que sejam apenas pessoas gentis e educadas, Pete, o Cara das Iscas, provavelmente lhes oferecerá uma xícara, e os fará ouvir um pouco de ópera, e contará uma história engraçada sobre como ele consertou o triturador da pia porque sua *wahini* não aprende que não deve jogar cascas de manga pelo ralo.

— Dá muito trabalho ser eu, *brô* — dirá ele.

O que ele não dirá é como teve um ataque cardíaco em outra praia, acordou no CTI e entrou no Programa de Proteção às Testemunhas. Ele não lhes dirá isso, muito menos os seus amigos do continente, que vêm todo ano surfar com ele pela manhã

durante o que é chamado, mesmo no Kauai, a Hora dos Cavalheiros.

Não. Pete apenas sorrirá, contará uma piada e talvez mencione algum termo difícil aprendido em uma de suas palavras cruzadas, e eles deixarão a loja de iscas com tudo o que precisam, um sorriso nos lábios e um ótimo sentimento para começar o dia.

Todo mundo adora Pete, o Cara das Iscas.

## **SOBRE O AUTOR**

© Jerry Bauer



Don Winslow é ex-detetive particular, consultor e autor aclamado de outros doze romances, entre eles *Selvagens* e *Kings of Cool*, também publicados pela Intrínseca. Winslow mora no sul da Califórnia.

## CONHEÇA OUTROS LIVROS DO AUTOR



Selvagens

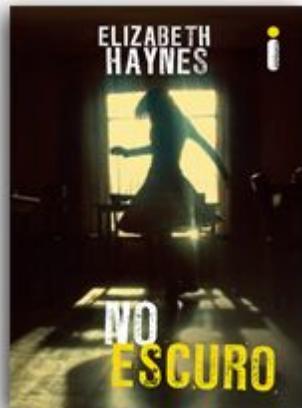


Kings of Cool

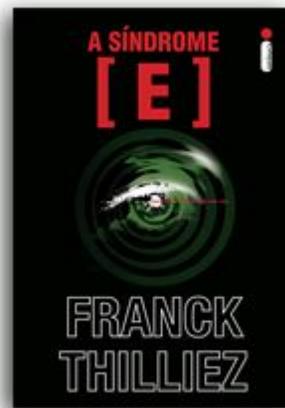
## TÍTULOS RELACIONADOS



Eu mato



No escuro



A síndrome E